UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

**ÁFRICA BANTA NA REGIÃO DIAMANTINA: UMA PROPOSTA DE
ANÁLISE ETIMOLÓGICA**

(Versão corrigida)

Everton Machado Simões

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Linguística para obtenção do
título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Margarida Maria Taddoni Petter

São Paulo
2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

África Banta na região diamantina: Uma proposta de análise etimológica

Versão corrigida

Everton Machado Simões

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Semiótica e
Linguística Geral do Departamento de
Linguística da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para a
obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Margarida Maria Taddoni Petter

De acordo,

São Paulo
2014

EVERTON MACHADO SIMÕES

**ÁFRICA BANTA NA REGIÃO DIAMANTINA: UMA PROPOSTA DE
ANÁLISE ETIMOLÓGICA**

(Versão corrigida)

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Linguística
para a obtenção do título de mestre em
Linguística.

Orientadora: Profa. Dra.

Margarida Maria Taddoni Petter

**São Paulo
2014**

SIMÕES, Everton Machado. *África banta na região diamantina*: uma proposta de estudo etimológico. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedicatória

Aos meus sobrinhos, Sarah e Gabriel.

À ma puce.

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

Primeiramente à Profa. Margarida Petter, por sua orientação, generosidade e carinho que nunca serão esquecidos;

À Profa. Márcia de Oliveira, pelas boas indicações dadas no exame de qualificação e pelo incentivo constante;

À Profa. Sônia Queiroz, pelas sugestões de pesquisa, e por seu convite para participarmos do 44º. Festival de Diamantina;

À colega Andréa Adour, professora doutora da UFRJ, com quem pude tantas vezes compartilhar do trabalho com os vissungos e falares africanos;

À minha amiga e prima Andréa Machado, que com suas leituras e revisões leigas ajudou profundamente o trabalho;

Ao Guilherme Marczak, por todo apoio e amizade incondicionais;

Aos mestres de cantos e contos das comunidades, em especial: Seu Ivo, Seu Geraldo (in memoriam), Dona Geralda, Clemência, Vavá e Geraldinho, em Milho Verde; Dona Ana e Dona Luísa, no Espinho; Seu Pedro de Alexina, Dona Maria Miúda e Maria Macarrão, em São João da Chapada e Quartel do Indaiá;

Às pessoas que foram de grande auxílio nas pesquisas de campo: Teresinha Sanguinete e família, em São João da Chapada; Adeliane e sua família tão acolhedora, no Espinho; Mauro e o pessoal da Pousada Moraes, em Milho Verde;

Aos queridos colegas da Universidade de São Paulo: Edna, Paulo Jefferson, Kamunjin, Livia, David, Eduardo, Francisco;

Aos caros amigos: Tina, Damaris, Tatá, Chico, Cláudia e Jeff;

À minha família;

Aos meus irmãos e meus pais,

Muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho constitui uma pesquisa sobre o léxico de origem africana presente em falares da região diamantina de Minas Gerais. Estão aqui reunidos os léxicos de diferentes pesquisas sobre a região, além dos resultados recentes de nossa investigação, realizada em quatro comunidades remanescentes de quilombo: Ausente e Baú, no distrito de Milho Verde, Serro; Espinho, no município de Gouveia; e, Quartel do Indaiá, no distrito de São João da Chapada, Diamantina. O objetivo principal deste estudo é apresentar uma investigação etimológica dos itens lexicais coletados, procurando fazer um estudo histórico e linguístico da realidade observada.

A partir de orientações para o trabalho etimológico de Viaro (2011), procuramos consultar as fontes de registro mais antigas de línguas africanas que pudessem estar relacionadas ao léxico da região. Esses registros são constituídos, principalmente, de dicionários de línguas africanas e alguns estudos históricos e linguísticos sobre as comunidades mineiras investigadas.

O estudo realizado permite afirmar que o sistema de escravidão na região diamantina, o tráfico mais recente partindo do porto de Benguela e a proximidade lexical das línguas do grupo banto preservaram por um período uma língua africana de características bantas. Não se pode identificar com certeza qual seria essa língua, apesar da presença de um grande número de itens lexicais do umbundo. É mais prudente propor que se trate de um caso de convergência de um falar veicular do grupo R com as línguas do grupo H, presentes na região.

Palavras-chave: línguas africanas no Brasil, léxico de origem africana, línguas bantas, etimologia, línguas africanas em Minas Gerais.

ABSTRACT

This is a study of lexical items from 'African speeches' (falares africanos) in the diamond-mining region of Minas Gerais, Brazil. We collected the lexical items from different researches in the area, complementing them with results from our investigative research in four maroon-descendent communities: Ausente and Baú, district of Milho Verde, Serro; Espinho, Gouveia; and, Quartel do Indaiá, district of São João da Chapada, Diamantina. Our main objective is to present an etymological investigation of the items collected, based on a historical and linguistic study.

Based on Viaro (2011), we consulted the oldest registers of African languages that could be related to the lexical items found in the region. These registers are constituted mostly by African languages dictionaries, besides some historical and linguistic studies of the African-Brazilian communities from Minas Gerais.

Our study indicates that the slavery system of the diamond region, the late traffic departing from Benguela seaport and the lexical proximity of Bantu languages, favored the preservation during a certain period of time of an African language of Bantu characteristics. It is not possible to identify precisely which language it was, but we could identify a great lexical contribution from umbundo (R10). It is reasonable to propose that there was a case of linguistic convergence of a vehicular language from the R group with languages from the H group, both present in the region.

Keywords: African languages in Brazil, African lexical items, Bantu languages, Etymology, African languages in Minas Gerais

Sumário

Abreviações e diacríticos	11
Introdução	13
Capítulo I – Os Africanos na Região Diamantina	17
1.1 A Região Diamantina	17
1.1.1 O distrito diamantino e a mineração	17
1.1.2 O distrito diamantino e a escravidão	22
1.2 Remanescentes de quilombos	25
1.2.1 Milho Verde e as comunidades de Ausente e Baú	27
1.2.2 São João da Chapada e Quartel do Indaiá	31
1.2.3 Espinho	35
Capítulo II – Falares africanos na região diamantina	39
2.1 Os vissungos	41
2.2 O canto dos Catopês de Nossa Senhora do Rosário	43
2.3 A língua africana da região diamantina	51
Capítulo III – Línguas africanas na região diamantina	87
3.1 O tráfico e as línguas africanas no Brasil	87
3.2 Considerações sobre o trabalho etimológico	93
3.3 As línguas bantas	98
3.4 As fontes dicionarísticas das línguas africanas	102
3.5 Análise dos dados	143
Conclusão	185
Referências bibliográficas	187
Anexo 1	195

ÍNDICE DE FIGURAS E MAPAS

Figura 1: Mapa da Estrada Real (Caminhos Velho e Novo)	19
Figura 2: O Atlântico Sul português no séc. XVIII	24
Figura 3: Mapa de comunidades afrodescendentes em Minas Gerais	55
Figura 4: Províncias atuais de Angola	90
Figura 5: As línguas do grupo banto (classificação de Malcolm Guthrie)	98

ÍNDICE DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1: Comparação dos vocabulários de falares africanos no Brasil	58
Tabela 1: Tráfico de africanos para o Brasil	88
Quadro 2: Comparação dos falares africanos com línguas do grupo banto	109

Abreviações

adj.	adjetivo
adv.	advérbio
AM	Aires da Mata Machado Filho (São João da Chapada)
cl.	classe
dim.	diminutivo
ESP	Espinho
ext.	extensão verbal
GEN	genitivo
imp.	imperativo
IO	índice do objeto
IS	índice do sujeito
lit.	literalmente
LOC	locativo
MV	Milho Verde
Obs.	comentários sobre a análise
PI	pré-inicial
PL	plural
POSS	sufixo do possessivo
pr.	presente
pref.	prefixo
quimb.	quimbundo
REC	passado recente
SG	singular
sub.	substantivo
TAM	marca de tempo, aspecto e modo
umb.	umbundo
v.	verbo
VF	vogal final

Diacríticos

*x	x é reconstruído
x > y	x se transforma em y
x < y	x provém de y

$x \rightarrow y$ x deriva (morfologicamente) de y

$x \leftarrow y$ x é derivação de y

$x \approx y$ x é variante de y

$x \cong y$ x é cognato de y

$x \equiv y$ x é homófono de y

$x \cong y$ x é cognato de y

$x \Rightarrow y$ x afeta y analogicamente

$x \gg y$ o significado x se transforma no significado y

? Dúvida quanto à afirmação

[?] Menor probabilidade da hipótese

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve início a partir de um projeto-piloto de parceria entre o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Nacional) e a Universidade de São Paulo, sob a coordenação das Professoras Doutoras Margarida Maria Taddoni Petter e Márcia Santos Duarte de Oliveira, cujo objetivo, em termos gerais, segundo as coordenadoras (2011a) era a elaboração de um “banco de textos orais coletados em duas comunidades quilombolas de Minas Gerais – Tabatinga (Bom Despacho/MG) e Milho Verde (MG) – e uma do Pará – Jurussaca (Tracuateua) – para avaliar a eventual presença de traços de línguas africanas a partir da comparação de dados atuais com trabalhos publicados sobre a ‘linguagem’ daquelas regiões”.

A partir da análise de dados coletados no projeto, procurou-se continuar a pesquisa no distrito de Milho Verde, município de Serro (MG), e expandi-la a comunidades afro-brasileiras histórica e socialmente ligadas à região diamantina de Minas Gerais, tendo por objetivo não somente registrar a situação dos falares africanos nestes locais, mas também tentar remontá-los à sua origem.

O objeto de estudo deste trabalho é este conjunto de falares contendo léxico de origem africana encontrado em comunidades afrodescendentes na região diamantina do estado de Minas Gerais, os quais se apresentam sob três formas distintas: uma ‘língua secreta’ falada no garimpo, contendo alguns poucos itens lexicais de origem africana, inseridos, normalmente, na morfossintaxe do português brasileiro; cantos religiosos da festa de reinado de Nossa Senhora do Rosário, entoados pelo grupo dos Catopês; e os vissungos, entoados antigamente pelos escravos e seus descendentes acompanhando alguma prática ou função social (funeral, trabalho etc.).

Os vissungos são uma rica fonte para a análise das línguas africanas presentes no Brasil, tendo preservado sob a música, uma quantidade maior de itens linguísticos trazidos pelos negros escravizados. São cantos “ritualísticos [...] que incorporam emoções de ordem social e religiosa” (NASCIMENTO, 2003, p. 23). A própria palavra tem origem no termo *umbundo*, *ovi-sungu*, pertencente à quarta

classe prefixal nominal, e plural de *oci-sungu*, o qual significa ‘canção’ (SANDERS, 1885 [2009]).

Observa-se que a opção por tratar o objeto de estudo como um conjunto de ‘falares’ deve-se ao fato de não serem estes utilizados como língua plena. A língua secreta do garimpo, até recentemente, tinha por estrutura o português brasileiro contendo um vocabulário de quase duas centenas de itens diferenciados. Já os cantos, em sua maior parte, constituem um corpus cristalizado cujo léxico não é tão facilmente acessado pelos falantes, apesar de razoavelmente preservado.

O objetivo geral desta dissertação é resgatar e documentar a existência de parte deste léxico de origem africana na região diamantina. Mais especificamente, busca-se explicar sua origem, transformação e permanência sob uma perspectiva histórica, evidenciando o seu contato com a língua portuguesa e línguas africanas na região. Considerando-se que a maioria das unidades lexicais inventariadas é de origem banta, almeja-se também entender a suposta ausência de elementos lexicais de demais grupos linguísticos do oeste africano, mais especificamente de uma língua que, no século XVIII, foi documentada na região – a *língua geral de mina*.

Para alcançar esses objetivos, além das pesquisas bibliográficas, foram realizadas quatro viagens de campo às seguintes comunidades remanescentes de quilombos: Ausente e Baú, situados no distrito de Milho Verde, município de Serro (MG); Quartel do Indaiá, no distrito de São João da Chapada, município de Diamantina (MG); e, Espinho, no município de Gouveia (MG). Sendo que algumas entrevistas foram realizadas na cidade do Serro, na área conhecida como Mombassa, e no distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras.

Devido à quase extinção dos falares africanos na região, buscou-se entrevistar informantes que ainda se lembrassem das práticas dos vissungos ou da ‘língua dos africanos’, sendo geralmente apontados pelas comunidades os habitantes mais idosos, conhecedores de histórias, contos, músicas e tradições. Mediante conversas informais, pedia-se aos informantes que recordassem histórias, palavras e músicas antigas ligadas aos africanos, além de contarem suas histórias pessoais. Quando fornecida alguma música ou palavra, perguntou-se

sobre o modo de uso e sentido, que nem sempre eram conhecidos pelos colaboradores.

Por vezes, recorreu-se a perguntas sobre um vocabulário específico, utilizando termos da região e do glossário de Machado Filho (1985), ou indagando como se dizia na língua africana algumas palavras do vocabulário básico de alimentação, tais como ‘sal’, ‘água’, açúcar’ etc.

O material coletado durante a pesquisa corresponde a 1672 minutos, ou quase 28 horas de gravação, aos quais se somam 740 minutos cedidos pelo Projeto-Piloto IPHAN/USP, do qual selecionamos 33 itens lexicais da comunidade do Espinho, 106 novos itens coletados na região de Milho Verde. Além disso, utilizamo-nos de itens em bibliografia sobre a região para a complementação de nossos dados.

Para a análise do léxico, optamos pelo método etimológico segundo as orientações encontradas em Viaro (2011). Utilizamos como fontes de nosso trabalho comparativo, sete dicionários de umbundo e quimbundo, além de um vocabulário de umbundo elaborado durante o século XIX. Aproveitamo-nos também de alguns poucos dados do quicongo. Procuramos por fontes que nos indicassem uma sincronia pretérita dessas línguas e, desta forma, tornassem nosso trabalho possível.

Este estudo, além desta introdução e da conclusão, distribui-se em três capítulos. No primeiro, apresenta-se a região diamantina e descrevem-se as regiões onde se efetuou a pesquisa de campo, destacando o contexto histórico em que se desenvolveram os *falares* africanos. Esses falares são o tema do segundo capítulo, onde se expõem suas diferentes variedades: os cantos vissungos, o canto dos catopés de Nossa Senhora do Rosário e, finalmente, a *língua africana* da região diamantina. A análise do léxico coletado na pesquisa bibliográfica e no trabalho de campo – foco central desta dissertação – é apresentada no capítulo final, onde se coloca em evidência o estudo etimológico dos termos inventariados.

Cabe, por fim, fazer uma observação quanto ao uso dos termos *escravo* e *escravizado*. Por vezes, neste trabalho, alternamos entre o uso destas palavras, mesmo cientes da realidade que os povos africanos transplantados para o Brasil

durante o período do infame comércio, o tráfico negreiro, não eram escravos na sua origem, mas foram aqui escravizados. Desta forma, o eventual uso do termo *escravo* não implica em ofensa ou culpabilização do escravizado em relação à sua condição.

Capítulo I – Os Africanos na Região Diamantina

*Que eles num são nação daqui, não.
Tudo é africano. Essa nação, tudo é africano.*

Seu Crispim (VERÍSSIMO, 2009, p. 15)

Principalmente a partir das últimas décadas do século XX, as comunidades remanescentes de quilombo da região diamantina foram objeto de pesquisas linguísticas, históricas, antropológicas, etnomusicológicas, entre outras. As pesquisas sobre os afro-brasileiros na região foram estimuladas devido à história peculiar do distrito diamantino e aos registros de tradições dos afrodescendentes. Para situar nosso trabalho nessa tradição de estudos, procuramos, neste capítulo, apresentar uma breve história da região, das comunidades pesquisadas e das pesquisas nelas desenvolvidas.

1.1 A região diamantina

1.1.1 O distrito diamantino e a mineração

A descoberta da região aurífera de Minas Gerais ocorreu no final do século XVII, impulsionando uma grande corrida do ouro por todo o século seguinte, o chamado ‘ciclo do ouro’. O ouro de aluvião encontrado primeiramente no leito do Rio das Velhas, em região onde futuramente se fundaria a Vila Rica de Ouro Preto, fez com que uma região pouco habitada, inóspita e de terreno pouco fértil fosse rapidamente colonizada. Em 1709, cerca de 15 anos após a descoberta do ouro, cerca de 30 mil pessoas já trabalhavam em diversas atividades na região (mineradora, agrícola e comerciais) (BOXER, 1969, p. 71).

Logo na última década do séc. XVII, formaram-se novos caminhos de acesso à região das minas. O ‘caminho velho’, aberto a partir de Parati até se juntar ao ‘caminho geral do sertão’ (utilizado pelos bandeirantes paulistas), na altura de Pindamonhangaba, juntamente com o ‘caminho novo’ que partia do Rio de Janeiro,

ficou conhecido como a Estrada Real. Um outro caminho também utilizado para a região, que apesar de mais longo, mais simples e menos escarpado, foi o chamado 'Caminho da Bahia' ou 'Caminho dos Currais do Sertão', traçado ao longo do Rio São Francisco até a junção com o Rio das Velhas (BOXER, 1969, pp. 62-63). Boxer afirma que:

os arraiais mineiros (...) depressa estavam interligados por uma rede de trilhas e passagens, inclusive com os remotos postos avançados estabelecidos no inabordável Serro do Frio, parte do vale do Rio Jequitinhonha (BOXER, 1969, p. 63).

Figura 1: Mapa da Estrada Real. Fonte: <http://www.sabaranet.com.br/estradaREAL.asp>

A corrida do ouro alcançou as cabeceiras do Rio Jequitinhonha ainda no começo do século XVIII. Suas nascentes se localizam na parte meridional da Serra do Espinhaço, formação geológica que segue do centro do estado de Minas Gerais ao sul da Bahia, em cujos flancos e derivações normalmente se encontrava o ouro. Em 1714, o arraial principal de Nossa Senhora da Conceição do Serro Frio, tradução da palavra indígena *Ivituruí*, 'montanhas frias', logo se elevou a Vila do Príncipe, atual município do Serro (SANTOS, 1956, p. 49).

Na primeira metade do século XVIII, a história da região passa a se distinguir de seus arredores após a descoberta e prospecção dos diamantes. Já em 1726, era conhecida a existência das pedras, sendo que aventureiros adentraram às partes mais remotas do Serro Frio, trocando a lavagem do ouro pela das pedras recém-descobertas (BOXER, 1969, p. 224). Ainda na década de 1730, o Arraial do Tejuco, futura cidade de Diamantina, ultrapassa em população e importância a Vila do Príncipe, tornando-se o polo comercial mais importante da região.

Em 1734, cria-se a Intendência de Diamantes, administração da região diretamente ligada à coroa, e demarcam-se as terras do distrito, que sofreriam diversas alterações durante o século XVIII (SCARANO, 1969, p. 165). Após sucessivos aumentos da taxa de capitação,¹ forma como eram cobrados os impostos pela Coroa Real, seguiu-se um período de proibição completa da mineração na região (para recuperação dos preços dos diamantes que perdiam valor devido ao contrabando e à livre exploração inicial). Em 1740, a Coroa institui o contrato de monopólio (BOXER, 1969, pp. 228-229).

Neste período destacam-se os chefes Felisberto Caldeira Brant, preso em 1752 sob a acusação de fraudar a Coroa, e o doutor em leis João Fernandes de Oliveira, conhecido por seu romance com Francisca da Silva, a Chica da Silva, conhecida negra liberta que ascendeu à alta sociedade.

O caso de Brant não era uma exceção. Havia restrição quanto ao número de escravizados que poderiam trabalhar na mineração. Apenas 600, segundo Scarano (1969, p. 165). No entanto, Machado Filho (1985, p.18) indica que era geral o abuso dos contratadores que chegavam a empregar 4000 escravizados nas lavras. Boxer (1969, p. 237) afirma ser o número exagerado. No entanto, os contratadores utilizavam de negros supostamente ocupados em outros serviços para procurar diamantes. Ainda, mineravam em riachos fora dos limites impostos e mesmo compravam diamantes de garimpeiros ilegais e de seus próprios escravos.

A mineração por contrato é substituída pela Real Extração, em 1772, quando a coroa passou a explorar diretamente as pedras, instituindo o Regimento Diamantino, o famigerado 'livro da capa verde'. Durante todo o período colonial,

¹ Segundo Boxer (1969, pp. 224-226) cobrava-se uma taxa de 5\$000 sobre cada escravo ou mineiro empregado na mineração em 1730. Apenas dois anos depois, a taxa havia sido elevada a 40\$000, principalmente para limitar o número de mineradores e aumentar o valor das pedras.

porém mais enfaticamente durante a Real Extração, o distrito diamantino foi uma Demarcação da Metrópole com tratamento distinto das demais regiões e regras rígidas para seus habitantes, ligando-se diretamente a Lisboa. Segundo Boxer (1969, p. 239), comerciantes deveriam passar por rigorosa inspeção alfandegária ao entrar ou sair do distrito, e qualquer cidadão poderia ser expulso diante da mais leve suspeita ou acusação.

O período de exploração sobrevive por alguns anos à decadência do ciclo do ouro, entrando em descrédito a partir de 1816, sendo a Real Extração definitivamente abandonada pelo Império Brasileiro em 1841 (SCARANO, 1969, p. 166).

Martins (2008, p. 612) afirma que o século XIX pode ser dividido em quatro períodos: a) 1808-1832, quando há a primeira crise do diamante, correspondente ao fim da Real Extração; b) 1832-1870, ápice da atividade garimpeira, quando se adota o regime de livre exploração; c) 1870-1897, segunda crise do diamante, ocasionada pela descoberta das minas na África do Sul; d) 1897-1930, quando há reintensificação da atividade mineradora e intensificação da operação de grandes empresas estrangeiras.

No decorrer dos séculos XIX e XX, os diversos vilarejos e distritos da região foram se emancipando e formando diferentes municípios, a saber: Diamantina, 1831; Serro, elevado a cidade em 1838; Rio Vermelho, 1938; Felício dos Santos, 1953; Gouveia, 1953; Presidente Kubitschek, 1962; Alvorada de Minas, 1962; Datas, 1962; Senador Modestino Gonçalves, 1962; São Gonçalo do Rio Preto, 1962; Couto de Magalhães de Minas, 1963; Monjolos, 1963; Santo Antônio do Itambé, 1963.

Mesmo com tais mudanças político-administrativas, o garimpo ainda é uma realidade na região, ainda que realizado ilegalmente e em empreitadas independentes. Mais recentemente, a atenção aos problemas ambientais causados no Alto Jequitinhonha levou à proibição do garimpo e mineração em diversos trechos do rio. Segundo artigo da revista *Veja* (27/06/2001), a única mineradora instalada em Diamantina, do grupo Andrade Gutierrez, deixaria de atuar em três anos por esgotamento da jazida.

1.1.2 O distrito diamantino e a escravidão

A comarca do Serro Frio foi dos lugares onde a Coroa fez valer toda sua autoridade, sendo difícil escapar às leis impostas na região. Scarano (1969, pp. 104, 108) afirma que o número de negros na localidade nunca foi superior ao das Comarcas mais populosas (Mariana, Vila Rica e Rio das Velhas), entretanto, ainda assim, constituíram o maior contingente populacional da região.

O sistema de capitação levava os proprietários a ocultarem ou modificarem seus números, utilizando de recursos como a substituição de escravizados fugidos ou doentes (SCARANO, 1969, p. 106). Contam-se, em 1735, 10.102 escravizados na Comarca da Vila do Príncipe. Quando da instituição do sistema de Contrato, os números baixam para 7.000 ao final da década de 1740, subindo a um total de 15.414 duas décadas mais tarde (Ibid., p. 110).

Em 1740, qualquer escravo encontrado em busca de diamante fora da área delimitada seria confiscado pela Coroa, assim como escravos que ultrapassassem a cota permitida para mineração. Um indivíduo poderia, ainda, ser expulso do distrito simplesmente diante da acusação de um dos contratadores (BOXER, 1969, pp. 229-230). Negros forros e pardos estavam entre os grupos mais vitimizados pelo sistema.

Entretanto, o sistema necessitava de escravos. Mesmo assim, havia a intenção de se trabalhar com o mínimo necessário para evitar os roubos e contrabando de diamantes.

Os escravos tinham que trabalhar curvados, de frente para seu capataz de forma a peneirar o cascalho nos alguidares e atirar para fora o referido cascalho enquanto apanhavam os diamantes. Tinham que trocar de lugares [...] a fim de impedir o encontro de diamantes que pudessem ter escondido num monte de pedras ou na terra. [...] [Todavia] A primeira coisa que os trabalhadores velhos, entre os escravos, ensinavam aos *moleques* [...] era a forma de roubar diamantes. (BOXER, 1969, pp. 234).

O maior contingente de escravizados da região, no entanto, dedicava-se ao serviço agrícola. Ao passo que 8.591 trabalhavam nas roças, 2.681 permaneciam nas lavras de diamantes na década de 1760 (SCARANO, 1969, p. 111).

A rigidez de controle instaurada pela Coroa incitava muitos brancos pobres à ilegalidade do garimpo e sua associação aos quilombolas, grupos de negros fugidos. O terreno acidentado da região criava esconderijos fáceis para ambos, que mantiveram o contrabando de diamantes durante todo o período colonial, mesmo sendo perseguidos constantemente pelos dragões de Minas.

Os escravizados do Distrito Diamantino pertenciam às mais diversas 'nações' que forneceram contingentes para o Brasil. Em análise sobre as irmandades religiosas de negros na região, Scarano (1969, p. 113) afirma serem os 'minas' mais numerosos, seguidos pelos 'benguelas' e 'nagôs' e, finalmente, pelos 'angolas'. A autora ainda afirma a presença de poucos representantes de diversas 'nações': daomé, tapa, congo-cabinda, moçambique, maqui, sabará, timbú, cobú, xamba, malé.

Em busca de referências às nações dos africanos escravizados, realizamos uma consulta modesta aos dados de óbitos da região de Milho Verde, atual distrito do município de Serro, e local de nascimento de Chica da Silva. Os documentos² encontram-se na Casa do Bispo (ou Mitra) na Rua do Contrato em Diamantina. Verificamos os registros de óbitos de escravos entre 1785-1819. Os registros possuem lacunas entre os anos de 1800-1806, além de não oferecerem dados dos anos de 1795, 1807, 1816, 1817. Entre os dados de africanos falecidos na região, verificamos um total de 147, especificados da seguinte forma em ordem decrescente: benguelas/banguelas – 21; crioulos – 15; angolas – 12; nagôs – 6; minas – 6; rebolos – 6; cabras – 6; cabinda – 5; mafumbes/muvumbes – 5; cassanje – 3; ganguelas – 3; congos – 2; songos – 2; munjolos – 2; outros (vermelho, goganda, moçambique, da fomé (daomé), timbú, malé, lada, gosir(?)/yosir(?); perneba/parneba(?); cadgaguino(?)) – 1 de cada; além de 43 não especificados.

Desse modo, percebemos uma indicação da forte presença de africanos escravizados vindos tanto da África Ocidental (a chamada costa de mina) quanto da África Centro-Ocidental (a partir dos portos de Angola). As 'nações' não especificavam necessariamente etnias, mas foram importantes no processo de reconstrução identitária dos africanos vitimados pelo tráfico.

² Diamantina, Casa do Bispo, MG - Caixa 357, Bloco E – Registro de óbitos de Milho Verde 1715-1818.

Figura 2: O Atlântico Sul português no século XVIII. Fonte: MILLER, 2010, p. 37.

Durante o ciclo do ouro, houve preferência por africanos trazidos da costa de mina. Segundo Boxer (1969, p. 195), o africano ‘mina’, exportado principalmente de Ajudá, atual República do Benin, era considerado mais forte e vigoroso que os da África Centro-Occidental, além de se lhe atribuir poderes mágicos para a descoberta do ouro. A Costa de Mina incluía desde o Cabo Palmas, atual república da Libéria, até a região da atual República dos Camarões.

O intenso tráfico de escravos ‘mina’, levou à documentação, em meados do século XVIII, de uma língua veicular entre os africanos escravizados na região de Vila Rica de Ouro Preto. O documento, primeiramente publicado em Lisboa em 1731, com segunda edição em 1741, de autoria de Antonio da Costa Peixoto, permaneceu desconhecido até 1945 quando publicado por Luís Silveira como *Obra nova de língua geral de Mina de António da Costa Peixoto* (BONVINI, 2008, p. 39).

A língua de Mina foi objeto de um importante estudo etnolinguístico realizado por Yeda Pessoa de Castro (2002), em que a autora associa a língua a um falar *fon*. Bonvini (2008, p. 41) tem outra avaliação, e acrescenta que o *fon*, uma língua do tronco nigero-congolês, subfamília *kwa* (cuá), é um dos 51 dialetos do grupo (*language unit*) *gbe*. Além do mais, o autor indica que não haveria ligação da

língua a um dialeto específico, mas a todo o *language unit*, na constituição de um falar veicular, em processo de pidginização³ (BONVINI, 2008, p. 45).

Apesar dos mitos que ajudaram a intensificar o tráfico de escravos ‘mina’, o comércio negreiro prosseguiu ativamente na costa de Angola, sendo que os africanos exportados da região seguiam de perto em número os da África Ocidental (BOXER, 1969, p. 195). Com a decadência do ciclo do ouro, reforçou-se o tráfico na costa de Angola, havendo aumento do transporte na segunda metade do século XVIII, pelo porto de São Filipe de Benguela, ao sul de Luanda; nos portos do Congo Norte, em 1810; e, em Benguela novamente, após 1830 (SLENES, 1992, p. 60).

Em 1873, o total de escravizados do município de Diamantina era de 34.838, constituindo 9% do total da província (MARTINS, 2008, p. 616). Machado Filho afirma que a lei áurea libertou cerca de 800.000 brasileiros, 230.000 em Minas Gerais, boa parte dos quais se encontravam nos municípios do antigo Distrito Diamantino. Muitos dos escravizados recém-libertos, deixados em situação precária, juntaram-se aos garimpeiros independentes, lançando-se à fortuna e desfortuna proporcionada pelos diamantes.

A dinâmica da escravidão, a geografia peculiar da Serra do Espinhaço e as práticas severas impostas pela coroa no Distrito Diamantino foram relevantes na manutenção de costumes africanos na região, assim como na formação das diversas comunidades remanescentes de quilombos.

1.2 Remanescentes de quilombos

Sabe-se que a formação histórica dos aquilombamentos ocorreu pela fuga de africanos escravizados para regiões ermas, cansados e inconformados com a situação árdua do cativo. O quilombo tornou-se um modelo de resistência do africano ao sistema da escravidão. O termo tem origem na língua quimbunda, *kilómbo*, significando um arraial ou agrupamento de trabalhadores (cf. ASSIS JUNIOR, p. 127). Os quilombolas ou ‘calhambolas’ eram temidos pelos habitantes

³ O autor (2008, p. 45) sugere a partir de Manessy (1995), um fenômeno tríplice, indicativo da pidginização: 1. Adaptação, “reinterpretação segundo um modelo estrangeiro”; 2. Simplificação, “diminuição do número de manifestações externas dos mecanismos gramaticais e melhoria de seu rendimento funcional”; 3. Redução, “redução a zero da complexidade do sistema linguístico”.

da colônia, sendo frequentemente acusados de roubos e assassinatos. Todavia, a visão de um grupo composto somente por africanos e seus descendentes é equivocada, visto que mesmo brancos e mulatos encontravam-se entre os elementos do grupo (SCARANO, 1969, p. 118).

Ainda que diversos agrupamentos tenham se formado sob estas condições, dados do Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (CEDEFES) indicam que a maior parte das comunidades remanescentes de quilombo de Minas Gerais se formou após a abolição.

[...] grande parte dos negros não tinha mais onde ficar, não havia trabalho e não havia perspectiva de integração à sociedade brasileira. Assim, muitas famílias migraram para os grotões, para as terras desabitadas ou para as margens das fazendas. Algumas poucas famílias receberam terras como doação dos antigos senhores e ali constituíram uma comunidade (CEDEFES, 2008).

Atualmente, contabilizam-se 435 comunidades ou remanescentes de quilombos naquele estado, contando-se um número considerável na região diamantina e seus arredores (CEDEFES, 2008).

Diante desta realidade e da presença do termo ‘remanescentes de quilombos’ no art. 68, do ADCT (Ato das Disposições Constitucionais Transitórias) da constituição brasileira de 1988, houve a necessidade de se repensar o que constitui uma comunidade quilombola contemporânea. Segundo o site do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) (2012), uma comunidade quilombola é constituída predominantemente de uma população afrodescendente urbana ou rural, autodefinida a partir de suas relações com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias.

Tal afirmação reproduz as afirmações dos artigos primeiro e segundo do decreto nº. 4887, de 20 de novembro de 2003, assinado pelo Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva.

Art. 1º Os procedimentos administrativos para a identificação, o reconhecimento, a delimitação, a demarcação e a titulação da propriedade definitiva das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, de que trata o art. 68 do Ato das

Disposições Constitucionais Transitórias, serão procedidos de acordo com o estabelecido neste Decreto.

Art. 2º Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

Oliveira, Campos e Fernandes (2011, p. 130), sintetizam bem a questão. As comunidades quilombolas com direito à posse de terra não são necessariamente: 1) comunidades situadas em locais associados à presença histórica de aquilombamento; 2) comunidades isoladas e de população homogênea; ou, 3) comunidades que tenham se constituído em movimentos de insurreição. Segundo os autores, a condição básica seria a autoidentificação como “um grupo étnico distinto do restante da sociedade”.

As comunidades apresentadas a seguir foram selecionadas, portanto, por compartilharem uma ligação histórica, geográfica e social. Todas são reconhecidas como remanescentes de quilombos e encontram-se na região que outrora havia sido o Distrito Diamantino, considerada neste trabalho como região diamantina, além de haver referências bibliográficas indicando a preservação e uso diferenciado de línguas africanas.

1.2.1 Milho Verde e as comunidades de Ausente e Baú

O distrito de Milho Verde, município do Serro (MG), situa-se a 23 quilômetros da cidade do Serro, fazendo parte do roteiro da estrada real. O acesso se dá por uma estrada que foi asfaltada somente em 2011. A população atual do distrito é de 1.275 habitantes, segundo dados do IBGE (Censo 2010).

Capela do Rosário em Milho Verde (jan/2011). Foto: Everton Machado Simões

O distrito teve origem possivelmente em um pequeno arraial formado por garimpeiros no século XVIII, e foi logo submetido ao controle da Coroa Portuguesa que instalou um quartel e um posto fiscal para controle da mineração.

No distrito são tradicionalmente celebradas a Folia de Reis, em janeiro, e a festa de Nossa Senhora do Rosário, no primeiro final de semana de outubro. A festa do Rosário é uma celebração de Reinado Congo, contando com a participação do grupo de cantantes da guarda dos Catopés (constituído por moradores de Milho Verde, Ausente e Baú), um grupo de marujada e, mais recentemente, o grupo de caboclinhos. Durante a festa há hasteamento de mastro, procissão e coroação de rei e rainha congos. Muitos dos cantos dos Catopés têm a presença de elementos lexicais africanos. Discorreremos em detalhes sobre o Congado no próximo capítulo.

Atualmente, a população local sobrevive do turismo devido a suas belas cachoeiras, e de atividades rurais. Muitos habitantes do distrito são ex-moradores das comunidades remanescentes dos quilombos Ausente e Baú.

(a) Ausente

A comunidade de Ausente fica a três quilômetros do distrito de Milho Verde, dividida em Ausente de Cima, Ausente de Baixo, Papagaio e Massangana (CEDEFES, 2008). A comunidade tem luz elétrica, escola de ensino fundamental e acesso por estrada de terra. Segundo seus moradores, todas as famílias tiveram origem na

comunidade do Baú, que chegaram à região quando os antigos moradores a haviam abandonado, logo, estando ‘ausentes’.

(b) Baú

A comunidade quilombola do Baú fica a dez quilômetros do distrito de Milho Verde, no distrito de Pedro Lessa. A comunidade tem luz elétrica, escola de ensino fundamental e difícil acesso por estrada de terra. Constan 44 famílias, totalizando 234 habitantes (CEDEFES, 2008).

Os moradores nos relataram que a terra foi doada ou vendida aos escravos pelos senhores após a abolição. Há ainda ruínas de uma senzala no local. Com o crescimento atual de igrejas evangélicas pentecostais, parte da população já não participa das festas tradicionais ligadas ao Rosário e à Igreja Católica.

A pesquisa na região

Segundo nos informa Queiroz (1998, p. 22), o Prof. Mário Roberto Zágari (Universidade Federal de Juiz de Fora) investigava uma língua de origem africana na região em 1976. Zágari é responsável por um estudo dialetológico do Estado de Minas Gerais, entretanto, ainda que tenhamos pesquisado, não encontramos publicações a respeito de sua pesquisa. Já em 1996, com a publicação do livro “Cafundó, a África no Brasil”, os autores Carlos Vogt e Peter Fry (1996, pp. 285-341) apresentam um vocabulário coletado em Milho Verde, apesar de não oferecerem maiores informações a respeito da coleta dos dados. Nas referências bibliográficas deste trabalho, encontramos o trabalho do etnomusicólogo austríaco Gerhard Kubik (1991), “Extensionen Afrikanischer Kulturen in Brasilien”, que gravou alguns vissungos na região de Quartel do Indaiá (em 1979), e também em Milho Verde.

No final da década de 1990, cabe ressaltar a pesquisa do também etnomusicólogo suíço Marc-Antoine Camp, que elaborou um longo trabalho de investigação concluído em sua tese de doutorado “Gesungene Busse: Praxis und Valorisierung der Afro-Brasilianischen Vissung in der Region Von Diamantina,

Minas Gerais” (2006), no qual discorre sobre a presença dos cantos vissungos e o papel e influência dos pesquisadores em geral diante da cultura tradicional.

No começo dos anos 2000, Lúcia Valéria do Nascimento pesquisa a região em uma busca mais detalhada pelos cantos tradicionais ‘vissungos’. Nascimento (2003) registra um pequeno glossário de itens coletados com dois informantes da região, principalmente o Sr. Antônio Crispim Veríssimo, falecido em 2008, e o Sr. Ivo Silvério da Rocha, mestre do grupo dos Catopês. Nascimento estende o seu trabalho também à região de São João da Chapada e Quartel do Indaiá.

Há diversos trabalhos artísticos e documentais na região, como, por exemplo, as diversas oficinas e festivais realizados pela Profa. Sônia Queiroz (Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG) com os dois mestres de cantos e falares africanos da região, Seu Ivo e Seu Crispim, principalmente durante os festivais de inverno de Diamantina, realizados pela UFMG. Há, ainda, um documentário realizado após a morte de Seu Crispim, *Ausência* (2008), dirigido por Cássio Gusson.

Por fim, destacamos o Projeto-Piloto IPHAN/USP no. 20173 “Levantamento etnolinguístico de comunidades afro-brasileiras de Minas Gerais e Pará”, coordenado pelas Profas. Margarida Maria Taddoni Petter e Márcia Santos Duarte de Oliveira na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo. O projeto surgiu de um convênio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) com a Universidade de São Paulo (USP) por meio da unidade FFLCH e viabilizado pela pesquisa das professoras acima mencionadas, cujo objetivo foi a criação de um banco de dados, disponibilizado na rede, de textos orais de duas comunidades afro-descendentes em Minas Gerais (a comunidade da Tabatinga, em Bom Despacho; e o distrito de Milho Verde, junto às comunidades de Ausente e Baú, município do Serro) e uma no Pará (comunidade de Jurussaca, município de Bragança) (PETTER & OLIVEIRA, 2011). O projeto teve como finalidade registrar, documentar e avaliar os traços de línguas africanas nas ‘linguagens’ das regiões.

Realizado entre 2010 e 2011, o Projeto IPHAN/USP adquire importância por fazer parte de uma série de projetos-pilotos que antecederam a criação do decreto nº. 7387, de 2 de dezembro de 2010, assinado pelo Presidente Luís Inácio Lula da Silva, que instituiu o Inventário Nacional da Diversidade Linguística.

Segundo o artigo primeiro do presente decreto, o inventário é um “instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.

Conforme já citado, reitera-se que este trabalho filia-se ao Projeto IPHAN/USP, estendendo a pesquisa a outras comunidades da região, buscando investigar os ‘falares africanos’ encontrados.

1.2.2 São João da Chapada e Quartel do Indaiá

O distrito de São João da Chapada dista 30 quilômetros da sede do município de Diamantina em viagem feita por estrada de terra. Teve colonização tardia, “em um contexto de quilombos e negros foragidos” (GNERRE, 2009, p. 60). Próximo ao fim da Extração Real, em 1833, dá-se a descoberta das lavras da Pratinha, atual localização do distrito (MACHADO FILHO, 1985, p. 23), sendo de negros de procedência da África Ocidental as primeiras casas do arraial (Felipe Mina, Felipe Nagô etc.) (MACHADO FILHO, 1985, p. 25).

Pôr-do-sol em São João da Chapada, Diamantina (MG) (fev/2012). Foto: Everton Machado Simões

Atualmente, alguns habitantes ainda garimpam em pequenas faisqueiras em busca de diamantes, mas em sua maioria trabalham com plantação e criação de animais. Segundo dados do IBGE (Censo 2010), o distrito tem 1.581 habitantes. As festas tradicionais são: a festa do divino, em maio; a folia de reis, em janeiro, na

qual se dança o chula; e a festa de Santo Antônio, em junho, com levantamento de mastro e procissão.

O chula é uma tradição afro-brasileira na qual os homens tocam e cantam em versos improvisados, enquanto as mulheres dançam em roda. Atualmente, existem apenas duas matriarcas da dança na região (D. Miúda e D. Maria Macarrão). Ainda, antigamente, em São João da Chapada, podia-se acompanhar o lundu africano, canto acompanhado de dança com bastões, e a festa do bumba-meu-boi.

A comunidade de Quartel do Indaiá surgiu no início do século XIX, após o fim do distrito diamantino, ao lado de um antigo posto de fiscalização desativado. O morro Maqueba, nome supostamente de origem banta e de significado não fornecido, era utilizado por escravos fugidos que se escondiam dos fazendeiros e da fiscalização, realizando assaltos na região (CEDEFES, 2008). Machado Filho (1985, p. 57) afirma que havia seis quilombos ao redor de São João da Chapada: “Calambolas, Maquemba, um perto do córrego da Formiga, o quilombo de Antônio Moange, na Valvina, perto do morro do Macumbá, um na Madalena e outros nos terrenos da fazenda de Bezerra”. Dos dois primeiros teria se formado a população do local.

O topônimo surge pela grande quantidade de coqueiros de Indaiá que crescem na região, de cujas folhas os habitantes elaboravam a cobertura de suas casas de pau-a-pique. Ainda no ano de nossa pesquisa (2012), pudemos observar algumas poucas construções presentes, conforme se vê na foto abaixo.

Cafua, ou casa de pau-a-pique em Quartel do Indaiá (fev/2012). Foto: Everton Machado Simões

A região do quartel passou por conflitos e grilagem de terra nos últimos anos, fazendo com que alguns habitantes perdessem parte de suas terras. Atualmente, vivem de agricultura de subsistência e da criação de alguns animais.

Devido à distância até São João da Chapada (semelhantemente às comunidades de Ausente e Baú), era costume dos moradores em ocasião de falecimento carregar o cadáver até o cemitério entoando cantos de tradição africana.

A pesquisa na região

A região é bastante conhecida pela pesquisa pioneira desenvolvida pelo Prof. Aires da Mata Machado Filho sobre os vissungos, cantos entoados pelos africanos e seus descendentes para acompanhar o árduo trabalho no garimpo e demais práticas sociais. O estudo de Aires da Mata resultou na publicação do livro *O Negro e o Garimpo em Minas Gerais*.

Aires da Mata observou pela primeira vez os cantos em 1928 quando passava suas férias na região. Na década seguinte, com o auxílio de Araújo Sobrinho, do informante João Tameirão e de outro cantador não informado, Aires da Mata coletou 65 vissungos, dos quais, além de registrar as letras, elaborou as notações musicais. O autor ainda lista um glossário do que veio a chamar o “dialetto crioulo sanjoanense”, indicado pelos falantes como língua de Angola ou língua banguela, constituído de 153 entradas lexicais (algumas contêm mais que um item lexical) e um vocabulário de 36 entradas encontradas em outras localidades ⁴.

Aires da Mata indica ‘o caráter banto’ das cantigas e da língua, muitas vezes tentando relacioná-las a seus étimos na língua ambunda (quimbundo), baseando-se nas obras até então publicadas sobre línguas africanas no Brasil (a saber, ‘A influência africana no português do Brasil’, de Renato Mendonça; ‘O elemento afro-negro na língua portuguesa’, de Jacques Raimundo, ambas publicadas em 1933; entre outros).

Segundo Queiroz (2009, p. 37), o trabalho de Aires da Mata é primeiramente publicado em capítulos na Revista do Arquivo Municipal de São

⁴ A afirmação de Aires da Mata Machado Filho, provavelmente se baseia nos vocabulários até então elaborados por demais estudiosos de línguas africanas no Brasil.

Paulo entre 1939 e 1940, sendo publicado na íntegra em 1943, pela editora José Olímpio. Uma segunda edição foi publicada em 1964 pela Civilização Brasileira, e uma terceira, em 1985, pela Editora Itatiaia (edição utilizada nesta dissertação).

Ainda no ano de 1944, o musicólogo e folclorista Luiz Heitor Corrêa de Azevedo grava vissungos na região de Diamantina em projeto de colaboração com Alan Lomax, do America Folklife Center da Library of Congress. As gravações de Azevedo ainda se encontram arquivadas na Biblioteca do Congresso Americano (Library of Congress) e no Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Azevedo selecionou Diamantina como local de gravação após encontro com Aires da Mata Machado conforme nos indica Camara (2013, p. 41). Em estudo comparativo entre as notações musicais elaboradas por Aires da Mata e as gravações de Luiz Heitor Correa de Azevedo, Camara nos indica que:

(...) a diferença entre os dois registros é notória, tratando-se de música de tradição oral na voz de diferentes intérpretes. Por essa razão, ainda que preservada a identidade cultural, não há um paralelismo imediato entre o registro de Aires e de Luiz Heitor (2013, p. 42).

Em 1979, Gerhard Kubik realiza gravações na região de Quartel do Indaiá, publicando seu trabalho em 1991 (citado anteriormente). Aparentemente, houve pouca repercussão desta obra sobre os demais trabalhos desenvolvidos na região em língua portuguesa, sendo uma hipótese provável sua publicação em língua alemã.

A região somente foi revisitada para pesquisa no início dos anos 2000, em trabalho de mestrado de Lúcia Valéria do Nascimento, que abrangeu também o distrito de Milho Verde, no Serro. Nascimento (2003) constatou que não havia mais conhecedores de vissungos em São João da Chapada, somente dois irmãos na comunidade vizinha de Quartel do Indaiá: Pedro de Alexina e seu irmão Paulo. Dos 65 vissungos coletados por Machado Filho apenas 14 foram recordados (NASCIMENTO, 2003, p. 65). Era a confirmação do que Aires da Mata já havia constatado na década de 1930: “Os vissungos estão quase desaparecendo. Estão

morrendo os poucos que sabiam. Os moços (...) vão se esquecendo” (MACHADO FILHO, 1985, p. 66).

Pedro de Almeida, conhecido localmente como Pedro de Alexina, pôde participar de vários eventos promovidos pela UFMG na cidade de Diamantina, além de encontros com os mestres de cantos africanos de Milho Verde, Seu Ivo e Seu Crispim. Seu irmão, Seu Paulo, faleceu poucos anos após o trabalho de Nascimento (2003).

Em 2010, o cineasta Rodrigo Siqueira, no belíssimo e premiado documentário *Terra Deu, Terra Come*, registra todo o ritual funerário em Quartel do Indaiá, no qual Seu Pedro de Alexina entoa os vissungos para carregar o defunto na rede até o cemitério em São João da Chapada.

1.2.3 Espinho

A comunidade do Espinho situa-se na área rural de Gouveia, povoado surgido no ano de 1715, no período de mineração, e pertencente ao município de Diamantina até o ano de 1953, quando obteve sua emancipação (ROSA, 2004, p. 19). A comunidade encontra-se situada em um terreno de difícil acesso, próxima a antigos engenhos, indícios de sua relação com a sociedade escravocrata (ROSA, 2004, p. 78).

Divide-se em Espinho de Cima e Espinho de Baixo, contando com cerca de 60 famílias, constituídas por 120 pessoas. A população sobrevive basicamente de bolsas federais, atividades agrícolas e de renda enviada por parentes que migraram para centros urbanos (CEDEFES, 2008).

As festas tradicionais são católicas, celebrando-se a festa da Santa Cruz em maio e de Nossa Senhora Aparecida em outubro.

Santa Cruz no Espinho (fev/2012). Foto: Everton Machado Simões

A pesquisa na região

A antropóloga Miriam Virginia Ramos Rosa, na sua dissertação de mestrado na Universidade de Brasília, afirma que a comunidade apresenta um fato intrigante por ter se dissociado de suas origens africanas e, logo, de quaisquer vínculos com a escravidão, em resposta ao preconceito sofrido pelos habitantes do centro de Gouveia. Segundo a pesquisadora, a comunidade assumiu o discurso de habitar a região desde tempos imemoriais, negando serem remanescentes de quilombo ou terem recebido a terra de algum senhor (ROSA, 2004, p. 49).

Percebe-se aqui não ser tão simples quanto parece o processo de autorreconhecimento como remanescente de quilombo pelos membros das comunidades. Apesar de trazer benefícios para comunidades que se formaram após o fim da escravidão, a autodefinição também depende do olhar do outro sobre si, e este olhar é muitas vezes estigmatizante. Maria Célia Barros Virgolino Pinto (2011, p. 87) percebe situação semelhante na comunidade de Jurussaca (município

de Bragança, Pará) e elabora o problema: “como formar uma identidade em torno de uma cultura até certo ponto expropriada e nem sempre assumida com orgulho pela maioria”.

Pinto (2011, pp. 86-88) nos aponta que, diante de uma sociedade, cujo ideal é o branqueamento da população, na qual a identidade branca é a única vista como “desejável”, percebe-se melhor que a identidade negra não é algo constituído, mas uma construção. De fato, Rosa (2004, p. 78) indica que os habitantes do Espinho não se identificavam como negros, mas “de cor”, “vermelhos”, “morenos” etc. (Em pesquisa recente sobre a comunidade da Tabatinga, em Bom Despacho, a Profa. Margarida Petter indicou situação semelhante).

Em conversa, durante viagem de campo, em fevereiro de 2012, com Adeliene Margarida da Silva, presidente da Associação Comunitária Quilombola da Comunidade do Espinho, soubemos que o processo de autodefinição não fora fácil. A definição veio a partir de outros, porém foi rejeitada quatro vezes pela comunidade, havendo necessidade de um trabalho explicativo para as famílias sobre o que seriam comunidades remanescentes de quilombos, suas manifestações culturais, histórias e os privilégios que poderiam obter pela autodefinição.

O processo de construção identitária e revalorização da cultura local depende, desta forma, da educação, seja mediante a própria associação comunitária, como no caso do Espinho, ou do próprio currículo escolar, como em Jurussaca. Pinto aponta uma situação que pode ser aplicada a várias das comunidades afrodescendentes espalhadas pelo país:

O processo identitário de Jurussaca não está no vazio, é resultado de uma confluência de fatores, escolhidos por eles mesmos: entre os elementos comuns aos membros do grupo; formas de organização política e social, território, elementos lingüísticos e religiosos. É também através das manifestações culturais que a comunidade constrói seu currículo invisível e legitimam suas identidades de forma positiva e emancipatória.

Desta forma, é possível perceber a importância da educação no processo de construção da identidade da pessoa negra e das tantas minorias muitas vezes esquecidas, acreditando que a escola pode contribuir com a construção da identidade dos seus educandos pertencentes à população negra a partir do momento que assume uma função social inclusiva, em que as diferenças são reveladas enquanto momento de valorização. (2011, p. 89).

Atualmente, a comunidade do Espinho é reconhecida pela Fundação Palmares, e busca afirmar-se positivamente como remanescente de quilombo, ainda que isto cause estranhamento em alguns moradores. Aparentemente, a atitude da cidade de Gouveia em relação aos moradores do Espinho mudou desde a década de 1990, vendo-os de forma mais positiva.

Neste trabalho, optamos por pesquisar a comunidade devido a afirmações de que “lá se fala uma ‘língua estranha’ [...] em ocasiões de velórios e enterros” (ROSA, 2004:78). Deste modo, nos propusemos a uma investigação linguística que buscasse elementos do vocabulário ‘afro-brasileiro’ encontrado nas demais comunidades da região diamantina.

Consideramos, portanto, que as similaridades sócio-históricas das comunidades refletiram na manutenção em comum de um léxico de origem africana. Primeiramente, temos um compartilhamento da experiência histórica como vítimas de práticas escravagistas rígidas características do distrito diamantino. Em segundo lugar, encontramos o garimpo de diamantes (alternativa de sobrevivência dos quilombolas, negros alforriados e dos escravizados após a libertação) que, sendo uma prática geralmente ilegal, ocasionava maior isolamento dos grupos. Finalmente, as comunidades se mantiveram longe dos grandes centros e em locais de difícil acesso, facilitando a preservação de suas tradições.

Capítulo II - Falares africanos na região diamantina

*Ó gente,
Fala língua de baranco, auê
Ai omboê
Fala língua de baranco auê
Cantiga de multa XXI
(MACHADO FILHO, 1985, p. 80)*

Os falares africanos foram uma realidade nas comunidades remanescentes de quilombo estudadas. Nossa afirmação se encontra no pretérito, pois em nossa pesquisa lidamos, na maior parte, com sua obsolescência. Diferentemente de comunidades afrodescendentes onde falares africanos ainda se encontram presentes e funcionais, nas comunidades pesquisadas na região diamantina esses pertencem basicamente à memória de seus habitantes mais velhos.

Segundo Bonvini (2008, p. 50), o declínio e extinção da maioria das línguas africanas ligadas à escravidão se deram por dois motivos: primeiramente, a abolição da escravatura, que até então as alimentava devido ao grande número de escravizados em zonas delimitadas pelo tipo de produção (açúcar, mineração etc.); e, em segundo lugar, à nova situação econômica, baseada no café, que redistribuiu a massa de negros libertos, estendendo-lhes o uso da língua portuguesa e dando fim à alternância de códigos linguísticos.

O autor prossegue afirmando que houve, entretanto, uma ‘refuncionalização’ das línguas veiculares a um uso específico de determinadas populações, servindo como ferramenta de preservação identitária, autodefesa e de afirmação do grupo, dividindo-se em *línguas cultuais* e em *línguas “secretas”* (BONVINI, 2008, p. 50).

Os falares africanos da região diamantina acabam por ocupar as duas funções. Trazidas com os africanos escravizados, as línguas africanas serviram como meio natural de comunicação entre falantes de línguas tipologicamente próximas (o que parece ter ocorrido no caso da língua de mina e entre falantes de línguas do subgrupo banto, família benuê-congolesa, tronco nigero-congolês), além

de ferramenta útil ao ocultar suas conversas de seus senhores, facilitando planos de fuga, por exemplo. A função cultural destas línguas pode se observar principalmente nos cantos registrados na região, muitas vezes explicados somente aos iniciados, conforme as palavras do cantador Manuel Pedro, registradas por Aires da Mata: “Eu não posso ensinar. Meu mestre não me ensinou. Mandou outro. Nem todo *fundamento* a gente pode dar” (MACHADO FILHO, 1985, p. 67, grifo nosso). O grupo dos Catopês de Milho Verde também entoa cantos na ‘língua’ na festa do Rosário, e, de igual forma, o mestre do grupo que detém seus fundamentos, comunicando-os aos demais participantes. Traduz-se ‘fundamento’, como o significado dos cantos, não necessariamente explicando cada item lexical, mas que atenta à história e situação de uso de cada canto.

Percebemos, portanto, através das diversas pesquisas mencionadas no capítulo anterior, que os falares tiveram sobrevida na região devido ao isolamento relativo destas comunidades e pela ‘refuncionalização’ de sua língua em sua associação ao trabalho em grupo no garimpo.

Mesmo assim, Nascimento (2003, p. 71) lamenta que sua intenção original de realizar um estudo comparativo entre os cantos coletados por Aires da Mata na década de 1930 e os de sua pesquisa em 2001 tenha se tornado um relato de práticas sociais e cantos obliterados. A indicação feita por Aires da Mata Machado Filho sobre o processo de desaparecimento destas tradições havia, enfim, se concretizado.

A pesquisadora ainda afirma que há diversas razões para que uma língua se torne obsoleta: “o processo de colonização, o desuso da língua ancestral em detrimento da língua nacional, [...] a interferência e rapidez dos meios de transporte e comunicação, a utilidade e o prestígio” (NASCIMENTO, 2003, p. 75). Retomaremos a questão de morte e mudança linguística no decorrer deste capítulo e no próximo.

Diante destas considerações, apresentamos a seguir os gêneros de falares africanos que puderam ser registrados na região. Primeiramente, observam-se os cantos, considerados separadamente em vissungos e cantos dos Catopês de Nossa Senhora do Rosário, não por constituírem necessariamente gêneros distintos, mas

pela diferença em seu uso e preservação pelas comunidades. Em seguida, apresentaremos dados das línguas africanas coletados durante as pesquisas realizadas na região, além de resultados mais recentes do projeto IPHAN/USP (2010-2011) e desta pesquisa.

2.1 Os vissungos

Os vissungos são cantos que acompanham diversas práticas sociais. O termo *vissungo*, conforme indicado por Castro (2009, p. 70) e Nascimento (2003, p. 23) tem sua origem no substantivo umbundo *visungo*, plural de *ocisungo*, com significado de ‘louvores’ (Este item lexical será analisado com maior cuidado no próximo capítulo). Segundo Aires da Mata estes traduzem

[...] a necessidade universal de trabalhar cantando. Basta lembrar as vindimas de Portugal e o trabalho das fiandeiras. Em Minas têm seus cantos especiais os capinadores de roça. É cantando que se deslocam pedras pesadas. No mutirão usam-se cantigas apropriadas (MACHADO FILHO, 1985, p. 66).

Conforme dito anteriormente, os vissungos foram primeiramente registrados por Aires da Mata Machado Filho em seu livro *O Negro e o Garimpo em Minas Gerais* (1943 [1985]) no início da década de 30, no distrito de São João da Chapada e na comunidade de Quartel do Indaiá.

Queiroz afirma que, apesar de haver inconsistências na categorização das cantigas, talvez por descuido na edição, os cantos são agrupados por Aires da Mata em:

[...] padre-nossos, cantos da manhã (ou: ao nascer do dia), canto do meio-dia [há apenas um registro], cantigas de multa, cantigas de caminho, cantigas de rede e de caminho, [cantiga] pedindo licença para cantar, [cantigas] gabando qualidades [talvez um equivalente banto do oriki, da tradição nagô-iorubá], [cantos de] negro enfeitado, cantiga de ninar, [canto do] companheiro manhoso, e há ainda um grupo de cantigas diversas (QUEIROZ, 2009, pp. 37-38).

Entre as cantigas de rede e de caminho, incluem-se as cantigas de carregar defuntos, tradição realizada pelas comunidades mais distantes dos distritos, que necessitavam levar seus mortos até o cemitério. Tais cantigas foram registradas na comunidade de Quartel do Indaiá, que seguia até o distrito de São João da Chapada e nas comunidades de Ausente e Baú, que seguiam até o distrito de Milho Verde. Também destacamos que se encontram vagamente na lembrança dos habitantes do Espinho, que carregavam os defuntos até a comunidade próxima de Pedro Pereira.

É interessante ressaltar também os vissungos de multa, entoados no garimpo ao som das ferramentas de trabalho, cobrando uma prenda de estranhos ou de qualquer pessoa que chegasse à lavra. As prendas eram pagas em dinheiro, rapadura ou cachaça. Caso o ‘invasor’ se recusasse a pagar, os trabalhadores cantavam um vissungo em ofensa, geralmente o insultando de ‘tamanduá’ (que significa que o intruso tem nariz comprido, rabo comprido etc.).

Os vissungos são ainda lembrados pelo Sr. Pedro de Alexina, em Quartel do Indaiá, e por Seu Ivo Silvério, mestre dos Catopês, além de alguns dos filhos do falecido Sr. Crispim Veríssimo. No Espinho, os cantos de enterro, trabalho e multa deixaram de ser entoados há pelo menos 50 anos, segundo moradores da região.

Como se pode observar, em comparação entre os vissungos coletados por Machado Filho (1985) e os registrados por Nascimento (2003), houve alterações e traduções significativas dos cantos, afetados cada vez mais pela língua portuguesa.

Arraigados à função social, os vissungos perderam sua razão de ser a partir do momento em que tais práticas sociais se encerraram. Desta forma, quando os carros passaram a buscar os mortos nas comunidades, ou quando o trabalho em grupo foi progressivamente substituído pelo garimpo individual, os cantos se silenciaram.

Outro fator que contribui para a extinção definitiva dos cantos é a forte recusa em se ensinar os vissungos por outro meio que não seja a tradição oral. Os mestres, em especial S. Ivo, preferem a não comunicação a uma comunicação imperfeita, conforme nos indica a etnomusicóloga Glaura Lucas:

[...] como acontece com várias outras expressões vocais afro-brasileiras, alguns saberes rituais exigem um grau de desenvolvimento pessoal do aprendiz para que sejam transmitidos, de tal forma que os mestres detentores de tais saberes podem preferir a não revelação ao risco de um uso inadequado. Um capitão de Moçambique, dos Arturos, certa vez se referiu a essa atitude como um ato de preservação da cultura. Assim, “preservar” pode representar a extinção de certos aspectos da cultura, visando à sua proteção (LUCAS, 2009, p. 28).

Nascimento (2003, p. 98) sugere que uma das formas de se trabalhar a manutenção dessas línguas seria através da arte. De fato, em julho de 2012, na oficina de mestres de cantos e falares africanos do festival de inverno da UFMG em Diamantina foi discutida entre os participantes a possibilidade de refuncionalizar os cantos para ao menos preservá-los na comunidade, mediante apresentações artísticas ou uma simulação da prática social. Pudemos perceber a estranheza e a relutância dos mestres vissungueiros diante da ideia de reconfigurar todo o contexto extralinguístico que dá sentido singular ao canto.

2.2 O canto dos Catopês de Nossa Senhora do Rosário

A festa de Nossa Senhora do Rosário em Milho Verde ocorre geralmente no primeiro final de semana do mês de outubro, reunindo participantes de várias localidades ao redor, em especial das comunidades de Ausente e Baú. É uma festa de reinado (ou congado) à semelhança de outras em diversas localidades do estado de Minas Gerais.

Segundo Scarano (1969, p. 48), o reinado teria sua origem em associações mais ou menos secretas de negros em Portugal, as quais tinham seus próprios ‘reis’ e mantinham suas tradições, mescladas às práticas católicas. Os congados, apesar da roupagem ocidental e Católica Romana, são em essência africanos. Sílvia Brügger e Anderson de Oliveira afirmam que:

[... mediante] as folias que elegiam seus reis, rainha e corte... [o negro] se reapropria de parâmetros de poder vigentes na sociedade colonial para recriar verdadeiras linhagens religiosas com base num passado africano de glórias que se reproduziria nas suas procissões, festas, entre outras manifestações. (BRÜGGER; OLIVEIRA, 2009, p. 189).

A devoção à Nossa Senhora do Rosário foi popular na Península Ibérica, sendo que logo foi adotada como protetora dos homens do mar no Porto (SCARANO, 1969, p. 41), iniciando provavelmente a tradição da marujada em suas festas. A devoção dos ‘pretos do Rosário’ provavelmente tenha surgido gradativamente nas associações de conventos dominicanos, que divulgavam a santa e a recitação do terço (SCARANO, 1969, p. 42).

A festa de reinado em Milho Verde tem a presença dos dançantes do grupo de Catopês e da Marujada de Milho Verde. Tradicionalmente, a Marujada é composta pelos descendentes de portugueses, ao passo que o grupo dos Catopês representa os africanos e seus descendentes trazidos para o Brasil. Nos últimos anos, a festa conta também com a participação do grupo de caboclinhos, o único que contém participantes mulheres, sendo uma tradição trazida da festa do Rosário do Serro.

Segundo a tradição da região, os marujos e os caboclinhos tentaram retirar a estátua de Nossa Senhora do Rosário de uma gruta, porém a estátua retornava ao local, tendo sido levada definitivamente para a capela por meio dos negros, por isso estes são os seus fiéis mais devotos. Eles eram escravos, mas a divindade os escolheu, logo, a rivalidade entre os grupos. Os Catopês e a Marujada do Serro aparentemente trilham ruas diferentes durante a celebração da festa. Em Milho Verde, S. Geraldo, falecido em maio de 2012, antigo mestre de marujada, sabia as canções dos Catopês de cor.

Como introdução à única prática social pela qual sobrevivem os falares africanos de Milho Verde, faremos uma descrição da festa do Rosário, tal como a presenciamos em outubro de 2011.

A festa do Rosário de Milho Verde tem início com novenas durante a semana, seguindo com o levantamento do mastro no sábado e a procissão no domingo. Para a festa, são escolhidos um rei e uma rainha e toda uma corte real que segue pelo pequeno distrito até a capela do Rosário, onde celebram uma missa fora da igreja, almoçam e seguem em procissão com as imagens de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, para então, ao final do dia, descenderem o mastro. Novos reis e juízes, responsáveis pela manutenção da festa, são escolhidos a cada ano.

Os Catopês e a Marujada seguem juntos pela cidade alternando cantos que até pouco tempo obedeciam a uma liturgia de canto e resposta. Apresentavam encenações teatrais (ainda encontradas na celebração do Serro), tais como a revolta dos marujos e a morte do capitão, um embate entre os marujos e os Catopês. As roupas são jaquetas azuis e chapéus com fitas coloridas para a Marujada, e jaquetas amarelas, verdes e vermelhas, além de cocares com muitas plumas e espelhos ao redor para os Catopês, que parecem indicar uma relação com os indígenas.

Atualmente, os cantos dos Catopês na festa do Rosário são a única tradição de língua africana que persiste na comunidade, o que não impede que o número de dançantes minguem a cada ano. Nota-se claramente a diferença de idade entre os dançantes mais antigos e os mais novos, homens já acima da meia-idade e crianças. Há uma lacuna deixada pelos mais jovens, ocupados em buscar serviço em outras localidades. Ainda assim, o grupo continua a se apresentar nos meses de setembro/outubro, diminuindo seu repertório e falando cada vez menos a língua.

Conforme dito anteriormente, somente distinguimos os cantos por sua situação de ocorrência. Enquanto os vissungos eram realizados nas diversas práticas sociais já citadas, os cantos dos Catopês se realizam na festa do Rosário. Tal divisão não é rígida, como informado por Seu Ivo, pois alguns vissungos também são cantados nos Catopês.

Seu Ivo, mestre dos Catopês, 70 anos, é praticamente o único conhecedor de cantos em língua africana na região, tanto dos cantos da festa, quanto dos vissungos. Com uma energia ímpar, Seu Ivo puxa os cantos para Nossa Senhora em marcha lenta ou em marcha dobrada. A marcha lenta utilizada nos longos trajetos

de procissão, a marcha dobrada nos momentos de euforia, como ao chegar perto da igreja ou ao levantar o mastro. O grupo responde repetindo as palavras cantadas, tocando instrumentos artesanais: a caixa (espécie de tambor) e o *canjá*, como chamam um reco-reco de bambu.

No grupo ainda se encontram o contramestre, o embaixador e o carunjinjim, quase todos das comunidades de Ausente e Baú. O contramestre, com seu apito, ajuda a manter o ritmo do grupo e a corrigir os instrumentos. O embaixador segue à frente com uma espada a riscar o chão, abrindo e fechando caminhos. Aqui se encontra um dos únicos jovens do grupo, filho de Seu Crispim, conhecido mestre de cantos africanos, falecido em 2008. Por último, o carunjinjim, portador do remédio protetor (ou *viná*), uma raizada de receita secreta feita com aguardente, que o grupo toma antes de iniciar os trabalhos e em seus intervalos. Alguns dizem que contém até raízes venenosas, mas isto fica reservado ao saber secreto do mestre que as prepara.

Os moradores mais antigos da região dizem que antes a festa durava mais de três dias, com a presença de vários dançantes e devotos do Baú e de Ausente. Ficavam hospedados em diversas casas e saíam logo cedo para a matinada. Apesar de ainda se dizer que fazem a matinada, esta deve acontecer em segredo, pois ninguém soube informar o horário e o local onde ocorre, talvez sendo um momento de devoção só dos dançantes.

Há de se fazer todo este percurso da prática social para tratar dos cantos dos Catopês e, conseqüentemente, dos vissungos e da língua africana neles encontrada. Estes não são textos isolados, mas dependem fortemente de sua prática. O texto do canto dialoga com a liturgia, com o contexto histórico e religioso ou profano, com a interação de canto e resposta. Quando um destes elementos é retirado da equação, muito se perde.

A título de exemplo, apresentamos algumas transcrições de cantos coletados durante o Projeto IPHAN/USP (2010-2011). As duas primeiras apresentam o mesmo canto, realizado por informantes distintos, e a última um canto informado por Seu Ivo. As transcrições são ortográficas, seguindo as orientações do Projeto Vertentes do português afro-brasileiro falado na Bahia.

a) Xô xô canjira auê (1) (PETTER; OLIVEIRA, 2011b)

INF: Informante (Seu Chico, dançante do Grupo de Catopês).

DOC: Documentador.

INF (Seu Chico): ... né, agora tem ôtas mais. Deus, nosso sinhô, pôs o nêgo pa vigiá os arrozá. Deus, nosso sinhô, pôs o nêgo pas vigiá o arrozá, mandá. Aí o nêgo lá ferrô no sono... ferrô no sono, [ie] mandá... ferrô no sono. Quando os passarinho tá arrancando a... o... a... o arroz pra... pra esse [preto], o nêgo acordô assustado... o nêgo acordô cantando: {INF canta} “Xô Xô, canjira auê... xô xô, canjina auê, num catar o assangue de gananzambe... num catá o assangue... gue... gananzambe. Xô Xô, canjina auê... Xô Xô, canjina auê... Num catá e assan... de gananzambe.” Ganhanzambe é Deus, mandá, xô xô é o passarinho, o sangue é o arroz.

DOC: hum.

INF: Mandá, Deus, nosso sinhô, ele já pôs na e... na cabeça dele pa ele tocá os passarinho, mandá... mandá. [Minha nêga] ieu sei é muito cantiga, tem muito caso pra contá, mandá.

Os itens lexicais africanos são três: *canjira* ‘passarinho’; *assangue* ‘arroz’; e *Gananzambe* ‘Deus’. Os três são indicados pelo informante, apesar de haver uma confusão entre *xô xô* e *canjira*. Mesmo não identificando corretamente todas as palavras de origem africana, o informante se lembrou do significado completo do canto e de toda sua história contextual.

O canto nos leva a perceber que o léxico africano é relevante ao assumir um aspecto místico: o negro não espanta simplesmente os passarinhos, mas o faz em língua africana. A história certamente faz referência à tradição local de um negro falante da língua, portanto ‘sabido’. Considera-se, na região, que os negros ‘sabidos’ geralmente sabiam lançar feitiços, sendo perigosos e respeitados. Podemos ainda imaginar que há um fundo moral em que a falta de atenção gera oportunidade para que outros espoliem seus bens.

Na segunda gravação do canto, nota-se a fidedignidade ao texto oral. Seu Geraldo, falecido mestre da marujada, narra a história de forma praticamente idêntica, demonstrando mais uma vez que não somente a relevância do léxico, mas de todo o contexto da narrativa do canto, fazendo com que consideremos que não se deve olhar somente ao que é falado, mas como, onde, quando e com quem se fala. Observa-se que Valdir, filho do informante, não domina o mesmo texto que o pai, tentando somente traduzir o léxico.

b) Xô xô canjira auê (2) (Petter; Oliveira, 2011c).

INF2 (Valdir): ... xô xô, canjirauê...

INF1 (Seu Geraldo): Ah...

INF2: ... num tocá no assangue de gananzambe...

DOC1: Esse mêmo, né.

INF1: É... é...

DOC: Dêx'eu...

{INFs começam a tocar música, trecho cantado}

INF1: Xô... xô canjirauê...

INF2: Xô... xô canjirauê... num cata o assangue de gananzambe... num pega o assangue de gananzambe...

INF1: Xô... xô canjirauê...

INF2: Xô... xô... canjirauê...

INF1: Num pega o assangue de gananzambe... num pega o assangue de gananzambe...

{trecho ININT}

DOC1: E que que significa essa música?

INF2: Xô xô passarinho, num tocá no milho de... ne... no.. no... de.. da... na... na...

INF1: É o... o sinhô dos nego...

INF2: ... no milho de Deus, né.

INF1: ... pôs ele pa tomá...

INF2: Assangue é milho.

INF1: ... conta do arrozár pa passarinho num arrancá, né...

INF2: um arroz... milho.

INF1: ... é o canjira é... canjira é... canjira é os passarinho. E o assangue é o arroz...

DOC2: Ah...

INF1: ... de Gananzambe é nosso senhor.

DOC2: Nosso senhor...

INF1: É... {INF1 ri}

DOC2: Ai que bonito...

DOC1: Muito bonito, muito obrigado.

DOC2: Brigada, Seu Geraldo...

INF2: Olha o ININT é o pão de Deus.

DOC2: Brigada, tchô dá um abraço no senhor, brigada INTERRUP

Percebe-se que Seu Chico e Seu Geraldo tentam reproduzir o mesmo texto aprendido pela tradição oral, o qual manterá seus diálogos contextuais. Não só a música, ou o léxico africano, mas toda a narrativa tornam o texto completo, realizando-se plenamente quando cantado em situação própria pelo grupo dos Catopês.

Finalmente, podemos observar como Seu Ivo utiliza dos mesmos recursos ao apresentar um outro canto.

c) Injira calunga (Petter; Oliveira, 2011d).

INF (Seu Ivo): Essa música é um dobrado, viu?

DOC1: Tá.

INF: {trecho cantado} É o injira calunga... é cuarimo cuarto... conjira muguango cuami curiá... erê... calungua cuarimo cuato... conjira muguango cuami curiá.

DOC1: E aí ela significa o quê, essa daí?

INF: É... que o calunga é água...

DOC1: Tá...

INF: ... né. E... o caçador foi pa caçada puque... antigamente nas festa é eles... eles fazia a festa é... aprontava com as carne até de bicho, entendeu?

DOC1: Hum-hum.

INF: Eles tinham liberdade de caçá...

DOC1: Certo.

INF: E... pegavam os bicho e... dava alimento de carne ah... nas festa...

DOC1: Ham-ham.

INF: ... E aí o caçador vai... ele... ele tá dizendo na... na música... é... o caçador vai pa caçada com seus cachorro, solta os cachorro, o cachorro encontra o tatu no lago...

DOC1: Hum...

INF: ... e o cachorro vai cavacando, as unhas dele... o tatu tá lá dento, mai' ele agora... o tatu tá sem jeito de segui puque é pedra...

DOC1: Tá.

INF: ... e o buraco é... tá estan... distante, e o cachorro num tá agüentano.

Aí o ma... pó... o... o caçador vai, busca uma água, que é o calunga, vira no... no buraco, o tatu vem de costa ele atira com a espingarda...

DOC1: Ah... e curiá... curiá é...

INF: Injira um calunga é água, virô a água, ela lá vai sumi girano...

DOC1: Hum-hum

INF: ... num buraco. É o calunga cuarimo cuaro e... o tatu vem... ele atira...

DOC1: 'tendi.

INF: [Injira] muguango... o muguango é o tatu...

DOC2: Ham...

INF: ... cuami curiá, que é pa comê {INF ri}.

Seu Ivo inicia informando que a música é um dobrado, sabendo que esta existe no espaço/tempo junto com o toque dos instrumentos e é cantada em momento específico da liturgia. Conta-se, então, para explicar o fundamento do canto, toda uma história que dialoga com o passado da comunidade quando precisavam caçar para comer. É interessante perceber que a música e seu fundamento se tornam um ensinamento de como proceder ao caçar um tatu que entrou no buraco, hábito de caça comum na região até pouco tempo. Apesar de não fornecido pelo informante, poderíamos ainda ter um diálogo com o momento de refeição que se aproxima para os dançantes.

Ainda que S. Ivo não traduza especificamente cada item lexical observado, a essência do canto é comunicada na descrição de sua história e da performance (o toque dobrado). Percebemos ainda que estes cantos, entoados na festa do Rosário, aparentemente trazem pouco do aspecto religioso (a não ser que apresentem algum significado oculto pelos informantes e que esteja relacionado à liturgia da festa), mas servem para trazer à memória do falante a sua própria identidade e história afro-brasileira.

Tendo em conta que o objeto da pesquisa deste trabalho se encontra na análise lexical dos vocábulos pertencentes às ‘línguas secretas’, não nos deteremos mais na análise dos cantos. Todavia, ressaltamos que estes fazem parte do conjunto de falares africanos na região, contendo a presença do mesmo léxico e, muitas vezes, conservando formas desconhecidas pelos falantes. Esperamos, assim, que nosso trabalho possa ser esclarecedor para futuras análises de léxico africano neles encontrados.

2.3 A língua africana da região diamantina

Todas as comunidades pesquisadas neste projeto apresentaram, em diferentes graus, alguma preservação de léxico africano utilizado em uma linguagem própria.

Conforme citado, Machado Filho (1985, p. 120) faz menção a um “dialeto crioulo” em São João da Chapada, em vias de desaparecimento, falado então em faisqueiras isoladas (zonas de garimpo), tendo sido largamente empregado na localidade. O vocabulário é constituído por 153 itens/agrupamentos⁵ lexicais coletados com o informante João Tameirão (no final da década de 1920), além de outros 36 pertencentes ao linguajar local.

Em nosso trabalho, revisitamos o distrito de São João da Chapada e a comunidade do Quartel do Indaiá. Conforme constatou Nascimento (2003), não há

⁵ Optamos por mencionar itens ou agrupamentos devido ao fato de Machado Filho registrar mais de um item em uma mesma entrada lexical (como, por exemplo, “*Capungo, Túria*, s. – Gente ruim” (1985, p. 129). Por outro lado, o autor separa itens que são claramente formas variantes (“*Anduro*, s. – Fogo”, p. 121; “*Ondara*, s. – fogo”, p. 133).

mais conhecedores do 'dialeto'. O único habitante da região que ainda sabe cantar alguns vissungos é o Sr. Pedro de Almeida, conhecido como Pedro de Alexina. Pudemos conversar com Seu Pedro em duas ocasiões: em visita à sua casa no Quartel do Indaiá (fev/2012) e no 44º Festival de Inverno da UFMG em Diamantina (jul/2012). Seu Pedro, apesar de nos receber muito bem, se recusou a gravar entrevistas, mas lembrou-se de dois itens lexicais que pudemos anotar: *copicondei* 'fogo' e *jamundá* 'morro'. Falou ainda sobre as festas que eram realizadas na região, especialmente o bumba-meu-boi, que foi encenado pela população para o documentarista Rodrigo Siqueira, em material não divulgado.

Seu Pedro de Almeida e o boi (fev/2012). Foto: Everton Machado Simões

Ainda no Quartel do Indaiá, conversamos com o Sr. Leandro Vitorino de Almeida, 85 anos à época, também conhecido na comunidade como Seu Liandro. Durante a entrevista, perguntávamos se existiam palavras que eram faladas de forma diferente pelos mais antigos (porco, galo, água etc.), ou apresentávamos alguns dos itens lexicais registrados na região por Machado Filho, sem oferecer seu significado (ex. 'O senhor sabe o que é *candimba*?'). Seu Liandro lembrou-se de cinco itens presentes no glossário de Machado Filho (a saber: *cumbara* 'comércio'; *candamboro* 'galo'; *candimba* 'coelho'; *otombô* 'mandioca'; e *oxito de orongôia* 'carne de boi'). Nota-se que *orongôia* consta em Machado Filho como 'diamante' (1985, p. 133). O informante ainda forneceu alguns itens que não constam no vocabulário elaborado pelo autor (1985): *caburé*, 'criança'; *injirá* 'sair; ir'; *quilengue* 'galinheiro'; *tualina* 'mulher bonita'.

Prosseguimos nas demais regiões de forma semelhante, suscitando dados lexicais a partir do vocabulário do ‘dialeto sanjoanense’. Tendo conhecimento da situação de obsolescência das ‘línguas africanas’, buscamos informantes que provavelmente tiveram algum contato com as variedades de falares da região, ou seja, os habitantes mais idosos.

Na região de Milho Verde e das comunidades de Ausente e Baú, entrevistamos diversos informantes com idades entre 30 e 94 anos (a princípio durante o Projeto IPHAN/USP e, posteriormente, durante a pesquisa realizada para esta dissertação). Os poucos informantes mais novos, com idade menor que 60 anos, participam do grupo de Catopês na festa do Rosário e ofereceram poucos dados lexicais (exceto Geraldinho, filho mais velho de Seu Crispim, que basicamente nos relatou itens já registrados na pesquisa de Nascimento, 2003). Os demais informantes encontram-se, em sua maioria, acima dos 75 anos.

Entrevistamos 14 informantes que colaboraram com informações lexicais de ‘dialetos africanos’, 11 do sexo masculino, sendo que cinco se encontravam acima dos 60 anos de idade e foram os que mais apresentaram informações sobre o vocabulário. As mulheres contribuíram com poucos itens: alguns nomes de animais, *ximboco* ‘sapo’, *candimba* ‘coelho’, *cuxito* ‘porco pequeno’; um item relacionado à alimentação, *pipoquê/tipoque* ‘feijão’; um relacionado à religião, ou superstição, *otupã* ‘diabo’.

Byrd (2005, p. 64) relata situação semelhante no uso da língua calunga de Patrocínio, sendo que uma de suas informantes chama o falar africano de ‘língua masculina’. De forma semelhante, Queiroz (1998) atesta uma maioria de falantes do sexo masculino da gíria da Tabatinga (Bom Despacho, MG). Talvez em Milho Verde, tenhamos nos deparado com a mesma realidade, na qual o uso social do falar africano estivesse necessariamente ligado ao trabalho realizado por homens. Ressalta-se que as mulheres também não participavam dos vissungos de levar o defunto na rede ao cemitério.

Ainda, notamos que todos os informantes do sexo masculino estiveram em algum momento envolvidos com o trabalho no garimpo, além de participarem das festas tradicionais da região. O informante mais velho, o Sr. Nestor de Araújo, 94

anos em 2012, é morador do distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras, próximo a Milho Verde. Seu Nestor nos relatou que trabalhou no garimpo quando menino, por volta dos 13 anos de idade e, apesar de ter aprendido pouco da 'língua dos negros', lembrou-se de alguns dados que foram incluídos nesta pesquisa. Seu Nestor ainda nos informa que havia na região dois indivíduos que conversavam fluentemente na língua e ninguém conseguia entender. É importante ressaltar que os itens lembrados por Seu Nestor, referentes à época de seu trabalho no garimpo, remetem ao mesmo período em que Machado Filho realizava sua pesquisa. No total, verificamos a presença de 106 itens (devido à presença de formas variantes, agrupamos os itens em 75 entradas lexicais) relacionados aos falares africanos na região, apresentados no quadro adiante.

Contrariamente à situação observada em Milho Verde, na comunidade do Espinho registramos os itens lexicais com duas irmãs, D. Ana e D. Luíza, contadoras de contos e casos da região. D. Luíza nos informou que as mulheres da comunidade também participavam do garimpo. O léxico coletado foi suscitado a partir do vocabulário de Machado Filho e está quase que totalmente em desuso (à exceção de alguns itens: *arenga* 'fofoca'; *brocotó* 'caminho ruim'; *calunga* 'raiz medicinal'; *candonga* 'fofoca'; *cariapemba*, *pemba* 'diabo'; *catita* 'tipo de mingau'). No total, coletamos 33 itens (agrupados em 30 entradas lexicais na tabela adiante).

Conforme explicado em nossa introdução, o objetivo inicial desta pesquisa era verificar a presença/ausência de itens lexicais relacionados à língua 'mina' registrada no século XVIII na região de Ouro Preto. Após análise não constatamos relação alguma entre os falares africanos da região diamantina e a língua descrita por Antônio da Costa Peixoto. Pelo contrário, encontramos um item na língua de mina que possivelmente seja uma composição desta com um item de línguas bantas, *avódumzambe* 'Domingo', no qual podemos identificar *zambe* $\cong$ *nzambi* 'Deus' no quimbundo/quicongo.

No entanto, verifica-se a relação destes falares com demais 'línguas africanas' em outras comunidades afrodescendentes do Brasil. Elaboramos, portanto, um quadro do léxico de falares africanos coletados na região (quadro 1),

no qual os comparamos entre si e aos demais falares similares registrados no Brasil.

Nosso quadro é uma variação do trabalho realizado por Oliveira (2006), no qual a autora reúne o vocabulário de sete comunidades falantes de remanescentes de línguas africanas em Minas Gerais. Não incluímos, entretanto, os dados apresentados por Vogt & Fry (1996, pp. 285-341) coletados com o Sr. José Costa de Mogi das Cruzes (SP), nem os de D. Ondina de Alfenas (MG), que apesar de mencionarem itens lexicais relevantes, não se encontravam inseridos em uma comunidade de falares africanos. Optamos por acrescentar ao trabalho da autora (OLIVEIRA, 2006) os dados lexicais de Vogt & Fry (1996) da comunidade do Cafundó em Salto do Pirapora (SP) e os dados apresentados por Castro (2001) de falares africanos na Bahia.

Figura 3: Mapa de comunidades afrodescendentes em Minas Gerais com a presença de falares afro-brasileiros. Fonte: OLIVEIRA (2006, p. 6)

Apresentamos, em seguida, uma breve descrição dos falares que serviram de comparação e das fontes utilizadas:

a) A língua do negro da costa, ou gíria da Tabatinga, falada por comunidade urbana remanescente de quilombo nas ruas da Tabatinga e Cruz do Monte, município de Bom Despacho (MG), pesquisada pela Profa. Sônia Queiroz da UFMG no início da

década de 1980. Utilizamos o glossário apresentado em seu livro *Pé preto no barro branco – A língua dos negros da Tabatinga* (1998, pp. 112-138).

b) A *falange* ou *cupópia*, língua do Cafundó, bairro rural no município de Salto do Pirapora (SP), pesquisada por Carlos Vogt e Peter Fry, então professores na UNICAMP (Universidade de Campinas), em pesquisa de dez anos de 1978-1988. Utilizamos o vocabulário apresentado em seu livro *Cafundó – A África no Brasil* (1996, pp. 285-341).

c) A *calunga* falada na região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, principalmente na cidade de Patrocínio, por uma população majoritariamente do sexo masculino, constituída de tropeiros, roceiros, mineradores e operários da construção civil (BYRD, 2005, p. 66). O léxico que nos serviu para a comparação encontra-se no trabalho de Gastão Batinga (1994, apud OLIVEIRA, 2006), Vogt & Fry (1996, pp. 285-341) e do falante Marlenísio Ferreira, *Kalunga – a língua secreta dos escravos*, (s/d).

d) Os falares africanos na Bahia descritos por Yeda Pessoa de Castro (2001). A autora divide os falares em cinco níveis de acordo com o maior ou menor grau de interação fonológica e morfossintática com o português. São estes: a língua de Santo (LS), circunscrito ao universo religioso e de expressão mais simbólica, porém já com interferência da língua portuguesa do Brasil; a linguagem do povo de santo (PS), utilizada em contexto intergrupal e determinada pela nação do grupo (candomblé angola, queto etc.); A linguagem popular da Bahia (LP), utilizada pelas populações de baixa renda de maioria negra e de religiões afro-brasileiras; o português regional da Bahia (BA); e, finalmente, o português do Brasil (PB), unidade formada pelo complexo de seus diversos falares regionais.

e) Vocabulário compilado por João Dornas Filho, em 1938 (apud OLIVEIRA, 2006), no povoado de Catumba, Itaúna (MG), chamado pelos falantes de '*quimbundo*', ou '*undaca de quimbundo*'.

f) *Vocabulário dos Tata n'Ganga Mukice da Irmandade de N.S. do Rosário do Bairro Jatobá, Belo Horizonte (MG)*, compilado por Eugênia Dias Gonçalves (1995 apud OLIVEIRA, 2006).

A opção por inserir falares africanos que se encontram além da fronteira mineira parte de uma aparente relação lexical entre os diferentes falares. Desta forma, o trabalho de comparação torna-se fundamental para o entendimento da preservação destas 'línguas' no Brasil, apontando não somente para questões linguísticas, mas também levando-nos a considerações sobre os contextos histórico-sociais em que estes falares sobreviveram.

Na organização dos falares africanos na região diamantina, escolhemos os itens apresentados por Machado Filho (1985) para a região de São João da Chapada e Quartel do Indaiá; para a região de Milho Verde, os dados do Projeto IPHAN/USP (2011) e de nossa pesquisa (indicados em caixa alta e negrito no quadro), somados a dados encontrados em Vogt & Fry (1996), Nascimento (2003) e Camp (2006, pp. 154-157), quando não verificados em nossos resultados; e, somente os dados de nossa pesquisa para a região do Espinho.

Reafirmamos aqui que os itens verificados na região diamantina foram reagrupados em entradas lexicais (por vezes, constituídas de um único item lexical), quando apresentavam forma e significado correspondentes. A título de exemplo, optamos por separar os itens *capungo* e *túria*, 'gente ruim' (MACHADO FILHO, 1985), visto que, apesar do significado em comum, estes apresentam muito provavelmente origens e relações distintas com seus étimos e com os demais falares africanos. Por outro lado, agrupamos os itens *aquenjê* e *aquenjê verome* por sua semelhança de forma e significado (*verome* teria sua origem no português 'ver homem', segundo Machado Filho [1985, p. 126]). Inserimos também na análise um item que não se encontra no vocabulário elaborado por Machado Filho (1985), mas em um exemplo de frase registrado na região (1985, p. 134), a saber, *cachupá*, com significado provável de 'fumar'.

A lista é organizada alfabeticamente, a partir dos dados de Machado Filho (1985). As entradas da coluna de Milho Verde e Espinho obedecem à mesma ordem quando não se relacionam com o item referente ao 'dialeto sanjoanense'. Alguns dos dados do 'dialeto crioulo no linguajar local', apresentado em capítulo separado por Machado Filho (1985), mantiveram-se ao final.

Apresentamos, desta forma, nosso quadro comparativo de falares africanos no Brasil.

Quadro 1- Comparação dos vocabulários de falares africanos no Brasil

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939-1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
<i>Acrepu.</i> Mão.			Ingalapo. Mão (Batinga) [?].					
	ACURO. Velho; homem velho; <i>Macuro</i> , <i>Nacuro</i> . Homem (Vogt & Fry).		Ocora. 1. Velho. 2. Homem velho. 3. Velho, genitor.	Jocorocoto. Velho [?]		Cacurucai (LS). Ancião, velho. Cf. Cacurucaia , cacurucaio . Kik./Kimb. <i>Kilulukaia</i> / Umb. <i>Okangulukai</i> .	Ococá. Velho.	
	<i>Aiêto.</i> Grande (Vogt & Fry).							
<i>Aiuca.</i> Muito (<i>Curima aiuca-aiuca</i> , <i>Omenhá aiuca-aiuca</i>).						Aiocá (auicá , arocá) a mãe-d'água nas expressões Mesa- , Princesa- ou Rainha-do-aiocá . Kimb. <i>Kialoka</i> / Yor. <i>Àyó'</i> a, a encantadora. [?]		
<i>Anduro</i> , <i>Ondara</i> . Fogo.	ANDARU (?); <i>Andurá</i> , <i>Anderu</i> . Fogo, fósforo, isqueiro (Camp,2006).		Undara , Undaro , Sundaro , Indaro . 1. Fogo; 2. Ouro.	Andaru. Fogo.	Indaro , Andaro (Vogt & Fry)	Undaro. Fogo. Kik. <i>Ndalu</i> .	Andaro , Undáro , Undarú .	Ondara. Fogo.
<i>Alume.</i> Homem.								
<i>Andambi.</i> Mulher.	ANDAMBE , INDAMBE . Mulher, palavra feia (prostituta [?])				Indame. Fogo, mulher; Indumba. mulher, moça (Vogt & Fry)	Indumba (PS). Moça; jovem prostituta. Kik./Kimb. <i>Ndumba</i> , moça; adultério, impudicícia.	Mandumba.	Olondombe. Pessoa direita.
	ANDAMBE OCAIO. Mulher da vida livre		Ocaia , Ocaio , Caio . Mulher.		Okay. Mulher (Ferreira; Batinga); Ocai , Ocaia , Ocaio . Mulher (Vogt & Fry).	Ocáia (PS). Concubina, amante. Kik./Kimb. <i>kiuaya</i> . Cacurucai (LS). Ancião, velho. Cf. Cacurucaia , cacurucaio . Kik./Kimb. <i>Kilulukaia</i> / Umb. <i>Okangulukai</i> .	Ocaia. Mulher.	Rancaia. Prostituta.
	<i>Andê.</i> Amigo (Nascimento).							
	<i>Andô.</i> Morte (Camp,2006).							

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939-1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
<i>Angana</i> . Senhor, Senhora.						<i>Angana</i> (PS). Patrão. Kik./Kimb. <i>(a)ngana</i>		<i>Angana-mussambê</i> . Senhora do Rosário; Manganá, Ongana . Senhora.
<i>Angana-Nzambi</i> . Deus. (<i>Gananzambi</i> , <i>Nganazambi</i> , <i>Angana-Nzambi-Opungo</i> , <i>Zambiopungo</i> , <i>Anzambe</i> , <i>Anzambi</i> , <i>Anzambê</i> , <i>Anganaiovê</i> , <i>Gananzambe</i>)	GANANZAMBI, INGANANZAMBI . Deus. Inganazambe. Deus (Nascimento).		Granjão, Garanjão, Garanjame . 1. Deus. 2. Padre.	Ingananzambe . deus, santo; Jambi . Santo.	Ganazambi . Padre (Vogt & Fry).	Zambi (PS), Zambiapungo (PS), Zambiampungo (PS), Zambiapombo (PS), Zambiapongo (PS), Zambiapunga (PS), Zambiupongo (PS), Zamiapombo (PS), Zamunipongo (PS), Zamuripongo (PS), Gangazambi (LS), Ganganzambi (LS), Angananzamabi (LS), Angananzambi-Opungo (LS). Kik./Kimb. <i>Ngana Nzambi</i> , Senhor Deus. Kimb. <i>Ngana Nzambi Mpungu</i> .	Candiambi . Deus	Zâmbi, Zambiapungo . Deus criador
<i>Angana-langue</i> . Patrão (Meu Senhor).								Vianguê . Meu.
<i>Anguê</i> . Onça.			Mingüê . 1. Gato. 2. Onça.		Nigueié . Gato. Nigueié de sengo . Onça (Ferreira); Nigucié . Gato (Batinga)			Anguncê-cuatá, Ongucê-cuatá . Onça.
	<i>Anguira</i> . Ouro (Camp, 2006).							
	<i>Apumbo</i> . Milho (Nascimento); <i>Opungo</i> , <i>iupungo</i> (alimento), <i>ofumbu</i> . Fubá, angu (Camp, 2006).		Pungue, Bugue, Bugre, Burre . Milho.	Pungo . Milho.	Pongue . Milho (Batinga); Pongue, Tipongue . Milho (Ferreira).			
<i>Aquenjê</i> . Menino; <i>Aquenjê Verome</i> . Rapazinho.								

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939- 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
Araposse-Arapossí, Possi. Descanso, repouso.			Arapôssi. Sentar.					
Arengá. Tarefa.		Arenga. Fofoca; Arengueiro. Fofoqueiro				Lengalenga (BR). Conversa fiada, enganosa. Kik./Kimb. Lenga-lenga < "ku- lenga", enganar alguém.	Arengar. Conversar fiado, resmungado; Arengueiro. Fuxica- dor; Lenga-lenga. Conversa fiada.	
Arirê. Contar (v.); s. Canto.			Curirar. Chorar	Orirar. Cantar (Ferreira).	Arirê (LS). Canto, cantar Yor. <i>Orire</i> ; Arerê (LP). barulho, confusão, diverti- mento. Yor. <i>Aré(a)rê</i> ; Uadilá (LS). Choro, chorar. Kik./Kimb. <i>(ku)dila</i> .			
Atanhara. adj. Alto.	Otaiá, Otainha. Dia (Vogt & Fry).		Otanha. Preguiça (Batinga).			Atanhára, Tanhara. Sol; Utanha, Otanha. Dia.		
Atundá. adv. Alto.		Tundá. Roupa velha	Tunda. Nádegas; Tunda-cundá. Correr depressa.					
Baieta. Capa de chuva (Nascimento)								
BANGUÊ. Rede para levar defunto.					Bangüê (BR). Padiola feita de cipós entrela- çados, que era usada para transportar cadáveres de escra- vos; espécie de liteira usada no campo, para transportar crianças, enfermos e mortos. Kik. <i>banga</i> > <i>bangi</i> , padiola de cipós entrelaçados.			
Barundo. Senhor, patrão.								
Cachupá. Fumar [?]	Cuxipá. Fumar	Cuxipa, Cuxipo. 1. Órgão sexual femi- nino. 2. Nádegas [?]	Cusita. Urina; Cusitar. Urinar [?].			Xiba(r) (LS). Fumar. Kik./Kimb. <i>šiba</i> .	Cuchipa. Cigarro.	

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939- 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
	CACUNDA. Costas.				Kacunda. Costas (Ferreira); (Batinga).	Cacunda (BR). Costas, dorso; corcova, giba. Var. cadicunda , car(i)cunda , corcunda . Kik./ Kimb. <i>Ka(di)kunda</i> .		
	CAIMINA, CAIUMINA. Moça, mocinha, mulher nova; <i>Kaimina</i> . Moça nova (Nascimento); <i>Caiumim</i> (Camp, 2006).		Ocaia, Ocaio, Caio. Mulher.		Okay. Mulher (Ferreira; Batinga); Ocai, Ocaia, Ocaio. Mulher (Vogt & Fry).	Ocaia (PS). Concubina, amante. Kik./Kimb. <i>kiuaya</i> .	Ocaia. Mulher.	
Calunga. Mar.	CALUNGA. Água; CALUNGO. Rio; <i>Carunga</i> . Rio (Vogt & Fry).	Calunga. Raiz medicinal			Kalunga, Calunga. Fala; língua (Ferreira); entidade africana (Batinga).	Calunga (LS). O mar; o fundo da terra, o abismo; divindade poderosa; seus símbolos. Kik./ Kimb./Umb. <i>Kalunga</i>	Calunga. Céu ou morte.	
	Kalungo. Rato (Nascimento).							
	CAMBA. Amigo.					Cambá (BR). (arcaico) designação dada aos negros brasileiros durante a guerra do Paraguai no século passado. Kik./Kimb. <i>Kamba</i> , companheiro, grupo, coisa posta em pares, enfiadas. Macamba (LP). Cama- rada, companheiro, freguês. Kik./Kimb. <i>makamba</i> .		Macamba. Amigo.
	CAMBAMBE. Feiticeiro, sabido.							
Cambambe. Veado.						Bambi (LS). Veado, gazela. Kik./Kimb. <i>Mbambi</i> /Umb. <i>Ombambi</i> .		

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939-1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
<i>Cambrocotó</i> . adj. Termo injurioso.		<i>Brocotó</i> . Caminho ruim				Borocotó; brocotó (LP). Terreno escabroso, com muitos altos e baixos, escavado ou obstruído de pedras; sulco irregular aberto por águas pluviais em ruas sem calçamento. Kik./Kimb. <i>mbulukutu</i>		Brocoió . Lugar distante
<i>Camuquengue</i> . Moleque.						Tata-camunquenje (PS). Pai-pequeno. Kik./Kimb. <i>Tata camungenji</i> .		
<i>Camundá</i> . Morro, monte.								
<i>Cananenecô</i> . Termo injurioso.				Camanaco . Menino [?].				
<i>Candamburo</i> . Galo.	<i>Quindomboro</i> . Galo (Vogt & Fry).		Candombora, Candombóia, Candambóia, Canambóia, Condoimbóia . Galinha		Kadiaboro . Galo (Ferreira); Kandiaboro (Vogt & Fry).	Caramboro, Candomboro, Caramoro, Carangoro (LS). Galo. Kik./Kimb./Umb. <i>kolombolo</i> .	Camdombô . Galo.	
	<i>Candango</i> . Feijão (Vogt & Fry).							
<i>Candimba</i> . Coelho.	CANDIMBA, COANDIMBA . Coelho.					Candimba (LP). Coelho-do-mato. Kimb. <i>Kandimba</i> .	Candimba .	
<i>Candonga</i> . Arenga, intriga.		<i>Candonga</i> . Intriga				Candonga (LP). Fuxico; falsidade, manha, lisonja enganosa. Kik. <i>Kandonga</i> /Kimb. <i>Kandonge</i> .		
	CANENGUE, CANDENGUE . Menino, criança.							
<i>Cangúia</i> . Termo injurioso ou cabalístico.								

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939-1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
<i>Canguro, Onguro.</i> Porco.	<i>Anguru.</i> Porco (Nascimento; Vogt & Fry); <i>Canguro, Kanguru, Cangúru.</i> Polícia, soldado (Camp, 2006).		Cangura, canguro. Porco.	Canguro. Porco.	Kangulo, Kanguro, Kangô (Batinga).	Cangulo, Canguro (LS). Porco, toucinho. Kik./Kimb. <i>(ka)ngulu.</i>	Canguro, cangulo. Porco, leitão.	Ongulo, Cangulo. Porco; Otatariangue-cangulo. Soldado.
	CANJÁ. Reco-reco de bambu usado pelo grupo dos catopés na festa de Nossa Senhora do Rosário.			Ganza. Reco-reco.	Ganjá. Reco-reco (Vogt & Fry).	Canzá (BR). 2. idiofone feito de cortes transversais em taquara de bambu no qual são feitos regos transversais por onde se esfrega uma vareta para ressoar. Kik. <i>Nsanza, nkwanza</i> / Kimb. <i>dikanza</i> . Ganzá (BR). Chocalho de bambu. Kik. <i>Nkwanza</i> / Kimb. <i>dikanza</i> .		Canzá. Certo instrumento musical.
	CANJIRA, CANJIRAUÊ. Passarinho.							Orogira. Passarinho.
<i>Canjira-Canjerê.</i> Dança; Canjerê. Dança.		<i>Canjira-Canjerê.</i> Dança				Canjerê (BR). Sessão de feitiçaria; feitiço. Var. canjira, canjirê. Kik./Kimb. <i>Kanjila > kanjile.</i>		Jerê. Certa dança.
<i>Canjonjo.</i> Beija-Flor.								
<i>Capungo.</i> Gente ruim.						Capanga (BR). s.m. guarda-costas, jagunço. Kik./Kimb. <i>Kimpunga/kimbangala</i>		
<i>Caqui.</i> Valente, ou feiticeiro mestre.								
	<i>Carango, Carenga.</i> Mulher; Mulher velha (Vogt & Fry).				Korombo, Karambo maior. Chefe; Korongo, Karango. Patrão (Batinga).			
<i>Carimbamba.</i> Coruja.						Carimbamba (LS). 1. Coruja. Kik. <i>Kannganga</i> , corvo pequeno		

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939- 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
	CARINJINJIM, CARUNJINJIM, CARUNJINJINHA, CARUNJIIIA, CARINJII. Um dos daçantes dos catopés que leva o antídoto; <i>Karinjinjin</i> . Pessoa responsável para administrar os meninos que não sabemdançarno catopé; sua função é educar os meninos (Nascimento).							
<i>Carumbi</i> . Sertanejo.								
	<i>Carungar</i> . Casar (Vogt & Fry); <i>Cusucanar</i> . Casar (Vogt & Fry); <i>Cassú-caná</i> (Camp, 2006).	Cassucara, Cassucaro. Casamento; Cassucará. Casar.			Sucanar. Casar (Vogt & Fry); Sucanado. Casado.			
<i>Catiça</i> . Ajudar (v.) <i>Angananzambi iô catiça</i> (Deus lhe ajude).	GANANZAMBE QUE TE AQUATIÇA (TIAQUATIÇA). Deus te ajude.					Catiçá (LS). v. oferecer em sacrifício, encan- tar. Kik. Kutiisa / Kimb. <i>Kukwatisa</i> . Zambinaquatessala (LS). Saudação em resposta a <i>inzambi</i> . Kik. <i>Nzambi na kuatisala</i> , que Zambi lhe faça o bem, que lhe abençõe.		
	CATIMBAR. Causar confusão.					Catimba(r) (LP). Usar de catimba. Kik. <i>Kutima/ Kimb.</i> <i>Kushimba</i> ; Catimba (LP). Manha, astúcia, engodo. Kik. <i>Nkwatima/ Kimb.</i> <i>Kashimba</i> .		

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939-1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
<i>Catita</i> . Pequeno (<i>Combaro catita</i> , lugar pequeno; <i>Combaro uonene</i> , cidade).	CATITO, EUCATITO. Pouco, Pequeno.	<i>Catita</i> . Tipo de mingau	Catito, acatito. 1. pequeno; 2. pouco.			Catito (LP). Ratinho caseiro. Kik. <i>Katutu</i> ; Catita (BR). Uma dança dramática folclórica. Kik./Kimb. <i>Ma-/katita</i>	Catito . Pequeno, baixo, pouco.	
<i>Caveia</i> . interj. O que é lá?								
<i>Caxicovera</i> . Doença.	<i>Kaxicobeira</i> . Doença (Nascimento).		Covera, corvera. Doença		Uacasi . Estar aqui (Vogt & Fry).		Cuvéra . Dor	
	CAXINGANGUELÊ, CAXINGUINGUELÊ. Defunto.					Caxinguelê (LP). Indivíduo magro, feio e de pequena estatura; mau caráter. Kik. <i>(ka)nsengele / yengele. [?]</i>		
<i>Combaro</i> . Lugar habitado.	CUMBARA. Cidade; CUMBARI-NÊNE. Comércio, cidade; <i>Cumbaraiêto</i> . Cidade grande (Vogt & Fry); <i>Kumbara</i> . Cidade (Nascimento).	<i>Cumbara</i> . Comércio, cidade	Cumbara, Incumbara. Cidade	Ambara. Cidade.	Kumbaca, Kumbara, Kumbara maior, Kunebara, Kimbó. Cidade (Ferreira); Cumbe. Cidade, povoadado (Vogt & Fry).	Cumbara (LS). Cidade Kik. <i>Kumbanda</i>	Cumbara. Cidade, lugar habitado.	
<i>Comboêro</i> . Grotá.		<i>Comboêro</i> . Cambão						
<i>Congá</i> . Garrafa.						Congá (LP). Cesta ou caixa para guardar roupa e outros objetos. Cf. cangá, gongá. Kik./Kimb. <i>Nkongá / Umb. Ukonga.</i>		
<i>Congembo</i> . Morrer (v.); Morte.			Conjema. 1. Morte; 2. Cemitério; 3. Terra.	Conjenga. Morte (na expressão <i>cuendar pra conjenga carunga</i>).	Congembro. Defunto (Batinga); Congembra, Congendro. Morto (Ferreira).			
<i>Copequera</i> . Dormir (v.).			Tipequerá. Dormir; Tipeqüera, Tipequera, Tipequé, Tipequero, Tipequé. Cama.	Copequerar. Dormir			Cachico cupequéra, Chapaquerá measso. Dormir.	Requerar. Dormir.
<i>Corofeca</i> . Ruim.							Oféca. Terra.	

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939-1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
<i>Covicanda</i> . Escrever, Conversar (v.).				Vicanda . Pena de escrever (Kimb. Dikanda, "passo", "pegada"); Mucanda . Escrita.				
<i>Cuata</i> . Pegar v. (Orossimba ô cuatá ô mpucó - O gato pega o rato).						Quatá (LS). 1. Pegar, tomar, dar. Kik./Kimb./Umb. <i>Kuata</i> .	Cucata . Doença	
<i>Cuendê</i> . Entrar (v.).	QÜENDA . Reunião, reunido; <i>Uendar</i> . Andar (Vogt & Fry).		Cuendar . Andar.	Koendar, Kuendar (Batinga).	Quendá (LS). Andar, partir, viajar. Var. cuenda, puendá . Kik./Kimb. <i>Kwenda</i> .	Oronguenda . Passeio.	Ocuenda . Entrar; Uenda . Andar, entrar; Ocucuenda . Enganar.	
	CUMBUMBE SABUQUIRENE . Mulher grávida.							Samburequê . Lamentar.
	CURIÁ . Comer; <i>Curiar</i> . Beber (Vogt & Fry).		Curiá . 1. Comer; 2; Copular; Cureio, Cureia, Curei . Comida	Variar . Comer.	Curiá . Comida; Curiar . Comer. (Vogt & Fry); Kuriar, Kuriatar . Almoçar, comer (Ferreira).	Cudiá (LS). Comer. Var. cudiá, cuniá, curiá . Kik./Kimb. <i>Kudyá</i> .	Curiá . Comer.	
<i>Curiacuca</i> . Cozinheiro.	<i>Nacuruacucua</i> . Homem velho (Vogt & Fry).					Curiacuca (LS). Cozinheira, a encarregada da comida ritual. Kik./Kimb. <i>Kudiakuka</i>		
<i>Curiandamba</i> . Velho.								
<i>Curima</i> . Serviço.			Curimba, Curimbo, Curima, Curimo . 1. Trabalho, ato de trabalhar. 2. Local de trabalho. 3. Produto do trabalho. 4. Terra. 5. Pedra; Curimbá, Curimá . Trabalhar.	Curimar . Trabalhar.	Kurima . Trabalho (Batinga).	Curimá (LS). Trabalhar. Kik. <i>Kutima</i> /Kimb. <i>Kudima</i> /Umb. <i>Okulima</i>	Curima . Trabalho	
	<i>Duque</i> . Tambor (Vogt & Fry).			Duque. Inseto [?]				
	<i>Exoa</i> . Bobo (Vogt & Fry).							

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939-1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
	FUNDANGA DE CAPECERE. Peido fedido			Cundanga. Espingarda.		Funganga (LS). Pólvora. Var. Fundanga. Kik. <i>Funda nganga/</i> Kimb. <i>Fundanga.</i>		Ocuperecê. Assoprar.
	GAJEIRO. Dançante do Catopés							
	GUNGA, CUMBA. Sino; GONGO TEIA. Sino; <i>Gongo.</i> Sino (Nascimento).					Ingunga (LS). Sino, sineta usada para fins ritualísticos. Kik./Kimb./Umb. <i>(o)ngunga.</i>		
<i>Imbanda.</i> 1. Feitor. 2. Sacerdote, feiticeiro. 3. Também se refere ao chefe de uma prática litúrgica, a Cabula, da qual existiam adeptos em São João da Chapada.						Quimbanda (PS). Curandeiro, vidente, ocultista, sacerdote de macumba; (pejorativo) feitiço, feiticeiro. Var. embanda, imbanda, quiambo, umbanda. Kik /Kimb. <i>Kimbanda / Umb. (ovi)mbanda.</i>		Quimbanda. Sacerdote que conhece magias boas e más.; Undamba.
	<i>Ingoma casaca.</i> Revólver (Nascimento); <i>Engomacasaqui</i> (Camp, 2006).							
<i>Injara.</i> Fome.			Injara Mitomo. Barriga [?].	Anjara. Desejo, vontade, fome.		Inzala (LS). Fome. Kik./Kimb./Umb. <i>(o)nzala.</i> Var. Injara.		Onjala, Nixala. Fome.
<i>Itaco.</i> Assento, anus.				Mataco. Vagina.	Mataco. Nádegas (Ferreira).	Mataco (LP). Nádegas, traseiro. Kik./Kimb. <i>Mataku.</i>		Taco. Bunda, mulher bonita.; Mataco, Otaco. Bunda.
	JACUBA. Farinha de mandioca com garapa ou café							Jacuba. Água com farinha de mandioca e rapadura.

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939-1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
<i>Jambá</i> . Ouro.	JAMBÁ . Diamante; Ouro				Injimbe . Dinheiro (Vogt & Fry).	Jimbo (LP). Búzios da costa, dinheiro. Var. jimbra, zimbo . Kik./Kimb. <i>Nji(nzi)mbu</i> / Umb. <i>Onjimbu</i> . Quizamba (LS). Elefante. Kik./Kimb. <i>(ki)nzamba</i> .	Ongamba, N’jamba . Elefante.	Jamba . Cada uma das duas partes de uma porta. Jambá . Diamante. Jambô . Ouro. Jambu, Dumbo . Elefante. Jimbo . Dinheiro.
	CAXAMBÁ . Diamante; CAXAMBÁ DE OMENHA . Diamante; <i>Kachambi, Kaichama</i> (Camp, 2006).							
<i>Jambi</i> . Capim.								Jambi . Machado.
<i>Jombô</i> . Lama Preta.								
<i>Lamba</i> . Desgraça.	LAMBA . Trabalho pesado				Malamba . Desgraça (Ferreira).	Lamba . 2. (LP) (p. ext.) trabalho pesado, penoso, feito à força.		Lamba, Lemba . Desgraça, tragédia.
<i>Macuco</i> . Mulher feia e velha.	MACUCA (O) . Mulher (homem) feia (o) e velha (o)					Cuca (BR). Negra velha, coroca, bruxa, bicho-papão. Var. acuca (LS), macuca, mumuca . Kik./Kimb. <i>(ma/mu)kuka</i> , pessoa muito velha.		Macuco . Velho, idoso.
	MACUMBA EMBAUA, MACUNDENBAIA . Espingarda; Cachorro [?]; <i>Macundenbaia</i> . Espingarda.			Cundanga . Espingarda [?]				
	MAENGUE . Queijo; Maiengue. Queijo (Nascimento).			Maiembe . Remédio [?].				
	<i>Maêni</i> . Vaca leiteira [?] (Camp, 2006).							
<i>Manguanguera</i> adj. Sem gordura (<i>Pipoquê Manguanguera</i> - Feijão sem gordura; <i>Ochito Manguanguera</i>).								Manganguera, Maganguera . Sem gordura. Carne magra; Manguera . Gordura.

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939-1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
<i>Manjangue</i> . Irmão.			Imbanje, Imbanguê . Irmão.		Camanje . O Outro (Vogt & Fry) [?].			Manganjê . Irmão, amigo.
<i>Maravir</i> . Terra.								Maravi . Planeta terra.
	<i>Marauangue, Marruangue</i> . Criança, menino (Vogt & Fry).							
	MASSANGUE, ASSANGUE . Arroz; Angu; <i>Massango, Massangro, Massámbi, Marsame, Marsámbi</i> (Camp, 2006).		Assangue, Assango, Assengue, Imassango, Missangue . Arroz.	Massango . Arroz.	Massongo, Massuango . Arroz (Vogt & Fry); Musango, Mussunango, Massango (Batinga); Massango, Mussango . Arroz (Ferreira).	Maçango (LS). Milho. Var. Moçambo . Kik./Kimb. <i>Masangu</i> .	Massango .	Massango .
<i>Matombô</i> . Mandioca.	<i>Matombo</i> . Cabeça (Vogt & Fry); <i>Mutombo, Mutongo</i> . Mandioca (Vogt & Fry); <i>Moutombou, Matombô</i> (Camp, 2006).	<i>Matombô</i> . Mandioca	Matambu, Matambô, Matambo . Mandioca.	Mutombo . Mandioca	Matembó (Ferreira); Matambó (Batinga); Mutongo, Mutombo . Mandioca (Vogt & Fry).	Matombo (LP). Buraco, leirão, cova onde se planta a es-taca da mandioca. Var. matumbo . Kik./Kimb./Umb. <i>Matumbu</i> .	Mutambo, Mutambô .	Matambô . Farinha de mandioca.
	MAVU . Cemitério; <i>Marru, Mavu</i> . Terra (Vogt & Fry).							
<i>Mbambe</i> . Frio.	BAMBI . Frio		Bambi . Frio.	Mambi . Agulha, faca, frio.	Bambi, Dambi, Kambi (Batinga).	Bambi (LS). 2. Frio. Kik./Kimb./Umb. <i>(o)mbambi</i> .	Bambi . Frio.	Bambi . Frio.
<i>Mbanga</i> . Membro Viril.								
<i>Mbembo</i> . Feitor; Moço branco.						Imbembo (LS). Homem branco. Kik./Kimb. <i>(lu)mbengo</i> , vermelho claro, rosado.		
<i>Mbungururu</i> . Estrela.						Lumbuguro (LS). Estrela; nome de vunje . Kik. <i>Lubukulu</i> .		Bumunguru . Sem significado recolhido.
<i>Meprá</i> . Roça.							Apiá . Roça [?].	

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939-1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
<i>Mossoroca</i> . Chuva Grossa.	<i>Mossoroco</i> . Chuva grossa (Nascimento); <i>Mossoroca</i> (Camp ,2006).	<i>Mossoroca</i> . Sal		Muçuruca/muçuruco . Cabelo, bigode. [?]	Massaroca . Mandioca (Batinga).	Muçununga (BA). Terra arenosa, de barro vermelho, úmida e fofa. Kik./Kimb. <i>(mu)swenga</i> > <i>musunenga</i>		Mossoroca . Lama após chuva. Massaroca , mossoroca . Misturada, lameiro, certo mosquito.
	MUCAIANGUE . Arma de fogo		Moco, Moque, Muque, Muco . 1. Qualquer ferramenta ou instrumento de trabalho: enxada, enchadeco, foice etc. 2. Qualquer arma: revólver, espingarda, faca etc.	Mocoange . Faca.	Mocó . Braço, mão (Vogt & Fry); Mokó . Arma, arma branca (Ferreira).	Maco (LS). Braço, mão. Kik. <i>Moko</i> / Kimb. <i>Maku</i> .	Mocó . Faca.	Omôco . Faca.
	MUCUETU . Silêncio							
	MUGUANGO, CONGO TEIA . Tatu		Teia . Tatu.					
	<i>Munha</i> . Trigo; <i>Munha de mutombo</i> . Farinha de mandioca (Vogt & Fry).							
	NANGUÊ . Você							
<i>Ndimba</i> . Cantador.								
<i>Nganga, Uganga</i> . Padre; <i>Oronganga</i> . Soldado.	<i>Inganga, Góngu, Inganga</i> . Padre (Camp,2006).		Inganga . Padre.		Ganga . Soldado (Batinga); Gonga . Polícia (Ferreira).	Ganga (LS). Chefe; ocultista, vidente, sacerdote. Kik./Kimb. <i>Nganga</i> /Umb. <i>Oganga</i> ; Uganga . Deus. Kik./Kimb./Umb. <i>(o)nganga</i> .	Unganga . Sacerdote, padre, feiticeiro.	
<i>Ngombe, Ongombe, Orongombe</i> . Boi.	ONGOMBE . Boi		Gombê . 1. Boi. 2. Vaca. 3. Gado.	Ingombe . Boi, vaca.	Ingome . Boi. Vaca. (Batinga; Ferreira); Nhingomo . Boi (Vogt & Fry).	Ingombe (LS). Boi, gado. Var. quingombe . Kik/Kimb./Umb. <i>(o)ngombe</i> .	Orongome, orongombe . Boi.	Ongombe . Boi; tambor grande; Ongombiá . Vaca.
<i>Nguenda</i> . Pressa; pequena fuga.	QÜENDA . Reunião, reunido; <i>Uendar</i> . Andar (Vogt & Fry).			Cuendar . Andar.	Koendar, Kuendar (Batinga).	Quendá (LS). Andar, partir, viajar. Var. cuenda, puendá . Kik./Kimb. <i>Kwenda</i> .	Oronguenda . Passeio.	Ocuenda . Entrar; Uenda . Andar, entrar; Ocucuenda . Enganar.

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939-1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
<i>Nhorrã</i> . Cobra.	<i>Inharra</i> . Cobra (Vogt & Fry)					Quinioca (LP). Cobra, serpente; personagem de conto popular. Var. nioca . Cf. minhoca . Kik./Kimb. <i>(ki)nyoka</i>		
<i>Njequê</i> . Capanga (sacola).			Jequê; Injequê; Jiquê; Jiqui . 1. Buraco; 2. Barriga; 3. Boca.	Injequê . Saco, receptáculo.	Jequê . Bolso. Caixa. (Batinga); (Ferreira)	Indiequê (LS). Sacola usada a tiracolo. Kimb. <i>dinzeke</i> .	Indiequê . Capanga, saco pequeno.	
<i>Npuco</i> . Rato.					Puco . Rato (Ferreira).	Impuco (LS). Rato. Kik./Kimb. <i>mpuku</i> .	Camugo . Rato.	Puco . Rato.
<i>Obingá</i> . Chifre; <i>Ombingá</i> . Magro.						Binga (LP). Chifre; ponta de chifre de boi torneada, própria para guardar tabaco em pó ou pólvora para espingarda de caça; (p. ext.) corno, chifrudo, marido traído; homem sem importância; espécie de cascalho em forma de chifre; tipo de colibri. Kik. <i>mvimba</i> / Kimb. <i>mbinga</i> , chifre.		Binga . Pênis. Guarda-rapê de ponta de chifre. Binga-di-macáia . Isqueiro.
<i>Ocará</i> . Café.	<i>Okara</i> . Café (Nascimento).					Acará (LS). Fogo, carvão; tocar fogo, incendiar. Kik./Kimb./Umb. <i>(ma)kala</i> .		
<i>Ocaia</i> . Fumo.	MACANHA, MACAIO . Fumo de rolo; <i>Macaibo, okaia, okaio, makaio</i> (Camp, 2006).			Macaibo, macaibo . Erva, cigarro.		Macaia (BR). Folha de tabaco, fumo; fumo de má qualidade. Var. macaio, macanha. Maconha . Kik. <i>Madikaya</i> / Kimb. <i>Madikanya</i> / Umb. <i>Akaya</i> .	Macaia . Fumo.	Macaia . Fumo de rolo; Maconha . "Cannabis sativa".
<i>Ochito</i> . Carne.	OXITO . Porco; Carne. <i>Oxita</i> . Carne (Nascimento); <i>Osito</i> . Carne (Vogt & Fry).				Muxito . Matagal (Ferreira).	Xito (LS). Carne. Kik./Kimb./Umb. (o)šitu.		Xito, Oxito . Carne.

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939-1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
<i>Oenda</i> . Entrar (v.).	QÜENDA . Reunião, reunido; <i>Uendar</i> . Andar (Vogt & Fry).			Cuendar . Andar.	Koendar, Kuendar (Batinga).	Quendá (LS). Andar, partir, viajar. Var. cuenda, puendá . Kik./Kimb. <i>Kwenda</i> .	Oronguenda . Passeio.	Ocuenda . Entrar; Uenda . Andar, entrar; Ocucuenda . Enganar.
<i>Oique</i> . Rapadura.	UÍQUE . Rapadura; <i>Oêki, Uiki</i> (Camp, 2006).		Uíque, Uígue . 1. Açúcar; 2. Doce.	Uíque . Doce, açúcar.	Uísque . Açúcar; Uique . Doce; Uique de vinhango . Rapa-dura (Ferreira).	Uíque (LS). Mel, açúcar, doce. Kik./Kimb./Umb. <i>Wiki</i> .	Uique . Açúcar, doce, mel, rapadura.	Uíque . Açúcar, mel.
	<i>Ogira</i> . Fogo (Nascimento); <i>Onjira, Ungira, Ougira</i> (Camp, 2006).							
<i>Ombera</i> . Chuva.			Imbera . Chuva.		Umbera . Chuva (Ferreira). Água. Chuva. (Batinga)		Umbera . Chuva.	Ombera . Chuva.
<i>Ombiá</i> . Cigarro.		<i>Imbiá</i> . Cigarro	Imbiá . Cigarro.		Kimbim . Cigarro. Morto (Batinga).		Cambiá . Fumo, tabaco.	Ombia . Cigarro; Ombiá . Panela.
<i>Omboá</i> . Cachorro.	<i>Anguá</i> . Cachorro (Nascimento); <i>Ambuaianque</i> . Cachorro (Vogt & Fry); <i>Imbuá</i> (Vogt & Fry); <i>Amuá</i> (Camp, 2006).		Cambuá . Cachorro.	Arambuá . Cão; Arambecá . Cão.	Ambuá, Arambuá, Embuá . Cachorro (Batinga); Imbuá . Cão (Vogt & Fry).	Imbuá (LS). Cachorro. Kik./Kimb. <i>Mbwa</i> / Umb. <i>Ombwa</i> .	M'boá . Cachorro.	Ombuá . Cachorro.
<i>Omenhá, Menhá</i> . Água.	OMENHA, OMENHÁ, OMENGUE . Água; <i>Omengue</i> (Nascimento); <i>Nenha</i> (Camp, 2006).	<i>Omenha</i> . Fazer cocô	Omenha, Omém . 1. Água. 2. Chuva. 3. Urina. 4. Sangue.	Vava . Água.	Omenha . Água (Ferreira). Omeia, Omenha . Água (Batinga).	Menha (LS). Água, córrego. Kimb. <i>Menya</i> . Menga . (LS). Sangue. Kik. <i>Menga</i> .	Omenha . Água. Meiá . Rio, córrego.	Omenha, Menha . Água. Ovava . Água.
	OMENHA DE CAXAÍ, OMENGA DE CAXAÍ . Cachaça.							
	OMENHÁ DE VIANGUE . Cachaça; <i>Viang</i> (Camp, 2006).		Vianjê . Cana.		Omenha de vinhango . Cachaça (Ferreira); Viang , Vianguê . Cana, pinga (Vogt & Fry). Vinhango, Virango . Cana (Batinga).	Muengue (LS). Cana-de-açúcar. Kik./Kimb. <i>Mwengue</i> .	Vianguê . Cana.	Viang . Torresmo.
<i>Omerá</i> . Língua.	<i>Amera</i> . Rosto (Vogt & Fry).			Caméria . Cara, rosto, boca.			Oméra . Boca. Omerá . Comprar, obter, retirar.	Omera . Língua.

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939-1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
<i>Omindes</i> . Eu (pr.).			Omindes . Eu.					
<i>Omungá</i> . Sal.		<i>Omungá</i> . Sal	Mongo, Mungue, Mungo . Sal.	Mungo . Sal.	Munquê . Sal (Batinga); Mungo . Sal (Vogt & Fry).	Mungo (LS). Sal. Var. mongo . Kik./Kimb. <i>Mungu, mungwa</i> .	Mongo . Sal.	Omunga . Sal.
ONEFE . Vulva, órgão sexual feminino.								
<i>Ongá</i> . Alavanca.			Ongá . Alavanca.					
<i>Ongira</i> . Caminho, estrada.	ONGIRA, UNGIRA . Caminho; <i>Ojira</i> . Caminho (Camp, 2006).		Injira, Injiro . Caminho.			Unjira (LS). Estrada, caminho, rua; nome de Bambojira . Kik./Kimb./Umb. <i>(o)njila</i> , caminho.		Angira, Gira, Ongir, Ongira . Caminho.
	INJIRÁ, GIRÁ . Caminhar, ir embora	<i>Girá</i> . Andar	Injirá . Ir, andar, correr, sair, crescer etc.			Unjira (LS). Estrada, caminho, rua; nome de Bambojira . Kik./Kimb./Umb. <i>(o)njila</i> , caminho.		Angira, Gira, Ongir, Ongira . Caminho.
<i>Ongoró</i> . Cavalo; Égua (s.f.).	ONGORÓ . Cavalo; Porco [?].		Orongó, Orangó, Orongome, Arongó, Arangome, Aranguão . Cavalo; Ingora . Cavalgadura: Mula, cavalo, jumento etc.		Marangolo . Cavalo, burro (Ferreira); Angora . Cavalo. (Vogt & Fry); Marangó . Burro (Vogt& Fry).		N'goró . Cavalo.	Ogorô . Cavalo.
<i>Oninga</i> . Mau cheiro.	ONINGUE, ONINGA, ANENGUE . Mau cheiro		Oringa . Cheiro, ruim.					
<i>Onjequê</i> . Milho.			Angiquê, Onjaquê . Milho					
<i>Onjerê</i> . Cabelo.			Oranjê, Aranjê . 1. Cabelo. 2. Barba. 3. Bigode.				Orangê . Testa.	Angerê, Ongere, Olongere . Cabelo.
<i>Onjó</i> . Casa, Rancho.	ONJÓ . Casa, Igreja, Rancho, Venda, Cavalo [?]; <i>Enjo</i> . Casa (Vogt & Fry).		Conjolo, Conjor, Conjô, Canjolo . 1. Casa. 2. Gaiola.	Injó . Casa.	Injó, Sinjó . Casa (Batinga). Injó . Casa (Ferreira).	Unzó (LS), Injó (LS). Casa, Terre(i)ro. Kik./Kimb./Umb. <i>(o)nzo</i> .	Injó, Undió . Habitação, casa.	Onjó . Casa.
<i>Onjundo</i> . Marrão.								
<i>Onumuquacho</i> . Parceiro; colega de serviço.			Onumuquaxo . Companhia; Onunuquaxo . Parceiro, colega.					

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939-1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
<i>Oputá</i> . Angu.							Iputaviputa, Viputa. Angu.	Oputá . Angu.
<i>Oquepá</i> . Osso.					Vipeque . Osso (Vogt & Fry).			Oquepá . Osso.
<i>Orerá</i> . Toucinho.	<i>Orera de anguru</i> . Toucinho de porco (Nascimento). OXITO DE OLERÁ . Toucinho.		Orelo, Orela . Gordura.				Orelá . Toucinho.	Orela, orerá . Toucinho.
<i>Oringá</i> . Poeira.								
<i>Oronanga</i> . Roupa.	<i>Orunanga</i> . Roupa (Vogt & Fry); <i>Orununga de quinuimba</i> . Rede, roupa de defunto (Vogt & Fry).	<i>Urunanga</i> . Roupa	Urunanga, Urundanga, Arunanga, Arundanga . 1. Roupa.	Nanga . Folha, pele, fazenda, pena, roupa.	Nanga . Camisa; Roupa; Orinanga, Nanja, Onanja . Roupa; Urinanga, Urunanga . Calça. (Batinga).		Urunanga . Calça; Oronanga . Roupa.	Onanga, oronanga, ronanga . Roupa.
	<i>Oronángui</i> . Diamante (Camp, 2006).							
<i>Oronganje</i> . Cachaça.	<i>Oranganja</i> . Cachaça (Nascimento); <i>Rongonja, Orongonja</i> . Aguardente, cachaça (Vogt & Fry); <i>Uruganja, Orunganja</i> (Camp, 2006).			Orogongi . Ovo [?]; Anguara . Aguardente.		Ganja (LP). Vaidade, presunção. Kik./Kimb. <i>Ngan(z)já</i> [?].		Oruganja-di-uíque . Mel de abelhas.
<i>Orongoia</i> . Diamante.	<i>Orongóia</i> . Diamante (Camp, 2006).				Orongoia . Diamante (Ferreira). Orongóia . Pinguela feita de pau (Vogt & Fry).			Orongóia . Diante; Angóia . Balainho de taquara com sementes; instrumento musical do candomblé e do jongo.
	<i>Oronguipoia</i> . Lenha (Vogt & Fry).				Orongóia . Pinguela feita de pau (Vogt & Fry).			Orongóia . Diante; Angóia . Balainho de taquara com sementes; instrumento musical do candomblé e do jongo.
<i>Oroni</i> . Lenha.				Orofim, orofimba . Mato, lenha. [?]			Orofim . Lenha.	
<i>Oropungo</i> . Bateia.				Oropungo . Cabelo [?].		Pungo (LS). Chapéu, gorro. Kik. <i>Mpongu</i> .		

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939-1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
<i>Orossanje</i> . Galinha.	<i>Arasangue</i> . Galinha (Nascimento); <i>Orosanje</i> . Galinha (Vogt & Fry). <i>Ossangê, orossângui</i> (Camp,2006).			Sanje . Frango, ave.	Sanjo . Frango (Vogt & Fry; Batinga). Sanja, Senje (Batinga).		Ossangue . Ave.	Sanji . Galinha; Orossanji . Frango.
<i>Orossimba</i> . Gato.	<i>Calucimba, Kalussimba, Kanissimba</i> . Gato (Camp, 2006); <i>Carofimba</i> (Vogt & Fry).							Orossimba . Gato.
<i>Orovanga, Orovungo</i> . Baeta.								Oruvango . Tecido de algodão.
	<i>Orrori</i> . Peixe (Vogt & Fry).						Orossi, Uruxi . Peixe.	
<i>Orumbá</i> . Carumbé.								
<i>Ossemá</i> . Fubá.	ASSEMÁ, OSSEMÁ . Céu.				Semá . Cabelo (Vogt & Fry); Cemá . Barba, cabelo; Ocema . Enxada (Ferreira).		Ocemáucema, Ucema . Fubá.	Massena . Farinha.
<i>Ossenhê, senhê</i> . Lua.				Osenha . Rua. [?] Sora . Dente, lua.				Ossanhê . Lua.
<i>Otata</i> . Pai.	<i>Tata</i> . Pai (Vogt & Fry).		Tata, Otata . Genitor.	Tata . Pai.	Otaka, Otata (Batinga); Tatá . Mãe (Vogt & Fry); Okay otatá, okay tata . Mãe; Otatá, tatá . Pai (Ferreira).	Tata (PS) . Pai, tratamento respeitoso. Var. tatá . Kik./Kimb. <i>Taata</i> , pai, título honorífico.	Tatá . Pai.	Otata,Tata . Pai.
<i>Otatariangue</i> . Feitor, patrão de serviço.								Otatariangue . Feitor; Otatariangue-cangulo . Soldado.
<i>Otatariôve</i> . Insulto máximo (envolvendo o pai; Otata + Ovê, você).				Tataiova, Tataiove . Pai.	Papaiove . Pai (Vogt & Fry).			Ocudê-tatariovê . Insulto: "Filho sem pai".
<i>Otequê</i> . Dia.	<i>Oteque</i> . Noite, céu, abóbada celeste (Vogt & Fry).		Oteque, Conteque . Noite.	Téquì, Otéquì . Noite.	Oteke . Entardecer, tarde; Oteka . Preto, negro, escuro da noite (Ferreira).		Otecame, Otéque . Noite.	Oteque . Hoje; Quitéque . Manhã.
<i>Otiça</i> . Cativoiro.								

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939-1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
<i>Otombô</i> . Farinha de Mandioca.	<i>Otombo</i> . Farinha de Mandioca (Nascimento).							Otambô . Farinha de mandioca.
	OTUPÃ . Diabo	<i>Tupa</i> . Deus.		Turupã . Deus.				
<i>Ovê</i> . Você, o Senhor (<i>Ovê a ô vissepa cachupá ombiá</i> - Dá-me uma palha para eu fazer um cigarro).	<i>love</i> . Eu (Vogt & Fry); <i>Ouê</i> . O senhor, você (Vogt & Fry).				Mamaiove . Mãe (Lit. <i>tua mãe</i>); Papaiove . Pai (Vogt & Fry).			Ovê . Você; Iovê . Ele.
<i>Oviango</i> . Foice.			Vianjê . Cana.		Viango, Vienguê . Cana, pinga (Vogt & Fry). Vinhango, Virango . Cana (Batinga).			Ovango . Foice; Viango . Torresmo.
<i>Ovicaíá</i> . Piçarra.								
<i>Ovini</i> . Mãe.								Ovivi . Mãe.
	OVIPACO . Dinheiro, diamante na mão; <i>Vipaco</i> (Camp, 2006).			Vipaco, Vipaque . Dinheiro.	Vipaque, Zipaque . Dinheiro (Ferreira); Isipaco . Dinheiro (Batinga); Zipaque . Dinheiro (Vogt & Fry).			Ovipaca, Vipaco . Dinheiro.
<i>Pamba</i> . Valentão.						Bamba (BR). 2. Valentão, desordeiro. Kik./Kimb. <i>Mbangui</i> . 3. (BR) Autoridade em qualquer assunto; exímio, mestre. Var. bambambã . Kik./Kimb. <i>Kibamba</i> .		Bamba . Valente; Bambambã . Valentão; Surumbamba . Valentão.
	<i>Pangaranguenga</i> . Enterro (Vogt & Fry).							
<i>Parongo</i> . Carneiro.								Porango . Carneiro.
<i>Pipoquê</i> . Feijão	PIPOQUÊ, TIPÓQUE . Feijão, Milho. <i>Pipoque</i> . Feijão (Nascimento).	<i>Tipoquê</i> . Feijão	Tipoque, Tiproque, Tipoquê, Tipoquero . Feijão.	Chipoquê . Feijão.	Chipoquê . Feijão (Vogt & Fry); Tipoque (Batinga); (Ferreira).	Quipoquê (LS). Feijão. Kik. <i>Tipoke</i> /Kimb. <i>Kipoke, feijão</i> .	Tipoquê . Feijão.	Pipoque, Quipoquê . Feijão.

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939-1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
<i>Pupíá ondaca</i> . Falar na língua dos pretos.				Cupopiar . Falar; Cupópia . Voz, fala, verdade, a "língua africana".	Copíá . Entender (Batinga); Kupíá . Entender (Ferreira); Tupiandaca . Mentira.	Indaca . 1. (LS) boca, língua; maldição, intriga. Kimb./Kik./ Umb. <i>(o)ndaka</i> , língua, intriga, obscenidade. 2. discussão, bate-boca; intriga, mexe-rico, fuxico.	Popíá undaca . Falar a língua.	O cupupíá, pupíá . Falar; Pupíá-indaca . Conversar fiado, falar língua de negro; Undaca . Asneira. Língua de negro de senzala.
	QUEBIRRÃ . Pouco.							
	QUIBANO, QUIBANDO . Ir embora.					Quiban(d)o (LP). Peneira grossa, em forma de disco, para senga(r) o arroz, o café, etc. Kik. <i>Kibanda</i> / Kimb. <i>Kibandu</i> . ^[?]		
	QUIMBIMBA, QUIVIMBA . Morto, defunto; <i>Quinvimba</i> . Morto, defunto (Vogt & Fry).				Quimbimba . Defunto; Quimbimbar . Morrer (Vogt & Fry); Kimimbar . Morrer (Batinga); Kim bimbe , Kimbe . Cadáver (Ferreira).			Quivimba . Defunto.
<i>Quimboto</i> . Sapo.	XIMBOCO . Sapo; <i>Quimboto</i> . Sapo (Vogt & Fry).					Quimboto (LP). Sapo. Var. Quipongo . Kik. <i>(ki)bototo</i> .		Quimbôto . Sapo.
<i>Quimbundo</i> . Negro.				Vimbundo . Homem preto.	Munbundo . Preto; Vimbundo . Negro, preto (Vogt & Fry); Kimbunde . Homem; Vimbunado . Moreno; Imbundo . Preto (Ferreira); Vimbune . Preto (Batinga).		Quimbundo . Negro.	Quimbundo . Pessoa.
	<i>Quimpracaca</i> . Gato (Vogt & Fry).							
	QUIOUA, QUIÔA . Bobo.							

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939-1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
<i>Quipungo</i> . Chapéu.	QUIPUNGO . Chapéu; <i>Tipungá</i> , <i>Quipongo</i> , <i>Kipungu</i> . Chapéu (Camp, 2006).		Tipomo, Ticomo, Pongo . Chapéu.	Chicongo, Chipango . Chapéu.	Tipune, Tipungue . Chapéu (Vogt & Fry); Tipungo . Chapéu (Ferreira); Tiponque (Batinga).	Cabungo (LP). Chapéu ordinário, alusivo ao fato de que se carregava o cabungo na cabeça até o local de jogar os dejetos fora. Kik./Kimb. <i>Kibungu</i> , latrina; Pungo (LS). Chapéu, gorro. Kik. <i>Mpongu</i> .	Pungo, Tipungo . Chapéu.	
<i>Quissonde</i> . Formiga vermelha.								Quissenje . Formiga.
<i>Quissama</i> , <i>Quissamba</i> . Trouxa; Mochila.								
	QUIUÁ . Muito							Uaiá . Muito grande.
	<i>Ronjendo</i> . Vindo (Vogt & Fry).							
<i>Rubudu</i> . Moinho.						Ruduvu (LP). Barulho, briga, confusão. Var. vuvu . Kik./Kimb. <i>Luvovu/mufufu</i> .		
<i>Rio-rio</i> . Int. de silêncio.								Riu! Riu! Silêncio, Psiu.
	SARANGO SECO . Angu							
	SECURO . Homem.							
<i>Senguê</i> . Mato.		<i>Assenguê</i> . Banheiro.	Sengue, Sengo . Mato.	Sengue . Mato.	Sengo . Mato, floresta (Vogt & Fry); Sanjo, Senjó, Sengue (Batinga).		Ossenguê, Sengue . Mato.	Senguê . Mato.
	SURUITIÚ, SURUTIÚ . Tatu							Sureca, Suru . Sem rabo, cauda ou cabelo.
<i>Tiadiambe</i> . Dia Santo.								
<i>Tiapossoca</i> . Coisa Boa.							Tiapossóca, Quiapossóca . Adj. Bom.	Antipossoca . Coisa boa; Tiapossoca . Pessoa boa.
<i>Túria</i> . Gente ruim				Tuim . Soldado [?].			Tiapoá . (Gente) ruim [?].	
<i>Uandá</i> . Rede.	<i>Uanda</i> . Rede (Camp, 2006)							

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939-1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
<i>Uanga</i> . Feitiço.		<i>Muamba</i> . Feitiço	Muanga (LS). Veneno. Kik./Kimb. <i>(m)wanga</i> .					
<i>Uanga de sincorá</i> . Feitiço de mulata.								
	<i>Uarangara</i> . Morte (Vogt & Fry).							
<i>Ucuêto</i> , <i>Vacuêto</i> , <i>Acuêto</i> . Companheiro.	CUETO . Dançante (Companheiro; pessoa humana); <i>Naguete</i> . Homem; <i>Uacueto</i> , <i>Uagueto</i> . Ele, homem (Vogt & Fry).		Cuete . 1. Homem. 2. Pai. 3. Mulher. 4. Gente.			Acueto (LS). Camarada; saudação equivalente a "meus camaradas". Kik. <i>Akweto/ Kimb. Mu-kweto/ Umb. Ukweto. Macuero (LS). Nossos amigos, nossos irmãos, nossa família. Kik./Kimb. makweru, makuetu.</i>	Musueto . O outro; Ocuêto . Homem.	
<i>Ucumbi</i> . Sol.	CUMBI . Sol; <i>Cumbe</i> , <i>Ocumbe</i> , <i>Ucumbe</i> . Sol (Vogt & Fry).		Cumba , Pumba . Sol.	Cumbe . Sol.	Cumba . Hora, dia, sol; Gumbo . Dia, hoje (Vogt & Fry). Kumba , Kumbo . Ano (Batinga).			
	UMUNDA . Mundéu							
<i>Ungundo</i> . Pó; rolão.			Ungundo . Pó de fumo, rapé.					
<i>Urundungo</i> . Pimenta.						Urundungo (LS). Pimenta. Kik. <i>Lundungu / Umb. Olundungu.</i>	Urundungo . Pimenta.	
<i>Uneme</i> . Grande.						Inene (LS). Grande. Kik./Kimb./Umb. <i>Nene.</i>	Inene . Grande.	
<i>Vigongo</i> ; <i>Vicongo</i> . Torresmo.			Caviconve , Cavicome , Cavicongo , Cavicongue , Conviconve , Conficonfe . Pão. [?]	Biquanga , obiquanga . Pão, sabão, queijo, tijolo [?].				Viangó . Torresmo.

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939-1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
	VINÁ. Remédio levado pelo carunjinjim durante a festa do Rosário							
Vinganga. Arroz.			Caviconve, Cavicome, Cavicongo, Cavicongue, Conviconve, Conficonfe. Pão. [?]	Biquanga, obiquanga. Pão, sabão, queijo, tijolo [?].				
	Viquimbana. Caixa (Vogt & Fry); Viquimbanza, Riquimbanza. Caixa (Instrumento) (Camp, 2006).							
Vissepa. Palha.								
Vissungo. Cantigas.	VISSUNGO. Canto.		Vizunga. Baile.					
	XIBIU. Diamante					Xibiu (LP). Vulva, partes genitais da mulher; diamante pequenino. Var. tobiu . Kik. <i>Tšubilu</i> .		Xibiu. Vulva.
Bambazuô. Provocação de briga.						Bamba. 1. (LS) valentão, desordeiro. Kik./Kimb. <i>Mbanguí</i> . [?]. Bambá (LP). 2. Toda dança que termina em desordem. Kik./Kimb. <i>Mbanga</i> , confusão.		Babaçue. Certa dança. [?]. Bamba . Valente; Bambambã . Valentão; Bambaré . Barulho; Tarumbamba . Briga forte entre criminosos.

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939-1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
<i>Binga</i> . Isqueiro.	BINGA . Isqueiro.	<i>Binga</i> . Isqueiro				Binga (LP). Chifre; ponta de chifre de boi torneada, própria para guardar tabaco em pó ou pólvora para espingarda de caça; (p. ext.) corno, chifrudo, marido traído; homem sem importância; espécie de cascalho em forma de chifre; tipo de colibri. Kik. <i>mvimba</i> / Kimb. <i>mbinga</i> , chifre.		Binga . Pênis. Guarda-rapê de ponta de chifre. Binga-dimacáia . Isqueiro.
<i>Cacimba</i> . Poço de água potável de minas.		<i>Cacimba</i> . Poço de água potável de minas				Cacimba (BR). Poço de água potável; fonte, vasilha. Kimb./Kik. <i>Kisima, kisimbu</i> , vasilha.	Cacimbo . Estação das secas.	
<i>Calundu</i> . Aborrecimento.						Calundu (BR). Mau-humor, amuo. Kik. <i>Kilunda</i> /Kimb. <i>Kialundu</i> , o que recebe o espírito, de referência ao aspecto carrancudo do rosto e comportamento dos possuídos em transe pela divindade.		
<i>Cambungo</i> . Corruptela de carbúnculo.								
<i>Canjongo</i> . Osso.								
<i>Cariá, Cariapemba</i> . Diabo.	CARIAPEMBA . Diabo.	<i>Cariá, Cariapemba, Pemba</i> . Diabo		Caiapembe . Fantasma, alma, espírito.		Cariapemba (LS). O demônio, o cão, entidade maléfica. Var. Candiambe, Cariambe, Cariapembe. Kik./Kimb. <i>Nkadiampemba</i> , lit. o espírito maléfico dos cemitérios.		
<i>Caxaramba</i> . Cachaça.								

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939- 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
<i>Caxanga</i> . Achaque.			Caxanga (PS). Indisposição súbita. Kik. <i>Kizangu</i> /Kimb. <i>Kazungu</i> < <i>kuzanga</i> .					
<i>Coxito</i> . Pequeno (adj.); Porco pequeno (subt.).	CUXITO, CUNXITO . Porco	<i>Coxito</i> . Porco pequeno (subt.)						
<i>Gungunar</i> . Resmungar.	<i>Gungunar</i> . Resmungar.		Gunguna(r) (LP). V. resmungar, murmurar consigo mesmo. Kik. (<i>ku</i>) <i>nguna</i> / Kimb. <i>Kungonga</i> .					
<i>Malungo</i> . Da mesma idade; companheiro.	<i>Malungo</i> . Da mesma idade; companheiro		Malunga . Da mesma idade (Vogt & Fry); Malungo . Compa- nheiro, irmão (Fer- reira).			Malungo (LS). 1. companheiro, irmão de barco . Kik./Kimb. <i>Nkwanlungu</i> , irmão, companheiro da mesma canoa, embar- cação. 2. (LP) (arcai- co) o negro compa- nheiro da embarcação de África; (p. ext.) irmão-de-criação ou irmão-de-leite. Malumbo .		
<i>Marimbo</i> . Espécie de jogo de cartas.								
<i>Moçambique</i> . Cintas de vidro.								
<i>Morumbo</i> ; <i>Murundu</i> . Montículo; testículos.			Murundu (BR). Montículo de terra, amontoado de coisas. Kik./Kimb. (<i>Mu</i>) <i>lundu</i> , monte de barro ou feito por termitas, em forma de cone.					
<i>Muafa</i> . Safanão.			Muafa (LP). 1. bebe- deira, embriaguez. Kik./Kimb. <i>Mufwa</i> , estar cheio.					

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939-1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2001; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Tabatinga (Queiroz)	Cafundó (Vogt & Fry)	Calunga – Patrocínio (Batinga; Vogt & Fry; Ferreira)	Bahia (Castro)	Itaúna (Dornas)	Jatobá (Gonçalves)
<i>Quiba</i> . Trouxa; Monte de roupas.		<i>Quiba</i> . Trouxa; Monte de roupas				Quiba (LP). 1. Adj. forte, corpulento (falando-se de animais). Kik. <i>Koba</i> . 2. (vulgar) testículos. Kik. <i>Kibalanga/ kibata</i> .		Quiba . Pessoa corpulenta, monte de roupas.
<i>Samba</i> . Saquitel de pano que se põe à boca de bezerros para desmamá-los.						Samba (BA). 2. diz-se de uma peça de roupa ou de outro objeto de uso pessoal quando está ou fica folgado, dançando no corpo. [?]		
<i>Semba</i> . Dança dos Negros.						Samba (BR). Dança e música popular brasileira de compasso binário e acompanhamento sincopado; a música que acompanha essa dança. Kik./Kimb. <i>Samba/ semba. Semba (PS)</i> .		Samba . Certo ritmo, dança.
<i>Sanjuê</i> . Barulho; Briga.		<i>Sanjuê</i> . Dança						
<i>Sumbanga</i> . João-Ninguém.			Tibanga, Tibangara. 1. Bobo. 2. Triste.					
<i>Tatarnê</i> . Bicho de pé.								
<i>Xambá</i> . Espécie de pássaro.		<i>Xambá</i> . Peçaço						
<i>Vungo-Vungo, Zungo-Zungo</i> . Tipo de brinquedo.						Zungu . 1. (LP) barulho, confusão. Kik. <i>Zungu/Kimb. Nzangu</i> . [?]		Vôlo-vôlo . Certo brinquedo: pedaço de pau amarrado na ponta de corda, rodado com rapidez.

Percebe-se que, em nossa análise, reconsideramos alguns dos itens com entradas distintas em Oliveira (2006) como formas cognatas. Aponta-se o caso específico de *acrepu* ‘mão’ (MACHADO FILHO, 1985) e *ingalapo* ‘mão’ (BATINGA, apud OLIVEIRA, 2006), não correlacionados pela autora. Nossas sugestões de análise etimológica no próximo capítulo podem indicar uma variação possível.

Primeiramente, veremos os resultados comparativos entre o léxico da região diamantina e, em seguida, com as demais línguas. Os dados de Machado Filho são constituídos de 200 itens lexicais, agrupados em 173 entradas. Os dados de Milho Verde (considerando-se aqui não somente os itens verificados em nossa pesquisa) contabilizam 224 itens, agrupados em 125 entradas lexicais. Finalmente, a comunidade do Espinho apresenta 33 itens, agrupados em 30 entradas. Os itens encontram-se agrupados num total de 243 entradas lexicais para toda a região.

Ressaltamos que a maior variedade de itens lexicais verificada em Milho Verde é justificada pela quantidade de informantes encontrados que acabam também por deixar marcas idioletais. Observemos, por exemplo, o caso da entrada lexical *massangue*. Encontramos ali sete variedades: *massangue*, *assangue*, *massango*, *massangro*, *massámbi*, *marsame* e *marsámbi*. Entendemos que cada item possui uma história etimológica e a variação pode ter ocorrido por diversos motivos (influência do português brasileiro, influência de outras línguas africanas, ou mesmo dificuldades de fala do informante e/ou de registro pelo pesquisador). No próximo capítulo, sugerimos uma hipótese etimológica para esses termos.

Em comparação dos dados referentes às comunidades da região diamantina, fizemos a seguinte constatação: o léxico de São João da Chapada compartilha 54 itens/agrupamentos com o léxico encontrado em Milho Verde, além de outros três que se aproximam em forma, porém se diferenciam em significado; entre o léxico da comunidade do Espinho e o léxico sanjoanense, encontramos 18 itens/agrupamentos iguais, e outros nove com significado distinto; e, entre o léxico das regiões de Milho Verde e Espinho, observamos oito itens/agrupamentos de forma e significado iguais, e cinco com diferença semântica.

Mesmo diante da quantidade desigual de dados na região, parece-nos que houve ali um compartilhamento lexical. Entretanto, logo percebemos que os dados são insuficientes para afirmarmos a existência de um único falar africano para toda a região, cada qual apresentando características peculiares. Continuaremos a tratá-los como uma unidade constituída de elementos plurais, fazendo maiores considerações no próximo capítulo no qual os relacionamos às línguas africanas.

Em relação aos demais falares africanos no Brasil, encontramos formas cognatas nas seguintes proporções: 54 itens/agrupamentos na língua da Tabatinga; 57 na língua do Cafundó; 71 na língua calunga; 100 na Bahia (52, LS; 10 PS; 23, LP; 2, BA; 13, BR); 61 em Itaúna (Dornas); 110 na comunidade do Jatobá; e 69 sem correlação.

Nota-se um dado curioso: a comunidade do Espinho, que apresenta nove itens distintos do vocabulário sanjoanense, aproxima-se, no significado do item *arenga* ‘fofoca’, às formas cognatas em Castro (2001), *lengalenga* ‘conversa fiada; enganosa’, e da comunidade do Jatobá, *arengar* ‘conversar fiado’.

Percebemos, ainda, que a comunidade do Jatobá apresenta a maior quantidade de itens/agrupamentos lexicais em comum com a região diamantina. Esta comunidade, em Belo Horizonte (MG), é constituída por uma irmandade de Nossa Senhora do Rosário, parecendo reforçar o papel relevante das associações religiosas de negros na manutenção de léxico africano. Nota-se, igualmente, que o léxico encontra maior número de formas cognatas na língua de Santo, utilizada pelos candomblés angola na Bahia.

Essa comparação se mostra relevante para nossa investigação etimológica dos itens lexicais africanos da região diamantina. Poderemos, então, distinguir falares mais conservadores daqueles que apresentam maior variação dos dados de línguas africanas, além de falares que tenham preservado formas cognatas de outras línguas. Nossa análise somente aponta para a relação das línguas nas diferentes comunidades afro-brasileiras com os falares da região diamantina e, portanto, ignora o restante de seus itens lexicais. Sugerimos, desta forma, a construção futura de um banco de dados que compreenda todas as informações

lexicais de falares afro-brasileiros (item lexical, variações, datações, localidade, história da comunidade, entre outros) que certamente complementarão nosso conhecimento da história das línguas africanas que vieram com os negros escravizados para o Brasil.

Capítulo III - Línguas africanas na região diamantina

Andambi, ucumbi u atundá

Sequerendê,

Ucumbi a uariá..

Andambi, ucumbi u atundá!

Canto do meio-dia (MACHADO FILHO, 1985, p. 75)⁶

Neste capítulo, elaboramos uma investigação etimológica dos falares africanos da região diamantina em sua relação com línguas da África. Sabendo-se que a África é um continente de grandes proporções geográficas, plurilíngue e pluriétnico, a pergunta sobre quais línguas devem ser observadas em nossa análise não se responde facilmente.

Para responder esta questão, devemos investigar quais línguas africanas foram transplantadas juntamente com os negros escravizados para o Brasil. Em segundo lugar, apresentar os motivos de nossa escolha entre o conjunto dessas línguas, sendo necessário descrevê-las para que se acompanhe melhor o desenvolvimento de nosso trabalho. Somente então podemos sugerir hipóteses etimológicas para os itens analisados.

3.1 O tráfico e as línguas africanas no Brasil

Podemos considerar a presença de línguas africanas no Brasil, a partir de duas perspectivas: 1) a história e a rota do tráfico entre a África e o Brasil; 2) o registro histórico da presença de línguas africanas em terras brasileiras.

⁶ O fundamento é dado por Machado Filho: “O cantador avisa a mulher – ou cozinheira do serviço – de que o sol já está muito alto, é hora, pois, do almoço) (1985, p. 76).

Segundo afirma Mattoso (1979 apud BONVINI, 2008, pp. 26-27) consideram-se quatro ciclos do tráfico de escravos para o Brasil: (1) Século XVI, o ciclo da Guiné: principalmente de escravos sudaneses⁷ da África ao norte da linha do equador; (2) Século XVII, o ciclo do Congo e de Angola: negros da zona banta; (3) Século XVIII, o ciclo da costa de Mina: negros sudaneses, por sua maior experiência com mineração, além do ciclo baiano da baía do Benin; (4) Século XIX: Escravos de vários lugares, porém com predominância de Angola e Moçambique.

Bonvini (2008, p. 27), no entanto, afirma que a divisão em ciclos é somente válida em linhas gerais, visto que o início de um novo ciclo não acarreta necessariamente o fim do ciclo anterior. Além disso, o autor aponta a prática da metrópole portuguesa de misturar africanos de diferentes etnias de modo a impedir sua concentração em um mesmo lugar.

Dados fornecidos por Alencastro (2000, p. 69) indicam o número de mais de quatro milhões de africanos escravizados que desembarcaram no Brasil durante os 300 anos do tráfico⁸. Ver Tabela 1.

Tabela 1: Tráfico de africanos para o Brasil

Período	No.	Período	No.
1551-1575	10.000	1781-1790	181.200
1576-1600	40.000	1791-1800	233.600
1601-1625	150.000	1801-1810	241.300
1626-1650	50.000	1811-1820	327.700
1651-1675	185.000	1821-1830	431.400
1676-1700	175.000	1831-1840	334.300
1701-1720	292.700	1841-1850	378.400
1721-1740	312.400	1851-1860	6.400
1741-1760	354.500	1861-1870	-
1761-1780	325.900	Total	4.029.800

Fonte: ALENCASTRO, 2000, p. 69.

⁷ Torna-se necessário explicar o termo 'sudaneses' para não confundi-lo com os habitantes da área ocupada pela atual República do Sudão. O termo refere-se ao antigo Sudão Francês, na África Ocidental, atual República do Mali. Ainda assim, ressaltamos que a referência não é exclusiva aos africanos da região do atual país, mas a todos que foram trazidos da África Ocidental.

⁸ Castro (2011, p. 62) afirma serem os números ainda maiores, entre cinco e oito milhões.

Conforme informado em nosso primeiro capítulo, a descoberta de ouro e diamante nas primeiras décadas do século XVIII estimulou o tráfico de africanos escravizados durante quase todo o século. Nota-se que a diminuição dos números do tráfico nas duas últimas décadas, corresponde ao período de decadência da mineração. Entre 1701 e 1780 calcula-se que 1.285.500 africanos tenham desembarcado no Brasil, principalmente para o trabalho nas minas.

Quanto ao século XIX, Mattos (2006, p. 15) nos indica que a chegada da corte portuguesa em 1808 e a abertura dos portos brasileiros para o comércio com outras nações impulsionaram novamente a necessidade de mão-de-obra escrava. O fim do tráfico em 1850 aumentou o preço dos escravizados e estimulou fortemente o tráfico interno. No período entre 1801-1850, 1.713.100 africanos são trazidos para o Brasil, correspondendo a 42,5% do total do tráfico.

No entanto, mesmo diante de números tão assombrosos, encontram-se poucos documentos sobre línguas africanas no Brasil durante a época colonial. O primeiro registro é datado de 1697, com o título de *Arte da língua de Angola*, elaborado pelo padre jesuíta Pedro Dias. O documento foi escrito no Brasil e publicado em Lisboa, e trata-se da primeira gramática do quimbundo (língua do subgrupo banto, ramo benuê-congo, tronco nigero-congolês).

Bonvini (2008, p. 29) ressalta o papel de língua veicular que o quimbundo desenvolveu com o tráfico em Angola, principalmente a partir do século XVII, entre os *pombeiros* de Luanda, mercadores negros ou mestiços que circulavam pelo interior da região. Em meados do século, Caçanje e Matamba, até então dedicados à caça de escravos, tornaram-se estados comerciantes, intermediando o fluxo de escravizados vindos do império Lunda, além do rio Cuango, e Luanda.

Figura 4: Províncias atuais de Angola. Fonte: <http://www.angolaglobal.net/>

Mais adiante, no início do século XIX, o frei italiano Bernardo Maria de Cannecattim atesta a mesma realidade veicular do quimbundo, indicando línguas aparentadas em grande área ao redor de Angola:

(...) (os milúas, trazidos de Caçanje) aprendem a língua bunda com maior facilidade do que qualquer outra língua, de tal modo que chegando os escravos milúas⁹ a Loanda todos fallam a língua bunda, signal evidente da muita correlação que estas línguas têm entre si (CANNECATTIM, 1859, p. xv).

Curiosamente, quanto à língua benguela (ou umbundo, falado na região centro-sul de Angola), Cannecattim percebe a semelhança lexical entre ambas as línguas, porém afirma ser “esta (a língua de Angola) mui difícil de aprender aos indivíduos d’aquella nação” (Ibidem, p. xv).

O segundo registro indicado é o de uma língua veicular ‘mina’ falada na Vila de Ouro Preto, na primeira metade do século XVIII, detalhada no primeiro capítulo. Somente no século XIX, teremos mais dados a respeito das línguas africanas faladas no Brasil, atestando uma situação de plurilinguismo.

⁹ O historiador Robert Slenes (1992, p. 50) indica que os milúas eram provenientes do Império Lunda.

Adrien Balbi (1826, apud BONVINI 2008, p. 46) elabora um quadro comparativo de 26 palavras de três línguas africanas, cujos dados foram coletados pelo pintor alemão Maurice Rugendas em viagem pelo Brasil. Bonvini (2008, p. 47), ressalta que, apesar de Balbi denominar as línguas pelo nome dos povos que as falavam, sua “mini-experiência comparativa” lhe permitiu classificar três línguas africanas do grupo *banto*, alguns decênios antes dos grandes trabalhos comparativos de W. H. I. Bleek.

Ainda importante, *Os Africanos no Brasil*, de Nina Rodrigues, publicado postumamente no Brasil em 1932, é resultado de uma pesquisa desenvolvida nos terreiros de candomblé em Salvador (BA) nas últimas décadas do século XIX. Rodrigues elabora um quadro sinótico de 122 dados lexicais, pertencentes a cinco línguas da África Ocidental faladas na Bahia à sua época: *grunce* (gurúnsi), *jeje* (eve-fon), *haucá*, *canúri* e *tapa* (nupe) (BONVINI, 2008, p. 48). Seu trabalho se caracteriza por marcar fortemente uma polarização do tráfico: a forte presença de africanos sudaneses na Bahia; e o tráfico de africanos bantos para o restante do Brasil.

O impacto da publicação de Nina Rodrigues ocasionou uma supervalorização da presença iorubá/nagô no Brasil. Por um lado, devido ao próprio autor, e por outro, às pesquisas que seguiram ao seu trabalho. Lucilene Reginaldo (2005, pp. 165-166) e Castro (2009, p. 67) apontam o equívoco de Nina Rodrigues ao fazer afirmações referentes a todo o estado da Bahia, tendo como referência apenas a cidade de Salvador, além de ressaltar o desinteresse do médico pelos africanos da África Austral (zona banta). Castro (2001, p. 53) ainda afirma que a interpretação dos aportes africanos no Brasil através de uma óptica iorubá, deve-se também a um continuísmo metodológico da literatura especializada que concentrou seus estudos nos mesmos terreiros estudados por Rodrigues.

Podemos também sugerir que outra afirmação de Nina Rodrigues (2010 [1932], p. 162) de que, entre as línguas do grupo banto, “tenha predominado, no Brasil, o kimbundo ou língua de Angola, cuja estrutura fundamental se conserva a mesma desde o século XVII”, justifique o abuso de buscas etimológicas no quimbundo, constatado por Castro (2001, p. 56), na obra *O Negro Brasileiro e*

Outros Estudos de Jacques Raimundo (1936), e verificado também nos trabalhos de João Dornas Filho (1942) e Aires da Mata Machado Filho (1943 [1985]). Ressaltamos, também, possível influência da recém-descoberta relação linguística do grupo banto, além dos trabalhos publicados sobre o quimbundo no final do século XIX.

Desta forma, a consciência da vasta presença de línguas africanas, tanto da África sudanesa quanto da África banta nos levou a considerações sobre quais línguas deveríamos investigar em uma análise etimológica. A princípio, decidimos comparar os itens lexicais coletados com os testemunhos mais antigos de línguas africanas no Brasil. Primeiramente, buscamos por itens lexicais descritos na *Arte da língua de Angola* de Pedro Dias (1697) e, em seguida, na língua veicular de ‘mina’ descrita por Antônio da Costa Peixoto (1745).

Como já mencionamos, não encontramos itens que se relacionassem diretamente entre a língua de ‘mina’ e os falares da região diamantina. No entanto, nossa comparação com a obra de Pedro Dias, confirmou a constatação de Machado Filho (1985, p. 118) do “caráter banto” do ‘dialeto sanjoanense’¹⁰. Castro (2001, p. 81) nos oferece informações adicionais sobre os falares mineiros, afirmando que, na Bahia, “entre as ‘nações’ intituladas *congo* e *angola* (...) a predominância é de termos do quicongo e do quimbundo sobre o umbundo, ao contrário do que se observa nos vocabulários recolhidos em Minas Gerais”. A própria etimologia da palavra *vissungo*, teria relação com o umbundo (do singular *ocisungo*, plural em *ovisungo* ‘louvores’) (Castro, 2009, p. 70).

Desta forma, decidimos elaborar nossa análise a partir destas duas línguas, quimbundo e umbundo (ambas do subgrupo banto, ramo benuê-congo, tronco nigero-congolês, faladas em Angola). Ademais, incluímos algumas referências adicionais ao quicongo, cuja presença foi indicada nos falares baianos em Castro (2001).

Antes de apresentarmos nossos resultados, teceremos considerações a respeito de nossa metodologia de análise, orientada em grande parte pelo trabalho

¹⁰ Apresentamos no anexo 1, uma pequena lista comparativa de itens cognatos entre a língua de Angola de Pedro Dias e os falares diamantinos.

do Prof. Mário Viaro (2011) e, em seguida, apresentaremos as línguas do grupo banto consideradas em nossa análise.

3.2 *Considerações sobre o trabalho etimológico*

A etimologia, ciência que trata da história e origem das palavras, teve seu maior desenvolvimento no século XIX, principalmente pelos trabalhos de linguística histórico-comparativa, realizados pelo dinamarquês Rasmus Christian Rask (1787-1832), e pelos alemães Franz Bopp (1791-1867), Jakob Grimm (1785-1863), e August Schleicher (1821-1868). Schleicher, influenciado pelas teorias darwinistas, é considerado o criador da ‘teoria de árvore’ ou ‘método filogenético’, e o primeiro estudioso a tentar uma reconstrução da língua proto-indo-europeia ¹¹. Apontamos ainda Hugo Schuchardt (1842-1927) que aproxima a etimologia fortemente de um modelo indutivo de análise, levando em consideração a heterogeneidade da língua. Viaro (2011, p. 86) indica que a visão de Schuchardt sobre a língua “seria de um *continuum*” e “cada palavra e variante teria uma história própria”, conforme demonstram posteriormente os estudos dialetológicos e de línguas em contato.

No início do século XX, com o advento da corrente estruturalista na linguística moderna, consolida-se a concepção da língua como um objeto autônomo, principalmente a partir do trabalho de Ferdinand de Saussure (1857-1913), *Curso de Linguística Geral*, publicado postumamente por seus alunos. A partir da dicotomia saussuriana (*sincronia x diacronia*), valorizaram-se em termos gerais, no decorrer do século, os estudos sincrônicos sobre os diacrônicos, além de uma visão exclusivamente imanente da mudança linguística (FARACO, 2007, p. 163). Somente os estudos sociolinguísticos desenvolvidos na segunda metade do século voltaram a se preocupar com os dados históricos, segundo apontado por Viaro (2011, p. 91).

¹¹ A família indo-europeia é formada por cerca de 400 línguas, faladas ao redor do globo, sendo constituída pelas línguas germânicas, línguas românicas, línguas eslavas, línguas indo-arianas, as variedades do grego, entre outras.

Além de ter sido afetada por influência do estruturalismo e pelas guerras mundiais na primeira metade do século XX, a ciência etimológica ainda sofre com pesquisas desenvolvidas de pouco teor científico, ou mesmo *etimologias fantasiosas*, conforme indica Viaro (2011, p. 224). Deste modo, para a elaboração de nossas análises etimológicas, procuramos seguir as indicações do autor (Viaro, 2011).

Primeiramente, afirmamos que a etimologia se caracteriza por uma postura diacrônica e indutiva, ou seja, observa-se a variação linguística em sua relação com o tempo, e elaboram-se considerações e hipóteses somente após a observação dos dados. Delineia-se, desta forma, nossa concepção de *étimo*: “forma equivalente da mesma palavra, imediatamente anterior numa sincronia pretérita qualquer” (Viaro, 2011, p. 99).

No caso mais específico da etimologia dos falares africanos no Brasil, devemos ser cautelosos em distinguir *étimo* e *origem*. Viaro exemplifica a questão com uma análise etimológica da palavra *açúcar* no português:

sânscrito *çarkarā* > árabe *sukkar* → árabe *as-sukkar* > *açúcar* (2011, p. 106)

No caso a palavra teria *origem* no sânscrito, passando para o árabe e sendo enfim emprestada pelo português em contato com os árabes do norte da África. A forma *sukkar* teria derivado *as-sukkar* ao acrescentar o determinante. O *étimo* da palavra na língua portuguesa seria, portanto, a forma derivada do árabe.

Em nosso estudo, a definição gera uma dificuldade. Apesar de sabermos da *origem* africana dos termos, não temos como informar se o *étimo* seria proveniente diretamente das línguas africanas ou de variedades de falares africanos de outras regiões do Brasil. Diante deste problema, a partir de nossa análise, assumiremos a hipótese inicial de uma ligação direta entre as línguas africanas e o falar registrado na região, parecendo-nos a melhor solução, visto não termos uma história precisa de cada comunidade falante de ‘línguas africanas’ em nosso país.

Apesar de o estudo etimológico ser permeado de dúvidas, não se justifica a busca por soluções *ad hoc* ¹². Desta forma, Viaro (2011, p. 125) aponta alguns fatores que distinguiriam uma etimologia mais confiável e científica de outra com soluções idiossincráticas:

- a) Delimitação temporal precisa da sincronia pretérita à qual o étimo pertence.
- b) Adequação do étimo ao sistema reconstruído na sincronia pretérita, que precisa ser reconstruída.
- c) Conhecimento do contato ou da influência cultural entre as línguas *nessa mesma época*.
- d) Avaliação do étimo com a palavra investigada. No caso de irregularidades nas mudanças fonéticas, deve haver razões pró ou contra, pautadas em paralelos com outras palavras ou outros sistemas e não em argumentos *ad hoc*.
- e) Comparando-se o significado do étimo e da palavra investigada, nos casos de mudanças muito bruscas de significado, deve haver razões pró ou contra, pautadas em paralelos com outras palavras ou outros sistemas. Nesse caso, porém, a arbitrariedade das explicações costuma ser ainda maior (Viaro, 2011, p. 125).

Primeiramente, tivemos dificuldades para contemplar os itens (a) e (b), porém procuramos atendê-los ao consultar as obras mais antigas escritas sobre as línguas pesquisadas. No caso do quimbundo, a gramática do padre Pedro Dias, já citada, além de outras obras dos séculos XIX e XX (Cannecattin, 1805 [1865]; Chatelain, 1889 [1964]; e os trabalhos mais recentes de Pedro, 1993; e Xavier, 2010). Entretanto, nossa maior dificuldade surge nos registros do umbundo, sendo o mais antigo um vocabulário elaborado por Antônio Francisco Ferreira da Silva Porto em meados do século XIX, quando o tráfico já chegava ao fim e os falares da região diamantina provavelmente já se encontravam estabelecidos. Desta forma, percebe-se nossa limitação em afirmarmos que as formas cognatas verificadas no

¹² Do latim, significando hipótese formulada com o único objetivo de legitimar ou defender uma teoria, e não em decorrência de uma compreensão objetiva e isenta da realidade (HOUAISS, 2009).

material pesquisado sobre o umbundo sejam exatamente as fontes etimológicas de vários itens analisados, mesmo quando fortemente similares.

Quanto aos demais itens, julgamos tê-los seguido como preconizado pelo autor. Primeiramente, com nossa apresentação sobre a presença africana na região diamantina e, em seguida, na forma como elaboramos nossa análise.

Em relação às fontes da pesquisa etimológica, Viaro (2011, p. 101) afirma que “os *corpora* são de grande importância, sobretudo os organizados de forma tal que se possa obter alguma informação diacrônica”. Os *corpora*, principalmente para línguas com rica história de documentação, formam um grupo de datações e uso registrado de vocábulos em diferentes sincronias pretéritas da língua, sendo relevantes para a datação de termos mais antigos e na definição de étimos.

Na ausência de um *corpus* bem documentado das línguas africanas referentes à época do tráfico, podemos considerar duas possibilidades de trabalho: a primeira, ir a campo e entrevistar diversos falantes de diferentes variedades dialetais de línguas africanas, pesquisar outras línguas que se mantiveram em contato, construir um banco de dados de formas cognatas e reconstruir possíveis étimos; a segunda, que adotamos: trabalhar dentro das limitações do material pesquisado, apontando, ainda que deficientemente, para sincronias pretéritas da língua. Ressaltamos, todavia, que ambas possibilidades não são excludentes, sendo preferível um trabalho que as associe.

No entanto, podemos imediatamente perceber as dificuldades impostas pela primeira possibilidade para o nosso trabalho. Além do problema de tempo e recursos que encontraríamos, a pesquisa de sincronias presentes das línguas podem não apresentar diversos aspectos relevantes, tais como: itens em desuso, variedades obsoletas etc.

Exemplificamos com dois casos recentes: durante uma das viagens de campo a Diamantina, em janeiro de 2012, encontramos angolanos falantes de quimbundo e umbundo que nos auxiliaram na identificação de alguns itens lexicais dos falares diamantinos, porém não reconheceram alguns itens cognatos que já havíamos verificado nos dicionários; ainda, em julho de 2013, a Profa. Margarida

Petter, em projeto desenvolvido no Libolo¹³, Cuanza Sul, Angola, entrevistou um falante de umbundo que tampouco pôde reconhecer alguns dos mesmos termos. Esta situação nos leva a reforçar que as línguas dos africanos escravizados transplantadas para o Brasil compartilharam de uma sincronia com as línguas africanas faladas na África até meados do século XIX (até então numa relação continuamente alimentada pelo tráfico), mas que, a partir de sua separação definitiva e dos diferentes contatos sociolinguísticos estabelecidos evoluíram diferentemente, preservando termos em comum, porém formando novas (re)construções de forma e sentido.

Desta forma, não se despreza o falante nativo em seu conhecimento, mas, conforme afirma Viaro (2011, p. 233), a capacidade deste de analisar seu código linguístico tem pouco valor para a etimologia, sendo necessário proceder à listagem e ao acesso de dados que remetam ao passado da língua.

Percebemos, assim, que os dicionários constituem um importante material de análise, pois oferecem o registro de estados anteriores das línguas africanas que permaneceram no uso e na memória dos falantes das comunidades investigadas. Valorizamos, também, os registros mais antigos que puderam ser encontrados. Todavia, enfatizamos que estes trabalhos optam, geralmente, pelo registro de uma única forma lexical e acabam por limitar a realidade plural da língua e de um trabalho que reflita esta característica com maior cientificidade.

Aplicamos, portanto, em nossa análise, um estudo de variações fonéticas possíveis entre os itens lexicais dos falares diamantinos e seus supostos étimos, buscando por padrões que possam explicar uma relação com as línguas africanas. Diante da quantidade de dados que se assemelham em forma e significado, acreditamos ser altamente provável, no mínimo, uma origem comum.

Diante desses cuidados e limitações, faremos a seguir uma breve apresentação das línguas africanas que serviram como base de comparação com os falares da região diamantina.

¹³ O projeto é integrado por uma equipe internacional de 14 investigadores nas áreas da linguística, ensino e formação de docentes, história e antropologia, sendo coordenado pelos professores Carlos Figueiredo (UMAC – Universidade de Macau) e Márcia S. D. Oliveira (USP). Os dados coletados em pesquisa de campo realizada em julho/2013 estão sendo transcritos para posterior análise e publicação.

3.3 As línguas bantas

Figura 5: As línguas do grupo banto, segundo a classificação de Malcolm Guthrie. Fonte: NURSE, A survey report for the Bantu languages, 2001.

O grupo banto – subdivisão do Benuê-congo, uma das famílias do tronco Nígero-Congolês – constitui um conjunto linguístico com cerca de 600 línguas, faladas por perto de 240 milhões de pessoas, numa vasta região da África, que se estende ao sul de uma linha que vai desde os Montes Camarões (sul da Nigéria), junto à costa atlântica, até a foz do rio Tana (Quênia). Essa área inclui os seguintes países: África do Sul, Angola, Botsuana, Burundi, Camarões, Comores, Congo, Gabão, Guiné Equatorial, Lesoto, Madagascar, Maláui, Moçambique, Namíbia, Quênia, República Democrática do Congo, Ruanda, Suazilândia, Tanzânia, Uganda, Zâmbia e Zimbábue (NGUNGA, 2004, p. 29).

Dentre os inúmeros estudos sobre as línguas bantas, destacamos os precursores dos trabalhos atuais:

W. Bleek, que cunhou o termo *bantu*¹⁴ para designar o conjunto de línguas e estabeleceu a classificação do grupo em linhas gerais (1862-1869);

C. Meinhof (1910, 1935), que reconstituiu o Protobanto;

M. Guthrie (1948, 1971), que propôs uma classificação geográfico-genética dessas línguas.

O código de identificação criado por Guthrie é utilizado até hoje por todos os bantuístas. Segundo o critério desse autor, as línguas bantas distribuem-se em 15 zonas, codificadas por letras e números. As letras correspondem às regiões e os números indicam a colocação da língua nesse conjunto. Por exemplo, H20 indica o grupo quimbundo e a língua, propriamente, com suas variantes mais próximas, é identificada como H21; outra variante falada numa região mais longínqua, o songo, é referida pelo código H24. Recentemente, Maho (2003, pp. 639-651) completou a lista de Guthrie acrescentando duzentas novas línguas, usando o mesmo critério de codificação de seu criador.

Do ponto de vista tipológico, as línguas do grupo banto apresentam uma morfologia aglutinante, caracterizada por um sistema de classificação nominal e um sistema de concordância elaborado, que se relaciona com aquele sistema, o de classes nominais. Isso significa afirmar que todos os nomes (substantivos) estão associados a uma classe, que se identifica por um prefixo distinto, um para o singular e outro para o plural. No item abaixo, do quimbundo, pode-se constatar esse emparelhamento:

dǐálá: classe 5 ‘homem’ **málá:** classe 6 ‘homens’

¹⁴ O autor verificou a recorrência de palavras que apresentavam o prefixo *ba*(marca de plural) associado à raiz *ntu* (pessoa) em línguas da região.) [*ba*(marca de plural) + *ntu* (pessoa) em línguas da região.

O número máximo de classes nominais verificado nas línguas bantas é de 20. O quimbundo tem 18 classes e o umbundo tem 16. Essas classes agrupam-se aos pares, uma forma para o singular e outra para o plural, para os itens que admitem pluralização na língua. Os números ímpares indicam, normalmente, as classes de singular e os pares, as de plural. Quando um nome ocorre numa sentença ele desencadeia um sistema de concordância, em que todos os elementos que se referem a ele devem concordar em classe, como se pode observar no exemplo abaixo:

málá mámbánzá má↓líkì nì mákínì

má-lá má-mbánzá má-↓líkì nì má-kínì

cl 6-homem cl 6-da-cidade cl 6-cantou e cl 6-dançou

‘os homens da cidade cantaram e dançaram’ (XAVIER, 2010, p. 118)

Observa-se que o nome que está na posição de sujeito, *málá*, pertencente à classe 6, pois possui o prefixo identificador dessa classe **má-**, acarreta todo o sistema de concordância, tanto no nível do sintagma nominal (**málá mámbánzá**) quanto no verbal (**má↓líkì /mákínì**), em que os verbos são precedidos pelo prefixo que é o índice do sujeito, uma palavra da classe 6.

O verbo das línguas do grupo banto possui uma estrutura complexa que se pode resumir pela seguinte sequência de posições que devem/podem ser preenchidas:

a. (PI) - **IS - TAM** + (IO) + **Raiz** + (Exts.) + **VF**

PI = pré-inicial (marca de negação, nas línguas que o possuem);

IS = índice de sujeito;

TAM = marca de tempo, aspecto e modo;

IO = índice de objeto, único morfema que tem posição fixa, sempre antes da raiz;

Exts. = extensões verbais, que são morfemas derivacionais que modificam o sentido, a morfologia do radical verbal, podendo, também, alterar as relações de transitividade;

VF = vogal final, podendo indicar aspecto segundo alguns autores.

Na estrutura *a*, são **obrigatórios** os elementos representados **em negrito**, e os que estão entre parênteses são facultativos. Observe-se o exemplo do quimbundo, extraído de Pedro (1993, p. 272):

b. Ngájìkúlá ódíbìtù

Ng-	-á-	-jìk-	-úl-	Á		ó-	-di-	-bìtù
IS	TAM	Raiz verbal	Ext.	VF		Aumento	Cl 5	Nome
Eu	pas.	fechar	reversivo	Acabado		a		porta

Trad.: “Eu abri a porta”.

Como o nosso estudo focaliza os nomes, principalmente, não nos estenderemos na análise dos verbos. Apresentamos a seguir o quadro com as classes nominais do quimbundo e do umbundo, pois esses dados foram de crucial importância para o estudo etimológico dos termos inventariados.

Prefixos de classe nominal

<u>Quimbundo</u>			<u>Umbundo</u>		
I	1-2	mù – à	I	1-2	u/omu – a/ova/oma
II	3-4	mù – mî	II	3-4	u/ow/omu – ovi
III	5-6	lî – mà	III	5-6	e/Ø – a/ova
IV	7-8	kî – ì	IV	7-4	oci – ovi
V	9-10	Ø/î – jî	V	9-10	on – olo-n
VI	11-6	lù – mà	VI	11-10	olu – olo-n
VII	12-13	kà – tù	VII	11-6	olu – a/ova
VIII	14-6	ù – mà	VIII	12-13	oka – otu
IX	15-6	kú – mà	IX	3-6	u – a
	16	bù	X	15-6	oku – a/ova
	17	kù		16	pa
	18	mù		17	ku
				18	vu

(Xavier, 2010:117; Schadeberg, 1990:10)

3.4 As fontes dicionarísticas das línguas africanas

Utilizamos em nossa análise um glossário e três dicionários de umbundo (R11), além de quatro dicionários de quimbundo (H21). Aproveitamos também os dados do quicongo (H16) listados em Maia (1961). Os dicionários abarcam um período do início do século XIX à segunda metade do século XX e são apresentados com detalhes a seguir:

a. Umbundo

- *Viagens e Apontamentos de um Portuense em África. Excerptos do 'Diário' de António Francisco da Silva Porto (1942).*

Nascido António Francisco da Silva, na cidade do Porto, em 1817, o autor começou jovem a vida de comerciante, tendo trabalhado como caixeiro no Rio de Janeiro desde seus doze anos. Em 1838, chega pela segunda vez a Luanda, iniciando sua vida de 'sertanejo' no ano seguinte. Estabeleceu-se no reino de Bié, região central de Angola, entre os ovimbundos, povos falantes de umbundo. Silva

Porto passa os 50 anos seguintes na região, fazendo constantes viagens pelo interior de Angola e à cidade de São Filipe de Benguela. É nomeado capitão-mor do Bié em 1885, falecendo em 1890, em decorrência de ferimentos causados após tentativa de suicídio.

O vocabulário elaborado pelo autor refere-se “ao idioma comum daqui (Bié) para Oeste, peculiar à tribu (sic) Quimbumba” (SILVA PORTO, 1942, p. 217), cujo idioma chama ‘umbumbo’ (sic). O vocabulário faz parte das anotações de seu diário, publicado integralmente somente no final do século XX. Provavelmente foi elaborado durante a metade do século XIX, durante o período que habitou entre os ovimbundos. Constitui-se de um breve glossário, português-umbundo, porém extremamente rico ao proporcionar informações do idioma mais próximas à época do tráfico.

- *Vocabulary of the Umbundu Language: Comprising Umbundu-English and English-Umbundu. William H. Sanders (1885).*

O livro não traz informação sobre seus autores, os Reverendos W. H. Sanders e W. E. Fay., membros da A.B.C.F.M. (American Board of Commissioners for Foreign Missions – Junta Americana de Comissionados para Missões Estrangeiras). O vocabulário é constituído, conforme informado na contracapa, de três mil palavras usadas pelos habitantes do Bailundo e do Bié, e outras regiões da África centro-ocidental.

Algumas poucas informações puderam ser coletadas sobre o autor em artigo de Fola Soremekun (1971) sobre as difíceis relações das juntas de missões americanas e o governo português. Soremekun (1971, p. 342) afirma que Sanders era filho de missionários da A.B.C.F.M. no Ceilão e, seguindo a vocação de seus pais, chegou ao Bailundo em março de 1881, juntamente com a primeira equipe de missionários americanos. Supostamente o Rei Ekuikui fez a seguinte indagação ao vê-los: “Vocês não vão comprar cera, borracha, marfim ou escravos. Então por que estão aqui?”¹⁵ (The Missionary Herald, November, 1885 apud SOREMEKUN, 1971,

¹⁵ “You will not buy wax, rubber, ivory, or slaves, what are you here for?”.

p. 344, tradução minha), indicando o tipo de contato que era comum entre europeus e africanos nativos em uma época em que eram escassos os missionários católicos interessados na vida religiosa da população local.

É admirável que o dicionário tenha sido publicado quatro anos mais tarde, sob circunstâncias tão complexas como a falta de apoio e proteção do governo português, as desconfianças políticas que causavam os missionários americanos, e as constantes guerras entre grupos da região. A missão passou a prosperar a partir de 1890, após os portugueses tomarem o controle efetivo de Bié. Sanders permaneceu no trabalho missionário até a década de 1930. Sua correspondência pode ser consultada na Harvard University Library, nos registros de missões africanas da Junta Americana de Comissionados para Missões Estrangeiras (A.B.C.F.M.).

- *Dicionário Prático: Português-Umbundo. Compilado por Ralph L. Wilson (1935).*

Não foram encontradas informações a respeito de Ralph L. Wilson. O livro foi publicado pela tipografia Sarah H. Bates, Missão Evangélica, possivelmente ligando-o às missões protestantes na região. No prefácio, o autor (1935, p. 4) afirma que procurou coletar palavras em umbundo comuns a todas as regiões. A base de sua seleção foi uma lista de palavras mais frequentes em espanhol (visto não haver algo semelhante feito em português), elaborada pelo Prof. Milton Alexander Buchanan da Universidade de Toronto, Canadá, baseando-se na literatura espanhola. Foram selecionadas as primeiras 4.000 palavras das 6.702 palavras mais frequentes da lista, algumas outras de sua parte restante e 600 de interesse local.

O dicionário apresenta 4.782 palavras, com o objetivo de “suprir a necessidade dum vocabulário simples, compôsto de palavras usadas com frequência, suficiente para todas as ocasiões” (WILSON, 1935, p. 3). Além disso, o autor aponta a possibilidade da criação de uma literatura simplificada com vista a desenvolver o hábito de leitura entre os nativos.

- *Dicionário Português-Umbundu por Grégoire Le Guennec e José Francisco Valente (1972).*

O original deste dicionário foi elaborado pelo padre missionário Grégoire Le Guennec, nascido na Bretanha, França. Segundo o revisor do trabalho, o Pe. José Francisco Valente (1972, p. VII), autor de uma gramática do umbundo, Le Guennec teria passado dois terços de sua vida em Angola, falecendo em 19 de julho de 1960, aos 85 anos de idade. Entre as regiões onde o padre esteve, citam-se Ganda e Balombo, na região de Benguela, e o Bailundo, na região do Huambo. Valente afirma que os nativos se maravilhavam com o domínio que o padre francês possuía da língua: “Fala como os anciãos da tribo!” (1972, p. VIII).

O trabalho realizado por Le Guennec e Valente é o dicionário mais extenso e abrangente que se pôde analisar, tendo como única desvantagem não ser possível consultar diretamente os vocábulos em umbundo.

b. Quimbundo

- *Diccionario da língua Bunda, ou Angolense, explicada na Portuguesa, e Latina, composto por Fr. Bernardo Maria de Canneattim, Capuchinho Italiano da Província de Palermo, Missionário Apostólico, e Prefeito das Missões de Angola, e Congo (1804).*

Frei Bernardo Maria de Canneattim é também autor de *Collecção de Observações Grammaticaes sobre a Lingua Bunda ou Angolense e Diccionario Abreviado da Lingua Congueza*. O autor considera ser seu trabalho o primeiro realizado sobre a língua, “... não havendo em parte alguma Mestre, ou Livro, que a ensine” (1804, p. ii), apresentando total desconhecimento da obra de Pedro Dias, publicada cerca de cem anos antes.

Os objetivos de seu trabalho resumem as necessidades, temores e pensamentos correntes à época:

A intelligencia da língua Bunda (...) he utilíssima, e necessaria aos Ecclesiasticos no exercicio do seu ministerio; aos Governadores, e Magistrados na Regencia do Estado, e Administração da Justiça; aos Chefes Militares no acerto do seu Commando, e na felicidade de suas operações; aos Comerciantes em fim no manejo do seu negocio, sendo huma ruína, e huma desgraça, que todas estas pessoas não vejam o objecto de suas funções, senão ao travéz da opaca sombra de hum Negro interprete (CANNECATTIM, 1804, p. IV-V).

Como se pode notar, o autor reclama da ausência de homens brancos conhecedores da língua bunda (quimbundo) e desconfia dos intérpretes nativos. Estes poderiam não traduzir a língua na mesma intensidade das expressões originais, assim como tirar proveito das mais diferentes situações (vingança e lucro pessoais, informações militares secretas etc.).

Cannecattim ainda fala sobre a zona de abrangência da língua bunda, de uma estreita faixa do litoral a uma ampla área do sertão do Reino de Angola que se estende até ‘Cassanc’i’ (sic), entreposto de escravos no interior de Angola. Por fim, o estudioso adota por vezes, uma grafia que remete à língua portuguesa ou ao italiano, conforme o exemplo: *Monandénghi* ‘criança’ (ler como no português, *Monandéngui*). Cannecattim também nega a existência das pré-nasais iniciais (*bunda*, ao invés de *mbunda*).

- *Diccionario Portuguez-Kimbundu. José Pereira do Nascimento (1903).*

José Pereira do Nascimento apresenta os títulos de médico da Armada Real e explorador naturalista da Província de Angola. O autor demonstra conhecimento de outros trabalhos realizados, tal como a gramática do quimbundo escrita por Heli Chatelain, além de já haver elaborado a *Grammática do Umbundu ou Lingua de Benguella*, em 1894.

Em seu prefácio, indica que o dicionário deve ser um material complementar às demais obras e, mais especificamente, para o auxílio dos europeus que quiserem aprender a língua indígena. Seu trabalho é dividido em duas partes: uma primeira, apresentando características morfofonológicas da

língua, em especial o sistema de classes nominais e, a segunda, o dicionário propriamente dito.

- *Dicionário Kimbundu-Português: Linguístico, Botânico, Histórico e Corográfico. A. de Assis Junior (s.d.).*

O prefácio da obra traz poucas informações a respeito do autor, Antônio Assis Junior. Na página virtual da União de Escritores Angolanos (2013), informa-se que o autor nasceu em 1887, na vila do Golungo Alto, Província do Cuanza Norte. Romancista, publicou os livros *Relato dos acontecimentos de Ndalatando e Lucala* e *Segredo da Morta* (1935). Faleceu em Luanda, exilado de sua terra natal, em 1961, devido às suas crenças nacionalistas.

Nesta obra, Assis Junior pretende ocupar a lacuna de meio século desde a primeira publicação do dicionário kimbundu-português de J.D. Cordeiro da Matta em fins do século XIX. O autor (s.d.) afirma ser este o resultado de um longo trabalho de doze anos. Apesar de não trazer a data de publicação, Bonvini (2009, p. 48) indica o ano de 1941. Quanto a considerações linguísticas, Assis Junior faz uma breve apresentação da fonologia do quimbundo e do sistema de classes nominais, chamando atenção à variação entre *[di]* e *[ri]*, na língua, optando pela grafia da segunda, a qual chama de *ri* brando.

c. **Quimbundo e quicongo**

- *Dicionário Complementar. Português-Kimbundu-Kikongo (Línguas Nativas do Centro e Norte de Angola)*, compilado por Pe. António da Silva Maia (1961).

Segundo o jornalista Manuel Pires Bastos (2011) em artigo do quinzenário português João Semana, o Pe. António da Silva Maia nasceu em 13 de março de 1905, em Cimo da Vila, Ovar, Portugal. Ordenado sacerdote em Luanda, em 1936, percorreu diversas localidades de Angola, além de se dedicar ao estudo das línguas

nativas, incluindo o omumbuim e o mussele¹⁶, dois dialetos do quimbundo. Maia foi considerado um traidor pelo governo de Portugal, ao manter-se dedicado aos seus fiéis angolanos, faleceu de volta à pátria no ano de 1981.

À maneira de outras obras já citadas, ressalta-se no prefácio de Félix Bravo a importância missionária, comercial e administrativa do trabalho, além de se apontar o valor de registro histórico de ambos os 'dialectos' (MAIA, 1961, p. VII). Há também um pequeno quadro indicando os prefixos de classe nominal dos idiomas apresentados.

Apresentamos, em seguida, nosso quadro de comparação dos falares da região diamantina com as línguas africanas.

¹⁶ Sobre o umumbuim, Maia (1951) afirma: "Para lingua indigena escolhemos o «Ũmumbuim» - lingua dos pretos de Gabela - Amboim - dialecto oriundo do «Kimbundu» e um tanto do «Umbundu», porque é esse o Dialecto que melhor conhecemos em virtude de ai termos vivido vários anos, e daí a razão porque neste humilde trabalho linguistico se descrevem diversos usos e costumes dos seus habitantes".

Quadro 2: Comparação dos vocabulários de falares africanos na região diamantina com dicionários de umbundo, quimbundo e quicongo.

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Silva Porto – Umbundu (c. 1860)	Sanders - Umbundu (1885)	Wilson - Umbundu (1935)	LeGuennec - Umbundu (1972)	Cannecattim - Língua Bunda (1804)	Nascimento - Kimbundu (1903)	Assis Jr. – Kimbundu (c. 1941)	Maia – Kimbundu (1961)	Maia - Kikongo (1961)
Acrepu. Mão.											
ACURO. Velho; homem velho; Macuro, Nacuro. Homem (Vogt & Fry).			Ukulu. Elder (Mais velho) Wa kuka, ca kuka. Velho.			Ukulu. Homem de idade avançada (Velho).	Químa Quioucúlu. Coisa velha; Oculacági. Velhice.	Mukulu. Velho (pessoa) adj.; - okulu. Velho, a , adj.	Akulu, adj e sub. pl. Finados; Defunctos; Os antepassados; Os avoengos; Úkulu , sub. Vetustês; o que é antigo, velho.	Okulu, mukulu, sekulu. Velho.	Uakola, Uakulu, Ankulu. Velho; Akulu. Antepasado.
Aiêto. Grande (Vogt & Fry).			Etu. Per. Pron. We (Nós). Cetu. Nosso.			- etu. Relativo a nós (Nosso).	Químa Quiétu. Nossa cousa.	- etu. Nosso, a , adj. e pron. pess.	letu. adj. e pron. poss. pl. (contr. da prep. ia e do pron. pess. pl. etu). Nossa; nosso; Das nossas pessoas.	Etu, kietu, dietu. Nosso, nossa, de nós.	Ietu. Nós.
Aiuca. Muito (Curima aiuca-aiuca, Omenhá aiuca-aiuca).			Ocuihuca. Cheio.	Yuka. Be full (Estar cheio).	Ce yuka. Cheio.	- yuka. Cheio.	- iuka. De-reito, a , (ser, ficar, estar), v.			Kuiuka, kiaiuka. Direito, jus.	
Anduro, Ondara. Fogo.			Ondallo. Fogo.	Ondalu. Fire (Fogo).	Ondalu. Fogo.	Ondalu. Lume (Fogo).					Ndalu. Fogo.
Alume. Homem.			Olume. Homem; Êle.	Ulume. Man (Homem).	Ulume. Homem.	Ulume. Ser dotado de alma e corpo: do sexo masculino (Homem).	Munúmi. Marido.	Mulume. Marido , s.	Múlume. adj. Macho; Masculo; viril. Sub. Marido; consorte.	Kiulume, mulume. Masculino.	
Andambi. Mulher.			Ondambi. A good man or woman (Um homem bom ou mulher boa).			Ondambi. Mulher bonita (Mulher).				Ndumbu. Sub. Prostituta; ra-meira; meretriz; Mulher da vida; Ndúmbe , sub. Mulher em noviciado; Noviça.	Ndumba. Mulherzinha, rapariguita (Mulher).

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – Umbundu (c. 1860)	<i>Sanders</i> - Umbundu (1885)	<i>Wilson</i> - Umbundu (1935)	<i>LeGuennec</i> - Umbundu (1972)	<i>Cannecattim</i> - Língua Bunda (1804)	<i>Nascimento</i> - Kimbundu (1903)	<i>Assis Jr.</i> – Kimbundu (c. 1941)	<i>Maia</i> – Kimbundu (1961)	<i>Maia</i> - Kikongo (1961)
	ANDAMBE OCAIO. Mulher da vida livre		<i>Ocai. Mulher; Dama; Ela; Ogrocai. Ve-lha.</i>	<i>Ukai.</i> Woman (Mulher).	<i>Ukâi. Mulher.</i>	<i>Ukâyi.</i> Pessoa adulta do sexo feminino (Mulher).					
	<i>Andê.</i> Amigo (Nascimento).					<i>Anange.</i> O meu amigo (Amigo) [?]					
	<i>Andô.</i> Morte (Camp: 2006).						<i>Quíndo, Indo. Luto.</i>	<i>Indô</i> ou <i>ndô. Lucto</i> , s.	<i>Índo.</i> sub. Tristeza, luto		<i>Índu. Tristeza.</i>
<i>Angana.</i> Senhor, Senhora.			<i>Anganna. Senhor.</i>		<i>Ñala. Senhor.</i>	<i>Nǃala, onǃala.</i> Tratamento cerimonioso (Senhor).	<i>Ngánna, Jingánna. Senhor.</i>	<i>Ngana. Senhor, a</i> , s.	<i>Ngana. Senhor.</i>		
<i>Angana-Nzambi.</i> Deus. (<i>Gananzambi, Nganazambi, Angana-Nzambi-Opungo, Zambi-opungo, Anzambe, Anzambi, Anzambê, Anganaiovê, Gananzambe</i>)	GANANZAMBI, INGANANZAMBI. Deus. Inganazambe. Deus (Nascimento).		<i>Succo, Sambi. Criador</i> (Deus); <i>Succo. Deus.</i>	<i>Suku.</i> God (Deus).	<i>Suku. Deus.</i>	<i>Suku.</i> Senhor supremo; <i>Nǃala Njambi.</i> Outros nomes de Deus. (Deus).	<i>Zámbi. Deos.</i>	<i>Nzambi. Deus,</i> s.	<i>Nzâmbi.</i> sub. Deus. Santo; divindade de qualquer religião. Cada um dos membros da Trindade cristã; — <i>Pungu</i> , o Ser Supremo; o Todo Poderoso.	<i>Nzambi, Ngana-Nzambi, Nzambi-Pungu. Deus.</i>	<i>Nzambi. Deus.</i>
<i>Angana-langue.</i> Patrão (Meu Senhor).			<i>Chiangue, Eangue. Meu.</i>		<i>Cange. Meu (Minha).</i>	<i>- ange. Meu.</i>	<i>Q'uiámi, ou, Ch'íámi, lámi. Meu.</i>	<i>-ami. Meu, Minha, adje pron. pess.</i>	<i>lâmi.</i> adj. poss. (contr. da prep. e do pron. pess. <i>eme.</i> Meu, minha; De mim.	<i>Uami (pl. ami), kiami (pl. iami). Meu, minha, meus, minhas.</i>	<i>Kiame (pl. iame). Meu, minha, meus, minhas.</i>
<i>Anguê.</i> Onça.			<i>Ongue, Hongue. Ouça</i> (Onça).	<i>Ongwe.</i> Ounce (animal) (Onça, animal).	<i>Ongue. Onça.</i>	<i>Ongwe.</i> Mamífero carnívoro feroz (Onça).	<i>Inco, Mânco. Onça</i> (animal).	<i>Ingo. Onça,</i> s.	<i>'Ngo.</i> sub. zool. Onça; tigre; <i>Íngo.</i> sub. zool. Animal digitigrado da fam. dos felinos; Tigre; Mamífero felida; Onça.	<i>Ngo, Ingo. Onça.</i>	<i>Ngó. Onça.</i>

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – Umbundu (c. 1860)	<i>Sanders</i> - Umbundu (1885)	<i>Wilson</i> - Umbundu (1935)	<i>LeGuennec</i> - Umbundu (1972)	<i>Cannecattim</i> - Língua Bunda (1804)	<i>Nascimento</i> - Kimbundu (1903)	<i>Assis Jr.</i> – Kimbundu (c. 1941)	<i>Maia</i> – Kimbundu (1961)	<i>Maia</i> - Kikongo (1961)
<i>Anguira</i> . Ouro (Camp: 2006).						+ <i>lyengila</i> . Explorar uma mina (Minerar) [?].			<i>Ngina</i> . sub. Escavação subterrânea natural ou artificial com entrada franca [?].		
<i>Apumbo</i> . Milho (Nascimento); <i>Opungo</i> , <i>iupungo</i> (alimento), <i>ofúmbu</i> . Fubá, angü (Camp: 2006).			<i>Pungo</i> , <i>épungo</i> . Milho .	<i>Epungu</i> . Corn (Milho).	<i>Epungu</i> . Milho .	<i>Epungu</i> . Planta Gramínea (Milho).					
<i>Aquenjê</i> . Menino; <i>Aquenjê Verome</i> . Rapazinho.			<i>Ocoenje</i> . Cachopo; Donzel .	<i>Okwenju</i> . Boy (Menino); <i>Ukwenje</i> . Youth (Jovem, Juventude).	<i>Ukwenje</i> . Rapaz .	<i>Ukwenje</i> . Homem novo (Rapaz).			<i>Rikuenze</i> . Adj. Esforçado; vigoroso; possante. sub. Pessoa decidida, valente.		
<i>Araposse-Arapossí</i> , <i>Possi</i> . Descanso, repouso.											
<i>Arengá</i> . Tarefa.		<i>Arenga</i> . Fofoca; <i>Arengueiro</i> . Fofoqueiro		<i>Linga</i> . Do (Fazer).	<i>Oku linga</i> . Executar .	+ <i>linga</i> . Executar (Trabalhar).	<i>Molénga</i> . Lavoura .	<i>Mulenga</i> . Lavra , s.	<i>Mulénga</i> . sub. Seara; Terra cultivada; lavra grande.	<i>Mulenga</i> . Seara .	
<i>Arirê</i> . Contar (v.); s. Canto.			<i>Oco-ri-la</i> . Pranto; Óchilela. Lamento .	<i>Lila</i> . Cry (Chorar, gritar).	<i>Oku lila</i> . Chorar .	+ <i>lila</i> . Prantear (Chorar); o cantar dos pássaros (Cantar).	<i>Curíla</i> . Chorar .	- <i>ri-la</i> . Chorar , v.	<i>Kuríla</i> . v. intr. Chorar; verter lágrima. Sub. Pranto; lamento; choro.	- <i>dila</i> . Chorar .	<i>Dila ia kololo</i> . Chorar .
<i>Atanhara</i> . adj. Alto.	<i>Otaíá</i> , <i>Otainha</i> . Dia (Vogt & Fry).		<i>Ottanha</i> . Calor, Dia .	<i>Utanya</i> . Sunshine (Raio de Sol).		<i>Utanha</i> . Dia solar (Dia); o calor do sol (Sol).	<i>Muánha</i> . Calor; Luánha. Sol .	<i>Luanha</i> . Sol , s.; <i>Muanha</i> . Calor do Sol.	<i>Luánha</i> . sub. O sol, seu brilho ou calor.	<i>Muanha, Luánha</i> . Sol .	
<i>Atundá</i> . adv. Alto.		<i>Tundá</i> . Roupas velhas	Tunda (desig. de safa)	Tunda . Depart (Partir, sair).	<i>Oku tunda</i> . Sair .	+ <i>tunda</i> . Brotar da terra (Nascer); Ir para fora (Sair).	<i>Ocutúnda</i> , <i>Oicutúnda</i> . Sahida .	- <i>tunda</i> . Sahir , v.	<i>Kutúnda</i> . v. intr. Sair; tirar-se do lugar. Proceder; provir. Ser semelhante. sub. Saimento; procedência.	- <i>Tunda</i> . Sair .	

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – <i>Umbundu</i> (c. 1860)	<i>Sanders</i> - <i>Umbundu</i> (1885)	<i>Wilson</i> - <i>Umbundu</i> (1935)	<i>LeGuennec</i> - <i>Umbundu</i> (1972)	<i>Cannecattim</i> - <i>Língua Bunda</i> (1804)	<i>Nascimento</i> - <i>Kimbundu</i> (1903)	<i>Assis Jr.</i> – <i>Kimbundu</i> (c. 1941)	<i>Maia</i> – <i>Kimbundu</i> (1961)	<i>Maia</i> - <i>Kikongo</i> (1961)
	<i>Baieta</i> . Capa de chuva (Nasci- mento)										
	BANGUÊ . Rede para levar defunto.								<i>Mbangala. sub.</i> <i>port.</i> Bengala.	<i>Mbangala.</i> Vara.	
<i>Barundo</i> . Senhor, patrão.			<i>Balo, ombalo.</i> Injúria.	Ombalu. Brave man (Homem bravo, raivoso, corajoso).				- <i>mbalu. Bra-</i> vo, a, adj.	<i>Mbálu. adj.</i> Insubordinado; revoltado. Bravo; selvagem; Indó- mito; Que anda a monte; Mbalundu. adj. e <i>sub.</i> Natural do Bailundo; Ho- mem nascido nas terras do Bailun- do ou a elas referente.	<i>Mbalu. Bravo.</i>	<i>Umbalu.</i> Forte, fortim [?].
<i>Cachupá. Fumar</i> [?]		<i>Cuxipá. Fumar</i>	<i>Oco-chipa.</i> Cachimbar.	Sipa. Smoke (Fumar).	<i>Oku sipa.</i> Fumar.	+ <i>sipa.</i> Aspirar o fumo de (Fu- mar); Chupar o fumo (Chupar).	<i>Cuchíba.</i> Chupar.	- <i>xiba. Chu-</i> par, v.	Kúxíba. v. tr. Chupar; sugar; absorver.	- <i>Xiba</i> <i>macanha, -</i> <i>xipa. Fumar.</i>	
	CACUNDA. Costas.		<i>Oh-lunda.</i> Corcunda.			<i>Ekunda.</i> Dorso dos animais (Dorso).	<i>Ricúnda,</i> <i>Macúnda.</i> Costas; <i>Cacúnda.</i> Giboso; <i>Ocacúnda.</i> Corcova.	<i>Rikunda,</i> <i>Karikunda.</i> Giba, s.; <i>Rikunda.</i> Costas, s.	Kunda. sub. Costado; costas; Karikunda. sub. Corcova; Giba; Costas um tanto arqueadas.	<i>Dikunda (pl.</i> <i>makunda).</i> Costas; <i>kadikunda,</i> <i>kakunda.</i> Corcunda (corcova).	<i>Elunda,</i> <i>malunda.</i> Corcunda (corcova).
	CAIMINA, CAIUMINA. Moça, mocinha, mulher nova; <i>Kaimina.</i> Moça nova (Nas- cimento); Caiumim (Camp, 2006).		<i>Ocai. Mulher;</i> Dama; Ela; <i>Ogrocai. Ve-</i> lha; Emina - Emina (desig- nação do es- tado interes- sante da mu- lher).	Ukai. Woman (Mulher).	<i>Ukãi. Mulher.</i>	<i>Ukãyi.</i> Pessoa adulta do sexo feminino (Mu- lher).					

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – <i>Umbundu</i> (c. 1860)	<i>Sanders</i> - <i>Umbundu</i> (1885)	<i>Wilson</i> - <i>Umbundu</i> (1935)	<i>LeGuennec</i> - <i>Umbundu</i> (1972)	<i>Cannecattim</i> - <i>Língua Bunda</i> (1804)	<i>Nascimento</i> - <i>Kimbundu</i> (1903)	<i>Assis Jr.</i> – <i>Kimbundu</i> (c. 1941)	<i>Maia</i> – <i>Kimbundu</i> (1961)	<i>Maia</i> - <i>Kikongo</i> (1961)
<i>Calunga</i> . Mar.	CALUNGA . Água; CALUNGO . Rio; <i>Carunga</i> . Rio (Vogt & Fry).	<i>Calunga</i> . Raiz medi- cinal.	<i>Calunga. Mar</i> ; Morte .	Okalunga . Spirit-world (Mundo dos espíritos); hades (Inferno, além-túmulo); ocean (Oceano).	<i>Okalunga. Mar</i> .	<i>Kalunga</i> . Massa e extensão de água salgada (Mar); Outros nomes de Deus (Deus).	<i>Calúnga. Mar</i> ; <i>Calúnca. Morte</i> .	<i>Kalunga. Mar</i> , s.; Morte , s.	Kalúnga , adj. Eminente, Insig- ne; Grande. Incomensurável. Infinito. <i>Sub</i> . Massa líquida que circunda os continentes. Oceano; O mar. O Além, a Eterni- dade. Uma das três deusas que fiavam e corta- vam o fio da vida; <i>Kalunga</i> 'a-ngombe. Deus da Morte A pró- pria Morte.	<i>Kalunga. Mar</i> ; <i>Kalunga. Mor- te</i> ; <i>Kalunga. Mor- te</i> ; <i>Kalunga. Deus</i> .	<i>Kalunga</i> ozele. Mar bravo (Mar).
	<i>Kalungo</i> . Rato (Nascimento).			Ekolongonjo . A field rat (Um rato do campo) [?].		<i>Nakalongaka</i> . Rato dos cam- pos, preto; rato que faz montí- culos como a toupeira; <i>eko- longonjo</i> . Rato dos montes de salalé (Rato) [?].					
	CAMBA . Amigo.		<i>Ocamba. Ami- go</i> ; Camarada .	Ekamba . Com- rade, friend (Camarada, amigo).	<i>Ekamba</i> . Amigo .	<i>Ekamba</i> . O que dedica amizade (Amigo).	<i>Cambaria'</i> <i>Riála. Amigo</i> .	<i>Rikamba</i> . Amigo , a, s.	Kámba , sub. abrev. de rikám- ba. Amigo; confiden- te; aliado.	<i>Kamba</i> , <i>Dikamba</i> . Amigo .	<i>Ekamba</i> , <i>Muntu a</i> <i>kamba. Com- panheiro</i> .
	CAMBAMBE . Feiti- ceiro, sabido.								Mbámbe , adj. Mestre consu- mado; Exímio; Excelente; ex- celso; insigne. Sem rival; Sabi- do; como nin- guém mais. Sabedor. [?].	<i>Mbamba</i> . Mestre [?].	<i>Bambangolo</i> . Valente [?].

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – <i>Umbundu</i> (c. 1860)	<i>Sanders</i> - <i>Umbundu</i> (1885)	<i>Wilson</i> - <i>Umbundu</i> (1935)	<i>LeGuennec</i> - <i>Umbundu</i> (1972)	<i>Cannecattim</i> - <i>Língua Bunda</i> (1804)	<i>Nascimento</i> - <i>Kimbundu</i> (1903)	<i>Assis Jr.</i> – <i>Kimbundu</i> (c. 1941)	<i>Maia</i> – <i>Kimbundu</i> (1961)	<i>Maia</i> - <i>Kikongo</i> (1961)
<i>Cambambe</i> . Veado.			<i>Bambi</i> , <i>ombambi</i> . Veado.	Ombambi. Small deer (Pequeno veado).		<i>Ombambi</i> . Ani- mal antílope (Gazela).		<i>Mbambi</i> . Gazella , s.; <i>kambambi</i> . Gazella pe- quena.	Mbámbi . <i>sub.</i> <i>zool.</i> Antílope maior que a corça; Cervo; Veado; Kambámbi . <i>sub. zool.</i> Corça; Veado pequeno.	<i>Mbambi</i> . Vea- do, cervo; <i>Cam-bambi</i> . Enho.	
<i>Cambrocotó</i> . adj. Termo injurioso.		<i>Brocotó</i> . Caminho ruim						<i>Ximbolokoto</i> . Verruga , s.	Ximbolokoto. <i>sub.</i> Botão; pe- quena excres- cência da pele.	<i>Ximbolokoto</i> . Verruga.	
<i>Camuquengue</i> . Moleque.			<i>Ocoenje</i> . Cachopo; Donzel.	Okwenju. Boy (Menino); Ukwenje. Youth (Jovem, Juventude).	<i>Ukwenje</i> . Rapaz.	<i>Ukwenje</i> . Ho- mem novo (Rapaz).			Mukuenze. <i>adj e</i> <i>sub.</i> Atleta. Alen- tado; esforçado. [?]	<i>Mukuenze</i> . Atleta.	
<i>Camundá</i> . Morro, monte.			<i>Munda, ca-</i> <i>munda</i> . Cerro; Cole; Morro; <i>Munda</i> . Mon- tanha.	Omunda. Mountain (Montanha).	<i>Omunda</i> . Monte.	<i>Omunda</i> . Monte muito alto e extenso (Mon- tanha).	<i>Mulúndu</i> , <i>Milúndu</i> . Monte.	<i>Mulundu</i> . Monte , s.; <i>Kamulundu</i> . Montezinho.	Kamulundu , <i>sub.</i> Pequena eleva- ção de terreno; Pequeno morro; Monte; Mulundu . <i>sub.</i> Serra; mon- tanha; morro.	<i>Mulundu</i> . Morro.	
<i>Cananenecô</i> . Termo injurioso.						<i>Okanike</i> . Meni- no [?].					
<i>Candamburo</i> . Galo.	<i>Quindomboro</i> . Galo (Vogt & Fry).		<i>Sanje, ósanje e</i> <i>econdombóro</i> . Galo.	Ekondombolo. Rooster (Galo).	<i>Ekondombolo</i> . Galo.	<i>Ekondombolo</i> . Ave doméstica (Galo).	<i>Corumbólu</i> , <i>Jicorumbólu</i> . Gallo.	<i>Rikolombolo</i> . Gallo , s.	Kolombolo. <i>sub.</i> Galo.	<i>Kolombolo</i> , <i>Dikolombolo</i> . Galo.	<i>Ekoko dia</i> <i>nsusu, Eko-</i> <i>lombolo</i> . Galo.
	<i>Candango</i> . Feijão (Vogt & Fry).					<i>Ochindongo</i> . Milho preto (Milho) [?].			Kandanda , <i>sub.</i> <i>bot.</i> Planta legu- minosa; vagem de feijoeiro; Feijão [?].	<i>Kandanda</i> . Feijão [?].	

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – <i>Umbundu</i> (c. 1860)	<i>Sanders</i> - <i>Umbundu</i> (1885)	<i>Wilson</i> - <i>Umbundu</i> (1935)	<i>LeGuennec</i> - <i>Umbundu</i> (1972)	<i>Cannecattim</i> - <i>Língua Bunda</i> (1804)	<i>Nascimento</i> - <i>Kimbundu</i> (1903)	<i>Assis Jr.</i> – <i>Kimbundu</i> (c. 1941)	<i>Maia</i> – <i>Kimbundu</i> (1961)	<i>Maia</i> - <i>Kikongo</i> (1961)
<i>Candimba</i> . Coelho.	CANDIMBA, COANDIMBA. Coelho.		<i>Candimba</i> . Lebre.	<i>Ondimba</i> . Rabbit (Co- elho).	<i>Ondimba</i> . Coelho.	<i>Ondimba</i> . Mamí- fero roedor (Coelho).			<i>Kandimba</i> . <i>sub</i> . Coelhinho; Le- bracho; Láparo; <i>Ndimba</i> . <i>sub</i> . <i>zool</i> . Mamífero roedor, tipo de fam. Leporida; Lebre.	<i>Ndimba</i> . Coelho.	
<i>Candong</i> a. Arenga, intriga.		<i>Candong</i> a. Intriga		<i>Ondonga</i> . Kind of bird (Tipo de pássaro) [?].		<i>Ondonga</i> . Pássa- ro malhado; <i>Ondongwa</i> . Pás- saro de cauda comprida. (Pás- saro) [?].			<i>Ndônga</i> . <i>sub</i> . Grupo, muita gente (no Mute- mo); Ndôngo . <i>sub</i> . Reunião onde se emitem pareceres, opini- ões, juízos; Con- selho de família, de ministros, de guerra [?].	<i>Ndonga</i> ia atu <i>akondoloka o</i> <i>kima</i> . Grupo de pessoas dispostas em circo (Grupo) [?].	<i>Ndonga</i> . Grupo [?].
	CANENGUE, CANDENGUE. Menino, criança.					<i>Ondengendenge</i> . Criança que não atingiu a idade da razão (Cri- ança); <i>Kandengendenge</i> . Dedo mendinho (Dedo).	<i>Monandéng</i> hi. Creança .	<i>Ndenge</i> . O mais novo (pessoa). Novo, a , adj.	<i>Kandenge</i> . <i>Sub</i> . O mais novo dos irmãos; <i>adj</i> . Do menor. Ndênge . <i>adj</i> . Menor; Inferior; Adoles- cente; Fraco; pequeno. Que tem pouca idade, jovem; <i>sub</i> . Cri- ança. Menino, Pequerrucho; Moço.	<i>Ndenge</i> . Novo ; <i>Mona-ndenge</i> . Menino .	

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – <i>Umbundu</i> (c. 1860)	<i>Sanders</i> - <i>Umbundu</i> (1885)	<i>Wilson</i> - <i>Umbundu</i> (1935)	<i>LeGuennec</i> - <i>Umbundu</i> (1972)	<i>Cannecattim</i> - <i>Língua Bunda</i> (1804)	<i>Nascimento</i> - <i>Kimbundu</i> (1903)	<i>Assis Jr.</i> – <i>Kimbundu</i> (c. 1941)	<i>Maia</i> – <i>Kimbundu</i> (1961)	<i>Maia</i> - <i>Kikongo</i> (1961)
<i>Cangúia</i> . Termo injurioso ou cabalístico.			<i>Ongúia</i> (<i>adulteração de agulha</i>). Agu-lha .	<i>Ongoya</i> . A lowlander; one belonging to one of coast tribes west of the Ovimbundu (Habitante das terras baixas; pertencente a uma das tribos costeiras a oeste dos Ovimbundu); Onguya . Needle (Agulha).	<i>Onguya</i> . Agu-lha .	<i>Ongoya</i> . Adj. Que tem prazer em fazer mal (Cruel); <i>Ongoya</i> . Que tem avareza (Avarento); <i>Onguya</i> . Haste de metal para costura (Agu-lha).	<i>Gúia</i> , <i>Jigúia</i> . Agulha .	<i>Nguia</i> (<i>aport.</i>). Agulha , s.; <i>Kanguia</i> . Agulha pequena.	<i>Kangúia</i> . sub. Kátumbu . adj. Agulheado; <i>sub</i> . Agulha de pequeno tamanho; Umbigo um pouco saliente; Diz-se do cabelo de criança entrançado e untado de tacula e óleo. A própria criança com cabelo nestas condições. fig. Dinheiro.	<i>Ngúia</i> . Agulha .	
<i>Canguro</i> , <i>Onguro</i> . Porco.	<i>Anguru</i> . Porco (Nascimento; Vogt & Fry); <i>Canguro</i> , <i>Kanguru</i> , <i>Cangúru</i> . Polícia, soldado (Camp: 2006).		<i>Gullo</i> . Porco ; <i>Can-gullo</i> . Porquinha , Bacorinho .	<i>Ongulu</i> . Pig (Porco).	<i>Ongulu</i> . Porco .	<i>Ongulu</i> . Mamífero doméstico quadrúpede (Porco); <i>Okangulu</i> . Pequeno porco (Porquinho).	<i>Ngúlu</i> , <i>Jingúlu</i> . Porco ; <i>Cangúlu</i> <i>caféli</i> . Leitão .	<i>Ngulu</i> . Porco , s.; <i>Kangulu</i> . Porquinho.	<i>Ngúlu</i> , sub. zool. Género tipo da fam. suida. Porco; cevado; Kangúlu , sub. Bâcoro; leitão.	<i>Ngulu</i> . Porco .	<i>Ngulu</i> ie <i>vata</i> . Porco .
	CANJÁ . Reco-reco de bambu usado pelo grupo dos catopés na festa de Nossa Senhora do Rosário.		<i>Onganja</i> . Small gourd (Cabaça pequena); Kanja . Club out of tree (Bastão de uma árvore).	<i>Ocanja</i> . Vara .		<i>Ekonjo</i> , <i>okakonjo</i> . Chocalho para uso supersticioso (Chocalho); <i>Onganja</i> . Pau-ferro (Pau).			<i>Rikanza</i> , sub. Chocalho; instrumento musical; Pedaco de bordão ôco e frisado transversalmente e cujo ruído, produzido pela fricção de uma vareta ou fuso, acompanha a puíta, o tambor, o harmonium ou canto nas danças africanas.	<i>Dikanza</i> . Chocalho .	

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – <i>Umbundu</i> (c. 1860)	<i>Sanders</i> - <i>Umbundu</i> (1885)	<i>Wilson</i> - <i>Umbundu</i> (1935)	<i>LeGuennec</i> - <i>Umbundu</i> (1972)	<i>Cannecattim</i> - <i>Língua Bunda</i> (1804)	<i>Nascimento</i> - <i>Kimbundu</i> (1903)	<i>Assis Jr.</i> – <i>Kimbundu</i> (c. 1941)	<i>Maia</i> – <i>Kimbundu</i> (1961)	<i>Maia</i> - <i>Kikongo</i> (1961)
	CANJIRA, CANJIRAUÊ. Passarinho.		<i>Gilla, ongilla.</i> Pássaro, Ave; <i>Cam-gilla. Pas-</i> sarinho, Ave- zinha.	<i>Onjila.</i> Bird (Pássaro).	<i>Onjila.</i> Pássaro.	<i>Onjila.</i> Designa- ção genérica das aves (Pássaro).	<i>Ngíla, Jingíla.</i> Passaro; <i>Cangíla caféli.</i> Passarinho.	<i>Njila. Passaro,</i> s.	<i>Njila, sub. zool.</i> Animal bípede, oviparo, de asas. Pássaro; Ave pequena.	<i>Njila. Pássaro.</i>	
<i>Canjira-Canjerê.</i> Dança; Canjerê. Dança.		<i>Canjira-Canjerê.</i> Dança	<i>Oco-chila.</i> Dançar.	<i>Cina.</i> Dance (Dançar).	<i>Cíla. Dançar.</i>	+ <i>chila.</i> Mover o corpo segundo as regras da dan-ça (Dan- çar); <i>Ochila.</i> Lugar da dança (Dança).	<i>Cuquína.</i> Dançar.	- <i>kina. Dan-</i> çar , v.	<i>Kukína, v. intr.</i> Bailar, dançar [?].	- <i>Kina.</i> Dançar.	
<i>Canjonjo.</i> Beija-Flor.						<i>Onjonjo.</i> Beija- flor (Colibri).			<i>Kánzonzo. sub.</i> <i>zool.</i> Pequeno pássaro azul ferrete e peito vermelho; Pica- flôr.		
<i>Capungo.</i> Gente ruim.				<i>Kapiangu.</i> Thief (Ladrão) [?].		<i>Okapyangu.</i> Ladrão (Gatu- no); <i>Kapongo.</i> Espírito que causa a escravi- dão (Espírito) [?].			<i>Pungu, adj.</i> Mocho. 1. Omni- potente; que não tem igual; sub. O grande; o maior. <i>Kapúnga. sub.</i> Meirinho; moço [?].	<i>Kapunga.</i> Moço [?].	
<i>Caqui.</i> Valente, ou feiticeiro mestre.											
	<i>Carango, Carenga.</i> Mulher; Mulher velha (Vogt & Fry).				<i>Ehangala.</i> Lagarto (lagar- tixa) [?].	<i>Ehangala.</i> La- gartixa grande, das árvores (Lagartixa) [?].		<i>Rikalanga. La-</i> gartixa , s. [?]	<i>Kalanga. sub.</i> <i>zool.</i> Lagarto [?].		
<i>Carimbamba.</i> Coruja.			<i>Himbamba.</i> Coruja (esp.).								

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – <i>Umbundu</i> (c. 1860)	<i>Sanders</i> - <i>Umbundu</i> (1885)	<i>Wilson</i> - <i>Umbundu</i> (1935)	<i>LeGuennec</i> - <i>Umbundu</i> (1972)	<i>Cannecattim</i> - <i>Língua Bunda</i> (1804)	<i>Nascimento</i> - <i>Kimbundu</i> (1903)	<i>Assis Jr.</i> – <i>Kimbundu</i> (c. 1941)	<i>Maia</i> – <i>Kimbundu</i> (1961)	<i>Maia</i> - <i>Kikongo</i> (1961)
	CARINJINJIM, CARUNJINJIM, CARUNJINJINHA, CARUNJIIA, CARINJII. Um dos daçantes dos cato- pés que leva o an- tídoto; <i>Karinjinjin</i> . Pessoa responsável para administrar os meninos que não sabem dançar no catopé; sua função é educar os meni- nos (Nascimento).										
<i>Carumbi</i> . Sertanejo.				<i>Okalimbi</i> . Person who, though evil spoken of when present, does not perceive that he is the one meant (Pessoa que, apesar de se falar mal quan- do presente, não percebe que é de quem se fala) [?].					<i>Kálumbi</i> . <i>sub.</i> <i>bot.</i> Silveira; O seu fruto [?].		
	<i>Carungar</i> . Casar (Vogt & Fry); <i>Cusu-</i> <i>canar</i> . Casar (Vogt & Fry); <i>Cassú-caná</i> (Camp: 2006).			<i>Sokana</i> . Marry (Casar).		+ <i>sokala</i> . V. refl. Casar.	<i>Cucasála</i> . Casar.	- <i>sokana</i> . Casar , v.	<i>Kusókana, Ku-</i> <i>sakana</i> . V. tr. Casar, Cohabitar; ter vida comum; sub. Casamento; cohabitação.	- <i>sokana</i> , - <i>sakana</i> . Casar.	
<i>Catiça</i> . Ajudar (v.) <i>Anganzambi</i> iô <i>catiça</i> (Deus lhe ajude).	GANANZAMBE QUE TE AQUATIÇA (TIAQUATIÇA) . Deus te ajude.			<i>Kwatisa</i> . Help (Ajudar).	<i>Oku kwatisa</i> . Ajudar.	+ <i>kwatisa</i> . Auxiliar (Ajudar).	<i>Cucatessa</i> . Ajudar.	- <i>kuatesa</i> . Ajudar , v.	<i>Kukuatesa</i> . v. tr. Fazer pegar; agarrar; deter. Ajudar; amparar; socorrer.	- <i>kuatesa</i> . Ajudar.	<i>Kuatisa</i> . Ajudar.

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – <i>Umbundu</i> (c. 1860)	<i>Sanders</i> - <i>Umbundu</i> (1885)	<i>Wilson</i> - <i>Umbundu</i> (1935)	<i>LeGuennec</i> - <i>Umbundu</i> (1972)	<i>Cannecattim</i> - <i>Língua Bunda</i> (1804)	<i>Nascimento</i> - <i>Kimbundu</i> (1903)	<i>Assis Jr.</i> – <i>Kimbundu</i> (c. 1941)	<i>Maia</i> – <i>Kimbundu</i> (1961)	<i>Maia</i> - <i>Kikongo</i> (1961)	
CATIMBAR. Causar confusão.							Káximba. Sub. Engodo.			Kaximba. Engodo.		
Catita. Pequeno (Combaro catita, lugar pequeno; Combaro uonene, cidade).	CATITO, EUCATITO. Pouco, Pequeno.	Catita. Tipo de mingau	Catito. Pequeno; Pouco.	Titu. adj. Little (Pequeno)	Ci titu. Pequeno.	- titu. De di- mensões exí- guas (Pequeno).						
Caveia. interj. O que é lá?												
Caxicovera. Doença.	Kaxicobeira. Doença (Nascimento).		Oco-bera. Adoeceer; Cobalir; Doença; Enfermidade.	Kasi. Be (Locative) (Ser, estar; locativo); Vela. Be sick (Estar doente).	Okuvela. Doença.	- kasi. Achar-se presente (Estar); Okuvela. Falta de saúde (Doença).	Ocubéla. Magreza.	- bela. Magro, a (ser, estar, ficar), v.	Kúbela. v. intr. Estar magro; Definhar, enfraquecer.	- bela. Estar magro, esquelético, encovado, abatido, diminuído, humilhado (Estar).		
	CAXINGANGUELÊ, CAXINGUINGUELÊ. Defunto.						Xinjangele. Rato de palmeira. Rato [?].			Xinj'a-ngele. sub. zool. Arda. Var. Kaxinj'a ngele [?].	Xinjangele. Rato [?].	
Combaro. Lugar habitado.	CUMBARA. Cidade; CUMBARI-NÊNE. Comércio, cidade; Cumbaraiêto. Cidade grande (Vogt & Fry); Kumbara. Cidade (Nascimento).	Cumbara. Comércio, cidade	Bala, ombala. Côrte.	Ombala. Capital.	Ombala. Capital.	Ombala. Povoação numerosa (Cidade); Povoação principal (Capital).	Mbala. Povoação, s.			Mbála. sub. Pequena povoação; Vila, aldeia; Residência.	Mbala. Aldeia.	
Comboêro. Grota.		Comboêro. Cambão	Zamboeira, Cambueira (desig. Dos lugares a partir do nascente para o poente e vice-versa)	Ombwelú. Lowland (Terra baixa); K'ombwelú. Adv. Below (Abaixo).	Kombuelo. Abaixo.	K'ombwelú. Na parte inferior (Abaixo).				Mbuélú. adj. (Honga) sub. Terreno inclinado, várzea; Vale; baixa; juzante. A parte mais baixa do terreno; Descida, Pendente.	Mbuelu. Vale.	
Congá. Garrafa.			Cam-garrafa. Garrafa [?].	Ongalafa. Bottle (Garrafa) [?].	Ongalafa. Garrafa [?].	Ukongá. Cabaça com gargalo (Cabaça).	Nganza. Cabaça, s.			Kánganza. sub. Cálice, taça (de pau ou cabaça) para líquidos.	Nganza. Cabaça.	
Congembo. Morrer (v.); Morte.			Onjambo. Mortalha.				Onjembo. Sepulcro (Sepultura).					

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – <i>Umbundu</i> (c. 1860)	<i>Sanders</i> - <i>Umbundu</i> (1885)	<i>Wilson</i> - <i>Umbundu</i> (1935)	<i>LeGuennec</i> - <i>Umbundu</i> (1972)	<i>Cannecattim</i> - <i>Língua Bunda</i> (1804)	<i>Nascimento</i> - <i>Kimbundu</i> (1903)	<i>Assis Jr.</i> – <i>Kimbundu</i> (c. 1941)	<i>Maia</i> – <i>Kimbundu</i> (1961)	<i>Maia</i> - <i>Kikongo</i> (1961)
<i>Copequera</i> . Dormir (v.).			<i>Oco-pequéra</i> . Adormecer; <i>Oco-pequera</i> . Dormir.	Pekela. Sleep (Dormir).	<i>Oku pekela</i> . Dormir.	+ <i>pekela</i> . Deitar alguém (Dei- tar); + <i>pekela</i> <i>otulo</i> . Estar en- tregue ao sono (Dormir).					
<i>Corofeca</i> . Ruim.				Ofeka. Country (País, nação).	<i>Ofeka</i> . País.	<i>Ofeka</i> . Conjunto de indivíduos que constituem uma sociedade autónoma, re- gião (Nação).					
<i>Covicanda</i> . Escre- ver, Conversar (v.).			<i>Mocanda</i> . Escrita.	Ukanda. Letter (Carta).	<i>Ukanda</i> . Carta.	<i>Ukanda</i> . Carta escrita (Carta).	<i>Mucánda</i> , <i>Micánda</i> . Carta.	<i>Mukanda</i> . Carta , s.	<i>Múkanda. sub.</i> Epístola; Qual- quer papel escri- to; Mensagem que se dirige a qualquer.	<i>Mukanda</i> , <i>Kamukanda</i> . Carta.	<i>Nkanda a</i> <i>sonékua</i> . Carta.
<i>Cuata</i> . Pegar v. (Orossimba ô cuatá ô mpuco - O gato pega o rato).			<i>Oco-coata</i> . Agarrar; Embargar.	Kwata. Seize (Agarrar).	<i>Oku kuata</i> . Pegar.	+ <i>kwata</i> . Colar, fazer aderir (Pegar); Apa- nhar (Agarrar).	<i>Cumucuáta</i> . Agarrar; <i>Cucuáta</i> , ou <i>Cumucuáta</i> . Pegar de alguém.	- <i>kuata</i> . Pe- gar , v. (tomar, apanhar).	Kukuata. v. intr. Ter; possuir; v.tr. Agarrar; pegar; segurar.	- <i>Kuata</i> . Pegar.	
<i>Cuendê</i> . Entrar (v.).	QÜENDA. Reunião, reunido; <i>Uendar</i> . Andar (Vogt & Fry).		<i>Ocoênta. Ir;</i> Marchar.	Enda. Go (Ir).	<i>Oku enda. Ir,</i> Andar.	+ <i>enda</i> . Passar de um lugar para outro (Ir).	<i>Cuénda. An-</i> dar; Ir.	- <i>enda. Andar,</i> v.	Kuénda. v. intr. Andar; percor- rer; Viajar; cami- nhar; marchar. <i>sub.</i> Andadura; marcha.	<i>Kuenda. Andar.</i>	<i>Kuenda</i> <i>malembe-</i> <i>malembe;</i> <i>kuenda atonji.</i> Andar deva- gar (Andar).
	CUMBUMBE SABUQUIRENE. Mulher grávida.						<i>Cussabúca</i> . Nascer [?].	<i>Mbumbi. Bola,</i> s.; - <i>sabuka</i> . Brotar , v. [?].	Mbumbi. sub. (IX) Bola. Kusabuka. V. intr. Despontar; Germinar; sair do solo. Nascer; <i>sub.</i> Acto de bro- tar, de nascer. [?]	<i>Mbumbi. Bola;</i> - <i>Sabuka. Ger-</i> minar. [?]	<i>Savuka. Ger-</i> minar [?].
	CURIÁ. Comer; <i>Curiar.</i> Beber (Vogt & Fry).		<i>Cudia, ócudia</i> . Comer.	Lia. Eat (Comer).	<i>Oku lia. Comer.</i>	+ <i>lya</i> . Tomar como alimento (Comer).	<i>Cúria. Comer.</i>	- <i>ria. Comer</i> , v.	Kúria. v. tr e intr. Comer.	- <i>Diá. Comer.</i>	- <i>diá o</i> <i>menga.</i> Co- mer sangue (Comer).

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – Umbundu (c. 1860)	<i>Sanders</i> - Umbundu (1885)	<i>Wilson</i> - Umbundu (1935)	<i>LeGuennec</i> - Umbundu (1972)	<i>Cannecattim</i> - Língua Bunda (1804)	<i>Nascimento</i> - Kimbundu (1903)	<i>Assis Jr.</i> – Kimbundu (c. 1941)	<i>Maia</i> – Kimbundu (1961)	<i>Maia</i> - Kikongo (1961)
<i>Curiacuca</i> . Cozinho.	<i>Nacuruacucua</i> . Homem velho (Vogt & Fry).		<i>Cudia</i> , <i>óudia</i> . Comer ; <i>Cuco</i> . Avô ; <i>Oacuca</i> . Decrépito .	<i>Ukulu</i> . Elder (Mais velho); <i>Kuku</i> . Grandparent (Avô); a deferential response (tratamento respeitoso).	Oku lia. Comer ; Wa kuka, ca kuka. Velho .	<i>Ukulu</i> . Homem de idade avançada (Velho); - <i>kuka</i> . Idoso (Velho). <i>Ou</i> , + <i>lya</i> . Comer ; - <i>kuka</i> . Velho .	<i>Cúria</i> . Comer ; <i>Cúcu</i> , <i>Jicúcu</i> . Avô .	- <i>ria</i> . Comer , v.; <i>kuku</i> . Avô , s.	<i>Kúria</i> . v. tr e intr. Comer; <i>Kúku</i> . sub. Avô; avô. Antepassado.	- <i>Diá</i> . Comer ; <i>Kuku ia diala</i> . Avô .	- <i>diá</i> ; <i>Nkaka ia kala</i> (Avô).
<i>Curilandamba</i> . Velho.						<i>Ukulu wendamba</i> . Homem de idade avançada (Velho).					
<i>Curima</i> . Serviço.			<i>Curima</i> , <i>ó corima</i> . Agrícola ; Cultivação .	<i>Lima</i> . Cultivate (Cultivar, lavrar).	Oku lima. Lavrar .	+ <i>lima</i> . Cultivar (Lavrar).	<i>Curíma Ochi</i> . Lavrar a terra .	- <i>rima</i> . La- vrrar , v.	<i>Kuríma</i> . v tr. Lavrar (terra); capinar.	- <i>dima</i> . Capinar .	
<i>Duque</i> . Tambor (Vogt & Fry).				<i>Endingu</i> . Drum (Tambor) [?].		<i>Endingu</i> . Tambor curto e com duas peles (Tambor) [?].					<i>Duku</i> . Tambor, bombo [?].
<i>Exoa</i> . Bobo (Vogt & Fry).						<i>Ochyova</i> . Indivíduo falta de inteligência (Estúpido).	<i>Quatóva</i> , <i>Atóva</i> . Idiota .	<i>Kioua</i> . Estupido, a , adj.	<i>Kióua</i> . Adj. e sub. Néscio; parvo; tolo.	<i>Kióua</i> . Estúpido, cretino .	<i>Ezóua</i> . Estúpido, cretino .
FUNDANGA DE CAPECERE . Peido fedido			<i>Fundanga</i> , <i>ófundanga</i> . Pólvora ; <i>Oco-pecéra</i> . Perda ; Espargir ; Entornar ; Dano [?].	<i>Ofundanga</i> . Gunpowder (Pólvora); <i>Pesela</i> . Turn over, drop (Virar, soltar) [?].	<i>Ofundanga</i> . Pólvora ; <i>Oku pesela</i> . Derramar [?].	<i>Ofundanga</i> . Substância explosiva (Pólvora); + <i>pesela</i> . Entornar, espalhar (Derramar) [?].	<i>Cuffundánca</i> . Pólvora ; <i>Cubússa</i> . Soprar [?].	<i>Fundanga</i> . Polvora , s.; - <i>busela</i> . Andar a assoprar. Assoprar [?].	<i>Fundanga</i> , sub. Substância explosiva para as armas de fogo; Pólvora; <i>Kubusela</i> . v. intr. Soprar [?].	<i>Fundanga</i> . Pólvora ; - <i>busela</i> . Assoprar [?].	
GAJEIRO . Dançante do Catopés											
GUNGA, CUMBA . Sino; GONGO TEIA . Sino; <i>Gongo</i> . Sino (Nascimento).			<i>Ongunga</i> . Large bell (Sino grande).	<i>Ongunga</i> . Sino .		<i>Ongunga</i> . Instrumento que produz sons (Sino).		<i>Ngunga</i> . Sino , s.	<i>Ngúnga</i> . sub. Qualquer instrumento sonoro; Sino.	<i>Ngunga</i> . Sino .	

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – Umbundu (c. 1860)	<i>Sanders</i> - Umbundu (1885)	<i>Wilson</i> - Umbundu (1935)	<i>LeGuennec</i> - Umbundu (1972)	<i>Cannecattim</i> - Língua Bunda (1804)	<i>Nascimento</i> - Kimbundu (1903)	<i>Assis Jr.</i> – Kimbundu (c. 1941)	<i>Maia</i> – Kimbundu (1961)	<i>Maia</i> - Kikongo (1961)
<i>Imbanda</i> . 1. Feitor. 2. Sacerdote, feiti-ceiro. 3. Também se refere ao chefe de uma prática litúrgi-ca, a Cabula, da qual existiam adeptos em São João da Chapada.			<i>Quimbanda, Himbanda. Curandeiro.</i>	Ocimbanda. Doctor (Mé-dico).	<i>Ocimbanda. Feiticeiro; Médico.</i>	<i>Ochimbanda.</i> Bruxo (Feiti-ceiro); Médico indígena (Cu-randeiro); Homem que exerce a medi-cina (Médico).	<i>Quimbár, Imbár. Feitor de fazenda.</i>	<i>Kimbanda. Curandeiro</i> , s.	Kimbánda. <i>sub.</i> Pessoa que trata de doentes; Má-gico; exorcista; necromante; bruxo.	<i>Kimban-da.</i> Bruxa (o); Médico.	<i>Kimbanda. Feiticeiro.</i>
	<i>Ingoma casaca.</i> Revólver (Nasci-mento); <i>Engoma-casaca, ingomaca-saqui</i> (Camp: 2006).										
<i>Injara</i> . Fome.			<i>Onjalla. Fome; Appetite; Ca-rência.</i>	<i>Onjala.</i> Hunger (Fome).	<i>Onjala. Fome.</i>	<i>Onjala.</i> Appetite de comer (Fo-me).	<i>Nzála. Fome.</i>	<i>Nzala. Fome</i> , s.	Nzála. <i>sub.</i> Fo-me; appetite; Von-tade de comer.	<i>Nzala. Fome.</i>	
<i>Itaco</i> . Assento, anus.			<i>Ettaco. Cu.</i>	Etaku. Butt (Nádega).		<i>Etako.</i> Parte carnuda que forma a parte superior e pos-terior das coxas (Nádega).	<i>Ritáccu, Matáccu. Cu.</i>	<i>Ritaku. Na-dega</i> , s.	Mataku. <i>Sub. pl.</i> Parte carnuda que lade a o anus; Nádegas.	<i>Taku, Ditaku (pl. Mataku).</i> Nádega.	
	JACUBA. Farinha de mandioca com garapa ou café										
<i>Jambá.</i> Ouro.	JAMBÁ. Diamante; Ouro		<i>Samba, onjamba. Elefante; Binga e onjamba. Marfim.</i>	Onjamba. Elephant (Elefante).	<i>Onjamba. Ele-fante; eyo lionjamba. Marfim.</i>	<i>Onjamba.</i> O mamífero mais corpulento (Ele-fante); <i>Osamba.</i> Feitiço de di-nheiro (Feiti-ço); <i>Onjambo.</i> Gorjeta (Grati-ficação).	<i>Zámba Jizámba. Elefante.</i>	<i>Nzamba. Ele-phante</i> , s.	Nzamba. <i>sub.</i> Elefante.	<i>Nzamba. Elefante.</i>	
	CAXAMBÁ. Dia-mante; CAXAMBÁ DE OMENHA. Dia-mante; <i>Kachambi, Kaichama</i> (Camp: 2006).			Okatiamba. Beans (a kind of) (Feijão, tipo) [?].					Kaxámba. <i>sub. bot.</i> Feijoeiro e seu fruto; Feijo-ca; vagem [?].		

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – Umbundu (c. 1860)	<i>Sanders</i> - Umbundu (1885)	<i>Wilson</i> - Umbundu (1935)	<i>LeGuennec</i> - Umbundu (1972)	<i>Cannecattim</i> - Língua Bunda (1804)	<i>Nascimento</i> - Kimbundu (1903)	<i>Assis Jr.</i> – Kimbundu (c. 1941)	<i>Maia</i> – Kimbundu (1961)	<i>Maia</i> - Kikongo (1961)
<i>Jambi</i> . Capim.				Onjambolo, Onjombia. Young grass (Relva nova).		<i>Onjombya</i> . Erva tenra (Erva).				<i>Kandámbia</i> . Erva.	
<i>Jombô</i> . Lama Preta.											
<i>Lamba</i> . Desgraça.	LAMBA . Trabalho pesado		<i>Elamba</i> . Pobreza; Empobrecimento.			<i>Elamba</i> . Infortúnio (Desgraça).		<i>Rilamba</i> . Desgraça , s.	<i>Lámba</i> . sub. Desventura; provação; infortúnio.	<i>Lamba, Dilamba</i> (pl. <i>Malamba</i>). Desventura.	
<i>Macuco</i> . Mulher feia e velha.	MACUCA (O) . Mulher (homem) feia (o) e velha (o)		<i>Cuco</i> . Avô; Oacuca. Decrépito.	<i>Kuku</i> . Grandparent (Avô); a deferential response (tratamento respeitoso).	<i>Wa kuka, ca kuka</i> . Velho.	- <i>kuka</i> . Idoso (Velho); <i>kuku, makulu</i> . A mãe dos pais (Avô).	<i>Cúcu, Jicúcu. Avô.</i>	<i>Kuku. Avô</i> , s.	<i>Kúku</i> . sub. Avô; avó. Antepassado.	<i>Kuku. Antepassado.</i>	<i>Akulu, Nkaka. Antepassado.</i>
	MACUMBA EMBUA, MACUNDENBAIA. Espingarda; Cachorro [?]; <i>Macundenbaia</i> . Espingarda.					<i>omukonda</i> . Arma branca de lâmina curta e perfurante (Punhal) [?].	<i>Lucácu, Mácu. Braço.</i>	<i>Lukuaku</i> (pl. <i>maku</i>). Braço , s.	<i>Máku</i> . sub. pl. Braços; mãos [?].		<i>Koko</i> (pl. <i>moko</i>). Braço.
	MAENGUE . Queijo; Maiengue. Queijo (Nascimento).					<i>Omahini</i> . Leite azedo (Leite) [?].					<i>Muenge</i> (pl. <i>Mienge</i>). Milho [?].
	<i>Maêni</i> . Vaca leiteira [?] (Camp: 2006).					<i>Omahini</i> . Leite azedo (Leite).					
<i>Manguanguera</i> adj. Sem gordura (<i>Pipoque Manguanguera</i> - Feijão sem gordura; <i>Ochito Manguanguera</i>).						- <i>ngonḡonela</i> . Que tem pouca gordura (Magro) [?].			<i>Mungangela</i> . adj. e sub. Natural ou proveniente das ganguelas [?].		
<i>Manjangue</i> . Irmão.				<i>Manje</i> . Younger brother or sister (Irmão ou irmã mais novos).	<i>Manji ulume. Irmão.</i>	<i>Manje</i> . Filho do mesmo pai e da mesma mãe em relação a outro filho (Irmão).					
<i>Maravir</i> . Terra.					<i>Oluali</i> . Terra [?].	<i>Olwili</i> . Planeta em que habitamos (Terra) [?].					

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – Umbundu (c. 1860)	<i>Sanders</i> - Umbundu (1885)	<i>Wilson</i> - Umbundu (1935)	<i>LeGuennec</i> - Umbundu (1972)	<i>Cannecattim</i> - Língua Bunda (1804)	<i>Nascimento</i> - Kimbundu (1903)	<i>Assis Jr.</i> – Kimbundu (c. 1941)	<i>Maia</i> – Kimbundu (1961)	<i>Maia</i> - Kikongo (1961)
	<i>Marauangue, Marruangue.</i> Criança, menino (Vogt & Fry).		<i>Mora e ocai. Filha.</i>	<i>Omona.</i> Child (Criança).	<i>Omola. Criança.</i>	<i>Omola.</i> Ser humano ainda pequeno (Criança).					
	MASSANGUE, ASSANGUE. Arroz; Angu; <i>Massango, Massangro, Massámbi, Marsame, Marsámbi</i> (Camp: 2006).				<i>Asangu. Painço.</i>	<i>Asangu.</i> Milho painço. (Milho); Espécie de milho miúdo (Sorgo).		<i>Masangu, pl. Alpiste, s.</i>	<i>Másangu. sub. Bot.</i> Cereal miúdo fam. das gramíneas [penisetum typhoidum). de propriedade alimentícia. Alpiste; painço.	<i>Masangu. Milho; Painço.</i>	
<i>Matombô. Mandioca.</i>	<i>Matombo. Cabeça</i> (Vogt & Fry); <i>Mutombo, Mutongo.</i> Mandioca (Vogt & Fry); <i>Moutombou, Matombô</i> (Camp: 2006).	<i>Matombô. Mandioca</i>	<i>Ottombo. Mandioca.</i>	<i>Utombo. Mandioc</i> (Mandioca).	<i>Utombo. Mandioca.</i>	<i>Utombo.</i> Planta cuja raiz é comestível ebe-massim as folhas quando ainda tenras (Mandioca).		<i>Mutombo. Mandioca de molho. Mandioca, s.</i>	<i>Ritúmbu. sub. Montículo; Terra amontoada com a mão, enxada, etc.</i>		
	MAVU. Cemitério; <i>Marru, Mavu.</i> Terra (Vogt & Fry).						<i>Mávu. Pó.</i>	<i>Mavu, pl. Barro, s.</i>	<i>Mâvu, sub.</i> Terra; pó.	<i>Mavu. Terra.</i>	<i>Efuku dia mavu.</i> Monte de barro (Monte).
<i>Mbambe. Frio.</i>	BAMBI. Frio		<i>Bambi, Om-bambi. Frio.</i>	Ombambi. Cold (Frio).	<i>Ombambi. Frio.</i>	<i>Ombambi.</i> Ausência de calor (Frio).	<i>Bámbi. Frio.</i>	<i>Mbambi. Frio, s.</i>	<i>Mbámbi, sub.</i> Friagem; Ar ou tempo frio.	<i>Mbambi. Frio.</i>	
<i>Mbanga. Membro Viril.</i>								<i>Mbanga. Testículo, s.</i>	<i>Mbânga, sub.</i> Cada um dos dois órgãos que dentro do escroto acompanham o pênis; Testículo.	<i>Mbanga. Testículo.</i>	
<i>Mbembo. Feitor; Moço branco.</i>									<i>Pemba. sub.</i> Substância argilosa branca, usada nos exorcismos e xingulamentos. [?]		<i>Ampembe. Branco</i> [?].
<i>Mbungururu. Estrela.</i>				<i>Olumbungululu. Star.</i>	<i>Olumbungululu. Estrêla.</i>	<i>Olumbungululu.</i> Astro celeste (Estrela).				<i>Lumbungûlu. Estrela.</i>	

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – <i>Umbundu</i> (c. 1860)	<i>Sanders</i> - <i>Umbundu</i> (1885)	<i>Wilson</i> - <i>Umbundu</i> (1935)	<i>LeGuennec</i> - <i>Umbundu</i> (1972)	<i>Cannecattim</i> - <i>Língua Bunda</i> (1804)	<i>Nascimento</i> - <i>Kimbundu</i> (1903)	<i>Assis Jr.</i> – <i>Kimbundu</i> (c. 1941)	<i>Maia</i> – <i>Kimbundu</i> (1961)	<i>Maia</i> - <i>Kikongo</i> (1961)
<i>Meprá</i> . Roça.				<i>Epia</i> (plu. <i>Ovapia</i>). Field (Campo) [?].	<i>Epia</i> . Campo . [?]	epya (?) roça .					<i>Évia</i> . Roça [?].
<i>Mossoroca</i> . Chuva Grossa.	<i>Mossoroco</i> . Chuva grossa (Nascimen- to); <i>Mossoroca</i> (Camp: 2006).	<i>Mossoroca</i> . Sal									
MUCAIANGUE . Arma de fogo			<i>Mocco</i> . Faca .	<i>Omoku</i> . Knife (Faca).	<i>Omoko</i> . Faca .	<i>Omoko</i> . Instru- mento cortante composto de lâmina e cabo (Faca); <i>omu- konda</i> . Arma branca de lâmi- na curta e per- furante (Pu- nhal).	<i>Pócu ria</i> <i>cubatuŵla</i> . Fa- ca de cortar .	<i>Poko</i> . Faca , s.	<i>Pôko</i> . Sub. Faça; navalha.	<i>Poko</i> . Faca .	
MUCUETU . Silêncio					<i>Ukuetu</i> . Cama- rada .	<i>Ukwetu</i> . Cama- rada (Compa- nheiro).		<i>Mukuetu</i> . Meu e nosso, Com- panheiro , a, s.	<i>Mukuetu</i> . <i>adj. e</i> <i>sub.</i> Outro (como nós). Camarada; companheiro; <i>Akuetu</i> . <i>adj. e</i> <i>pron. indef. pl.</i> Outros (como eu, como nós); Nós outros; Meus companheiros.	<i>Mukuetu</i> . Amigo ; <i>Muku- etu</i> , <i>Ukuetu</i> . Companhei- ro .	<i>Nkuetu</i> . Amigo .
MUGUANGO , CONGO TEIA . Tatu			<i>Ecungo</i> . Des- penhadeiro .	<i>Ekungu</i> . Ra- vine, abyss (Ravina, abis- mo) [?]; <i>Oluteya</i> . Young rabbit (Coelho jovem).		<i>Ekungu</i> . Buraco fundo (Buraco) [?]; <i>Oluteya</i> . Es- pécie de Lebre (Lebre).		<i>Rizungu</i> . Bu- raco , s. [?]	<i>Rikungu</i> . <i>sub.</i> Barroca; escava- ção, cova [?].	<i>Kikungu</i> . Buraco [?].	
<i>Munha</i> . Trigo; <i>Munha de mutombo</i> . Farinha de mandio- ca (Vogt & Fry).						<i>Omonda</i> . Fari- nha [?]					
NANGUÊ . Você											<i>Nge</i> , <i>ngei</i> , <i>ngéie</i> . Tu .

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – Umbundu (c. 1860)	<i>Sanders</i> - Umbundu (1885)	<i>Wilson</i> - Umbundu (1935)	<i>LeGuennec</i> - Umbundu (1972)	<i>Cannecattim</i> - Língua Bunda (1804)	<i>Nascimento</i> - Kimbundu (1903)	<i>Assis Jr.</i> – Kimbundu (c. 1941)	<i>Maia</i> – Kimbundu (1961)	<i>Maia</i> - Kikongo (1961)
Ndimba. Cantador.				<i>Onjimba</i> . Singer (Cantor).	<i>Onjimbi</i> , <i>Onjimba</i> . Cantor .	<i>Onjimba</i> , <i>onjimbe</i> . O que canta (Cantador).		<i>Ngimbi</i> , <i>Ngimbiri</i> . Cantor , s.	<i>Ngímbi</i> . <i>adj. e sub.</i> Que canta; Pessoa que sabe cantar; Cantor.	<i>Njimbi</i> . Can-tador ; <i>Ngimbi</i> . Cantor .	<i>Nhimbila</i> . Cantador ; <i>Nhimbidi</i> . Cantor .
<i>Nganga</i> , <i>Uganga</i> . Padre; <i>Oronganga</i> . Soldado.	<i>Inganga</i> , <i>Góngu</i> , <i>Inganga</i> . Padre (Camp: 2006).		<i>Nganga</i> . Bruxo ; <i>Ganga</i> , <i>onganga</i> . Feiticeiro ; Auganna ganga (Anganna). Padre.	<i>Onganga</i> . Wizard (Bruxo).	<i>Onganga</i> . Bruxa .	<i>Onganga</i> . O que tinha o poder de oferecer vítimas à divindade, entre os Antigos (Sacerdote); <i>Uganga</i> . Ofício de bruxo (Bruxo).	<i>Táta</i> - <i>Ngánga</i> ; <i>Ngánga</i> . Pa-dre .	<i>Nganga</i> , Pa-dre , s.	<i>Ngánga</i> , <i>adj. e sub.</i> Sacerdote; profeta; Que tem ou revela grande saber; Douto; mestre; Padre; doutor de igreja; Clérigo; abade.	<i>Nganga</i> . Sa-cerdote .	<i>Nganga a Ndonga</i> . Sacerdote de Deus (Sacerdote).
<i>Ngombe</i> , <i>Ongombe</i> , <i>Orongombe</i> . Boi.	ONGOMBE . Boi		<i>Gombe</i> , <i>Ongombe</i> . Boi ; <i>Olongombe</i> . Boiada , Vacum .	<i>Ongombe</i> . Ox (Boi).	<i>Ongombe</i> . Boi .	<i>Ongombe</i> . Boi doméstico (Boi).	<i>Ngómbi</i> , <i>Jingómbi</i> . Boi , ou Vaca .	<i>Ngombe</i> . Boi , s.	<i>Ngómbe</i> . <i>sub. zool.</i> Ruminante da fam. dos bovídeos destinado a carga e alimentação do homem; Boi.	<i>Ngombe</i> . Boi .	<i>Ngombe iakala</i> . Boi .
<i>Nguenda</i> . Pressa; pequena fuga.	QÜENDA . Reunião, reunido; <i>Uendar</i> . Andar (Vogt & Fry).		<i>Ocoênta</i> . Ir ; Marchar .	<i>Enda</i> . Go (Ir).	<i>Oku enda</i> . Ir , Andar .	+ <i>enda</i> . Passar de um lugar para outro (Ir).	<i>Cuénda</i> . An-dar ; Ir .	- <i>enda</i> . An-dar , v.	<i>Kuénda</i> . v. <i>intr.</i> Andar; percorrer; Viajar; caminhar; marchar. <i>sub.</i> Andadura; marcha.	<i>Kuenda</i> . Andar .	<i>Kuenda malembe-malembe</i> ; <i>kuenda atonji</i> . Andar devagar (Andar).
<i>Nhorrã</i> . Cobra.	<i>Inharra</i> . Cobra (Vogt & Fry)		<i>Nhóa</i> , <i>Ónhóa</i> . Cobra .	<i>Onyoha</i> . Snake (Cobra).	<i>Onyoha</i> . Cobra .	<i>Onhoha</i> . Réptil ofídio (Cobra).	<i>Nhóca</i> , <i>Jinhóca</i> . Cobra .	<i>Nhoka</i> . Co-bra , s.	<i>Nhoka</i> . <i>sub.</i> Serpente; réptil; Cobra.	<i>Nhoka</i> . Cobra .	<i>Nioka</i> . Cobra .
<i>Njequê</i> . Capanga (sacola).			<i>Ongeque</i> . Saco .	<i>Onjeke</i> . Bag (Saco).	<i>Onjeke</i> . Saco .	<i>Onjeke</i> . Bolsa cosida por todos os lados e com uma só abertura (Saco).		<i>Nzeke</i> . Sacco , s.	<i>Nzéke</i> . <i>sub.</i> Envólucro feito da entrecasca do imbondeiro para condução de cereais; Saco.	<i>Nzeke</i> . Saco .	
<i>Npuco</i> . Rato.			<i>Mucco</i> . Rato .	<i>Omuku</i> . Rat (Rato).	<i>Omuku</i> . Rato .	<i>Omuku</i> . Mamífero roedor (Rato).		<i>Puku</i> . Rato , s.	<i>Puku</i> . <i>sub. zool.</i> Rato silvestre.	<i>Puku</i> . Rato .	<i>Mpuku</i> . Rato .

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – <i>Umbundu</i> (c. 1860)	<i>Sanders</i> - <i>Umbundu</i> (1885)	<i>Wilson</i> - <i>Umbundu</i> (1935)	<i>LeGuennec</i> - <i>Umbundu</i> (1972)	<i>Cannecattim</i> - <i>Língua Bunda</i> (1804)	<i>Nascimento</i> - <i>Kimbundu</i> (1903)	<i>Assis Jr.</i> – <i>Kimbundu</i> (c. 1941)	<i>Maia</i> – <i>Kimbundu</i> (1961)	<i>Maia</i> - <i>Kikongo</i> (1961)
<i>Obingá</i> . Chifre; <i>Ombingá</i> . Magro.			<i>Binga, Lom- binga. Córneo.</i>	Ombinga. Horn (Chifre); Tusk (Presa).	<i>Ombinga.</i> Chifre.	<i>Ombinga.</i> Corno (chifre).	<i>Bínga, Gibínga.</i> Corno.		Mbínga. sub. Cada um dos apêndices duros na cabeça, de certos ruminan- tes; Cornicho.	<i>Mbinga.</i> Chifre.	
<i>Ocará</i> . Café.	<i>Okara.</i> Café (Nas- cimento).			Ekala. A coal (Um carvão).	<i>Ekāla.</i> Carvão.	<i>Akala, ekala.</i> Madeira mal queimada (Car- vão).		<i>Rikala</i> (pl. <i>Makala</i>). Car- vão, s.	Ríkala. sub. Carvão.	<i>Dikala.</i> Car- vão.	<i>E kala.</i> Car- vão.
<i>Ocaiá</i> . Fumo.	MACANHA, MACAIO. Fumo de rolo; <i>Macaibo, okaia, okaio, makaio</i> (Camp: 2006).		<i>Macanha, ómacanha.</i> Tabaco.	Ekaya. Tobacco-leaf (Folha de ta- baco).		<i>Ekaya.</i> Planta herbácea (Ta- baco); <i>Akaya.</i> Folhas desta planta, prepara- das para fumar ou cheirar (Ta- baco).	<i>Macála, Acála.</i> Carvão.	<i>Rikanha</i> (pl. <i>Makanha</i>). Tabaco, s.	Rikanha. sub. Folha de tabaco.	<i>Dikanha</i> (pl. <i>makanha</i>). Tabaco.	<i>E káia</i> (pl. <i>makáia</i>). Tabaco.
<i>Ochito.</i> Carne.	OXITO. Porco; Car- ne. <i>Oxita.</i> Carne (Nascimento); <i>Osito.</i> Carne (Vogt & Fry).		<i>Chito, óchito.</i> Carne.	Ositu. Meat (Carne).	<i>Ositu.</i> Carne.	<i>Ositu.</i> Tecido muscular (Carne).	<i>Chítu.</i> Carne.	<i>Xitu.</i> Carne, s.	<i>Xitu.</i> sub. Carne.	<i>Xitu.</i> Carne.	<i>Nitu.</i> Carne.
<i>Oenda.</i> Entrar (v.).	QÜENDA. Reunião, reunido; <i>Uendar.</i> Andar (Vogt & Fry).		<i>Ocoênta. Ir;</i> Marchar.	Enda. Go (Ir).	<i>Oku enda. Ir,</i> Andar.	+ <i>enda.</i> Passar de um lugar para outro (Ir).	<i>Cuénda. An- dar; Ir.</i>	- <i>enda. An- dar, v.</i>	Kuénda. v. intr. Andar; percor- rer; Viajar; cami- nhar; marchar. sub. Andadura; marcha.	<i>Kuenda. An- dar.</i>	<i>Kuenda malembe- malembe; kuenda atonji.</i> Andar deva- gar (Andar).
<i>Oique.</i> Rapadura.	UÍQUE. Rapadura; <i>Oêki, Uiki</i> (Camp: 2006).		<i>Ouíque. Mel.</i>	Owiki. Honey (Mel).	<i>Owiki. Mel.</i>	<i>Owiki.</i> Substân- cia açucarada que as abelhas preparam com o suco das flores (Mel).	<i>Guiquí. Mel.</i>	<i>Uiki. Mel, s.</i>	Uíki. sub. Mel.	<i>Uiki, Nhuiki.</i> Mel.	
	<i>Ogira.</i> Fogo (Nas- cimento).										
<i>Ombera.</i> Chuva.			<i>Om-béra.</i> Chuva.	Ombela. Rain (Chuva).	<i>Ombela.</i> Chuva.	<i>Ombela.</i> Água que cai da at- mosfera (Chu- va).					

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – <i>Umbundu</i> (c. 1860)	<i>Sanders</i> - <i>Umbundu</i> (1885)	<i>Wilson</i> - <i>Umbundu</i> (1935)	<i>LeGuennec</i> - <i>Umbundu</i> (1972)	<i>Cannecattim</i> - <i>Língua Bunda</i> (1804)	<i>Nascimento</i> - <i>Kimbundu</i> (1903)	<i>Assis Jr.</i> – <i>Kimbundu</i> (c. 1941)	<i>Maia</i> – <i>Kimbundu</i> (1961)	<i>Maia</i> - <i>Kikongo</i> (1961)
<i>Ombiá</i> . Cigarro.		<i>Imbiá</i> . Cigarro	<i>Ombia</i> , <i>Hombia</i> . Panela [?].	Ombia . Pot (Panela, Pote) [?].	<i>Ombia</i> . Póte [?].	<i>Ombya</i> . Vaso em que se cozem os alimentos (Pane- la); <i>ongolongombya</i> . Pó de cachimbo (Pó) [?].	<i>Ímbia</i> , <i>Jímbia</i> . Panela [?].	<i>Imbia</i> . Panela , s. [?].	<i>ímbia</i> . <i>sub.</i> Vaso de barro ou me- tal em que se coze a comida; Panela; Tacho; Caçarola [?].	<i>Ímbia</i> . Panela [?].	<i>Mbiá</i> . Panela [?]. <i>Mbúngua</i> . Pipa (de cachimbo) .
<i>Omboá</i> . Cachorro.	<i>Anguá</i> . Cachorro (Nascimento); <i>Ambuaianque</i> . Cachorro (Vogt & Fry); <i>Imbuá</i> (Vogt & Fry); <i>Amuá</i> (Camp: 2006).		<i>Cambua</i> . Ca- chorro ; <i>Hombua</i> . Ca- chorra .	Ombwa . Dog (Cachorro)	<i>Ombua</i> . Cão .	<i>Ombwa</i> . Animal doméstico (Cão).	<i>Imbua</i> , <i>Jimbúa</i> . Cão .	<i>Imbua</i> . Cão , s.	<i>Ímbua</i> , <i>sub.</i> zool. Quadrúpede carnívoro digiti- grado e domésti- co. Cão; cadela; cachorro.	<i>Mbua</i> , <i>Ímbua</i> . Cão .	<i>Mbúa</i> . Cão .
<i>Omenhá</i> , <i>Menhá</i> . Água.	OMENHA, OME- NHÁ, OMENGUE . Água; <i>Omengue</i> (Nascimento); <i>Nenha</i> (Camp: 2006).	<i>Omenha</i> . Fazer cocô	<i>Baba</i> , ó <i>baba</i> . Água ; <i>Oabenga</i> . Turvo .	Ovava . Water (Água); Ombenga . Sediment (Se- dimento).	<i>Ovava</i> . Água .	<i>Ovava</i> . Água; <i>Ombenga</i> . Água turva (Água).	<i>Ménha</i> . Agua .	<i>Menha</i> (pl.). Agua , s.	Ménha . <i>sub.</i> Água; Lugar por onde a água corre ou alaga.	<i>Menha</i> , o <i>mema</i> , o <i>vava</i> . Água .	<i>Méia</i> , <i>Mea</i> . Água ; <i>Menga</i> . Sangue .
	OMENHA DE CA- XAÍ, OMENGA DE CAXAÍ . Cachaça.										
	OMENHÁ DE VIANGUE . Cachaça; <i>Viango</i> (Camp: 2006).		Omwenge . Sugar-cane (Cana de açú- car).	<i>Omuengue</i> . Cana .	<i>Enge</i> . Haste oca; <i>omwenge</i> . Cana- de-açúcar (Ca- na).		<i>Muéngue</i> , <i>Miéngue</i> . Cana de assucar .	<i>Muenge</i> . Can- na , s.	Muéngue . <i>sub.</i> Bot. Planta fam. das graníneas (saccharum officinarum), de que se faz o açúcar; Cana doce; Rianga . <i>sub.</i> Cana brava.	<i>Muenge</i> , <i>Mun- ga</i> . Cana .	<i>Muinse</i> , <i>Nsuangi</i> . Cana doce ou cana de açú- car (Cana).
<i>Omerá</i> . Língua.	<i>Amera</i> . Rosto (Vogt & Fry).		<i>Mera</i> , <i>Oh-mera</i> . Bôca .	<i>Omena</i> . Mouth (Boca).	<i>Omela</i> . Boca .	<i>Omela</i> . Abertura do rosto (Boca).					
<i>Omindes</i> . Eu (pr.).			<i>Ame</i> . Eu .	Ame . I (Eu)	<i>Ame</i> . Eu , pron.	<i>Ame</i> . Pron. Pess. A pessoa que fala; <i>ndi</i> . Na forma verbal afirmativa (Eu).	<i>Emmi</i> . Eu .	<i>Eme</i> (<i>absolu- to</i>); <i>Ngi</i> (<i>prefi- xo</i>). Eu .	Éme . <i>pron. pess.</i> A minha pessoa. Eu.	<i>Eme</i> . Eu .	<i>Mono</i> , <i>Omono</i> . Eu .

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – <i>Umbundu</i> (c. 1860)	<i>Sanders</i> - <i>Umbundu</i> (1885)	<i>Wilson</i> - <i>Umbundu</i> (1935)	<i>LeGuennec</i> - <i>Umbundu</i> (1972)	<i>Cannecattim</i> - <i>Língua Bunda</i> (1804)	<i>Nascimento</i> - <i>Kimbundu</i> (1903)	<i>Assis Jr.</i> – <i>Kimbundu</i> (c. 1941)	<i>Maia</i> – <i>Kimbundu</i> (1961)	<i>Maia</i> - <i>Kikongo</i> (1961)
<i>Omungá</i> . Sal.		<i>Omungá</i> . Sal	<i>Mongua</i> . Sal .	<i>Omongwa</i> . Salt (Sal).	<i>Omongua</i> . Sal .	<i>Omongwa</i> . Sal doméstico (Sal).	<i>Múnga</i> . Sal .	<i>Mungua</i> . Sal , s.	<i>Múngua</i> . Sub. Sal.	<i>Móngua</i> , <i>Múngua</i> . Sal .	<i>Múngua</i> <i>abasenji</i> <i>niama</i> . Sal de mina, sal- gema (Sal).
	ONEFE . Vulva, órgão sexual fe- minino.					<i>Onefa</i> . Órgão genital feminino (Vagina).				<i>Nefe</i> . Vagina .	
<i>Ongá</i> . Alavanca.				<i>Enge</i> . Corn- stalk (Talo de milho) [?].		<i>Enge</i> . Haste oca (Cana) [?].					
<i>Ongira</i> . Caminho, estrada.	ONGIRA, UNGIRA . Caminho; <i>Ojira</i> . Caminho (Camp: 2006).		<i>Ongira</i> . Ve- reda .	<i>Onjila</i> . Road (Estrada).	<i>Onjila</i> . Ca- minho .	<i>Onjila</i> . Faixa de terreno desti- nada ao trânsito (Caminho).	<i>Ngílla Quicóca</i> . Estrada .	<i>Njila</i> . Ca- minho , s.	<i>Njila</i> , sub. Nome genérico da to- das as faixas de terreno que conduzem de um para outro lugar. Caminho.	<i>Njila</i> . Ca- minho .	<i>Nzila</i> . Ca- minho .
	INJIRÁ, GIRÁ . Caminhar, ir em- bora	<i>Girá</i> . Andar	<i>Gira</i> , <i>ongira</i> . Caminhar .	<i>Onjila</i> . Road (Estrada).	<i>Onjila</i> . Ca- minho .	+ <i>injíla omwit- wi</i> . Ir ao fundo (Ir).			<i>Kuijila</i> . <i>V. tr</i> . Chegar, vir por via de; Caminhar por; Chegar de repente.	- <i>ijila</i> . Chegar .	
<i>Ongoró</i> . Cavalo; Égua (s.f.).	ONGORÓ . Cavalo; Porco [?].		<i>Gollo</i> , <i>ongollo</i> . Zebra .	<i>Ongolo</i> . Zebra.		<i>Ongolo</i> . Mamí- fero com pele listrada (Ze- bra).			<i>Ngólo</i> . sub. zool. Zebra	<i>Ngolo</i> . Zebra .	
<i>Oninga</i> . Mau cheiro.	ONINGUE, ONINGA, ANENGUE . Mau cheiro		<i>Eninga</i> . Caca ; <i>Nengue</i> , <i>Ónengue</i> . Sobreco .	<i>Onine</i> . Esterco [?].	<i>Aniña</i> . Fezes .	<i>Aninã</i> . Maté- rias fecais (Fe- zes).				<i>Isenga</i> . Fezes .	
<i>Onjequê</i> . Milho.								<i>Kanjika</i> . Papa de milho , s. [?].	<i>Kanjika</i> . sub. Guisado de feijão e milho tempe- rado com banha ou óleo de pal- ma.[?]		
<i>Onjerê</i> . Cabelo.			Quiçame	<i>Olonjele</i> . Beard (Barba).	<i>Olonjele</i> . Barba .	<i>Olunjele</i> . Cabelo do rosto do ho- mem (Barba).					

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – Umbundu (c. 1860)	<i>Sanders</i> - Umbundu (1885)	<i>Wilson</i> - Umbundu (1935)	<i>LeGuennec</i> - Umbundu (1972)	<i>Cannecattim</i> - Língua Bunda (1804)	<i>Nascimento</i> - Kimbundu (1903)	<i>Assis Jr.</i> – Kimbundu (c. 1941)	<i>Maia</i> – Kimbundu (1961)	<i>Maia</i> - Kikongo (1961)
<i>Onjó</i> . Casa, Rancho.	ONJÓ . Casa, Igreja, Rancho, Venda, Cavalo [?]; <i>Enjo</i> . Casa (Vogt & Fry).		<i>Honjo, honjo. Casa; Domício.</i>	<i>Onjo</i> . House (Casa).	<i>Onjo. Casa.</i>	<i>Onjo</i> . Morada (Casa).		<i>Inzo. Casa</i> , s.	<i>Nzo. sub.</i> Abrev. de <i>inzo</i> . Edifício; moradia; casa.	<i>Kanzo. Casa.</i>	<i>Nzo. Casa.</i>
<i>Onjundo</i> . Marrão.				<i>Onjundo</i> . Hammer (Martelo).	<i>Onjundo. Martelo.</i>	<i>Onjundo</i> . Martelo grande, da forja (Martelo).			<i>Nzúndu. sub.</i> Macete.	<i>Nzundu. Martelo.</i>	
<i>Onumuquacho</i> . Parceiro; colega de ser-viço.			<i>Ómanno. Gente.</i>	<i>Omunu</i> . Person (Pessoa).	<i>Omunu. Pessoa.</i>	<i>Omanu</i> . A humanidade (Homem). [?]					
<i>Oputá</i> . Angu.				<i>Iputa</i> . Mush (Mingau, Pirão).	<i>Iputa. Pirão.</i>	<i>Iputa</i> . Qualquer alimento, pirão de farinha de milho, termo do Huambo e Bailundo (Papa).					
<i>Oquepá</i> . Osso.			Guepa; equepa	<i>Ekepa</i> . Bone (Osso).	<i>Ekepa. Ôsso.</i>	<i>Ekepa</i> . Parte sólida e dura do esqueleto dos vertebrados (Osso).					
<i>Orerá</i> . Toucinho.	<i>Orera de anguru</i> . Toucinho de porco (Nascimento). OXITO DE OLERÁ . Toucinho.		<i>Ullera. Gordura; Sebo; Banha.</i>	<i>Ulela</i> . Oil, Grease, Fat (Óleo, Banha, Gordura).	<i>Ulela. Gordura; Azeite; Óleo.</i>	<i>Ulela</i> . Gordura dos animais, especialmente do porco (Banha).					
<i>Oringá</i> . Poeira.				<i>Onine</i> . Esterco [?].	<i>Aniña. Fezes</i> [?].	<i>Aninã</i> . Matérias fecais (Fezes) [?].				<i>Isenga. Pó</i> [?].	
<i>Oronanga</i> . Roupa.	<i>Orunanga</i> . Roupa (Vogt & Fry); <i>Orununga de quinuimba</i> . Rede, roupa de defunto (Vogt & Fry).	<i>Urunanga</i> . Roupa	<i>Nanga, ónanga. Coberta; Ólonanga. Fazenda.</i>	<i>Onanga</i> . Cloth (Pano).	<i>Olonanga. Roupa.</i>	<i>Onanga</i> . Peças do vestuário (Roupa).			<i>Nanga. sub.</i> Fazenda; tecido.	<i>Nanga. Tecido.</i>	
	<i>Oronángui</i> . Diamante (Camp: 2006).										

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Silva Porto – Umbundu (c. 1860)	Sanders - Umbundu (1885)	Wilson - Umbundu (1935)	LeGuennec - Umbundu (1972)	Cannecattim - Língua Bunda (1804)	Nascimento - Kimbundu (1903)	Assis Jr. – Kimbundu (c. 1941)	Maia – Kimbundu (1961)	Maia - Kikongo (1961)
Oronganje. Cachaça.	Oranganja. Cachaça (Nascimento); Rongonja, Orongonja. Aguardente, cachaça (Vogt & Fry); Uruganja, Oruganja (Camp: 2006).		Ganja, onganja. Cuia [?].	Onganja. Small gourd (Peque-na cabaça) [?].	Onganja. Ca-baça [?].	Onganja. Vasilha (Cabaça) [?].		Nganza. Ca-baça, s. [?].	Nganza. sub. Copo, caneca sem asa; Pequena cabaça, vaso para beber água, vinho, etc. [?].	Nganza. Ca-baça [?].	
Orongoia. Diamante.	Orongóia. Diamante (Camp: 2006).					Ongoya. Que tem avareza (Avarento) [?].					
	Oronguipoia. Lenha (Vogt & Fry).										
Oroni. Lenha.				Olohwi. Fuel (Combustível) [?].	Olôhui. Lenha [?].	Olohwi, oluhwi, olungwi. Madeira empregada para alimentar a combustão (Lenha). [?]	H'únhi, Jih'únhi. Lenha [?].	Uinhi. Lenha, s. [?].	Huinhi. sub. Cada uma das partes em que se racha um tronco de árvore para fazer lenha; Pau ou madeira seca para [?].		
Oropungo. Bateia.								Kibungu. Cloaca, s. [?].	Kibúnga, sub. Chapéu; carapuça, barrete; Kibungu. sub. Cloaca. Vaso grande onde se deitam dejectos [?].	Kibungu. Cloaca; Kibunga. Chapéu [?].	Umbungu. Cloaca [?].
Orossanje. Galinha.	Arasangue. Galinha (Nascimento); Orosanje. Galinha (Vogt & Fry). Ossangê, orossângui (Camp:2006).		Sanje, Ósanje e ólo-uange. Galinha.	Osanje. Fowl (Ave), Hen (Galinha).	Osanji yomange. Galinha.	Osanji. Fêmea do galo (Galinha).	Sanc'i, Jissánc'i. Gallinha.	Sanji. Gallinha, s.	Sánji. sub. Galinha.	Sanji. Galinha.	
Orossimba. Gato.	Calucimba, Kalussimba, Kanissimba. Gato (Camp: 2006); Carofimba (Vogt & Fry).			Olusimba. Leopard (Leopardo).		Olusimba. Gato almiscareiro (Gato).		Ximba. Gato bravo (Gato, s.).	Ximba. sub. zool. Gato-tigre.	Ximba. Gato-tigre, Gato bravo (Gato).	

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – <i>Umbundu</i> (c. 1860)	<i>Sanders</i> - <i>Umbundu</i> (1885)	<i>Wilson</i> - <i>Umbundu</i> (1935)	<i>LeGuennec</i> - <i>Umbundu</i> (1972)	<i>Cannecattim</i> - <i>Língua Bunda</i> (1804)	<i>Nascimento</i> - <i>Kimbundu</i> (1903)	<i>Assis Jr.</i> – <i>Kimbundu</i> (c. 1941)	<i>Maia</i> – <i>Kimbundu</i> (1961)	<i>Maia</i> - <i>Kikongo</i> (1961)
<i>Orovanga</i> , <i>Orovungo</i> . Baeta.					<i>Ovonya omeme</i> . Lã [?].	<i>Ovonha</i> (<i>omeme</i>). Pêlo ondulado do carneiro e ou- tros animais (Lã) [?].					
<i>Orrori</i> . Peixe (Vogt & Fry).											
<i>Orumbá</i> . Carumbé.				Olumbala . Hoop (Aro, arco) [?].		<i>Olumbala</i> . Arco de barril (Arco) [?].					
<i>Ossemá</i> . Fubá.	ASSEMÁ, OSSEMÁ . Céu.		<i>Cema, Ócema</i> . Farinha .	Osema . Meal (Farinha).	<i>Osema</i> . Fuba ; Farinha .	<i>Osema</i> . Pó resul- tante de moa- gem de cereais (Farinha); No- me vulgar da farinha de milho e mandioca (Fubá).					<i>Ansema</i> . Branco [?].
<i>Ossenhê, senhê</i> . Lua.			<i>Sâim, osâim</i> . Lua .	Osai . Moon (Lua).	<i>Osâi</i> . Lua .	<i>Osâyi</i> . Planeta que gira em volta da Terra (Lua).					
<i>Otata</i> . Pai.	<i>Tata</i> . Pai (Vogt & Fry).		<i>Taté</i> . Pai .	Tate . (My) father (O meu pai).		<i>Tate</i> . Meu pai (Pai).	<i>Táta, Jitáta</i> . Pai .	<i>Tata</i> . Pae , s.	Táta . <i>sub.</i> Pai.	<i>Tata</i> . Pai .	
<i>Otatariangue</i> . Fei- tor, patrão de ser- viço.											
<i>Otatariôve</i> . Insulto máximo (envolven- do o pai; Otata + Ovê, você).											
<i>Otequê</i> . Dia.	<i>Oteque</i> . Noite, céu, abóbada celeste (Vogt & Fry).		<i>Ohteque</i> . Deshoras ; <i>Otheque</i> . Noi- te .	Eteke (<i>plu</i> . <i>Oloneke</i>). Day (Dia).	<i>Eteke</i> . Dia .	<i>Eteke</i> . Tempo que decorre entre o nascer e o pôr do Sol (Dia).					
<i>Otiça</i> . Cativoiro.											

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – Umbundu (c. 1860)	<i>Sanders</i> - Umbundu (1885)	<i>Wilson</i> - Umbundu (1935)	<i>LeGuennec</i> - Umbundu (1972)	<i>Cannecattim</i> - Língua Bunda (1804)	<i>Nascimento</i> - Kimbundu (1903)	<i>Assis Jr.</i> – Kimbundu (c. 1941)	<i>Maia</i> – Kimbundu (1961)	<i>Maia</i> - Kikongo (1961)
<i>Otombô</i> . Farinha de Mandioca.	<i>Otombo</i> . Farinha de Mandioca (Nascimento).		<i>Ottombo</i> . Mandioca.	<i>Utombo</i> . Mandioc (Mandioca).	<i>Utombo</i> . Man-dioca.	<i>Utombo</i> . Planta cuja raiz é comestível e bem assim as folhas quando ainda tenras (Mandioca); <i>Utumbu</i> . O grão quando começa a ficar em farinha (Farinha).		<i>Utumbu</i> . Farelo , s.	<i>Útumbu</i> . sub. Farêlo; Resíduos (de milho).	<i>Utumbu</i> . Farelo.	
OTUPÃ . Diabo	<i>Tupa</i> . Deus.										
<i>Ovê</i> . Você, o Senhor (<i>Ovê a ô vissepa cachupá ombiá</i> - Dá-me uma palha para eu fazer um cigarro).	<i>Ilove</i> . Eu (Vogt & Fry); <i>Ouê</i> . O senhor, você (Vogt & Fry).		<i>Obe</i> . Tu.	<i>Ove</i> . Pers. Pro. Thou (Tu).	<i>Ove</i> . Tu , pron.	<i>Ove</i> . Pron. Pess. suj. Designativo da pessoa com quem se fala (Tu)					
<i>Oviango</i> . Foice.			<i>Ouango</i> . Her-vagem; Palha [?].	<i>Omwenge</i> . Sugar-cane (Cana de açúcar) [?].	<i>Omuengue</i> . Cana [?].	<i>Enge</i> . Haste oca; <i>omwenge</i> . Cana-de-açúcar (Cana) [?].	<i>Muéngue</i> , <i>Miéngue</i> . Cana de assucar [?].	<i>Muenge</i> . Can-na , s., (<i>saccharina</i>); <i>Rianga</i> , Canna brava [?].	<i>Muênge</i> . sub. Bot. Planta fam. das graníneas (<i>saccharum officinarum</i>), de que se faz o açúcar; Cana doce [?].	<i>Muenge</i> . Cana [?].	<i>Muinse</i> . Cana [?].
<i>Ovicaiá</i> . Piçarra.						<i>Ochikalawe</i> . Pedra pequena (Pedra) [?].					
<i>Ovini</i> . Mãe.			<i>Ina</i> (pron. de mãe). Na	<i>Ina</i> (plu. <i>Ovaina</i>). Mother (his or her) (Mãe, dele ou dela).	<i>Ina</i> . Mãi.	<i>Ina</i> . Mulher ou fêmea que teve um mais ou filhos (Mãe).					
	OVIPACO . Dinheiro, diamante na mão; <i>Vipaco</i> (Camp: 2006).			<i>Ovipako</i> . Goods, Merchandise (Bens, mercadoria).	<i>Epako</i> . Fruta.	<i>Ovipako</i> . Bens (Fazenda).		<i>Kipaka</i> . Moeda de 10 reis (Moeda , s.).	<i>Ipaka</i> . sub. pl. Nome das antigas moedas de dez reis.		<i>Mpaku</i> . Dinheiro.

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – <i>Umbundu</i> (c. 1860)	<i>Sanders</i> - <i>Umbundu</i> (1885)	<i>Wilson</i> - <i>Umbundu</i> (1935)	<i>LeGuennec</i> - <i>Umbundu</i> (1972)	<i>Cannecattim</i> - <i>Língua Bunda</i> (1804)	<i>Nascimento</i> - <i>Kimbundu</i> (1903)	<i>Assis Jr.</i> – <i>Kimbundu</i> (c. 1941)	<i>Maia</i> – <i>Kimbundu</i> (1961)	<i>Maia</i> - <i>Kikongo</i> (1961)
<i>Pamba</i> . Valentão.				<i>Pama</i> . Be stout, thick (Ser forte, grosso).	<i>Ca pama</i> . Forte .	- <i>pama</i> . Adj. Que tem força (Valente).		<i>Mbamba</i> . Mestre , s.	<i>Mbám̃ba</i> . adj. Mestre consu- mado; Exímio; Excelente; excel- so; insigne. Sem rival; Sabido; como ninguém mais. Sabedor.	<i>Mbamba</i> . Mestre .	<i>E bambango- lo</i> . Valente , Valentão .
	<i>Pangaranguenga</i> . Enterro (Vogt & Fry).								<i>Kípangala</i> . sub. Armação; esque- leto; <i>Ngênga</i> . adj. Que se sepa- ra ou serve de separação. Que está à parte; Separado; desu- nido [?].	<i>Kimbangala</i> , <i>Kipangala</i> . Esqueleto [?].	
<i>Parongo</i> . Carneiro.									<i>Palánga</i> , sub. zool. Quadrúpede ruminante cervi- no. Wapite; veado.	<i>Palanga</i> . Vea- do, cervo .	
<i>Pipoquê</i> . Feijão	PIPOQUÊ, TIPÓ- QUE . Feijão, Milho. <i>Pipoque</i> . Feijão (Nascimento).	<i>Tipoquê</i> . Feijão	<i>Quipoque</i> , <i>Hipoque</i> . Feijão .	<i>Ocipoke</i> . Beans (Feijão).	<i>Ocipoke</i> . Feijão .	<i>Ochipoke</i> . Fruto de planta legu- minosa aprecia- do na alimenta- ção (Feijão).					
<i>Pupíá ondaca</i> . Falar na língua dos pre- tos.			<i>Dacca</i> . Pala- vra; Voz .	<i>Popia</i> . Speak, insult (?) (Fa- lar, insultar); <i>Ondaka</i> . Word (Palavra).	<i>Oku popia</i> . Falar; Ondaka . Palavra .	+ <i>popya</i> . Expri- mir por pala- vras (Falar); <i>ondaka</i> . Som articulado que tem um sentido (Palavra).	<i>Ndáca</i> . Velha- caria .				
	QUEBIRRÃ . Pouco.										
	QUIBANO , QUIBANDO . Ir em-bora.										

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – <i>Umbundu</i> (c. 1860)	<i>Sanders</i> - <i>Umbundu</i> (1885)	<i>Wilson</i> - <i>Umbundu</i> (1935)	<i>LeGuennec</i> - <i>Umbundu</i> (1972)	<i>Cannecattim</i> - <i>Língua Bunda</i> (1804)	<i>Nascimento</i> - <i>Kimbundu</i> (1903)	<i>Assis Jr.</i> – <i>Kimbundu</i> (c. 1941)	<i>Maia</i> – <i>Kimbundu</i> (1961)	<i>Maia</i> - <i>Kikongo</i> (1961)
	QUIMBIMBA, QUIVIMBA. Morto, defunto; <i>Quinvimba</i> . Morto, defunto (Vogt & Fry).		<i>Chibimbe</i> , <i>Óchibimbe</i> . Defunto; Morto.	Ocivimbi. Corpse (Ca- dáver).	<i>Ocivimbi. Ca-</i> dáver.	<i>Ochivimbi. Cor-</i> po morto (Ca- dáver).		<i>Kimbi. Ca-</i> daver, s.	<i>Kimbi. sub.</i> Cadáver; morto; <i>Kivimba. adj.</i> Que está intacto.	<i>Kiambi. Ca-</i> dáver.	<i>E vimbu</i> , <i>umvumbi</i> . Cadáver.
<i>Quimboto. Sapo.</i>	XIMBOCO. Sapo; <i>Quimboto. Sapo</i> (Vogt & Fry).		<i>Chimboto.</i> Sapo.	Ocimboto. Toad (Sapo).	<i>Ocimboto.</i> Sapo.	<i>Ochimboto.</i> Batráquio anu- ro, semelhante à rã (Sapo).			<i>Kimbotó. sub.</i> <i>zool.</i> Nome por que na região do Seles é conhecida a rã; Batráquio.	<i>Kimbotó. Rã.</i>	
<i>Quimbundo. Negro.</i>				Ocimbundu. <i>One of the race</i> <i>which inhabits</i> <i>Oviye,</i> <i>Ombalundu</i> (Pessoa da raça que habita Bié, Bailundo).		<i>Ukimbundu.</i> Idioma: de Luanda (Quim- bundo).	<i>Mubúndu,</i> <i>Abúndu. Ne-</i> gro.	<i>Mumbundu.</i> Negro, a, s.	<i>Mumbúndu. adj.</i> <i>e sub.</i> Escuro; de côr preta; Afri- cano; Ambúndu, <i>adj, e sub pl.</i> Pretos; Homens pretos; de côr ou raça preta; Kim- búndu, sub. Lín- gua dos naturais de Angola.		
	<i>Quimpracaca. Gato</i> (Vogt & Fry).										
	QUIOUA, QUIÔA. Bobo.		<i>Chioba. Tolo.</i>			<i>Ochyova.</i> Indi- víduo falta de inteligência (Estúpido).	<i>Quatóva, Ató-</i> <i>va. Idiota.</i>	<i>Kioua. Tolo,</i> a, s.	<i>Kióua, adj. e sub.</i> Néscio. parvo; tolo:	<i>Kióua. Estúpi-</i> do, cretino.	<i>Ezóua. Estú-</i> pido, creti- no.
<i>Quipungo. Chapéu.</i>	QUIPUNGO. Cha- péu; <i>Tipungá, Qui-</i> <i>pongo, Kipungu.</i> Chapéu (Camp: 2006).							<i>Kibunga. Bar-</i> rete, s.	<i>Kibúnga, sub.</i> Chapéu; carapu- ça; barrete.	<i>Kibungu.</i> Cloaca; Ki- bunga. Cha- péu.	

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – <i>Umbundu</i> (c. 1860)	<i>Sanders</i> - <i>Umbundu</i> (1885)	<i>Wilson</i> - <i>Umbundu</i> (1935)	<i>LeGuennec</i> - <i>Umbundu</i> (1972)	<i>Cannecattim</i> - <i>Língua Bunda</i> (1804)	<i>Nascimento</i> - <i>Kimbundu</i> (1903)	<i>Assis Jr.</i> – <i>Kimbundu</i> (c. 1941)	<i>Maia</i> – <i>Kimbundu</i> (1961)	<i>Maia</i> - <i>Kikongo</i> (1961)
<i>Quissonde</i> . Formiga vermelha.			<i>Quiçonde</i> . Formigão (esp.)	Ocisonde . An army ant (Formiga guer- reira).	<i>Ocisonde</i> . For- miga .	<i>Ochisonde</i> . Formiga- vermelha, que morde (Formiga) .		<i>Kisonde</i> . For- miga brava (Formiga, s.) .	Kisónde , <i>sub</i> . <i>zool</i> . Formigão de que há várias espécies, de mordedura dolorosa; Formi- ga brava.	<i>Kisonde</i> . For- miga grande e brava (de mordidela muito doloro- sa), decor vermelha eque anda em fila (formigão) (Formiga) .	<i>Nsonde</i> . Formiga grande e brava (de mordidela muito dolo- rosa), decor vermelha eque anda em fila (for- migão) (Formiga) .
<i>Quissama</i> , <i>Quissamba</i> . Trouxa; Mochila.											
QUIUÁ . Muito			<i>Chiua</i> . Óptimo .	Wa . Adj. Good (Bom).	<i>Ciwa</i> . Bom (boa), adj.	- wa. Virtuoso (Bom) .					
<i>Ronjendo</i> . Vindo (Vogt & Fry).				Enju . Impera- tive defec., come (Impera- tivo defectivo, vir) [?].		<i>enju</i> . Imperativo singular de + <i>iya</i> (Vir) [?]					
<i>Rubudu</i> . Moinho.									Lubundu . <i>sub</i> . Detrimento; pre- juízo; dano [?].	<i>Kihuhu</i> . Moi- nho .	
<i>Rio-rio</i> . Int. de si- lêncio.											
SARANGO SECO . Angu								<i>Kisalangu</i> . Monstruosi- dade , s. [?].	Kisalangu . <i>sub</i> . Abominação; monstruosidade [?].	<i>Múkua- isalangu</i> . Monstro ; <i>Kisalangu</i> . Monstruosi- dade [?].	
SECURO . Homem.					<i>Osekũlu</i> . Velho .	<i>osekulu</i> . Homem de idade avan- çada (Velho) .		<i>Sekulu</i> . An- cião , ã,s.	Sekulu . <i>sub</i> . Tio; Ancião; Chefe de casa ou sanzala (ao sul da Pro- víncia).	<i>Sekũlu</i> . An- cião .	
<i>Senguê</i> . Mato.		<i>Assenguê</i> . Banheiro.	<i>Ocengue</i> . Er- mo; Mata .		<i>Usenge</i> . Mato .	<i>Usenge</i> . Terreno incultocoberto de plantas a- grestes (Mato) .			Sênge . <i>sub</i> . Po- voação; vila [?] cidade	<i>Ekenge</i> . Flo- resta . [?]	<i>Munseke</i> . Floresta . [?]

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – <i>Umbundu</i> (c. 1860)	<i>Sanders</i> - <i>Umbundu</i> (1885)	<i>Wilson</i> - <i>Umbundu</i> (1935)	<i>LeGuennec</i> - <i>Umbundu</i> (1972)	<i>Cannecattim</i> - <i>Língua Bunda</i> (1804)	<i>Nascimento</i> - <i>Kimbundu</i> (1903)	<i>Assis Jr.</i> – <i>Kimbundu</i> (c. 1941)	<i>Maia</i> – <i>Kimbundu</i> (1961)	<i>Maia</i> - <i>Kikongo</i> (1961)
SURUITIÚ, SURUTIÚ. Tatu									<i>Isulukutu</i> . Sub. pl. Cousa que disperta abomi- nação [?]		
<i>Tiadiambe</i> . Dia Santo.											
<i>Tiapossoca</i> . Coisa Boa.				<i>Posoka</i> . To be well dressed (Estar bem vestido).	<i>Ca posoka</i> . Bonito (a).	- <i>posoka</i> . Adj. Bonito (Bom).					
<i>Túria</i> . Gente ruim					<i>Tuli</i> . Mal. adv. [?].				<i>Kâria</i> . sub. Fin- gimento de bondade, de ideias ou de opiniões apreci- áveis. Falta de sinceridade, Impostura. De- voção fingida [?].		
<i>Uandá</i> . Rede.	<i>Uanda</i> . Rede (Camp:2006)			<i>Owanda</i> . Ti- poia.	<i>Owanda</i> . Rêde .	<i>Owanda</i> . Tipoia (Rede).		<i>Uanda</i> . Rede , s.	<i>Uânda</i> . sub. Rede para pescar ou dormir a sesta.	<i>Uanda</i> . Tipóia .	<i>Uanda ua</i> <i>natina, anda</i> (pl. <i>manda</i>). Tipóia .
<i>Uanga</i> . Feitiço.		<i>Muamba</i> . Feitiço	<i>Ouanga</i> . Feiti- ço; Mandinga .	<i>Owanga</i> . Charm (fetish) (feitiço, encan- to, fetiche).	<i>Owanga</i> . En- canto .	<i>Owanga</i> . Malefí- cio de feiticheiro (Feitiço).	<i>Nguánga</i> , <i>Jinguánga</i> . Feitiço .	<i>Uanga</i> . Feiti- ço , s.	<i>Uánga</i> . sub. veneno; feitiço.	<i>Uanga</i> (pl. <i>mauanga</i>). Feitiço .	
<i>Uanga de sincorá</i> . Feitiço de mulata.				<i>Singila</i> . Be pos- sessed with a spirit (Estar possuído por um espírito) [?].							
<i>Uarangara</i> . Morte (Vogt & Fry).				<i>Langala</i> . Fall prostrate or dead (<i>ficar/</i> <i>cair prostrado</i> ou morto).					<i>Kulangála</i> . v. <i>intr</i> . Estar na cama; repousar; Deitar-se; exten- der-se ao com- prido.	- <i>langala</i> . Repousar .	<i>Langa</i> . Re- pousar .

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – Umbundu (c. 1860)	<i>Sanders</i> - Umbundu (1885)	<i>Wilson</i> - Umbundu (1935)	<i>LeGuennec</i> - Umbundu (1972)	<i>Cannecattim</i> - Língua Bunda (1804)	<i>Nascimento</i> - Kimbundu (1903)	<i>Assis Jr.</i> – Kimbundu (c. 1941)	<i>Maia</i> – Kimbundu (1961)	<i>Maia</i> - Kikongo (1961)
<i>Ucuêto, Vacuêto, Acuêto.</i> Companheiro.	CUETO. Dançante (Companheiro; pessoa humana); <i>Naguete.</i> Homem; <i>Uacueto, Uagueto.</i> Ele, homem (Vogt & Fry).		<i>Macuêto. Congratula-ção; Bacuêto. Salve.</i>		<i>Ukuetu. Cama-rada.</i>	<i>Ukwetu. Cama-rada (Compa-nheiro).</i>		<i>Mukuetu.</i> Meu e nosso com-panheiro (Companhei-ro, a, s.).	<i>Mukuetu. adj. e sub.</i> Outro (como nós). Camarada; companheiro; <i>Akuetu.</i> adj. e pron. indef. pl. Outros (como eu, como nós); Nós outros; Meus companheiros.	<i>Mukuetu. Compa-nheiro.</i>	<i>Nkuetu. Compa-nheiro.</i>
<i>Ucumbi.</i> Sol.	CUMBI. Sol; <i>Cumbe, Ocumbe, Ucumbe.</i> Sol (Vogt & Fry).		<i>Ecumbi.</i> Sol.	<i>Ekumbi.</i> Sun (Sol).	<i>Ekumbi. Sol.</i>	<i>Ekumbi.</i> O disco solar (Sol).	<i>Ricúmbi. Sol.</i>	<i>Rikumbi. Sol, s.</i>	<i>Kumbi. Sub.</i> O sol; o dia.	<i>Kumbi, Dikumbi. Sol.</i>	
	UMUNDA. Mundéu										
<i>Ungundo.</i> Pó; rolão.				Ongundo. Medicine (Re-médio) [?].					<i>Ngundu sub.</i> Restos de edifi-cios; destroços; ruínas [?].	<i>Ngundu. Des-troços, restos de edifícios, ruínas</i> [?].	
<i>Urundungu.</i> Pi-menta.			<i>Ólondungu. Pimenta.</i>	Olundungu. Pepper (Pi-menta).	<i>Olundungu. Pimenta.</i>	<i>Olundungu.</i> Planta cujo fruto tem um sabor picante (Pimen-ta).	<i>Ndúngu, Jindúngu. Pimenta.</i>	<i>Ndungu. Pi-menta, s.</i>	Ndungu. sub. bot. Nome genérico de vários frutos das plantas pipe-ráceas de diver-sas espécies, Pimenta.	<i>Ndungu (pl. Jindungu). Pimenta.</i>	<i>Ndungu za kindele. Pi-menta.</i>
<i>Uneme.</i> Grande.			<i>Hinene. Grande.</i>	Nene. adj. Large (Grande).	<i>Cinene. Grande.</i>	<i>- nene.</i> Adj. Corpulento (Grande).	<i>Químa Quiné-ne. Cousa Grande.</i>	<i>- onene. Grande, adj.</i>	Únene, sub. Grandeza; Uône-ne, adj. Grande; notável: de alta jerarquia.	<i>Uonene. Grande.</i>	<i>Uanene. Grande</i>
<i>Vigongo; Vicongo.</i> Torresmo.				Kanga. Fry, Parch (Fritar, Tostar) [?].	<i>Oku kanga. Fritar</i> [?].	<i>Ovikangwa.</i> Resíduo da banha depois de extraída a gor-dura pela ação do fogo (Tor-resmo).		<i>Kikangelu. Torresmo, s.</i>	Kikangelu. sub. Torresmo.	<i>Kikangelu, e kangu. Tor-resmo, rijão.</i>	<i>Kangilu. Torresmo, rijão.</i>
	VINÁ. Remédio levado pelo carun-jinjim durante a festa do Rosário			Ocina. Thing (Coisa).	<i>Ocina. Coisa.</i>	<i>Ochina.</i> Qual-quer objecto inanimado (Coisa).	<i>Químa. Cousa.</i>	<i>Kima. Cousa, s.</i>	Kima. sub. Coisa.	<i>Kima. Coisa.</i>	<i>Kiuma. Coisa.</i>

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – Umbundu (c. 1860)	<i>Sanders</i> - Umbundu (1885)	<i>Wilson</i> - Umbundu (1935)	<i>LeGuennec</i> - Umbundu (1972)	<i>Cannecattim</i> - Língua Bunda (1804)	<i>Nascimento</i> - Kimbundu (1903)	<i>Assis Jr.</i> – Kimbundu (c. 1941)	<i>Maia</i> – Kimbundu (1961)	<i>Maia</i> - Kikongo (1961)
Vinganga. Arroz.			Ocikwamba. Manioc Bread (Pão de mandioca) [?]								Vinji. Pão .
Viquimbana. Caixa (Vogt & Fry); Viquimbanza, Riquimbanza. Caixa (Instrumento) (Camp: 2006).							Mbánza. sub. Espécie de viola; Instrumento musical de três cordas que se toca com palheta de pau; Rebeque [?].				
Vissepa. Palha.			Ocisapa. Bough (Ramo, galho de árvore).		Ovisapa. Conjunto de ramos de uma planta (Ramada).						
Vissungo. Cantigas.	VISSUNGO. Canto.		Ocisungo. Song (Canto).	Ocisungo. Canto.	Ochisungo. Hino (Canto).		Nzangu. Canto em voz alta (Canto, s.).		Nzangu, sambu. Canto.		
XIBIU. Diamante											
Bambazuô. Provação de briga.			Pama. Be stout, thick (Ser forte, grosso). Ca pama. Forte.				- pama. Adj. Que tem força (Valente) [?].		- bana nzangu. Fazer barulho (Barulho, s.) [?]. Mbámba. adj. Mestre consumado; Exímio; Excelente; excelso; insigne. Sem rival; Sabido; como ninguém mais. Sabedor [?]. Mbamba. Mestre [?].		E bambangolo. Valente, Valentão [?].
Binga. Isqueiro.	BINGA. Isqueiro.	Binga. Isqueiro	Binga, Lombinga. Córneo.	Ombinga. Horn (Chifre); Tusk (Presa).	Ombinga. Chifre.	Ombinga. Corno (chifre).	Bínga, Gibínga. Corno.		Mbínga. sub. Cada um dos apêndices duros na cabeça, de certos ruminantes; Cornicho. Mbinga. Chifre.		
Cacimba. Poço de água potável de minas.		Cacimba. Poço de água potável de minas	Ocima. Clay pit (Poço de argila).	Ocisimo. Poço.	Ochisimo. Cavidade aberta na terra, com água (Poco) [?].		Quichíma quiá Ménha. Poço de agua.	Kixima. Ca-cimba, s.	Kixima. sub. Tanque. Cisterna.	Kixima. Ca-cimba.	Xima. Ca-cimba.

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	Silva Porto – Umbundu (c. 1860)	Sanders - Umbundu (1885)	Wilson - Umbundu (1935)	LeGuennec - Umbundu (1972)	Cannecattim - Língua Bunda (1804)	Nascimento - Kimbundu (1903)	Assis Jr. – Kimbundu (c. 1941)	Maia – Kimbundu (1961)	Maia - Kikongo (1961)
<i>Calundu</i> . Aborrecimento.									<i>Kilundu</i> . sub. Espírito; Ser do mundo invisível [?].	<i>Kuluuala</i> . Mau humor . [?]	
<i>Cambungo</i> . Corruptela de carbúnculo.											
<i>Canjongo</i> . Osso.											
<i>Cariá, Cariapemba</i> . Diabo.	CARIAPEMBA . Diabo.	<i>Cariá, Cariapemba, Pemba</i> . Diabo	<i>Cariapêmba</i> . Demônio .				<i>Cariapêmba</i> . Diabo .	<i>Karia-Pemba</i> (litt. O que come pemba). Diabo , s.	<i>Kâria</i> . Sub. <i>Kâria-Pemba</i> adj. e sub. Demônio; diabo; Pessoa de maus instintos, Mafarrico; Satanaz.	<i>Kádia-Pemba</i> . Diabo .	<i>Nkadi-a-Mpemba</i> . Diabo .
<i>Caxaramba</i> . Cachaça.											
<i>Caxanga</i> . Achaque.											
<i>Coxito</i> . Pequeno (adj.); Porco pequeno (subt.).	CUXITO, CUNXITO . Porco	<i>Coxito</i> . Porco pequeno (subt.)							<i>Káxitu</i> . sub. Carninha. Animalzinho.		
<i>Gungunar</i> . Resmungar.		<i>Gungunar</i> . Resmungar.			Ñuñuna. Murmurar .	+ <i>nḡunḡuna</i> , + <i>nḡonḡona</i> . Falar por entre dentes (Resmonear).		- <i>ngonga</i> . Murmurar , v.	<i>Kúngonga</i> . v. tr. intr. e r. Murmurar. Dar sinais de descontentamento; <i>Kungongena</i> . v. tr. Murmurar sobre.	- <i>Ngonga</i> . Resmungar ; - <i>ngongena</i> . Murmurar .	
<i>Malungo</i> . Da mesma idade; companheiro.		<i>Malungo</i> . Da mesma idade; companheiro					<i>Rilúngu iaie-néne</i> . Barco .	<i>Ulungu</i> . Canoa , s.	<i>Ulungu</i> . sub. Almadia; canoa.	<i>Ulungu</i> . Navio .	<i>Ulungu</i> (pl. <i>malungu</i>). Canoa, Piroga .
<i>Marimbo</i> . Espécie de jogo de cartas.									<i>Márimu</i> . sub. pl. Habilidades; espartezas [?].		
<i>Moçambique</i> . Cintas de vidro.											

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto</i> – <i>Umbundu</i> (c. 1860)	<i>Sanders</i> - <i>Umbundu</i> (1885)	<i>Wilson</i> - <i>Umbundu</i> (1935)	<i>LeGuennec</i> - <i>Umbundu</i> (1972)	<i>Cannecattim</i> - <i>Língua Bunda</i> (1804)	<i>Nascimento</i> - <i>Kimbundu</i> (1903)	<i>Assis Jr.</i> – <i>Kimbundu</i> (c. 1941)	<i>Maia</i> – <i>Kimbundu</i> (1961)	<i>Maia</i> - <i>Kikongo</i> (1961)
<i>Morumbo</i> . Montícu- lo; testículos.						<i>Ochilundu</i> . Adj. Pequeno monte (Montículo). [?]	<i>Mulúndu</i> , <i>Milúndu</i> . Monte . [?]	<i>Mulundu</i> . Monte , s.; Montanha , s. [?]	<i>Mulundu</i> . sub. Serra; montanha; morro; Penedo; rocha; Mulumbu . sub. Envide; uraco. Cordão umbilical, fig. Prepúcio [?].	<i>Mulundu</i> . Montanha ; <i>Mulumbu</i> . Prepúcio . [?]	
<i>Muafa</i> . Safanão.											
<i>Quiba</i> . Trouxa; Monte de roupas.		<i>Quiba</i> . Trouxa; Monte de roupas					<i>Químa Quiá</i> <i>Quíba</i> . Odre .		<i>Kíba</i> . sub. Vasi- lha feita de pele de certos ani- mais; Odre .		
<i>Samba</i> . Saquitel de pano que se põe à boca de bezerros para desmamá-los.			<i>Oco-samba</i> . Imolação [?].	Osambo . Corral (Curral) [?].			<i>Casasámba</i> . Presépio [?].		<i>Kisasamba</i> . sub. Barracão; Estala- gem; baiuca. Presépio; estre- baria; estábulo [?].	<i>Nzamba</i> . Pano [?].	
<i>Semba</i> . Dança dos Negros.					<i>Esemba</i> . Dança com acompa- nhamento das mãos (Dança).				<i>Kusesemba</i> , v. tr. e intr. Dançar (arrastando os pés).	- <i>sesemba</i> . Dançar arras- tando os pés (Dançar).	
<i>Sanjuê</i> . Barulho; Briga.		<i>Sanjuê</i> . Dança						<i>Nzangu</i> . Baru- lho , s. [?].	<i>Kisanji</i> . sub. Instrumento músico de hastes metálicas, hoje bastante conhe- cido [?].		
<i>Sumbanga</i> . João- Ninguém.				<i>Ombangwi</i> . Incessant talker; a bore (Pessoa que fala sem cessar; um aborreci- mento) [?].					<i>Súmbe</i> . Adj. Sujeito compra- do; <i>Sub</i> . Lugar ou região onde se compravam escravos [?].		
<i>Tatarnê</i> . Bicho de pé.											
<i>Xambá</i> . Espécie de pássaro.		<i>Xambá</i> . Peçaço									

SÃO JOÃO DA CHAPADA (1939, 1943 [1985])	MILHO VERDE (1996; 2003; 2006; 2011-2012)	ESPINHO (2012)	<i>Silva Porto – Umbundu (c. 1860)</i>	<i>Sanders - Umbundu (1885)</i>	<i>Wilson - Umbundu (1935)</i>	<i>LeGuennec - Umbundu (1972)</i>	<i>Cannecattim - Língua Bunda (1804)</i>	<i>Nascimento - Kimbundu (1903)</i>	<i>Assis Jr. – Kimbundu (c. 1941)</i>	<i>Maia – Kimbundu (1961)</i>	<i>Maia - Kikongo (1961)</i>
Vungo-Vungo, Zungo-Zungo. Tipo de brinquedo.											

3.5 Análise dos dados

A partir de nossas observações do quadro 2, dividimos nossa análise em sete grupos de acordo com sua correlação e possível origem etimológica: a) Umbundo; b) Quimbundo; c) Quicongo; d) Quimbundo/Umbundo; e) Quicongo/Umbundo; f) Quimbundo/Quicongo/Umbundo.

Além disso, fizemos a seguinte divisão: 1. Itens de forma e significado iguais ou semelhantes ao étimo proposto; 2. Itens de forma igual ou semelhante, mas de significado distinto; 3. Itens de forma distinta, mas de significado semelhante.

Fizemos comentários a respeito de fenômenos de variação observados e nossa hipótese do étimo abaixo das análises propostas. Adiantamos que nossas observações se baseiam em alguns fatores: a presença de prefixos de classe nominal relacionados a uma língua ou outra; relações fonológicas; e, principalmente, a presença ou ausência dos itens nas fontes dicionarísticas. Entretanto, não consideramos como fator diferencial a presença do aumento ‘o-’, visto sua ocorrência, apesar de mais frequente no umbundo, ser também atestada no quimbundo, com função de determinante. Além disso, encontramos formas mais relacionadas ao umbundo que realizaram aférese, apagamento inicial, da vogal. Desconsideramos também como fator diferencial entre umbundo, quicongo e quimbundo a distinção [z] ≠ [ʒ] ≠ [dʒ], assim como [s] ≠ [ʃ] ≠ [tʃ] visto ocorrerem formas mais ou menos palatalizadas nestas línguas (observa-se, por exemplo, a ocorrência de [ʒ] no quimbundo, [nʒílá] ‘pássaro’; e de [tʃ] no umbundo, *ochito*, registrado em Silva Porto, 1942, ao invés de *ositu* forma mais atestada).

Os dados do glossário de Silva Porto (1942) foram destacados em nossa análise por estarem mais próximos a uma diacronia pretérita do umbundo que possivelmente veio para o Brasil, além de se apresentarem geralmente mais próximos das formas encontradas em Minas Gerais.

Quanto à grafia utilizada, preservamos as formas descritas na tabela para os itens de falares afro-brasileiros analisados, no entanto, quanto aos étimos, procuramos adaptá-los a uma escrita próxima à fala do português, a saber: ‘tch’ [tʃ], ‘dj’ [dʒ], ‘nh’ [ɲ], ‘g’ [g], porém ‘w’ [w] e ‘y’ [j] para as semi-vogais. A opção feita explica-se pela dificuldade de transcrevermos fidedignamente os itens coletados ortograficamente nos dicionários para o alfabeto fonético (principalmente em relação às vogais).

Recomendamos a consulta das abreviações e diacríticos no início deste trabalho para melhor compreensão da seção a seguir.

a) *Umbundo*

1. Forma e significado iguais ou semelhantes ao étimo

AIUCA: *adv.*, 'Muito' (*Omenhá aiuca-aiuca* 'Muita água') (AM).

'aiuca' < *a-yuka* ← *a* (cl. 6) + *-yuka* 'cheio' (*Adj.*) *umb.*

**-yuka* 'cheio' >> **-yuka yuka* 'cheio cheio' >> *-yuka* 'muito'

Étimo: *adj.*, *a-yuka*, 'cheio'.

Obs. *-yuka*, assim como todos os poucos adjetivos nas línguas analisadas, recebe um prefixo de concordância pronominal da classe ou pronome ao qual se relaciona. Neste caso teria recebido o índice de sujeito da classe 6 (plural das classes 5, 11 e 15 em umbundo).

ANDAMBE: *sub.*, Mulher (AM); ANDAMBE, INDAMBE: *sub.*, Mulher; prostituta (MV).

andambi < *ondambi* (cl. 9) 'um homem ou mulher bons/bonitos' *umb.*

indambe < **ndambi* < **o-ndambi* < *ondambi* (cl.9) 'um homem ou mulher bons/bonitos' *umb.*

ondambi 'homem ou mulher bonitos/bons' >> *ondambi* 'mulher bonita' >> ***ondambi*** 'prostituta' ⇔ *ndúmbu* (cl. 9) 'prostituta' *quimb.*

Étimo: *sub.* (cl. 9), *ondambi/o-ndambi* 'um homem ou mulher bons/bonitos' *umb.*

Obs. Ambos os significados são mantidos na região de Milho Verde, 'mulher' e 'prostituta', a segunda acepção pode ser explicada por influência de forma semelhante em quimbundo, e preservada em outras variedades de falares africanos no Brasil. Há abaixamento da vogal inicial o>a.

ANDAMBE OCAIO: *sub.*, Mulher da vida livre (MV).

umb. o- (cl. 9) ⇔ ***ocaio*** < **ukāyi-u* < *u-kāyi* (cl. 1) "mulher" *umb.*

ocaio < **ocai* (cl. 1) "mulher" *umb.* (Silva Porto).

Étimo: *sub.* (cl.1), *ukāyi* 'mulher'.

Obs. Não há sugestão para a mudança de significado do item, 'mulher' >> 'mulher de vida livre'. A forma registrada em Silva Porto encontra-se mais próxima ao item analisado.

ANGANA-IANGUE: *sub.*, Patrão (Meu Senhor) (AM)

angana-iangue < **anganayange* ← *angana* 'senhor' (cl. 9) *umb.* + *ya* (cl. 9+GEN) + *nge* (POSS 1SG) 'meu' *umb.*

Étimo: *sub.* (cl. 9) *angana-yange* 'meu senhor'.

Obs. Apesar de *angana* ocorrer tanto em umbundo quanto em quimbundo, a forma sufixal do possessivo de primeira pessoa do singular se relaciona apenas ao umbundo, pois, como visto na tabela 2, a forma em quimbundo é *-ami* ‘meu’.

ANGUÊ: sub., Onça (AM)

anguê < *o-nge* (cl. 9) ‘onça’ umb.

anguê < **onge* < *o-ngwe* (cl. 9) ‘onça’ umb.

Étimo: sub. (cl. 9) *onge* ou *ongwe* ‘onça’

Obs. Há um abaixamento da vogal [o]. A hipótese de abaixamento ‘o>a’ é fortalecida pelo exemplo, visto que seu plural seria *olo-nge* ‘onças’. As formas cognatas no quimbundo (*ngo*, *ingo*) não foram consideradas próximas o suficiente para serem consideradas na análise.

APUMBO: sub., Milho; OPUNGO, IUPUNGO: sub., Alimento; OFÚMBU: sub., Angu (MV).

umb. *o-* (cl. 9) ⇒ *opungo* < **pungu* < **e-pungu* (cl. 5) ‘milho’ umb.

apumbo < *opumbo* MV

port. *fubá* ⇒ *ofumbu* < *opungo* MV [?]

iupungo < *y-upungu* < *y* (cl. 9 GEN) + **opungu* MV [?]

Étimo: sub. (cl. 5) *e-pungo* ‘milho’.

Obs. Este é o primeiro exemplo em que há aférese, apagamento da vogal inicial da classe 5 ‘e-’ ou sua substituição por ‘o-’ provavelmente por analogia ao prefixo frequente da classe 9. Além disso, há mudança da pré-nasalizada velar [ŋg] pela bilabial [mb], no caso de *ofumbu*, *apumbo*. A forma *opungo*, encontrada em Milho Verde poderia ter originado as demais variações.

AQUENJÊ: sub., Menino (AM); AQUENJÊ VEROME: sub., Rapazinho (AM).

aquenjê < *a-kwendje* (cl.2) ← *u-kwendje* (Cl. 1) ‘rapaz’ umb.

aquenjê < *o-coendje* (cl. 1) .

Étimo: sub. (cl. 2) *a-kwendje* ‘rapazes’.

sub. (cl. 1) *o-kwendje* ‘rapaz’.

Obs. A forma [dʒ] encontrada no umbundo se palataliza em [ʒ], como nos demais exemplos. A forma indicada em Silva Porto, *ocoenje*, pode indicar uma possibilidade distinta, ocorrendo abaixamento da vogal do índice de sujeito da classe 1 ‘o-’. Ainda, cabe ressaltar que os tons característicos das línguas bantas pesquisadas não são preservados nas formas encontradas no Brasil. Há duas possibilidades: influência de um tom alto final; ou uma diástole, transposição do acento à sílaba posterior, tornando a palavra paroxítona em oxítona. Isto exigiria uma forma anterior sem valor tonal **a-kwendje*. Vários itens dos falares africanos diamantinos foram preservados como oxítonas.

CAMUNDÁ: sub., Morro, monte (AM).

camundá < (*o*)*ka-munda* ‘morro’ (cl. 12) umb.

Étimo: sub. (cl. 12) *o-ka-munda*, monte.

CANDAMBURO: sub., Galo (AM); sub., QUINDOMBORO: Galo (MV).

candamburo < *kondomboro < e-kondomboro ‘galo’ (cl. 5) umb.

quimb. (cl. 7) ki- ⇒ **quindomboro** < *ko-ndomboro < e-kondombolo ‘galo’ (cl. 5) umb.

Étimo: sub. (cl. 5) e-kondombolo ‘galo’.

sub. (cl. 5) e-condobóro ‘galo’ (Silva Porto).

Obs. Aférese da vogal do prefixo da classe 5 ‘e-’. O rotacismo [l]>[r] apresenta-se em quase todas as formas encontradas. Os dados de Silva Porto registram a variação [l]~[r] também no umbundo. Esta transformação é comum também às variedades do português brasileiro e esteve presente na formação da língua portuguesa.

CANJÁ: sub., Reco-reco de bambu usado pelo grupo dos catopés na festa de Nossa Senhora do Rosário (MV).

canjá < o-kandja ‘vara’ (cl. 9) umb.

Étimo: sub. (cl.9) o-kandja ‘Vara, bastão’

Obs. Poderia haver uma adaptação do termo quimbundo *rikanza*, reportado na tabela 2, a uma fonologia mais próxima do umbundo. No entanto, optamos pela forma quase idêntica verificada em Sanders e Wilson. Há aférese de ‘o-’ referente à classe 9.

CARIMBAMBA: sub., Coruja (AM).

carimbamba < *ka-rimbamba < oka-rimbamba ← himbamba ‘coruja’ (cl. ?) umb.

Étimo: sub., (cl. 12) *ka-himbamba ‘coruja’.

Obs. A classe da forma original não pôde ser identificada.

CATITA: adj., Pequeno (AM); CATITO, EUCATITO: adv., Pouco; adj., pequeno (MV); CATITA: sub., Mingau (ESP).

[?] port. gên. fem. -a ⇒ **catita** < ka-tito (cl. 12) ← - tito ‘pequeno’ (adj.) umb.

Catito < ka-tito (cl. 12) ← - tito ‘pequeno’ (adj.) umb.

Étimo: adj., -tito ‘pequeno’; adj., (cl. 12) ka-tito ‘pequeninho’.

Obs. Não conseguimos elaborar sugestões de análise para a forma *eucatito*, nem para a diferença semântica no item encontrado no Espinho *catita*.

CAXICOVERA: sub., Doença (AM); KAXICOBREIRA: sub., Doença (MV).

caxicovera < *kasi kuvela < o-kasi (cl. 1 ou 2SG + v.) oku-vela ← oku-kasi (cl. 15) ‘estar’ + oku-vela (cl. 15) ‘estar doente’ umb.

kaxicobreira < *kaxi kobera < *kasi kobera < o-kasi (cl. 1 ou 2SG + v.) oku-vela ← oku-kasi (cl. 15) ‘estar’ + oku-vela (cl. 15) ‘estar doente’ umb.

Étimo: v. (cl. 1 ou 2SG) o-kasi ‘ele está/tu estás’ + v. (cl. 15) oku-vela ‘estar doente’.

Obs. A forma indicada por Silva Porto, *oco-bera*, encontra-se mais próxima de ‘kaxicobreira’, além do autor indicar itens com [tʃ] ou [ʃ], grafado ‘ch’, em lugar de [s], como nos demais autores. Cf. *ochito* na tabela 2.

CONGÁ: sub., Garrafa (AM).

congá < u-konga (cl. 3) ‘cabaça com gargalo’ umb.

Étimo: sub. (cl. 3) *u-konga* ‘cabaça

Obs. As demais formas verificadas nos dicionários (*on-galafa*; *ka-ngarrafa*) parecem indicar neologismos adaptados à morfossintaxe das línguas africanas do port. ‘garrafa’, além de exigirem apócope (apagamento final) das duas últimas sílabas. Optou-se pela forma encontrada em Le Guennec, *u-konga*.

CONGEMBO: v., Morrer; sub., Morte (AM).

congembo < *ku-ondjembo* ← *ku* (LOC cl. 17) ‘para’ + *ondjembo* (cl. 9) ‘sepultura’ umb.

k-ondjembo ‘para a sepultura’ >> *congembo* ‘morte’ >> *congembo* ‘morrer’.

Étimo: sub. loc. (cl. 17) *k’ondjembo* ‘sepultura’

sub. loc. (cl. 17) *k’ondjambo* ‘mortalha’ (Silva Porto)

Obs. O prefixo locativo da classe 17 ‘*ku-* para, perde valor semântico, juntando-se ao substantivo da classe 9.

COPEQUERA: v., Dormir (v.)

copequera < **ko-peker* < *oko-peker* (cl. 15) ‘dormir’ umb.

Étimo: v., (cl. 15) *oco-peker* ‘dormir’ (Silva Porto)

CURIANDAMBA: sub., Velho (AM).

[?] AM *curiacuca* ⇒ **curiandamba** < **kulu andamba* < *ukulu wendamba* ← *ukulu* (cl. 1) ‘velho’ umb. + *wendamba* (adj. cl. 1) umb. (cl. 1 + GEN + *ondamba* ‘homem ou mulher bons’).

curiandamba < *u-kulyandamba* < **ukulu ya ondamba* ← **ukulu* (cl. 1) ‘velho’ + *ya* (cl. 9 + GEN) + *ondamba* (cl. 9) ‘mulher or homem bons’ umb.

Étimo: sub., (cl.1) *u-kulu* + (adj. cl. 1) *wendamba*, ‘velho’.

Obs. A forma do étimo foi verificada em Le Guennec, *wendamba*, formada por uma construção conectiva, ou o genitivo, ‘pref. prep. de cl. + GEN’, ‘*u-*’ (cl. 1) + ‘*-a-*’ + *ondamba* (cl. 9) ‘homem ou mulher bons’. Há a possibilidade de padronização analógica da construção possessiva para a classe 9, i + a ‘*ya*’, onde esperaríamos ocorrer ‘*wa*’ (con. pron. cl. 1).

GUNGUNAR: v., Resmungar (AM/ESP).

port. v. - ar ⇒ **gungunar** < *-gunguna* < *oku- n̄gun̄guna* (cl. 15) ‘resmungar’ umb.

Étimo: v., (cl. 15) *oku- n̄gun̄guna* ‘resmungar’.

Obs. Aférese da pré-nasal inicial e adaptação à estrutura verbal do português.

MANJANGUE: sub., Irmão (AM).

manjangue < **mandje-ange* < *mandje-wa-nge* ← *mandje* (cl. 1) ‘irmão’ umb. + *-wa-* (1SG + GEN) + *-nge* (POSS 1SG) ‘meu’ umb.

Étimo: sub., (cl. 1) *mandje-wange* ‘meu irmão’

MARAUANGUE, MARRUANGUE: sub., Criança, menino (MV).

marauangue < *malauange < *mola wange < o-mola wange ← o-mola (cl. 9) 'criança' + -wa- (1SG + GEN) + -nge (POSS 1SG) 'meu' umb.

marruangue < *maruangue < marauangue 'menino' MV [?]

Étimo: sub., (cl. 9) omola-wange 'minha criança, meu filho'.

Obs. Abaixamento de o>a. Preservação do con. pron. da cl. 1 'wa', diferente de *manjangue*.

MBUNGURURU: sub., Estrela (AM).

mbungururu < olu-mbungululu (cl. 11) 'estrela' umb.

Étimo: sub., (cl. 11) olu-mbungunlulu 'estrela'.

Obs. Aférese do prefixo de classe nominal 11 'olu-'.

NHORRÃ: sub., Cobra (AM); INHARRA: sub., Cobra (MV).

nhorrã < o-nhoña (cl. 9) 'cobra' umb.

inharra < *nhaha < *nhoña < o-nhoña (cl. 9) 'cobra' umb.[?]

Étimo: sub., (cl. 9) o-nhohã 'cobra'.

Obs. Aférese do prefixo da cl. 9, no caso de *nhorrã*. Em *inharra* há prótese, adição de uma vogal no início da palavra. A forma apresentada em Silva Porto 'nhóa' distancia-se mais das outras formas verificadas pela ausência da fricativa glotal [h].

OMBERA: sub., Chuva (AM).

ombera < ombera (cl. 9) 'chuva' umb.

Étimo: sub., (cl. 9) o-mbera 'chuva' (Silva Porto).

OMENHÁ DE VIANGUE: sub., Cachaça; VIANGO: sub., Cana (MV).

viangue < *ovi-enge < ovi-enge (cl. 4) pl. ← omwenge (cl. 3) 'cana' umb.

viango < viangue MV [?]

Étimo: sub., (cl. 4) ovi-enge 'cana de açúcar'.

Obs. Consideramos aqui, somente a forma sublinhada na construção perifrástica 'omenhá de viangue'. Aférese da vogal inicial (aumento) da classe 4 'ovi-'. Ver análise de *omenhá* na seção de itens relacionados somente ao quimbundo.

OMERÁ: sub., Língua (AM); AMERA: sub., Rosto (MV).

omerá < o-mera (cl. 9) 'boca' umb.

amera < o-mera (cl. 9) 'boca' umb.

Étimo: sub., (cl. 9) o-mera 'boca' (Silva Porto).

Obs. Abaixamento da vogal inicial em *amera*.

OPUTÁ: sub., Angu (MV).

umb. (cl. 9) o- ⇒ oputá < i-puta (cl. 5) 'pirão' umb.

Étimo: sub., (cl. 5?) *i-puta* 'pirão'.

Obs. Aférese do 'i-' inicial e prótese análoga da forma prefixal da classe 9 'o-'.

OQUEPÁ: sub., Osso (AM).

umb. (cl. 9) o- ⇒ oquepá < e-kepa (cl. 5) 'osso' umb.

Étimo: sub., (cl. 5) *e-kepa* 'osso'.

Obs. Há a possibilidade de aférese da vogal da classe 5 'e-' e substituição análoga por 'o-' da classe 9.

ORERÁ: sub., Toucinho (AM); OXITO DE OLERÁ: sub., Toucinho (MV).

umb. (cl. 9) o- ⇒ orerá < u-lera (cl. 3) 'gordura' umb.

Étimo: sub., (cl. 3) *u-lera* 'gordura, banha' (Silva Porto).

Obs. Analogia com a classe 9 'u-' (cl. 3) > 'o-' (cl. 9).

ORONANGA: sub., Roupa (AM); ORUNANGA: sub., Roupa (MV); URUNANGA: sub., Roupa (ESP).

oronanga < olo-nanga (cl. 10) pl. ← o-nanga (cl. 9) 'roupa' umb.

orunanga < oronanga MV.

urunanga < olo-nanga (cl. 10) pl. umb.

Étimo: sub., (cl. 10) *olo-nanga* 'roupas'.

Obs. Alçamento o > u.

ORONI: sub., Lenha (AM).

*oroni < *olo-ni < *olon-hwi < olō-hwi (cl. 10) 'lenha' umb.*

Étimo: sub., (cl. 10) *olō-hwi* 'lenha' umb.

Obs. Há síncope, apagamento medial, da consoante [h] devido à influência da nasalização.

OROSSANJE: sub., Galinha (AM); ARASANGUE, OROSANJE, OSSANGÊ, OROSSÂNGUI: sub., Galinha (MV).

orossanje < olo-sandji (cl. 10) ← o-sandji (cl. 9) 'galinha' umb.

*arasangue < *arosanje < orosanje MV*

ossangê < o-sandji (cl. 9) 'galinha' umb.

ossangue < (o)sandji (cl. 9) 'galinha' quimb./umb.

Étimo: sub., (cl. 9) *o-sandji* 'galinha'.

Obs. Abaixamento o > a. Velarização de [ndʒ] > [ŋg] em *ossangue* e *arasangue*.

OROSSIMBA: sub., Gato (AM); CALUCIMBA, KALUSSIMBA, KANISSIMBA, CAROFIMBA: sub., Gato (MV).

orossimba < olo-simba < olu-simba (cl. 11) 'leopardo' umb. [?]

umb. (cl. 10) olo- ⇨ **orossimba** < olu-simba (cl. 11) 'leopardo' umb. [?]

calucimba < ka-lusimba (cl. 12) 'pequeno leopardo' olusimba (cl. 11) ← 'leopardo' umb. [?].

Étimo: sub., (cl. 11) *olu-simba* 'leopardo'

Obs. Abaixamento de u>o, quando não consta o prefixo diminutivo da classe 12 'ka-'.

OSSEMÁ: sub., Fubá (AM); ASSEMÁ, OSSEMÁ: sub., Céu (MV).

ossemá < osema (cl. 3/9) 'farinha' umb.

Étimo: sub., (cl. 3/9?) *o-sema* 'farinha'

Obs. Uma das formas apresenta abaixamento de o>a.

OSSENHÊ, SENHÊ: sub., Lua (AM).

ossenê < *osanhe < *osanye < o-sāyi (cl. 9 ?) 'lua' umb.

senhê < o-senhê (AM).

Étimo: sub., (cl. 3/9?) *o-sāyi* 'lua'.

Obs. Aférese de 'o-' em *senhê*. Transformação de [j] em [ɲ], devido à nasalização de [a] anterior.

OTATARIANGUE: sub., Feitor, patrão de serviço (AM).

otatariangue < otate lyange 'meu pai' ← *otate* (cl. 9) 'pai' + -ly a- (cl. 5+GEN) + -nge (POSS 1SG) 'meu' umb.

otatariangue 'meu pai' >> otatariangue 'figura de autoridade' >> **otatariangue** 'patrão'

Étimo: sub., (cl. 9) *otata-lyange* "meu pai".

Obs. Onde se esperaria uma forma do genitivo com a cl. 9 'ya', encontra-se a forma da cl. 5 'lya'.

OTEQUÊ: sub., Dia (AM); OTEQUE: sub., Noite, céu (MV).

umb. o- (cl. 9) ⇨ **otequê** < e-teke (cl. 5) 'dia' umb.

otequê < o-teke (cl. 5) 'noite' umb. (Silva Porto).

Étimo: sub., (cl.5) *e-teke* 'dia'

sub., (cl. 5) *o-teke* 'noite' (Silva Porto).

Obs. Mudança analógica da classe 5 'e-' para a forma da classe 9 'o-'. Entretanto, a forma registrada em Silva Porto se aproxima mais do item analisado, tanto em forma quanto em conteúdo. Devido à diferença semântica mantivemos ambas possibilidades.

OVÊ: pron. pess. Você, o Senhor (AM); IOVÊ: pron. pess. Eu; OUÊ: pron. pess. O senhor, você (MV).

ovê < ove (2 SG) 'tu' umb.

ouê < ove (2 SG) 'tu' umb.

iove < yove ← y (pref. pron. cl. 9) + ove (2 SG) 'tu' umb.

Étimo: pron. pess. 2SG *ove* 'tu'.

OVINI: sub., Mãe (AM).

ovini < ova-ina (cl. 2) pl. ← ina (cl. 1 ?) ‘mãe’ umb.

Étimo: sub., (cl. 2) ova-ina ‘mãe’.

Obs. Fusão de ‘a+i’ para evitar hiatos, e alçamento de ‘a’ final em ‘i’. O plural é uma forma sugerida em Sanders.

OVIPACO; VIPACO: sub., Dinheiro, diamante na mão (MV).

ovipaco < ovipako (cl. 4) pl. ‘bens’ umb.

Étimo: sub., (cl. 4) ovipako ‘bens’.

Obs. Aférese da vogal inicial ‘o-’ em vipaco.

PIPOQUÊ: sub., Feijão (AM); PIPOQUÊ, TIPÓQUE: sub., Feijão, Milho; PIPOQUE: sub., Feijão (MV); TIPOQUÊ: sub., Feijão (ESP).

[?] port. pipoca ⇒ **pipoque** < tchi-pokê < otchi-poke (cl. 7) ‘feijão’ umb [?].

tipóque < o-tchi-poke (cl. 7) ‘feijão’ umb.

Étimo: sub., (cl. 7) otchi-poke ‘feijão’.

Obs. É o único caso em que [tʃ] > [p], há a possibilidade de assimilação do fonema [p] da segunda sílaba ou, como sugerido, influência analógica do português ‘pipoca’, de origem tupi (in Houaiss eletrônico, 2009).

PUPIÁ ONDACA: sub., Falar na língua dos pretos (AM).

port. v. -ar ⇒ **pupíá** < pupya < oku-popya (cl. 15) ‘falar’ umb.

ondaca < o-ndaka (cl. 9) ‘palavra’ umb.

Étimo: v., (cl. 15) (oku-)popya ‘falar’.

sub., (cl. 9) on-daka ‘palavra’; ‘voz’.

Obs. São dois itens lexicais distintos, mas por ocorrerem juntos em Machado Filho (1985) e terem sido ambos verificados somente em umbundo, foram tratados na mesma entrada. Aférese do prefixo da cl. 15 ‘oku-’ em oku-popya. Alçamento de o>u.

SENGUÊ: sub., Mato (AM); ASSENGUÊ: sub., Banheiro (ESP).

senguê < o-senge (cl. 3) ‘mato’ umb.

assenguê < o-senge (cl. 3) ‘mato’ umb.

Étimo: sub., (cl. 3) o-senge ‘mato’

Obs. Aférese de ‘o-’. Abaixamento o>a. Percebe-se também a ocorrência de diástole.

TIAPOSSOCA: adj., Coisa boa (AM).

- tchya- (con. pron. cl. 7) ⇒ **tiapossoca** < *tchiposoka < tchi- (cl. 7) + posoka (adj) ‘bom’ umb.

tiapossoca < *tchyaposoka < tchi-a- (cl. 7+GEN) + posoka (adj.) ‘bom’ umb.

Étimo: adj., (cl. 7) tchya-posoka ‘bom’.

Obs. A forma encontrada poderia ser explicada por analogia à forma do genitivo (*pref. pron. de cl. + a*), visto que, em umbundo, o adjetivo exige somente um prefixo pronominal de classe, como na forma reconstruída *tchi-posoka, segundo dados de Schadeberg (1990). No entanto, Valente (1964, p. 116) indica dados semelhante à nossa segunda reconstrução.

URUNDUNGO: sub., Pimenta (AM).

urundungo < *olu-ndungu* (cl. 11) 'pimenta' umb.

Étimo: sub., (cl. 11) *olu-ndungu* 'pimenta'.

Obs. Alçamento o>u.

VIGONGO, VICONGO: sub., Torresmo (AM).

vicongo < **vi-kango* < **vi-kangwa* < *ovi-kangwa* (cl.4) 'resíduo da banha após extraída a gordura' umb.

vigongo < *vicongo* AM

Étimo: sub., (cl. 4) *ovi-kangwa* 'Torresmo'

Obs. Aférese de 'o-' no prefixo da classe 4 'ovi-'. Sonorização de [k]>[g]. Monotongação do ditongo [wa] > [o]/[u].

VISSUNGO: sub., Cantigas (AM/MV).

vissungu < *ovi-sungu* (cl. 4) pl. ← *otchi-sungu* (cl. 7) 'canto' umb.

Étimo: sub., (cl.4) *ovi-sungu* 'cantos'.

Obs. Aférese de 'o-'.

2. Forma igual ou semelhante, significado distinto.

ATANHARA: adj., Alto (AM); OTAIÁ, OTAINHA: sub., Dia (MV).

atanhara < **a-tanha-la* < *a-tanha* (cl. 6) ← *u-tanha* 'raio ou calor do sol' (cl. 3) umb. [?]

'*atanhara ucumbi*'

atanhara < **a-tanha-la* < **a-tanha-lya* < **a-tanha lya- ukumbi* < *a-tanha* (cl. 6) 'raios ou calor do sol' + *lya* (cl. 5+GEN) + *e-kumbi* (cl. 5) 'sol' umb.

otaiá < **o-taya* < *o-tanha* (cl. 3) 'dia' umb.

otainha < *o-tanha* (cl. 3) 'dia' umb.

Étimo: sub., (cl. 6) *a-tanha* 'raio ou calor do sol'; 'dia' umb. (Silva Porto).

sub., (cl. 3) *o-tanha* 'dia' umb. (Silva Porto).

sub. (cl. 3) *o-tanha* + (cl. 5+GEN) *lya* 'dia de...'

Obs. Os étimos sugeridos são *o-tanha* (cl. 3) 'dia', singular, ou seu plural *a-tanha* (cl. 6). A sílaba final '-ra' seria um acréscimo (paragoge) à palavra causado pelo genitivo, como indicado na segunda proposta de análise. O exemplo é encontrado em Machado Filho (1985, p. 126): *Atanhara ucumbi u atundá* 'Mulher o sol está alto'. As demais formas se aproximam do étimo, ocorrendo uma vocalização de [ɲ] > [j] em *otaiá*, além de epêntese de [i] em *otainha*.

COMBOÊRO: sub., Grota (AM); COMBOÊRO: sub., Cambão (ESP).

comboêro < *komboelu < k'ombwelu (adv.) 'para baixo' umb.

adv., k'ombwelu >> sub., comboêro 'grota'

Étimo: adv., k'ombwelu 'para baixo'.

Obs. Há uma mudança na classe gramatical dos itens adv. > sub. 'Para baixo' passa a significar 'um lugar baixo', 'uma caverna'. A acepção de cambão não pôde ser melhor investigada na comunidade, mas aparentemente significa uma ladeira ou descida. Os dicionários analisados já apresentam a forma k'ombwelu 'abaixo' ← ku (LOC cl. 17) + ombwelu 'terra baixa'.

COROFECA: adj., Ruim (AM).

corofeca < *kolofeka < ku-olo-feka (cl. 10) 'para as nações' ← ku (LOC cl. 17) 'para' + o-feka (cl. 9) 'nação' umb.

Étimo: pref. (cl. 17) ku- + sub. (cl. 10) olo-feka 'em direção às nações'.

Obs. Sem maiores dados, uma reconstrução do deslocamento semântico do item, possivelmente metafórico, pode soar fantasiosa, logo não elaboramos uma proposta.

COVICANDA: v., Escrever, conversar (AM).

covicanda < k-ovikanda < ku + ovikanda (cl. 4) 'cartas' ← ku (LOC cl. 17) 'para' + u-kanda (cl. 3) 'carta'.

k'ovikanda 'para as cartas/letras' >> **covicanda** 'escrever'

Étimo: pref. (cl. 17) ku- + sub., (cl. 4) ovi-kanda 'para as cartas'.

MUCAIANGUE: sub., Arma de fogo (MV).

mucaianguê < *o-mukayange < *omukoyange < omoko yange ← omoko (cl. 9) 'faca' + -ya- (cl. 9+GEN) + -nge (POSS 1 SG) 'meu' umb. [?]

Étimo: sub., (cl. 9) omoko-yange 'minha faca'.

Obs. Aférese de 'o-'. Alçamento de o>u. Abaixamento de o>a. Há deslocamento de sentido, 'minha faca' >> 'minha arma' >> 'arma de fogo'.

ONINGA: sub., Mau cheiro (AM); ONINGUE, ONINGA, ANENGUE: sub., Mau cheiro (MV).

umb. (cl. 9) o- ⇒ **onínga** < a-ninã (cl. 6) 'fezes' umb.

aninga 'fezes' >> **onínga** 'mau-cheiro'

Étimo: sub., (cl. 6) a-ninã 'fezes'.

Obs. Alçamento de 'a-' (cl. 6) para 'o-' (cl. 9).

ONJERÊ: sub., Cabelo (AM).

onjerê < *on-djele (cl. 9) sing. ← olo-ndjele (cl. 10) pl. 'barba' umb.

onjerê 'cabelo da barba' >> **onjerê** 'cabelo'

Étimo: sub., (cl. 9) o-ndjele 'barba'.

Obs. A forma *olongere* ocorre na comunidade do Jatobá.

ORONGANJE: sub., Cachaça (AM); ORANGANJA, RONGONJA, ORONGONJA, URUGANJA, ORUNGANJA: sub., Aguardente, cachaça (MV).

oronganje < *olo-ngandja* (cl. 10) pl. ← *o-ngandja* (cl. 9) 'cabaça' umb.

oranganja < *olo-ngandja* (cl. 10) pl. ← *o-ngandja* (cl. 9) 'cabaça' umb.

ronganja < **o-longandja* < *olo-ngandja* (cl. 10) pl.

umb. (pref. cl. 11) *olu-* ⇨ **orungandja** < **olo-ngandja* (cl. 10) pl. [?]

uruganja < *oruganja* MV

olo-ngandja 'vasilhas para líquidos' >> **oronganje** 'líquido que se toma'

Étimo: sub., (cl. 10) *olo-ngandja* 'cabaças'.

Obs. Abaixamento de o>a em 'oranganja'. Mudança de a>e em posição final (alçamento [a]>[i] ?; [ə]> [i]?). Possível deslocamento de sentido metonímico.

OTATARIÔVE: exp., Insulto máximo (AM).

otatariôve < **o-tate lyove* 'teu pai' ← *tate* (cl. 1) 'pai' + - *ly a-* (cl. 5+GEN) + -*ove* (POSS 2SG) 'teu' umb.

Étimo: sub., (cl. 9) *otate-lyove* 'teu pai'.

Obs. Apesar de *otata* ser identificado em quimbundo e umbundo, a forma do sufixo possessivo somente foi verificada em umbundo. Segundo Schadeberg (1990, p. 12) a forma *táté* 'pai', ocorre sem o aumento, sugere-se uma mudança analógica à cl. 9.

QUIUÁ: adv., Muito (MV).

quimb. (pref. cl. 7) *ki-* ⇨ **quiúá** < **tchi-wa* (cl. 7) ← *wa* (adj.) 'bom' umb.

-*wa* 'bom, bonito' >> *o jambá tá quiúá* 'o diamante está bom; tem muito diamante' >> **quiúá** 'muito'.

Étimo: adj. (cl. 7), *tchi-wa* 'bom'.

Obs. A forma parece sofrer influência do prefixo da cl. 7 do quimbundo 'ki-'. O adjetivo -*wa* foi somente encontrado em umbundo.

TIADIAMBE: sub., Dia Santo (AM).

tiadiambe < **tchya-ndjambi* < *tchya-* (cl. 7+GEN) + *ndjambi* (cl.?) 'deus' umb.

tchya-djambi 'de Deus' >> *tiadiambe* 'coisa santa' >> **tiadiambe** 'dia santo' [?]

Étimo: adj., (com. nom. cl. 7) *tchya-* + (cl. 7) *ndjambi* 'de deus'.

Obs. A forma *ndjambi* 'deus' ocorre em Le Guennec. *tchya*, cl. 7+ GEN, cria a forma *tchya-ndjambi* 'de deus', os fonemas do umbundo são preservados, a saber [tʃ] e [dʒ].

VINÁ: sub., Remédio levado pelo carunjinjim (membro do grupo dos Catopês) durante a festa do Rosário (MV).

viná < *ovi-na* (cl. 4) 'coisas' ← *otchi-na* (cl. 7) 'coisa' umb. [?]

ovi-na 'coisas' >> *viná* 'qualquer coisa/alguma coisa específica' >> *viná* 'remédio dos catopês' [?].

Étimo: sub., (cl. 4) *ovi-na* ‘coisas’.

Obs. Aférese de ‘o-’ da classe 4 *ovi-*. O deslocamento de sentido é uma sugestão.

VISSEPA: sub., Palha (AM).

vissepa < *o-vi-sapa* (cl. 4) *pl.* ← *oci-sapa* (cl. 7) ‘ramo’ *umb.*

Étimo: sub., (cl. 4) *ovi-sapa* ‘ramos’.

Obs. Aférese de ‘o-’ da classe 4 *ovi-*. Alçamento de [a]>[e]. Parece-nos possível que o deslocamento semântico teria ocorrido por uma generalização do termo: ‘Quaisquer ramos’ >> ‘palha’.

3. Forma distinta, significado igual ou semelhante.

CAMUQUENGUE: sub., Moleque (AM).

camuquengue < **ka-mukendje* < **oka-mukwendje* ← **omu-kwendje* ← *u-kwendje* ‘rapaz’ (cl. 1) *umb.*
[?]

Étimo: sub., (cl. 12) **ka-(mu)kwendje* ‘menino’.

Obs. A forma *omu-kwendje* não foi encontrada em umbundo, entretanto Schadeberg (1990, p. 10) lista ‘*omu-*’ como forma irregular nasal. Valente (1964, pp. 80-81) afirma ser esta um desmembramento da classe *u* (cl. 1). Sugere-se, assim, a forma *omu-kwendje*, mesmo não se encontrando dicionarizada, mas por relação a *omu-nu* (cl. 1) ‘homem’. A palavra ainda conteria o pref. nominal da classe 12 ‘*ka-*’. A transformação [ndʒ]>[ŋg] ocorre também em *olo-sandje* > *arassangue*. Machado Filho sugere outras possibilidades de etimologia, desconsideradas aqui por envolverem um maior deslocamento semântico (1985, p. 129). De qualquer modo, entendemos que nossa hipótese se enfraquece diante das várias alterações.

OMINDES: pron. pess., Eu (AM).

omindes < **omindi* < **ame-ndi* < *ame* (pron. pess. 1SG) ‘Eu’ + *ndi-* (pref. pron 1SG) ‘Eu’ *umb.*

Étimo: pron. pess. 1SG *ame* + pref. pron. 1SG *ndi-*

Obs. Sugere-se a composição de uma forma a partir da construção ‘*ame ndi* + verbo’ em umbundo. Não conseguimos elaborar uma explicação satisfatória para a adição de /-s/ final. Alçamento de a>o.

b) Quimbundo

1. Forma e significado iguais ou semelhantes ao étimo

CACUNDA: sub., Costas (MV).

cacunda < *ka-kunda* (cl. 12) ‘giboso’ *quimb.*

Étimo: sub., (cl. 12) *ka-kunda* ‘giboso, corcunda’.

CANENGUE, CANDENGUE: sub., Menino, criança (MV).

canengue < *ka-nenge < ka-ndenge ← ndenge ‘criança’ (Cl.9) quimb.

candengue < ka-ndenge ← ndenge ‘criança’ (Cl.9) quimb.

Étimo: sub., (cl. 12) ka-ndenge ‘criança’.

MBANGA: sub., Membro Viril (AM).

mbanga < mbanga (cl. 9) ‘testículo’ quimb.

Étimo: sub., (cl.9) mbanga ‘testículo’

OMENHÁ, MENHÁ: sub., Água (AM); OMENHA, OMENHÁ, OMENGUE, NENHA: sub., Água (MV); OMENHA: sub., Cocô (ESP).

omenhá < o menha ‘a água’ < o (DET) + menha (cl. 6) “água” quimb.

menhá < menha (cl. 6) ‘água’ quimb.

omengue < o (DET) + menha (cl. 6) “água” quimb.

Étimo: sub., (cl. 6) o menha ‘água’ quimb.

Obs. Classe 6 indicada em Xavier (2010, p. 138), *Ma-enia*. Há a manutenção do aumento ‘o’, que no quimbundo tem a função de determinante (CHATELAIN, 1964 [1889]; XAVIER, 2010, p. 85). Velarização de [ɲ]>[ɲg], *omengue*.

QUIOUA, QUIÔA: sub., Bobo (MV).

quioua < kióua (cl. 7) ‘estúpido’ quimb.

Étimo: sub., (cl. 7) kióua ‘estúpido’.

2. Forma igual ou semelhante, significado distinto.

CAMBROCOTÓ: sub., Termo injurioso (AM); BROCCOTÓ: sub., Caminho ruim. (ESP).

cambrocotó < *ka-mborokotó < *ka-mbolokoto < *ka-ximbolokoto [?] ← ximbolokoto ‘verruca’ (cl. 9) quimb. [?]

broccotó < *borokotó < *mbolokoto < *xi-mbolokoto < ximbolokoto ‘verruca’ (cl. 9) quimb.

Étimo: sub., (cl. 12) ka-mbolokoto ‘verruquinha’.

sub., (cl. 9) (xi)-mbolokoto ‘verruca’.

Obs. Não há sugestão do deslocamento semântico do termo. A síncope de [o] pode ser explicada pelo deslocamento de acento para a última sílaba, diástole (*mbolokóto > mblokotó > broccotó). Há apagamento da pré-nasal em [mb]>[b].

CATIMBAR: v., Causar confusão (MV).

port. v. -ar ⇔ **catimbar** < catimba (sub.) port < ka-ximba (cl. 12) ‘engodo’ quimb.

catimba ‘engodo’ >> catimbar ‘enganar’ >> **catimbar** ‘causar confusão’ [?]

Étimo: sub., (cl. 12) ka-ximba ‘engodo’.

Obs. Palatalização de [j] > [tʃ]. Provavelmente uma analogia da forma já corrente no português *catimba*, termo coletado como explicação de um item ocorrente em canto vissungo.

MATOMBÔ: sub., Mandioca (AM); MATOMBO: sub., Cabeça; MUTOMBO, MUTONGO, MOUTOMBOU, MATOMBÔ: sub., Mandioca; MATOMBÔ: sub., Mandioca (ESP).

matombô < *oma-tombo (cl.2) ? < u-tombo (cl. 3) 'mandioca' umb. [?]

(cl. 6) pl. ma- ⇒ **matombô** < mutombo (cl. 3) 'mandioca de molho' quimb. [?]

matombô < ma-túmbu (cl. 6) ← ri-tumbu (cl. 5) 'montículo onde se planta a mandioca' [?] quimb

Étimo: sub., (cl. 3) *u-tombo* 'mandioca' (umb.)

sub., (cl. 3) *mu-tombo* 'mandioca de molho'.

Sub., (cl. 6) *ma-túmbu* 'montículo onde se planta a mandioca'.

Obs. Nenhum dos étimos encontrados em quimbundo significa diretamente 'mandioca', mas estão relacionados 'mandioca de molho' ou 'montículo onde se planta a mandioca'. Demos preferência a uma análise que favoreça o quimbundo pela presença de 'ma-' (cl. 6) plural do quimbundo. Há velarização de [mb]>[ŋg].

PARONGO: sub., Carneiro (AM).

parongo < *palánga* (cl. 9) 'veado' quimb.

Étimo: sub., (cl. 9) *palánga* 'veado'.

Obs. Alçamento de 'a>o'.

QUIBA: sub., Trouxa; Monte de roupas (AM; ESP).

quiba < *ki-ba* (cl. 7) 'odre' quimb.

kiba 'odre' >> quiba 'recipiente para guardar coisas >> quiba 'trouxa de roupas'.

Étimo: sub., (cl. 7) *ki-ba* 'odre'

QUIPUNGO: sub., Chapéu (AM); QUIPUNGO, TIPUNGÁ, QUIPONGO: sub., Chapéu (MV).

quipungo < **ki-búngo* < **ki-búnga* (cl. 7) 'chapéu' quimb. [?]

quipongo < **ki-bongo* < *ki-búnga* (cl. 7) 'chapéu' quimb. [?]

quipungo < **ki-bungu* (cl. 7) 'cloaca' quimb. [?]

umb. (cl. 7) *otchi* ⇒ **tipungá** < **ki-punga* < **ki-búnga* (cl. 7) 'chapéu' quimb. [?]

Étimo: sub., (cl. 7) *ki-búnga* 'chapéu'.

ou

sub., (cl.7) *ki-bungu* 'cloaca; vaso de dejetos'.

Obs. Castro (2001, p. 184) sugere o étimo *ki-bungu* (cl. 7) 'vaso de dejetos carregado na cabeça', logo a extensão semântica 'chapéu'. Além de incluir o dado sugerido por Castro (2001), sugerimos aqui a forma *ki-búnga* (cl. 7) 'chapéu', mesmo que exija maior transformação fonética. A palatalização em *tipungá* poderia ser convergência com a classe 7 'otchi-' do umbundo.

c) Quicongo

1. Forma e significado iguais ou semelhantes ao étimo

NPUCO: sub., Rato (AM).

npuco < mpuku (cl. 9) 'rato' quic.

NC (consoantes oclusivas antecedidas por consoantes pré-nasalisadas) ⇔ **npuco** < puku (cl. 9) 'rato' quimb. [?]

Étimo: sub., (cl. 9) mpuku 'rato'

Obs. Há poucas formas encontradas somente em quicongo, o que nos leva a considerar uma mudança analógica afetada por formas NC (nasal + consoante). Entretanto, como nossos dados do quicongo não foram exaustivos a hipótese é enfraquecida.

NANGUÊ. pron. pess. Você (MV).

nanguê < *ange < nge (2 SG) 'tu' quic. [?]

Étimo: pron. pess. 2SG. nge 'tu'.

Obs. Única forma verificada mais próxima ao item coletado em Milho Verde, que exigiria uma prótese de [na-].

d) Quimbundo/Umbundo

1. Forma e significado iguais ou semelhantes ao étimo

ALUME: sub., Homem (AM).

alume < alume (cl. 2) ← ulume (cl. 1) 'homem' umb.

alume < o-lume (cl. 1) 'homem' umb. (Silva Porto).

alume < alume (cl. 2) ← mu-lume (cl. 1) 'marido' quimb.

Étimo: umb. sub., (cl.2) alume 'homens'.

quimb. sub., (cl. 2) alume 'homens'.

umb. sub. (cl. 1) olume 'homem' (Silva Porto).

Obs. As duas formas seriam possíveis, no entanto, devido a outros exemplos de alçamento o>a, adotamos a possibilidade de transformação a partir do étimo oferecido em Silva Porto.

ANGANA: sub., Senhor, Senhora (AM).

angana < angana 'senhor' umb.

angana < ngana (Cl. 9) 'senhor' quimb.

Étimo: umb. sub., (cl. 2) angana 'senhor' (Silva Porto)

quimb. sub., (cl. 7) ngana 'senhor'.

Obs. A forma mais comum nos dicionários de umbundo seria *ongaŋa* com um [ŋ] nasal. Silva Porto oferece o item *anganna* que poderia servir como étimo. A forma do quimbundo exigiria ou uma prótese vocálica ou alteração do aumento o>a.

ARENGÁ: sub., Tarefa (AM); ARENGA: sub., Fofoca; ARENGUEIRO: sub., Fofoqueiro (ESP).

arengá < *a-lenga < *o- (cl. 1) + linga 'ele faz' ← oku-linga (cl. 15) 'fazer' umb. [?]

arengá < *a-lenga (cl. 2) 'searas' quimb. ? < mu-lenga (cl. 3) 'seara' quimb. [?]

Étimo: umb. v., (cl. 15) o-linga 'ele faz' (Silva Porto)

quimb. sub., (cl. 3) a-lenga 'searas, terras cultivadas'.

Obs. Os étimos se relacionam mais ao significado encontrado em AM 'tarefa'. Não foi possível encontrar um étimo mais ligado ao significado de 'fofoca'. A forma *mulenga* do quimb. exigiria transformações maiores para se adequar à forma coletada (exigiria o plural de mu- (cl. 3), em a- (cl. 2), e não em mi- (cl. 4), plural comum da língua) e é, portanto, enfraquecida como hipótese. O deslocamento semântico encontrado na hipótese de reconstrução do étimo em umbundo também enfraquece a proposta.

ARIRÊ: v., Contar; sub., Canto.

arirê < *a-rilé (IMP cl. 6) ← oku-rila (cl. 15) 'chorar' umb. [?]

arirê < *o-rilé (IMP cl. 1) ← oku-rila (cl. 15) 'chorar' umb. [?]

arirê < *a-rile (IMP cl. 1) 'chore ele' ← ku-ríla (cl. 15) 'chorar' quimb. [?]

Étimo: umb. v., (cl. 15) a-rilé 'cl.-6 chore/cl.6- cante' (Silva Porto)

quimb. v., (cl. 15) a-rile 'cl. 1 - chore'.

Obs. A forma conjugada do verbo parece servir de étimo para o item analisado. Schadeberg (1990, p. 35) informa que uma forma com final em [é], tom alto, é possível em imperativos que possuam um índice de objeto (infixo de concordância anafórica com o objeto). No entanto, não se encontra vestígio do índice de objeto na forma analisada. Chatelain (1964 [1889], p. 72) sugere forma parecida em quimbundo na terceira pessoa ou classe 1.

CACHUPÁ (AM); CUXIPÁ: v., Fumar (ESP).

port. *chupar* [?] ⇒ **cachupá** < *ka-xupa < *ka (cl. 12) -xipa < (o)ku-xipa (cl. 15) 'fumar' quimb./umb. [?]

port. v. -ar ⇒ **cuxipá** < (o)ku-xipa (cl. 15) 'fumar' umb./quimb.'

Étimo: umb. v., (cl. 15) oku-chipa 'cachimbar, chupar' (Silva Porto).

quimb. v., (cl. 15) ku-xipa 'fumar'.

Obs. A forma mais próxima foi coletada na comunidade do Espinho, Gouveia, e exigiria pouca transformação. A forma de Aires foi retirada de um exemplo de frase *Ovê a ô vissepa cachupá ombiá* (trad. 'Dê-me você uma palha para eu fazer um cigarro') (1985, p. 134). Sugere-se analogia com o port. 'chupar', um dos possíveis significados do verbo (o)ku-xipa nas línguas estudadas.

CAMBAMBE. sub., Veado (AM).

cambambe < ka-mbambi (cl. 12) ← (o)mbambi 'veado' (Cl. 9) quimb./umb.

Étimo: quimb./umb. sub., (cl. 12) ka-mbambi dim. 'veado'

Obs. As duas formas seriam étimos possíveis.

CANDIMBA: sub., Coelho (AM); CANDIMBA, COANDIMBA: sub., Coelho (MV).

candimba < ka-ndimba ‘coelhinho’ (Cl. 12) quimb./umb.

Étimo: quimb./umb. sub., (cl. 12) ka-ndimba dim. ‘coelho’.

CANJIRA, CANJIRAUÊ: sub., Passarinho (MV).

canjira < ka-njila (cl. 12) ‘passarinho’ ← (o)ndjila (cl. 9) ‘pássaro’ umb./quimb.

canjirauê < ka-njila (cl. 12) ‘passarinho’ + auê (rima utilizada em cantos)

Étimo: quimb./umb. sub., (cl. 12) ka-ndjila dim. ‘pássaro’

Obs. ‘-auê’ é um recurso rítmico muito encontrado nos cantos da região de Milho Verde. Há paragoge do recurso à forma *canjira* ‘passarinho’.

CANJONJO. sub., Beija-Flor (AM)

canjonjo < ka-ndjondjo ← ondjondjo ‘colibri’ (cl. 9) umb./ (quimb.?)

Étimo: umb. sub., (cl. 12) ka-ndjondjo dim. ‘colibri’.

quimb. sub., (cl. 12) ka-nzónzo dim. ‘pica-flor’.

Obs. Apesar da forma em umbundo estar mais próxima do item analisado, não consideramos a distinção [z] ≠[dʒ] suficiente para que uma forma fosse privilegiada. Há a possibilidade de variedades do quimbundo que apresentem maior palatalização em zonas de contato com o umbundo.

CUSUCANAR, CASSÚ-CANÁ: v., casar (MV).

port. v. -ar ⇒ **cusucanar** < (o)ku-sokana ‘casar’ (cl. 15) quimb./umb.

cassúcana < *ka-sukana < (o)ku-sokana ‘casar’ (cl. 15) quimb./umb.

Étimo: umb. v., (cl. 15) oku-sokana ‘casar’.

quimb. v., (cl. 15) ku-sokana ‘casar’.

Obs. Todas as formas são afetadas pela morfologia verbal da conjugação em [-ar] do port.

COMBARO: sub., Lugar habitado (AM); CUMBARA, CUMBARI-NÊNE: sub., Comércio, cidade; CUMBARAIÊTO: sub., Cidade grande (MV).

combaro < *kombala < ku-ombala ← ku (LOC cl. 17) + (o)mbala (cl. 9) ‘capital’ umb./quimb.

cumbara < *kumbara < ku-(o)mbala ← ku (LOC cl. 17) + (o)mbala (cl. 9) ‘capital’ umb./quimb.

cumbari-nêne < *kumbar-inene < *kumbara inene < ku-(o)mbala i-nene (adj. cl. 9) ← ku (LOC cl. 17) + (o)mbala (cl. 9) ‘capital’ umb./quimb. + -nene (adj.) ‘grande’ umb./quimb.

cumbaraiêto < *kumbalaletu < ku-(o)mbala ietu (GEN+ POSS 1PL) ← ku (cl. 17 loc.) + ombala (cl. 9) ‘capital’ quimb./umb. + -etu (POSS 1PL) ‘nosso(a)’ quimb./umb.

Étimo: umb. pref., (cl. 17) ku- + sub., (cl. 9) ombala ‘para a capital’.

quimb. pref., (cl. 17) ku- + sub., (cl. 9) mbala ‘para a aldeia, vila’.

Obs. Sugerimos que *combara* seja formada por um pref. loc. da classe 17 'ku-' + (o)*mbala* 'cidade/vila' em umbundo e quimbundo. Pode ter havido preservação do aumento 'o-' ou da vogal da classe 17 locativa 'ku-'. *Cumbaraiêto* (lit. 'para a nossa cidade' >> 'cidade grande') pode ter originado a forma *aiêto* 'grande' encontrada em Vogt & Fry.

CUATA: v., Pegar (AM).

cuata < (o)ku-kwata (cl. 15) 'pegar' quimb./umb.

Étimo: umb. v., (cl. 15) oku-kwata 'pegar'.

quimb. v., (cl. 15) ku-kwata 'pegar'.

Obs. Aférese da classe 15 do infinitivo '(o)ku-'.

CURIACUCA: sub., Cozinheiro (AM); NACURUACUCUA: sub., Homem velho (MV).

umb./quimb. 'comer' (cl. 15) (o)ku-lyā ⇔ **curiacuca** < *kulu akuka < *ukulu akuka < ukulu wa kuka ← ukulu (cl. 1) 'velho' umb./quimb. + wa kuka (adj). 'decrépito; velho; dos avós' umb. [?]

curiacuca < *kulya akuka < kulya wa kuka ← (o)ku-lyā (cl. 15) 'comer' umb./quimb. + wa kuka (adj). 'decrépito; velho' umb.'

nacuruacucua < ma-kulu wa kukua < ma-kulu (cl. 2) 'avós' wa kuku adj. 'velhos' quimb.

Étimo: umb. v., (cl. 15) oku-lyā/oku-dya 'comer'.

quimb. v., (cl. 15) ku-ryā/ku-dya 'comer'.

ou

umb. sub., (cl. 2) a-kulu 'velhos'.

quimb. Sub., (cl. 2) ma-kulu 'avós'.

+

umb. (adj. cl. 1) wa kuka 'decrepito, velho'

quimb. sub., (cl. 7) kuku 'antepassado, avô'.

Obs. A forma *wa kuka* é sugerida em Wilson (1935) como adjetivo 'decrépito'. Poderíamos sugerir que há uma convergência das formas (a)kulu ya 'velhos' ≡ kulya 'comer', que tenha sido readaptada pelos falantes em 'antepassados' >> 'cozinheiro'. akulu wa kuka poderia ainda significar 'avós dos avós; velhos dos velhos; velhos dos avós', significando os antepassados.

CURIMA: sub., Serviço (AM).

curima < (o)ku-lima (cl.15) 'lavar' quimb./umb.

Étimo: umb. v., (cl. 15) oku-rima 'lavar' (Silva Porto).

quimb. v., (cl. 15) ku-rima 'lavar'.

FUNDANGA DE CAPECERE. sub., Peido fedido (MV).

fundanga < (o)fundanga (cl. 9) 'pólvora' umb./quimb.

capecére < *ka-peseli < *ka (cl. 12) -pesela < *ku-pesela < oku-pesela (cl. 15) 'entornar; dano' umb.[?]

capecére < *ka-peseli < *ku-pesela < ku-busela (cl. 15) 'assoprar' quimb.[?]

fundanga de capecere 'pólvora de soprar' >> *fundanga de capecere* 'cheiro da pólvora' >> *fundanga de capecere* 'cheiro ruim'

Étimo: umb. sub., (cl. 9) *o-fundanga* ‘pólvora’.
 quimb. sub., (cl. 9) *fundanga* ‘pólvora’.
 +
 umb. v., (cl. 15) *oku-pesela* ‘entornar, derramar’.
 ou
 quimb. v., (cl. 15) *ku-busela* ‘soprar’.

Obs. *fundanga* nos parece bem explicado. Sugerimos duas hipóteses para *capecere*, entretanto, apesar da forma mais próxima do umbundo *oku-pesela*, o significado do étimo em quimbundo parece mais próximo em vista de ocorrer item com significado semelhante na comunidade do Jatobá *ocuperecê* ‘assoprar’ (conforme visto no quadro 1).

GUNGA, CUMBA, GONGO, GONGO TEIA: sub., Sino (MV).

gunga < **n-gunga* < (*o*)*ngunga* (cl. 9) ‘sino’ quimb./umb.
cumba < *cunga* < *gunga* MV

Étimo: umb. sub., (cl. 9) *o-ngunga* ‘sino’.
 quimb. sub., (cl. 9) *ngunga* ‘sino’.

Obs. A forma mais próxima do étimo *gunga* teria originado as demais. Há aférese da consoante pré-nasal [ŋg]>[g]. Após o apagamento da consoante pré-nasal, há a possibilidade de ensurdecimento de [g]>[k], conforme visto em *cumba*. Ainda ocorre a transformação [ŋg]>[mb].

INJARA: sub., Fome (AM).

injara < **ndjala* < (*o*)*ndjala* (cl. 9) ‘fome’ umb./quimb. (?)

Étimo: umb. sub., (cl. 9) *o-ndjala* ‘fome’.
 quimb. sub., (cl. 9) *nzala* ‘fome’.

Obs. Prótese de vogal inicial para manutenção da pré-nasal [ndʒ].

ITACO: sub. Assento, ânus (AM).

itaco < *e-taku* (cl. 5) ‘nádegas’ umb.
itaco < *ri-taku* (cl. 5) ‘nádegas’ quimb. (?)

Étimo: umb. sub., (cl. 5) *e-taku* ‘nádegas’.
 quimb. sub., (cl. 5) *ri-taku* ‘pólvora’.

Obs. O alçamento de [e]>[i] parece mais provável, favorecendo a forma em umbundo.

LAMBA: sub., Desgraça (AM); LAMBA: sub., Trabalho pesado (MV).

lamba < (*e*)-*lamba* (cl. 5) umb./quimb.

Étimo: umb. sub., (cl. 5) *e-lamba* ‘trabalho pesado’.
 quimb. sub., (cl. 9) *lamba* ‘trabalho’.

Obs. No caso do étimo ser do umbundo *elamba* (cl. 5): [e]>[Ø].

MACUCO: sub., Mulher feia e velha (AM); MACUCA (O): sub., Mulher (homem) feia (o) e velha (o) (MV).

macuco < (o)ma-kuku (cl. 6) quimb. (cl. 2?) umb. 'avós'.

Étimo: umb. sub., (cl. 2) *oma-kuku* 'avós' [?].

quimb. sub., (cl. 9) *kuku* 'avô'.

Obs. Em umbundo 'oma-' é sugerido como forma irregular nasal da classe 2 plural. A forma plural de *kuku* (cl. 9) em quimbundo seria *ji-kuku* (cl. 10). Poderia ter havido uma regularização do plural para a classe 6 'ma-' do quimbundo.

MASSANGUE, ASSANGUE; MASSANGO, MASSANGRO, MASSÁMBI, MARSAME, MARSÁMBI: Arroz; Angu (MV).

massangue < ma-sangu (cl. 6) 'alviste' quimb.

assangue < a-sangu (cl. 6) 'milho painço' umb.

massango < ma-sangu (cl. 6) 'alviste' quimb.

massámbi < massangue MV [?]

Étimo: umb. sub., (cl. 6) *a-sangu* 'milho-painço'.

quimb. sub., (cl. 6) *ma-sangu* 'alviste, sorgo'.

Obs. No agrupamento, há uma forma mais ligada ao umbundo, *assangue*, enquanto as demais parecem mais ligadas ao quimbundo. Novamente ocorre a transformação [ŋg]>[mb]. A forma mais próxima ao étimo, *ma-sangu*, teria originado as demais variações.

MBAMBE: sub., Frio (AM); BAMBI: sub., Frio (MV).

mbambe < (o)mbambi (cl. 9) 'frio' quimb./umb.

bambi < mbambi < (o)mbambi (cl. 9) 'frio' quimb./umb.

Étimo: umb. sub., (cl. 9) *o-mbambi* 'frio'.

quimb. sub., (cl. 9) *mbambi* 'frio'.

Obs. Preservação da pré-nasal em AM. Aférese da pré-nasal no dado de MV.

NDIMBA: sub., Cantador (AM).

ndimba < o-ndjimba (cl. 9) 'cantor' umb.

ndimba < ndjimbi (cl. 9) 'cantor' quimb.

Étimo: umb. sub., (cl. 9) *o-ndjimba* 'cantor'.

quimb. sub., (cl. 9) *ndjimbi* 'cantor'.

Obs. A vogal final favorece um étimo do umbundo, entretanto as formas são semelhantes o suficiente para se construir uma hipótese possível para ambas.

NJEQUÊ: sub., Capanga (sacola) (AM).

njequê < on-djeke (cl. 9) 'saco' umb./quimb. ?)

Étimo: umb. sub., (cl. 9) *o-ndjeke* 'saco'.

quimb. sub., (cl. 9) *nzeke* 'saco'.

OBINGÁ: sub., chifre; OMBINGÁ: Magro (AM).

(aum.) o- ⇒ **obingá** < *binga* < (o)mbinga (cl. 9) 'chifre' quimb./umb.

ombingá < (o)mbinga (cl. 9) 'chifre' quimb./umb.

ombinga 'chifre' >> ombinga 'magro como um chifre' >> **ombingá** 'magro'

Étimo: umb. sub., (cl. 9) o-mbinga 'chifre'.

quimb. sub., (cl. 9) mbinga 'chifre'.

Obs. Aférese da pré-nasal em *obingá* 'chifre' AM, porém sua manutenção em *ombingá* 'magro' AM. Há a possibilidade de que a distinção tenha surgido para eliminar a homofonia.

OCHITO: sub., Carne (AM); OXITO: sub., Porco; carne; OXITA, OSITO: sub., carne (MV).

ochito < o xitu 'a carne' ← o (aum.) + xitu (cl. 9) 'carne' quimb. [?]

umb. 'carne' (cl. 9) ositu ⇒ **oxitu** < xitu (cl. 9) 'carne' quimb. [?]

ochito < (o)xito (cl. 9) 'carne' quimb./umb.

osito < ositu (cl. 9) "carne" umb.'

Étimo: umb. sub., (cl. 9) o-xitu/o-situ 'carne'.

quimb. sub., (cl. 9) xitu 'carne'.

Obs. A forma *ositu* (cl. 9) 'carne', mais encontrada nos dicionários de umbundo, co-ocorre com outras variações em MV. Silva Porto indica uma forma mais palatalizada *chito*, *óchito*, onde ch = [tʃ], aproximando as formas cognatas em ambas as línguas, umbundo e quimbundo.

OÍQUE: sub., Rapadura (AM); UÍQUE, OÊKI: sub., Rapadura (MV).

oique < wiki (cl. 14) 'mel' quimb. [?]

oíque < *o-iki < o-wiki (cl. 3) umb. [?]

uíque < wiki (cl. 14) 'mel' quimb.

Étimo: umb. sub., (cl. 3) o-wiki 'mel'.

quimb. sub., (cl. 14) wiki 'mel'.

Obs. Aférese da vogal inicial em umbundo *o-wiki* (cl. 3). Em AM, a mudança [w] > [o] pode ter ocorrido por regularização analógica à classe 9 do umbundo. Em *oêki* MV, há abaixamento do ditongo inicial [wi] > [oe].

ONEFE: sub., Vulva, órgão sexual feminino (MV).

onefe < o nefe ← o (DET) + nefe (cl. 9?) 'vagina' quimb.

onefe < onefa (cl. 9 ?) 'vagina' umb.

Étimo: umb. sub., (cl. 9) o-nefe 'vagina'.

quimb. sub., (cl. 9) nefe 'vagina'.

Obs. A forma do quimbundo com a presença do aumento 'o-' se aproxima do item analisado. Ressaltamos que este item ocorre em uma construção perifrástica, *andambe de onefe* (lit. mulher de vagina, 'prostituta'), na qual o primeiro item se relaciona mais facilmente ao umbundo.

ONGORÓ: sub., Cavalo; Égua (AM); ONGORÓ. Cavalo; Porco [?] (MV).

ongoró < (o)ngolo (cl. 9) 'zebra' quimb./umb.

Étimo: umb. sub., (cl. 9) *o-ngolo* ‘zebra’.
quimb. sub., (cl. 9) *ngolo* ‘zebra’.

ONJUNDO: sub., Marrão (AM)

onjundo < *o-ndjundo* (cl. 9) ‘martelo’ umb./ (quimb. ?)

Étimo: umb. sub., (cl. 9) *o-ndjundo* ‘martelo’.
quimb. sub., (cl. 9) *nzundu* ‘martelo’.

OTATA: sub., Pai (AM); TATA: sub., Pai (MV).

otata < *o tata* < *o (DET)+ tata* (cl. 9) ‘pai’ quimb.

Quimb. “pai” *tata* ⇒ **otata** < *o-tate* (cl. 9 ?) ‘pai’ umb. [?]

Étimo: umb. sub., (cl. 9) *o-tate* ‘pai’.
quimb. sub., (cl. 9) *tata* ‘pai’.

Obs. A forma *tata* (cl. 9) do quimbundo se aproxima mais do item analisado. No entanto, ocorrem formas compostas com o sufixo possessivo de 1SG do umbundo, *-nge* (ver *otatariangue* AM).

OTOMBÔ: sub., Farinha de Mandioca (AM); OTOMBO: Farinha de Mandioca (MV).

otombô < *otombo* (cl. 3 ?) “mandioca” umb. [?]

otombô < *utombo* (cl. 3) “mandioca” umb. [?]

otombo ‘mandioca’ >> **otombo** ‘farinha de mandioca’ ⇔ *utumbu* (cl. 14) ‘farelo’ quimb. [?]

Étimo: umb. sub., (cl. 3) *o-tombo* ‘mandioca’.
quimb. sub., (cl. 14) *utumbu* ‘farelo’.

Obs. A forma se aproxima mais do étimo proposto em umbundo, em forma e significado, no entanto encontramos o item *utumbu* (cl. 14) do quimbundo com o significado de ‘farelo’.

PAMBA: adj., Valentão (AM)

quimb. ‘mestre’ (cl. 9) *mbamba* ⇒ **pamba** < *-pama* (adj.) ‘forte’ umb. [?]

pamba < *-pama* (adj.) ‘forte’ umb.

Étimo: umb. adj. *-pama* ‘forte’.
quimb. sub., (cl. 9) *mbamba* ‘mestre’.

Obs. Aparentemente há uma convergência das formas em umbundo e quimbundo. Uma outra possibilidade seria influência analógica do padrão nasal + consoante (NC) na forma do umbundo [mb] ⇒ **pamba** < *pama*.

QUIMBOTO: sub., Sapo (AM); XIMBOCO, QUIMBOTO: sub., Sapo (MV).

quimboto < *ki-mboto* (cl. 7) ‘rã’ quimb.

ximboco < *tchi-mboto* < *otchim-boto* (cl. 7) ‘rã’ umb. [?]

Étimo: umb. sub., (cl. 7) *otchi-mboto* ‘sapo’.
quimb. sub., (cl. 7) *ki-mboto* ‘sapo’.

Obs. A consoante inicial palatalizada em *ximboco* se aproxima do étimo em umbundo *otchi-mboto* (cl. 7).

QUIMBIMBA, QUIVIMBA, QUINVIMBA: sub., Morto, defunto (MV).

quivimba < ki-vimba (adj. cl.7) 'que está intacto' quimb.

quimb. 'defunto' (cl. 7) ki-mbi ⇒ **quimbimba** < quivimba MV

umb. 'defunto' (cl. 7) otchivimbe >> **quivimba** 'morto' MV [?]

quimb. 'que está intacto' (adj. Cl. 7) ki-vimba ⇒ **quivimba** < tchi-vimbe < otchi-vimbe (cl. 7) 'morto'

umb. [?]

Étimo: umb. sub., (cl. 7) *otchi-vimbe/otchi-bimbe* 'defunto'.

quimb. sub., (cl. 7) *ki-vimba* 'que está intacto'.

e/ou

quimb. sub., (cl. 7) *ki-mbi* 'defunto'.

Obs. A forma se aproxima do umbundo, *otchi-vimbe* (cl. 7), porém parece indicar relação com formas do quimbundo, *ki-mbi* (cl. 7) 'defunto' e *ki-vimba* (cl. 7) 'que está intacto'.

QUIMBUNDO: sub., Negro (AM).

quimbundo < *ki-mbundu* (cl. 7) 'quimbundo' quimb.

Étimo: umb. sub., (cl. 7) *otchi-mbundu* 'quimbundo'.

quimb. sub., (cl. 7) *ki-mbundu* 'quimbundo'.

Obs. A (des)palatalização não foi considerada um dado suficiente para marcar diferença de origem. Há formas sugeridas por Silva Porto para o umbundo que apresentam a forma 'ki-' (*ki-sonde*, 'formiga', por exemplo), além de zonas de contato do quimbundo que apresentam formas mais palatalizadas, como registrado recentemente pela Profa. Margarida Petter em projeto no Libolo, região do Kwanza Sul em Angola em que alguns falantes de quimbundo se expressavam: [eme otjimbundu] 'eu sou quimbundo'.

SEMBA: sub., Dança dos Negros (AM).

semba < *e-semba* (cl. 5) 'dança' umb.

Étimo: umb. sub., (cl. 5) *e-semba* 'dança'.

quimb. v., (cl. 15) *ku-sesemba* 'dançar'.

Obs. A forma do umbundo se aproxima mais do item analisado. No entanto, há a possibilidade de aférese do pref. da classe 15 'ku-', como visto em outros exemplos, e efeito do fenômeno da haplologia, no qual há o apagamento da primeira sílaba (no caso: **-se-semba*) quando seguida de sílaba igual ou iniciada pela mesma consoante, mesmo que com vogais distintas, sendo a segunda sílaba tônica (VIARO, 2011, p.151).

SECURO: sub., Homem (AM).

seculo < (*o*)*sekulu* (cl. 9) 'ancião' quimb./umb.

Étimo: umb. sub., (cl. 9) *o-sekulu* 'velho'.

quimb. sub., (cl. 9) *sekulu* 'ancião'.

UANGA: sub., Feitiço (AM); MUAMBA: sub., Feitiço (ESP).

uanga < (*o*)*wanga* (quimb. cl. 14/umb. cl. 3) 'feitiço' quimb./umb.

muamba < **mwanga* < *ma-wanga* (quimb. cl. 6) 'feitiços' quimb.

Étimo: umb. sub., (cl. 3) *o-wanga* 'feitiço'.

quimb. sub., (cl. 14) *wanga* 'feitiço'.

Obs. Caso *muamba* compartilhe do étimo plural de *wanga* → *ma-wanga* ocorre novamente a transformação [ŋg]>[mb].

UARANGARA: sub., Morte (MV)

uarangara < *wa-langala* 'caiu morto' < *u* (cl.1) + *a* (REC) + *langala* ← (o) *ku-langala* (cl. 15) 'cair morto' umb./quimb.

uarangara < *wa-langala* 'caíste morto' < *o* (2SG) + *a* (REC) + *langala* ← *oku-langala* (cl. 15) 'cair morto' umb. [?]

uarangara < *wa-langala* 'repousaste' < *u* (2SG) + *a* (REC) + *langala* ← *oku-langala* (cl. 15) 'repousar' quimb. [?]

Étimo: umb. v. pret. (cl. 1) *wa-langala* 'caiu morto'.

umb. v. pret. (2SG) *ao-langala* 'caíste morto'.

quimb. v. pret (cl. 1/2SG) *wa-langála* 'deitou/deitaste'.

Obs. Há deslocamento semântico ou morfossintático, transformando a forma verbal conjugada 'ele morreu', em substantivo 'morte'.

UCUMBI: sub., Sol (AM); CUMBI, OCUMBE, UCUMBE: sub., Sol (MV).

umb. o- (cl. 9) ⇒ **ucumbi** < *kumbi* < *e-kumbi* (cl. 5) 'sol' umb.

Étimo: umb. sub., (cl. 5) *e-kumbi* 'sol'.

quimb. sub., (cl. 5) *kumbi* 'sol'.

Obs. Novamente parece haver uma regularização dos prefixos de classe, neste caso para 'u-' (cl. 3) umb., ou 'o-' (cl. 9), tendo ocorrido um alçamento o>u.

2. Forma igual ou semelhante, significado distinto

AIÊTO: adj., Grande (MV).

MV cumbaraiêto → *cumbar-aiêto* ⇒ *aiêto* < *y-etu* (cl. 9) ← *-etu* (POSS 1PL) umb./quimb.

Étimo: umb./quimb. suf. poss. 1PL, *-etu* 'nosso(a)'.

Obs. Apesar de *-etu* ocorrer nas três línguas que serviram para análise, o deslocamento semântico parece ter surgido no item indicado em Vogt & Fry (*cumbaraiêto* (*ku-mbala yetu*, 'lit. para nossa cidade' >> *cumbaraiêto* 'cidade grande' >> *cumbara* 'cidade' + *aiêto* 'grande').

ATUNDÁ: adv., Alto (AM); TUNDÁ: sub., Roupas velhas (ESP).

atundá < **u-atundá* < *watundá* 'cl. 3 saiu' < *u-* (cl. 3) -*a-* (REC) + *tundá* (raiz verbal) 'sair' ← *andambi, ucumbi u atundá* 'Mulher, o sol está alto' (lit. Mulher, o sol saiu).

atundá < **a-tundá* (imp. cl. 6) ← *oku-tunda* 'sair' (cl. 15) umb. [?]

atundá < **a-tunda* (IS cl. 6) 'cl. 6 saiu' ← *oku-tunda* 'sair' (cl. 15) umb. [?]

atundá < **a-tunda* (IS cl. 2) 'eles saem' ← *ku-tunda* 'sair' (cl. 15) quimb. [?]

Étimo: umb. v., (cl. 15) *a-tundá* ‘saia’.
quimb. v., (cl. 15) *a-tunda* ‘cl. 6- saiu’.

Obs. Sugeriram-se algumas possibilidades para a origem da forma. A primeira hipótese parece mais provável a partir do exemplo de AM. Criam-se duas possibilidades: Machado Filho talvez tenha interpretado a sentença apenas na tradução aproximada dada pelo informante ou houve, de fato, um deslocamento semântico. Não sugerimos uma hipótese para o deslocamento semântico em *tundá* ‘roupa velha’ ESP.

BINGA: sub., Isqueiro (AM; MV; ESP).

binga < *mbinga* < (*o*)*mbinga* (cl. 9) ‘chifre’ quimb./umb.

Étimo: umb. sub., (cl. 9) *o-mbinga* ‘chifre’.
quimb. sub., (cl. 9) *mbinga* ‘chifre’.

Obs. Há aférese da consoante pré-nasalizada [mb] > [b]. Castro (2001, p. 176) sugere o étimo *mwinga* do quicongo.

CANGÚIA: sub. Termo injurioso ou cabalístico (AM).

cangúia < **ka-nguya* < *ka-ngoya* (cl. 12) ‘cruelzinho’ ← *o-ngoya* (adj. cl. 9) ‘cruel; avarento’ umb.

cangúia < *ka-nguya* (cl. 12) ‘agulhinha’ ← (*o*)*-nguya* (cl. 9) ‘agulha’ umb./quimb.

Étimos: umb. sub. (cl. 9) *o-ngoya* ‘habitante das terras baixas a oeste dos ovimbundo’.
umb. adj. (cl. 9) *o-ngoya* ‘cruel; avarento’.
umb./quimb. sub. (cl. 12) *ka-nguya* ‘agulhinha’.

Obs. Registra-se em reportagem da Agência Angola Press (2004), um artigo de 02/09/2004 em que o Rev. Gabriel Vinte e Cinco da Igreja Metodista Unida considera o termo ‘*ngoia*’ como pejorativo para os falantes de quimbundo do Kwanza Sul, sugerindo outros termos para as variantes dialetais. *ongoya* ainda ocorre como um adjetivo de qualidades negativas ou provável corruptela do port. *agulha*.

JAMBÁ: sub., Ouro (AM); JAMBÁ. sub., Diamante, Ouro (MV).

jambá < **djamba* < **on-djamba* < *o-ndjamba* (cl. 9) ‘elefante’ umb./quimb. (?)

Étimo: umb. sub., (cl. 9) *o-njamba* ‘elefante’ [?].
quimb. sub., (cl. 9) *nzamba* ‘elefante’ [?].

Obs. Há aférese da consoante pré-nasal [mdʒ]>[ʒ]. O significado ‘elefante’ foi preservado em demais falares, conforme visto na tabela 1, entretanto consideraríamos demasiadamente fantasioso criar uma proposta para o deslocamento semântico.

e) Quicongo/Umbundo

1. Forma e significado iguais ou semelhantes ao étimo

ANDURO, ONDARA: sub., Fogo (AM); ANDARU [?], ANDURA, ANDERÚ: Fogo, fósforo, isqueiro (MV).

anduro < *andulu < ondalú (Cl. 9) 'fogo' umb.

ondara < *ondala < ondalú (Cl. 9) 'fogo' umb.

andaru < *andalu < ondalú (Cl. 9) 'fogo' umb.

andaru < *andalu < ndalu (cl. ?) 'fogo' quic.

andura < *andula < *ondala < ondalú (Cl. 9) 'fogo' umb. [?]

anderú < *andelu < *andalu < ondalú (Cl. 9) 'fogo' umb. [?]

Étimo: umb. sub. (cl. 9) o-ndalu 'fogo'.

quic. sub. (cl. ??) ndalu 'fogo'.

Obs. Há diversas variações ocasionadas por diferentes transformações vocálicas. Mais importante para esta análise é a prótese de uma vogal inicial (caso o étimo seja do quicongo), e o abaixamento de [o] > [a].

EXOA: adj., Bobo (MV).

exoa < *exova < *exiova < otchi-yova (adj. cl. 7) 'estúpido' umb.

exoa < *exoua < ezóua (cl. ?) 'estúpido' quic.

Étimo: umb. adj. (cl. 7) otchi-yova 'estúpido'.

quic. adj. (cl. ?) ezóua 'estúpido'.

Obs. Haveria uma vocalização de [v]>[w] no caso de um étimo em umbundo. A palatalização ocorreria nas duas formas quic. [z] > [ʃ]/umb. [tʃ]>[ʃ].

2. Forma igual ou semelhante, significado distinto

OCARÁ: sub., Café (AM); OKARA: sub., Café (MV).

umb. o- (cl. 9) ⇨ **ocará** < e-kala 'carvão' (cl. 5) umb./ (cl. ?) quic.

Étimo: umb. sub. (cl. 5) e-kala 'carvão'.

quic. sub. (cl. ?) e kala 'carvão'.

Obs. Regularização analógica (cl. 5) 'e-'> (cl. 9) 'o-'. O deslocamento semântico pode ter ocorrido por associação à cor do café e do carvão.

f) Quimbundo/Quicongo

1. Forma e significado iguais ou semelhantes ao étimo

ANDÔ: sub., Morte (MV).

andô < Ndô (cl. 9) 'luto' quimb.

andô < Ndô (cl. 9) 'luto' quic. [?]

Étimo: quimb./quic. sub., (cl. 9) ndô 'luto, tristeza'.

Obs. Prótese de vogal inicial, mantendo a consoante pré-nasalizada.

MAVU, MARRU: sub., Cemitério; Terra (MV).

mavu < *ma-vu* (cl. 6) 'terra, pó' quimb./quic.

marru < *mavu* MV

Étimo: quimb./quic. sub., (cl. 6) *ma-vu* 'terra, pó'.

Obs. À semelhança com alguns dialetos do nordeste brasileiro, ocorre a glotalização [v]>[h].

2. Forma igual ou semelhante, significado distinto

MALUNGO: sub., Da mesma idade; companheiro (AM); MALUNGO: sub., Nascidos no mesmo ano (ESP).

malungo < *ma-lungu* (cl. 6) pl. ← *ulungu* (cl. 14) 'canoa' quimb./quic.

Étimo: quimb./quic. (cl. 6) *ma-lungu* 'barcos; navios'.

Obs. Adotamos a sugestão de Slenes (1992, p. 53) que propõe um deslocamento semântico para 'meu companheiro de barco' com a vinda de africanos escravizados para a América. A palavra do umbundo sugerida, *lilungu* 'companheiro de sofrimento', não foi identificada nas fontes pesquisadas, nem o significado de 'companheiro'.

g) Quimbundo/Quicongo/Umbundo

1. Forma e significado iguais ou semelhantes ao étimo

ACURO: adj., Velho; sub., homem velho; MACURO, NACURO: sub., Homem (MV).

acuro < *akulu* (Cl. 2) ← *ukulu* (Cl. 1) 'velho' umb.

acuro < *o-kulu* (cl. 1) ⇔ 'o-' (cl. 9) umb.

acuro < *akulu* (Cl. 2) ← *mukulu* (Cl. 1) quimb.

acuro < *akulu* (Cl. 2) quic.

nacuro < *ankulu* (cl. 2) quic.

macuro < *makulu* (Cl. 6) ← - *kulu* (Adj.) quimb. [?]

nacuro < *macuro* MV [?]

Étimo: umb. sub., (cl. 2) *a-kulu* 'velhos'.

quimb. sub., (cl. 2) *a-kulu* 'velhos'.

quic. sub., (cl. 2) *a-kulu* 'velhos'; (cl. 2) *a-nkulu* 'antepassados'.

Obs. Há possibilidade de que o étimo seja das 3 línguas analisadas. *nacuro* pode ter surgido tanto de uma transposição (metátese) de [an]>[na], quanto de mudança de [m]>[n].

ANGANA-NZAMBI (Ganzanzambi, Nganzambi, Angana-Nzambi-Opungo, Zambiopungo, Anzambe, Anzambi, Anzambê, Anganaiovê, Ganzanzambe): sub., Deus (AM); GANANZAMBI, INGANANZAMBI: sub., Deus (MV).

ganzanzambi < **gana-nzambi* < *ngana-nzambi* 'senhor deus' (Cl. 9) quimb.

anganaiovê < *angana* + *yove* < *angana* (cl. 9) 'senhor' umb. + -*ya-* (cl. 9+GEN) + -*ove* 'teu' (suf. POSS 2 SG) umb.

anzambê < *anzambi < *nzambi ‘deus’ (Cl. 9) quimb./quic.

zambiopungo < *nzambiopungo ← nzambi ‘Deus’ (Cl. 9) quimb./quic. + ‘o’ (DET) + pungo ‘onipotente’ (adj.) quimb.’

Étimo: quimb./umb. sub., (cl. 9) *ngana* ‘senhor’.

quimb./quic./umb. sub., (cl. 9) *Nzambi* ‘deus’.

quimb. adj., -pungo ‘onipotente’.

Obs. A forma *nzambi* ≅ *ndjambi* pôde ser encontrada nas 3 línguas analisadas, entretanto *angana* aparece somente em umbundo e quimbundo. O item é frequente nas regiões pesquisadas, o que pode justificar as diversas alterações. Há preservação da consoante pré-nasal pela prótese de vogal inicial, ou aférese da mesma.

CALUNGA: sub., Mar (AM); CALUNGA: sub., Água; CALUNGO, CARUNGA: sub., Rio (MV); CALUNGA: sub., Raiz medicinal (ESP).

kalunga < *ka-lunga* (cl. 12) ‘mar’ quimb./quic.

kalunga < *oka-lunga* (cl. 12) umb.

Étimo: quimb./quic./umb. sub., (cl. 12) *(o)ka-lunga* ‘mar’.

Obs. *Calunga* parece ter preservado outros significados nos cantos da região diamantina (Deus, morte etc.) apesar de ser indicado pelos informantes apenas como água, mar, rio. Não elaboramos sugestões para *calunga* ‘raiz medicinal’.

CAMBA: sub., Amigo (MV).

camba < *kamba* ‘amigo’ (cl.12) quimb.

camba < *e-kamba* (cl. 5) umb./quic.

Étimo: quimb. sub., (cl. 12) *kamba* ‘amigo’.

quic./umb. sub., (cl. 5) *e-kamba* ‘amigo’.

Obs. No caso do étimo se originar do quicongo ou umbundo, há aférese da vogal inicial ‘e-’.

CANGURO, ONGURO: sub., Porco (AM); ANGURU: sub., Porco; CANGURO, KANGURU: sub., Polícia, soldado (MV).

canguro < *ka-ngulu* ← *(o)ngulu* (cl. 9) ‘porco’ quimb./umb./quic.

onguro < *(o)ngulu* (cl. 9) ‘porco’ umb./quimb.

Étimo: quimb./quic./umb. sub., (cl. 9) *(o)ngulu* ‘porco’.

quimb./quic./umb. sub., (cl. 12) *(o)ka-ngulu* ‘porquinho’.

Obs. Há um deslocamento semântico de ‘porco’ >> ‘polícia’, indicando o tipo de relação construída entre as comunidades e as autoridades.

CARIÁ, CARIAPEMBA: sub., Diabo (AM); CARIAPEMBA: sub., Diabo (MV); CARIÁ, CARIAPEMBA, PEMBA: sub., Diabo (ESP).

cariá < *kârya* (cl. ?) ‘diabo’ quimb.

cariapemba < *kârya-pemba* (cl. 9) ‘diabo’ quimb./quic./umb.

Étimo: quimb./quic./umb. sub., (cl. 9) *karyapemba* ‘diabo’.

Obs. Silva Porto é o único que registra o termo em umbundo. Em quicongo a forma verificada em Maia é *Nkadi-a-Mpemba*, entretanto, a variação [di]≈[ri]≈[li] é comumente encontrada nas línguas analisadas ([ri] ≈[li], no umbundo, de acordo com os dados de Silva Porto).

CATIÇA: v., Ajudar (*Angananzambi iô catiça* ‘Deus lhe ajude’) (AM); GANANZAMBE QUE TE AQUATIÇA (TIAQUATIÇA): v., Deus te ajude (MV).

catiça < *kwatisa < (o)ku-kwatisa (cl. 15) ‘ajudar’ umb./quic.

tiaquatiça < *tchya-kwatisa ‘(IS cl. 7 + ‘a’ marca de tempo e aspecto pret. + raiz verbal) ajudou’ ← oku-kwatisa (cl. 15) ‘ajudar’ umb.

Étimo: quic./umb. v., (cl. 15) (o)ku-kwatisa ‘ajudar’.

quimb. v., (cl. 15) ku-kuatesa ‘ajudar’.

Obs. A forma em quimbundo *ku-atesa* exigiria alçamento da vogal [e] > [i]. *tchya-kuatisa* forma conjugada no pretérito (cl. 7) do umbundo, corresponde a *nzambi/ndjambi* (cl. 7).

CUENDÊ: v., Entrar (AM).

cuendê < *cuendé* (IMP) ? ← *cuenda* < (o)ku-enda (cl. 15) ‘andar’ umb./quimb. [?]

Étimo: quimb./quic./umb. v., (cl. 15) (o)ku-enda ‘ir, andar’.

Obs. Haveria influência do imperativo ocasionando na mudança vocálica final, ou simplesmente alçamento a>e (visto ter se preservado a classe 15 do infinitivo ‘ku-’).

CURIÁ, CURIAR: v., Comer (MV).

port. v. -ar ⇒ **curiá** < ku-ria (cl. 15) ‘comer’ quimb.

port. v. -ar ⇒ **curiá** < kulya < oku-lya (cl. 15) ‘comer’ umb.

Étimo: quimb./quic./umb. v., (cl. 15) (o)ku-lya; (o)ku-rya; (o)ku-dya ‘comer’.

Obs. Influência da conjugação verbal do português ‘-ar’.

IMBANDA: sub., 1. Feitor. 2. Sacerdote, feiticeiro.

imbanda < *mbanda < oci-mbanda (cl. 7) ‘curandeiro’ umb.

imbanda < *mbanda < ki-mbanda (cl. 7) ‘curandeiro’ quimb./quic.’

Étimo: quimb./quic. sub., (cl. 7) ki-mbanda ‘curandeiro’.

umb. sub., (cl. 7) otchi-mbanda ‘curandeiro’.

Obs. Há aférese da classe nominal 7 (ki-/otchi-) e prótese de uma vogal inicial que mantém a consoante pré-nasal.

INJIRÁ, GIRÁ: v., Caminhar, ir embora (MV); GIRÁ: v., Andar (ESP)

port. v. -ar ⇒ **injirá** < (o)ndjila (cl. 9) ‘caminho’ quimb./umb./quic. [?]

port. v. -ar ⇒ **injirá** < idjila (raiz verbal) ← ku-idjila (cl. 15) ‘chegar’ quimb. [?]

Étimo: quimb./quic./umb. sub., (cl. 9) (o)ndjila ou nzila ‘caminho’.

quimb. v., (cl. 15) (ku)-idjila ‘chegar’ [?].

Obs. É possível que a forma tenha se originado do sub. (cl. 9) *(o)ndjila/nzila*, sofrendo deslocamento semântico para verbo. No entanto, encontramos também a forma verbal do quimbundo *ku-idjila* (cl. 15) ‘chegar’.

NGANGA, UGANGA: sub., Padre; ORONGANGA: sub., Soldado (AM); INGANGA, GÓNGU: Padre (MV).

inganga < nganga < (o)nganga (cl. 9) ‘sacerdote, padre’ quimb./umb.

(pref. cl. 1) u- ⇒ **uganga** < *ganga < *on-ganga < o-nganga (cl. 9) ‘sacerdote, padre’ umb. [?]

oronganga < olo-nganga (cl. 10) pl. ← o-nganga (cl. 9) ‘padre’ umb.

góngu < ganga < (o) nganga (cl. 9) ‘padre’ quimb./umb. [?]

Étimo: quimb./quic./umb. sub., (cl. 9) *(o)nganga* ‘sacerdote’.

Obs. A frequência de uso pode explicar as diversas formas encontradas. *Oronganga* se aproxima do umbundo, porém não encontramos uma forma *onganga* (cl. 9).

NGOMBE, ONGOMBE, ORONGOMBE: sub., Boi (AM); ONGOMBE: sub., Boi (MV).

ngombe < (o)ngombe (cl. 9) ‘boi’ quimb./umb./quic.

ongombe < (o)ngombe (cl. 9) ‘boi’ quimb./umb.

orongombe < olo-ngombe (cl. 10) pl. ← o-ngombe (cl. 9) ‘boi’ umb.

Étimo: quimb./quic./umb. sub., (cl. 9) *(o)ngombe* ‘boi’.

umb. sub., (cl. 10) *olo-ngombe* ‘bois’.

Obs. *orongombe* se aproxima somente do étimo em umbundo, nos levando a considerar que a forma *ongombe* também o seja.

NGUENDA: sub., Pressa; pequena fuga (AM); QÜENDA: sub., Reunião, reunido; UENDAR: v., Andar (MV).

nguenda < ng-enda (1SG + v.) ‘eu vou’ ← (o)ku-enda (cl. 15) ‘ir’ quimb./umb.

qüenda < (o)ku-enda (cl. 15) ‘ir’ quimb./umb./quic.

port. v. -ar ⇒ **uendar** < u-enda (2SG ou cl. 1 + v.) ← ku-enda (cl. 15) ‘ir’ quimb. [?]

port. v. -ar ⇒ **uendar** < o-enda (2 SG ou cl. 1 + v.) ← oku-enda (cl. 15) ‘ir’ umb. [?]

Étimo: quimb./quic./umb. v., (cl. 15) *(o)ku-enda* ‘ir; andar’.

quimb./umb. v., *ngenda* (IS 1SG + raiz verbal) ‘eu vou’.

Obs. *ngenda* ocorre como forma irregular da primeira pessoa do singular em umbundo, entretanto seria a conjugação padrão em quimbundo. *Uendar* pode vir da forma conjugada em umbundo/quicongo/quimbundo na primeira classe ou ‘ele faz’ com influência analógica da conjugação ‘-ar’ do português.

OCAIÁ: sub., Fumo; MACANHA, MACAIO, MACAIBO, OKAIA, OKAIO, MAKAIIO: sub., Fumo de rolo (MV).

umb. o- (cl. 9) ⇒ **ocaiá** < e-kaya (cl. 5) ‘tabaco’ umb./quic.

umb. o- (cl. 9) ⇒ **okaia** < e- kaya (cl. 5) ‘tabaco’ umb./quic.

okaio < okaia MV

macanha < ma-kanha (cl. 6) pl. ← rikanha (cl. 5) ‘tabaco’ quimb.

macanha < o-makanha (cl. 9 ?) ‘tabaco’ umb. (Silva Porto)

quimb. ma- (cl. 6) ⇒ **macaio** < e-kayo < e-kaya (cl. 5) ‘tabaco’ umb./quic. [?]

ma-kayo < *ma-kāya < ma-kanha (cl. 6) pl. ← rikanha (cl. 5) “tabaco” quimb. [?]

macaibo < *macaio* MV [?]

Étimo: quic./umb. sub., (cl. 5) *e-kaya* ‘tabaco’.
quimb./umb.? sub., (cl. 6) *(o)manhanha* ‘tabaco’.

Obs. As formas são próximas, mas sugerimos a presença do pref. de classe nominal 6 [ma-] do quimbundo. Silva Porto registra *macanha*, *ómacanha* para o umbundo.

OENDA: v. Entrar (AM).

oenda < *u-enda* (2SG ou cl. 1 + v.) ← *ku-enda* (cl. 15) ‘ir’ quimb. [?]

oenda < *o-enda* (2 SG ou cl. 1 + v.) ← *oku-enda* (cl. 15) ‘ir’ umb. [?]

Étimo: quimb./quic. ?/umb. v., *uenda* ou *oenda* (IS 2SG ou IS cl. 1 + raiz verbal) ‘tu vais’ ou ‘ele vai’.

Obs. Caso semelhante a *uendar*, registrado por Vogt & Fry em MV, aqui sem influência do português.

OMBOÁ: sub., Cachorro (AM); ANGUÁ, AMBUAIANQUE, IMBUÁ, AMUÁ (MV).

omboá < *o-mboa* < *(o)mbwa* (cl. 9) ‘cão’ quimb./umb./quic.

ambuaianque < *ombwa iange* ‘meu cão’ ← *ombwa* (cl. 9) ‘cão’ umb. + *-ia-* (con. pron. cl. 9) + *-nge* (suf. poss. 1SG) ‘meu’ umb.

imbuá < **mbwa* < *(o)mbwa* (cl. 9) ‘cão’ quimb./umb./quic.

MV **anguá** < **ambwá* < *ombwá* AM

amuá < **ambwá* < *o-mbwa* < *(o)mbwa* (cl. 9) ‘cão’ quimb./umb./quic.

Étimo: quimb./quic./umb. sub., (cl. 9) *(o)mbwa* ‘cão’.

Obs. Há ocorrência de velarização [mb]>[ŋg] em *anguá* e ensurdecimento de [ŋg]>[ŋk] em *ambuaianque*. A forma do possessivo se relaciona também ao umbundo, conforme indicado.

OMUNGÁ: sub., Sal; OMUNGÁ: Sal (ESP).

omungá < *omonga* < *o-mongwa* (cl. 3) ‘sal’ umb. [?]

omungá < **o munga* < *o mungwa* ‘o sal’ ← *o* (aum.) + *mungwa* (cl. 3) ‘sal’ quimb./quic. [?]

Étimo: quimb./quic./umb. sub., (cl. 3) *(o)mungwa* ‘sal’.

Obs. O acento tônico na sílaba final pode ter ocasionado na síncope da semi-vogal [w] no ditongo final.

ONGIRA: sub., Caminho, estrada (AM); ONGIRA, UNGIRA, OJIRA: sub., Caminho (MV).

ongira < *(o)ndjila* (cl. 9) ‘caminho’ quimb./umb.

Étimo: quimb./quic./umb. sub., (cl. 9) *(o)ndjila* ou *nzila* ‘caminho’.

ONJÓ: sub., Casa, Rancho (AM); ONJÓ: sub., Casa, Igreja, Rancho, Venda, Cavalo [?]; ENJO: Casa (MV).

onjó < *o-ndjo* (cl. 9) ‘casa’ umb.

Étimo: umb. sub., (cl. 9) *ondjo* ‘casa’.

quimb./quic. sub., (cl. 9) *nzo* ‘casa’.

QUISSONDE: sub., Formiga vermelha (AM).

quissonde < *ki-sonde* (cl. 7) ‘formiga’ quimb.

Étimo: quimb./quic./umb. sub., (cl. 3) (o)ki-sonde ‘formiga vermelha’.

Obs. Ocorre nas 3 línguas analisadas, porém como *otchi-sonde* somente em umbundo. Silva Porto indica a ocorrência *ki-sonde*.

UANDÁ: sub., Rede (AM); UANDA: sub., Rede (MV).

uandá < (o)wanda ‘tipoia’ quimb.(cl. 14) /quic./umb. (cl. 3)

Étimo: umb. sub., (cl. 3) owanda ‘tipoia’.

quimb./quic.? sub., (cl. 14) wanda ‘tipoia’.

UCUÊTO, VACUÊTO, ACUÊTO: sub., Companheiro (AM); CUETO: Dançante; NAGUETE, UACUETO, UAGUETO: sub., Ele, homem (MV).

ucuêto < ukwetu (cl. 1) ‘companheiro’ umb.

vacuêto < va-kwetu < ova-kwetu (cl. 2) pl. ‘companheiros’ umb.

acuêto < a-kwetu (cl. 2) pl. ‘companheiros’ umb./quimb./quic.

cueto < u-kwetu (cl. 1) ‘companheiro’ umb.

umb. (cl. 1) u- ⇨ **uacueto** < a-kwetu (cl. 2) pl. ‘companheiros’ umb./quimb./quic. [?]

uacueto < va-kwetu (cl. 2) pl. ‘companheiros’ umb. [?]

naguete < *agwete < *a-kwete < a-kwetu (cl. 2) pl. ‘companheiros’ umb./quimb./quic. [?]

uagueto < uacueto MV

Étimo: quimb./quic./umb. sub., (cl. 2) a-kwetu ‘companheiros’.

umb., sub., (cl. 1) u-kwetu ‘companheiro’.

umb., sub., (cl. 2) (o)va-kwetu ‘companheiros’.

Obs. Sugere-se que a forma *uacuêto* tenha surgido por consonantização [v]>[w].

UONEME: adj., Grande (AM).

uoneme < *uo-nene < u-nene (adj. cl. 1) ← -nene (adj.) ‘grande’ quimb./umb./quic.

Étimo: quimb./quic./umb. adj. (cl.1), u-nene ‘grande’.

Obs. Chatelain (1964 [1889], p. 64) sugere a forma *-onene*, com formação de *uonene* na classe 1, para o quimbundo.

2. Forma igual ou semelhante, significado distinto

BARUNDO: sub., Senhor, patrão (AM).

barundo < *balundu < mbalundu ‘habitante do Bailundo’ (Cl. 9) quimb.

umb./quimb./quic. ‘homem bravo’ (cl. 9) (o)mbalu >> **barundo** ‘senhor, patrão’ [?]

Étimo: quimb./quic.?/umb. sub., (cl. 9) (o)mbalundo ‘habitante do Bailundo’.

Obs. A forma do étimo se relaciona a um indivíduo do Bailundo, na região de Bié, onde habitam os ovimbundo, falantes de umbundo. Pode haver um deslocamento semântico influenciado pela forma *mbalu*, presente nas 3 línguas.

CANDONGA: sub., Arenga, intriga (AM/ESP).

candong < **ka-ndonga* (cl. 12) 'grupinho' quimb./quic. [?]

candong < **ka-ndonga* (cl. 12) 'pequeno pássaro' umb. [?]

Étimos: quimb./quic. sub., (cl. 12) *ka-ndonga* 'grupinho'.

umb. sub., (cl. 12) *ka-ndonga* 'passarinho esp.'

Obs. O deslocamento semântico pode ser sugerido como comentários que se fazem em um pequeno grupo. A formação se dá pelo prefixo da classe 12 (diminutivo).

MUCUETU. Interj. Silêncio! (MV).

mucuetu < *mukwetu* (cl. 1) 'amigo' quimb.

mucuetu 'amigo' >> *mucuetu* 'atenção, companheiros (utilizado nos catopés)' >> *mucuetu* 'silêncio'

Étimos: quimb./quic. sub., (cl. 1) *(o)mu-kwetu* "companheiro"

Obs. O deslocamento semântico parece ser bem explicado ao se observar o uso do item no grupo dos catopés. Apesar da forma *mukwetu* ter sido apenas encontrada em quimbundo, há a possibilidade de criação nas demais línguas pelo prefixo da classe 1 (umb. *omu-*, ainda que mais raro; quic. *mu-*, apesar da forma reportada *nkwetu*).

OMBIÁ: sub., Cigarro (AM); IMBIÁ: sub., Cigarro (ESP).

ombiá < *(o)mbia* (cl. 9) 'pote' umb./quimb./quic.

Étimo: quimb./quic./umb. sub., (cl. 9) *(o)mbya* 'pote'.

Obs. Não se pôde explicar o deslocamento semântico. Em conversas com um falante de umbundo, este afirmou existir a forma [ómbyà] 'cigarro', que não pôde ser conferida nos dicionários.

3. Forma distinta, sentido igual ou semelhante.

CACIMBA: sub., Poço de água potável de minas (AM; ESP)

cacimba < **ka-ximba* < **ka-xima* (cl. 12) ← *ki-xima* (cl. 7) 'cisterna, cacimba' quimb.

Étimo: quimb./quic. sub., (cl. 7) *ki-xima* 'cisterna'.

umb. sub., (cl. 7) *otchi-simo* 'poço' ou *otchi-ma* 'poço de argila'.

Obs. Há despalatização em [ʃ] para [s]. Além da formação de uma estrutura nasal + obstruente à semelhança do que ocorre em *pama* > *pamba*. A forma do umbundo se distancia mais do item analisado.

Considerações sobre nossa análise - Um falar mais banguela

Em nossa proposta, relacionamos: 61 itens/agrupamentos somente ao umbundo; 11 ao quimbundo, 2 ao quicongo; 46 ao umbundo e quimbundo; 3 ao umbundo e quicongo; 3 ao quimbundo e quicongo; 29 às três línguas. Não conseguimos analisar confiavelmente a relação de 83 agrupamentos lexicais com línguas africanas e quatro outros encontram-se dicionarizados indicando etimologia de línguas indo-europeias (MV baieta¹, gajeiro²) ou do tupi (MV jacuba³, tupa⁴/otupã). Excluímos, ainda, *ingomacasaca*, ‘revólver’, por ser um possível deslocamento semântico da expressão idiomática em português *engomar casaca*, ‘morrer’.

No entanto, não devemos desconsiderar completamente os itens não analisados, visto que apresentam também algumas características interessantes. Por exemplo, o item *otupã*, que possivelmente apresenta prótese analógica ao aumento ‘o-’ das línguas africanas investigadas, além de outras formas que preservam vestígios dos prefixos de classe, mas não puderam ser satisfatoriamente relacionadas a seus étimos (*orongóia* ‘diamante’, *oviango* ‘foice’, *ovicaia* ‘piçarra, cascalho’ etc.).

Desta forma, selecionamos algumas variações que nos pareceram relevantes.

1) Aférese de ‘e-’ referente ao prefixo da classe 5 do umbundo e, muitas vezes, substituição ou prótese de ‘o-’ referente ao aumento ou ao prefixo da classe 9. Conforme alguns exemplos que retomamos:

candamburo < **kondomboro* < *e-kondomboro* ‘galo’ (cl. 5) *umb.*

umb. o- (cl. 9) ⇒ *otequê* < *e-teke* (cl. 5) ‘dia’ *umb.*

¹ No dicionário Houaiss (2009): *baeta*, sub. fem. “tecido de lã ou algodão, de textura felpuda, com pelo em ambas as faces”. Étimo: ant. picardo *bayette*, do lat. *badius*, *a,um* ‘baio, castanho (cor original do tecido)’ Datação: c1574.

² No dicionário Houaiss (2009): *gajeiro*, sub. masc. “marinheiro a quem se confia o serviço de um mastro, suas velas e vergas e respectivo aparelho” Étimo: ‘origem obscura’. Datação: c1538.

No entanto, no dicionário online Caldas Aulete (2013): “Possivelmente do antigo *gage* ‘prenda, gratificação’ (< do francês *gage* ‘penhor, salário’) + *-eiro*.”

³ O dicionário online Caldas Aulete (2013) sugere um possível termo tupi: “*jecu’acuba*”. Parece-nos, no entanto, uma afirmação não muito fundamentada. Em Houaiss (2009) a origem é duvidosa e a datação de 1889.

⁴ Em Houaiss (2009), étimo: tupi *tu’pã* ou *tu’pana* ‘gênio do trovão ou do rio’. Datação: 1549-1567.

umb. (cl. 9) *o-* ⇒ **oquepá** < *e-kepa* (cl. 5) ‘osso’ *umb.*

umb. *o-* (cl. 9) ⇒ **opungo** < **pungu* < **e-pungu* (cl. 5) ‘milho’ *umb.*

Atribuímos a variação observada ao fenômeno da analogia. Segundo Viaro (2011, p. 204) “basta que uma palavra qualquer de sonoridade semelhante tenha uma alta frequência ou que um paradigma seja mais numeroso que outro, para fazer-se atuar”. Em suma, o efeito da analogia está diretamente relacionado à frequência de uso.

Notamos que entre os itens analisados há forte ocorrência de substantivos da classe 9 (*o-mbuá* ‘cão’, *o-ngira* ‘caminho’, *o-njó* ‘casa’), além de outras formas que mantiveram o aumento inicial (*o-vipaco* ‘dinheiro’, *o-ronganje* ‘cachaça’, *o-menha* ‘água’). Levantamos a hipótese, portanto, que a mudança tenha ocorrido por analogia às formas mais frequentes, regularizando e simplificando o sistema da língua.

Por outro lado, observamos também a aférese de *o-* em prefixos que normalmente o portariam, *ovi-* > *vi-* (cl. 4) PL, e *olo-* > *ro-*. Entretanto, ainda convivendo com variantes mais conservadoras (*ovipaco* ≅ *vipaco*; *oronganja* ≅ *ronganja*).

2) Outra constatação é a ocorrência frequente de oxítonas. Como observamos anteriormente, podemos supor a ocorrência de diástole, transposição do acento tônico para a sílaba posterior, se tivermos uma forma imediatamente anterior sem valor tonal. Poderíamos explicar aqui a variação *acrepu* ‘mão’ ≈ *ingalapo* ‘mão’, sendo *ingalapo*, mais próximo à forma etimológica provável, mesmo que não a tenhamos encontrado em nossas fontes. Neste caso, haveria deslocamento do acento da penúltima sílaba em *ingalapo* para a última ocorrendo elisão da vogal na antepenúltima sílaba (*inga’lapo* > **ingala’po* > **ingla’po*), originando uma forma mais próxima à *acrepu*.

Outra possibilidade seria a influência de um tom alto. As fontes dicionarísticas de línguas africanas pesquisadas em nosso trabalho não registram, entretanto, a marcação de tons. Baseando-se, portanto, em trabalhos mais recentes (Xavier, 2010; Schadeberg, 1990) pudemos fazer maiores considerações sobre a questão tonal.

Os falares diamantinos, em alguma sincronia anterior, perderam a distinção tonal das línguas bantas. Entretanto, notamos algumas estratégias da língua para diferenciar os casos de homonímia gerados. Por exemplo, em quimbundo e umbundo, há distinção somente pelo tom alto e baixo entre as seguintes palavras (os acentos gráficos são marcações tonais):

Umbundo (cl. 9):	[ó-ndzílá]	≠	[ó-ndzílà]
	‘pássaro’		‘caminho’
Quimbundo (cl. 9):	[nzílá]	≠	[nzílà]
	‘pássaro’		‘caminho’
	[mbám̃bì]	≠	[mbám̃bɪ]
	‘veado’		‘frio’

Estes itens lexicais foram preservados na região diamantina, porém diante da perda de valor tonal, assumem formas distintas possivelmente para evitar a homonímia. Utilizam, assim, o prefixo da classe 12 do diminutivo ‘ka-’.

MV *onjira* ‘caminho’ ≠ *canjira* ‘passarinho’

AM *mbambe* ‘frio’ ≠ *cambambe* ‘veado’.

Outros exemplos parecem reforçar a hipótese de que os acentos tônicos tenham respeitado a ordem de tons altos e baixos (quimb. [nzám̃bì] ‘deus’ > *anzambi* ‘deus’ AM; [ŋúlù] ‘porco’ > *canguro* ‘porco’ AM; umb. [á-kwendzɛ́] ‘rapaz’ > *aquenjê* ‘rapaz’ AM; [ó-ví-ná] ‘coisas’ > *viná* ‘remédio dos catopês’).

Encontramos também, situações em que a marcação acentual parece favorecer um étimo do umbundo:

umb. (cl. 9) [ó-mbwá] > *ombuá* ‘cão’ AM; porém em quimb. (cl. 9) [í-mbùà] ‘cão’

umb. (cl. 9) [ó-ndzɔ́] ‘casa’ > *onjó* ‘casa’ AM/MV; porém em quimb. (cl. 9) [í-nzò] ‘casa’.

Há, no entanto, exceções, como podemos ver nos exemplos seguintes:

Quimb. (cl. 3) [mú-ŋùà] ‘sal’ ≅ Umb. (cl. 3) [ómóŋgwà] ‘sal’ ≅ AM/ESP *omungá* ‘sal’

Umb. (cl. 9) [ó-méŋà] ‘boca’ > *omerá* ‘língua’ AM

porém, [ó-méṭà] 'boca' > *amera* 'rosto' MV.

Conforme observado, mesmo diante de um tom baixo final em ambas as línguas africanas (quimbundo e umbundo), encontramos *omungá* 'sal' nos falares africanos da região diamantina. O mesmo ocorre com *omerá* 'boca', porém uma segunda variante é preservada, *amera* 'rosto'. Conclui-se ser necessário um estudo diacrônico mais aprofundado do tom nas línguas pesquisadas para se consolidar a hipótese e melhor entendermos tais exceções.

3) Nossa sugestão de que prefixos da classe 2 do plural (umbundo, quimbundo) tenham sido preservados em alguns itens lexicais dos falares africanos da região diamantina, parece reforçada pela presença de itens compostos por classes prefixais claramente do plural, mas com significado no singular. Pressupõe-se, portanto, um esvaziamento semântico dos morfemas de classe, que passaram a ser considerados como parte da raiz nominal. Conforme os exemplos abaixo:

alume 'homem' AM < *a-lume* (cl. 2) ← *ulume* (cl. 1) 'homem' umb.

alume 'homem' AM < *a-lume* (cl. 2) ← *mu-lume* (cl. 1) 'marido' quimb.

aquenjê AM < *a-kwendje* (cl.2) ← *u-kwendje* (Cl. 1) 'rapaz' umb.

ovipaco 'dinheiro' MV < *ovipako* (cl. 4) pl. 'bens' umb.

orossanje < *olo-sandji* (cl. 10) ← *o-sandji* (cl. 9) 'galinha' umb.

Por outro lado, boa parte dos itens lexicais que preservaram os prefixos de classes plurais 'ovi-' (cl. 4) e 'olo-' (cl. 10) referem-se a substantivos que podem ser percebidos coletivamente pelo falante: *vissepa* 'palha' AM; *oronganje* 'cachaça'.

Tais fatos, somados a outros exemplos, não eliminam nossa outra hipótese de abaixamento do aumento, ocasionando a variação 'o>a'. Conforme os exemplos:

alume < *o-lume* (cl. 1) 'homem' umb. (Silva Porto).

anguê < *o-nge* (cl. 9) 'onça' umb.

Os diferentes argumentos nos levam a preservar as duas hipóteses. Afinal, conforme afirma Viaro (2011, p. 119), "não se deve confiar num etimólogo que

ofereça um étimo qualquer com certeza absoluta, pois tal atitude seria típica da Religião e não da Ciência”.

Nossa análise parece, portanto, nos levar a confirmar a hipótese de que línguas africanas da zona banta tenham sido faladas por comunidades da região diamantina. Baseados em nossos dados, podemos considerar que devido à semelhança tipológica e lexical entre essas línguas, o que observamos são as reminiscências de um dialeto veicular banto de línguas do centro-oeste-africano. No entanto, sobressaindo-se formas lexicais do umbundo ou uma língua comum ao grupo R.

Machado Filho (1985) fornece poucos exemplos de uso da língua, porém os dados anotados pelo pesquisador mineiro são reveladores por apresentarem formas mais próximas à tipologia de línguas africanas, reforçando nossa hipótese. Consideramos o exemplo a seguir, complementando-o com formas reconstruídas no quimbundo e umbundo:

AM:	Anguê	ô cuatá	ô ngambe (1985, p. 130).
	cl. 9-onça	cl. 1 – pegar	cl.9 - boi
	<i>‘A onça pega o boi’</i>		
Quimb.	*O ngo	i-kwata	o ngombe.
	DET - cl. 9 – onça	cl. 9 – pegar	DET cl.9-boi
	<i>‘A onça pega o boi’</i>		
Umb.	*O-ngwe	i-kwata	o-ngombe.
	cl. 9 – onça	cl. 9 – pegar	cl.9 – boi
	<i>‘A onça pega o boi’</i>		

Percebe-se no exemplo de Machado Filho que provavelmente haveria uma regularização na conjugação verbal para o prefixo pronominal da classe 1 (referente aos humanos e, provavelmente, de maior frequência de uso). O prefixo

preposicional referente à classe 9 seria ‘i-’ em ambas as línguas africanas. Um segundo exemplo de Machado Filho, demonstra uma situação de coocorrência:

AM	Anguê	i cuatá	ô orocogombe (1985, p. 126).
	cl. 9-onça	cl. 9-pegar	DET cl. 10 – boi
	<i>‘A onça pega o boi’</i>		

Quimb.	*O ngo	i-kwata	o ji-ngombe.
	DET cl.9-onça	cl. 9-pegar	DET cl. 10-boi.
	<i>‘A onça pega os bois’</i>		

Umb.	*O-ngwe	i-kwata	olo-ngombe.
	cl. 9-onça	cl. 9-pegar	cl. 10-boi
	<i>‘A onça pega os bois’.</i>		

Apesar das formas de classe e prefixo pronominal corresponderem, há um esvaziamento semântico do prefixo da classe 10 plural do umbundo, ‘olo-’, sendo a frase traduzida para o singular. Vejamos, ainda, outro exemplo:

AM	Andambi	ucumbi	u atundá (1985, p. 126).
	cl. 9-mulher	cl. 1-sol	cl.1-REC-sair
	<i>‘Mulher, o sol está alto’</i>		
	<i>Lit. ‘Mulher, o sol saiu’.</i>		

Umb.	*O-ndambi	e-kumbi	ly-a-tunda.
	cl. 9-mulher	cl.5-sol	cl.5-REC-sair
	<i>‘Mulher, o sol saiu’.</i>		

Encontramos, no exemplo anterior, maior semelhança com o umbundo. Entretanto, há novamente regularização da conjugação verbal para a classe 1, e mudança da classe 5 para a classe 1. Finalmente, atentaremos a um último exemplo:

AM	<i>Ochito</i>	<i>ia ngombe</i>
	cl.9-carne	cl.9-GEN-boi
	'carne de boi'	
Quimb.	*<i>O xitu</i>	<i>ya-ngombe</i>
	DET cl.9-carne	cl.9-GEN-boi
	'carne de boi'	
Umb.	*<i>O-situ</i>	<i>y'o-ngombe</i>
	<i>O-situ</i>	<i>ya-o-ngombe</i>
	cl. 9-carne	cl.9-GEN-cl.9-boi
	'carne de boi'	

O prefixo pronominal da classe 9 estaria de acordo com *ochito* ou com *ongombe*. Conforme mencionado, nas línguas africanas a construção genitiva concorda com o objeto possuído. Encontramos um exemplo contrário em nossa análise do termo *atanhara*, no qual a classe da construção genitiva concorda com o possuidor.

Os poucos exemplos encontrados em Machado Filho (1985) nos são úteis para elaborarmos uma hipótese mais contundente linguística e histórica do que se partíssemos apenas dos poucos dados coletados nas demais comunidades da região diamantina. Os dados mais recentes de falares africanos na região, à exceção dos cantos vissungos e religiosos de Milho Verde, são de um léxico reduzido e adaptado à morfossintaxe da variedade regional do português à semelhança de outros falares africanos do sudeste brasileiro. Ainda assim, as formas não são mais produtivas, sendo praticamente desconhecidas pelas populações locais.

Seguem alguns exemplos das formas mais recentemente encontradas:

- a. 'Ocê tem um ***imbíá*** pr'eu ***cuxipá***.

Trad. Você tem um *cigarro* pra eu *fumar* (ESP)

- b. O **cumbi** vem empurrando o **bambi**.

Trad. O *sol* vem empurrando o *frio*; está amanhecendo (MV).

Estes dados foram coletados durante nossa pesquisa e, como podemos perceber, distanciam-se fortemente da realidade linguística registrada por Machado Filho na década de 1930. Diante dos escassos exemplos de uso da língua e seu registro de um vocabulário restrito, podemos reconsiderar se, de fato, as construções apresentadas em seu trabalho eram produzidas pelos falantes ou se sobreviviam apenas como formas cristalizadas.

Ainda assim, temos uma informação relevante fornecida pelo próprio autor (MACHADO FILHO, 1985, p. 117) de que os conhecedores da língua a chamavam língua d'Angola e língua banguela. Diante de nossos dados, podemos afirmar que os falantes se aproximavam mais de uma descrição adequada da língua do que o autor ao denominá-la 'dialeto crioulo sanjoanense'. De alguma forma, os falantes, ainda que não intencionalmente, apontaram para uma realidade de língua veicular, surgida do contato entre línguas do grupo banto vindas de Luanda e Benguela.

Visto que nosso objetivo neste trabalho é contribuir com a questão sobre quais línguas estiveram presentes na região diamantina, decidimos não nos estender mais. Vemos nosso trabalho como um bom passo em direção a uma sistematização dos dados encontrados nos falares africanos do Brasil, além de apontar para os grupos linguísticos possivelmente envolvidos em sua formação.

Conclusão

Quando comparamos os dados históricos de nosso primeiro capítulo e os dados de nossa análise, parece-nos que a língua africana na região diamantina foi altamente reforçada pelos africanos escravizados embarcados no porto de São Filipe de Benguela, provavelmente em um período do final do século XVIII a início do século XX.

Estes africanos, levados aos portos pelas caravanas dos povos ovimbundo, provavelmente não falavam somente o umbundo, ou uma única variedade de umbundo, mas por sua relação com a região sul de Angola poderiam mesmo falar outras línguas do grupo R. Queiroz (1998) sugere alguns itens do *olunyaneka* (R13) correspondentes a itens da língua da Tabatinga e, em breve consulta, notamos diversas semelhanças. Seriam essas semelhanças causadas pela proximidade linguística ou pela presença efetiva de cada uma dessas línguas na diáspora? É uma questão de difícil resposta. Porém, reforçamos a hipótese de Slenes (1990) de que os bantos logo descobriram uma relação linguística e cultural entre si ainda em solo africano (conforme indicada em nossa citação de Cannecattim acima).

A proporcionalidade dos itens lexicais que pudemos analisar, apesar de indicar uma boa parte do léxico ligado ao umbundo, conta também com uma presença razoável de itens ligados somente ao quimbundo. Se ampliássemos nossa pesquisa ainda mais ao quicongo e outras línguas, provavelmente encontraríamos maiores relações. Entretanto, alguns dos itens são comuns a muitas línguas da zona banta (*ongombe*, por exemplo, é um termo que encontramos também no suaíli, língua veicular falada na África Centro-oriental) e achamos inadequado delimitá-los a uma única variedade.

Além disso, chama-nos a atenção o processo de regularização de algumas formas da língua: os prefixos de classe 3 e 5 regularizados para a classe 9; os prefixos pronominais (índices de sujeito) regularizados para a classe 1; a ausência de tons. Tais fatores parecem nos indicar um processo de pidginização, sugerido por Bonvini (2008) ao referir-se à língua veicular de Mina e por Queiroz (1998, pp.

98-107) ao discutir as origens da gíria da Tabatinga (variedade de falar africano no município de Bom Despacho, MG).

Entendemos, portanto, que nosso trabalho é um passo significativo para fortalecer a teoria de que os falares africanos são, de fato, remanescentes de línguas que se mantiveram vivas no Brasil no período do tráfico.

Devemos investigar, no entanto, se a realidade mais 'benguela' da língua na região diamantina se aplica aos demais falares no Brasil. Nossa primeira tabela é um princípio dessa investigação, sendo que podemos começar a avaliar os falares que se mantiveram mais conservadores em relação às línguas africanas e os que foram mais inovadores.

Tendo encontrado uma sobrevida em algumas comunidades (como Cafundó, Patrocínio, Tabatinga) por um grande fator identitário, estas *línguas* ainda sobrevivem no Brasil. Na região diamantina, são obsolescências, presentes em um falar ritualizado ligado aos cantos, porém não mais produtivas. A situação de rápido desaparecimento dessas falares nos demonstra a necessidade de pesquisá-las e catalogá-las o quanto antes, assim como desenvolver práticas para sua manutenção.

Por outro lado, podemos dizer o mesmo quanto à situação de pesquisa das línguas africanas. Enquanto não elaborarmos registros e descrições das variedades dialetais das diversas línguas, não poderemos nem definitivamente confirmar, nem refutar nossas hipóteses.

Resumindo, portanto, nossas conclusões, dizemos que o sistema de escravidão na região diamantina, o tráfico mais recente partindo do porto de Benguela e a proximidade lexical das línguas do grupo banto preservaram por um período uma língua africana de características bantas, porém, como reconhecido pelos próprios informantes de Machado Filho, uma língua mais benguela, ou 'banguela', que poderia ser constituída majoritariamente por umbundo, ou por uma convergência de um falar veicular do grupo R com as línguas do grupo H, presentes na região.

Referências Bibliográficas

ALENCASTRO, Luiz Felipe. *O trato dos viventes. Formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

AULETE, Caldas. *Aulete Digital – Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa*. 2013. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br>>. Acesso em: 10/09/2013.

ASSIS JUNIOR, A. de. *Dicionário Kimbundu-Português*. Luanda: Ed. Argente, Santos & C.a. Ltda., s/d.

BASTOS, Manuel Pires. *Padre António da Silva Maia - Um grande em Angola*. Jornal João Semana, Ovar, Aveiro, Portugal. 28 de abril de 2011. Disponível em: <<http://artigosjornaljoao semana.blogspot.com.br/2011/04/padre-antonio-da-silva-maia-um-grande.html>> Acesso em: 25/09/2012.

BONVINI, Emilio. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida Maria Taddoni (orgs). *A África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Contexto, 2008. pp. 15-62.

BONVINI, Emilio. Revisiter, trois siècles après, Arte da língua de Angola de Pedro Dias S.I. (1697), Première Grammaire du Kimbundu. In: PETTER, Margarida; MENDES, Ronald Beline (ed.). *Proceedings of the Special World Congress of African Linguistics*. São Paulo: Humanitas, 2009. pp. 15-46.

BOXER, C. R. *A Idade de Ouro do Brasil* (dores de crescimento de uma sociedade colonial). 2ª. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

BRASIL. *Constituição (1988)*. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado. Disponível em: <http://www.dji.com.br/constituicao_federal/cfdistra.htm> Acesso em: 04/09/2013.

BRASIL. Decreto n. 4.887, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm > Acesso em: 04/09/2013.

BRASIL. Decreto no. 7.387, de 2 de dezembro de 2010. Institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7387.htm> Acesso em: 04/09/2013.

BRÜGGER, Silvia; OLIVEIRA, Anderson de. Os *Benguelas de São João del Rei*: tráfico atlântico, religiosidade e identidades étnicas (Séculos XVIII e XIX). Revista Tempo, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia - Universidade Federal Fluminense, n. 26, Rio de Janeiro, jan. 2009. p. 177-204.

BYRD, Steven E. *Calunga, an Afro-Brazilian Speech of the Triângulo Mineiro: Its Grammar and History*. 2005. 226 f. Tese (doutorado). University of Austin, Texas, 2005.

CAMARA, Andréa A. A. *Vissungo: o cantar banto nas Américas*. 2013. 188f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. 2013.

CAMP, Marc-Antoine. *Gesungene Busse: Praxis und Valorisierung der Afro-Brasilianischen Vissungo in der Region Von Diamantina, Minas Gerais*. 2006. 180 f. Tese (Doutorado), Philosophischen Fakultät, Universität Zürich, Zürich. 2006.

CANNECATTIM, Frei Bernardo Maria de. *Collecção de Observações Grammaticaes sobre a Lingua Bunda ou Angolense e Diccionario Abreviado da Lingua Congueza*. 2^a. Ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859. (Versão digital).

CANNECATTIM, Frei Bernardo Maria de. *Diccionario da Lingua Bunda, ou Angolense, explicada na Portuguesa, e Latina*. Lisboa: Imprensa Régia, 1804. (Versão digital).

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares Africanos na Bahia*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras: Topbooks, 2001.

_____. A propósito do que dizem os vissungos. In: SAMPAIO, Neide Freitas (org). *Vissungos – Cantos Afro-descendentes em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2009. pp. 67-72.

CEDEFES (Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva) (org.) *Comunidades Quilombolas de Minas Gerais no século XXI – História e resistência*, Belo Horizonte: Autêntica/CEDEFES, 2008. Disponível em: <<http://www.cedefes.org.br/index.php?p=cunhistasdetalhe&idpro=2>> Acesso em: 15/12/2012

CHATELAIN, Heli. *Grammatica Elementar do Kimbundu ou língua de Angola (1889)*. London: Gregg Press, Ltd. 1964.

DIAS, Pedro. *A Arte da Língua de Angola (1697)*. Braga: Edições Vercial, 2010. Edição Kindle e-book. Disponível em: < http://www.amazon.com/Arte-L%C3%ADngua-Angola-Portuguese-Edition-ebook/dp/B004E10YOS/ref=sr_1_1?ie=UTF8&qid=1389202348&sr=8-1&keywords=arte+da+l%C3%ADngua+de+angola >

FARACO, Carlos Alberto, *Linguística histórica – uma introdução ao estudo das histórias das línguas*. 2ª Ed. São Paulo: Parábola, 2007.

FERREIRA, Marlenísio. *Kalunga: A língua secreta dos escravos*. Patrocínio: Publicação independente, s/d.

GNERRE, Maurizio. O *corpus* dos vissungos de São João da Chapada (MG). In: SAMPAIO, Neide Freitas (org). *Vissungos – Cantos Afro-descendentes em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2009. pp. 55-66.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 3.0. [CD-ROM]. 2009.

LE GUENNEC, Grégoire; VALENTE, José Francisco. *Dicionário Português-Umbundu*. Luanda: Instituto d'Investigação Científica d'Angola, 1972.

LUCAS, Glauro, Garimpando os vissungos no séc. XXI. In: SAMPAIO, Neide Freitas (org). *Vissungos – Cantos Afro-descendentes em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2009. p. 27-31.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. *O Negro e o Garimpo em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1985.

MAIA, António da Silva. *Guia prático para a aprendizagem das línguas portuguesa e omumbuim – língua indígena de Gabela – Amboim – Quanza Sul – Angola – dialecto do Kimbundu*. Luanda: Escola Tipográfica das Missões, Cucujães, 1951.

MAIA, António da Silva. *Dicionário Complementar: Português-Kimbundu-Kikongo*. Luanda: Tipografia das Missões, Cucujães, 1961.

MAHO, Jouni F. A classification of the Bantu languages: an update of Guthrie's referential system. In: NURSE, Derek; PHILIPPSON, Gérard (org.). *The Bantu languages*. London & New York: Routledge, 2003, pp. 639-651.

MARTINS, Marcos Lobato. *A Crise dos Negócios do Diamante e as Respostas dos Homens de Fortuna no Alto Jequitinhonha, Décadas de 1870-1890*. Estudos Econômicos (São Paulo), São Paulo, v. 38, n. 3, pp. 611-638, Julho-Setembro, 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ee/v38n3/v38n3a07.pdf> > Acesso em: 04/03/2013.

MATTOS, Regiane Augusto de. *De Cassange, Mina, Benguela a Gentio da Guiné. Grupos étnicos e formação de identidades africanas na cidade de São Paulo (1800-1850)*. 2006. 227 f. Dissertação (mestrado), FFLCH, Universidade de São Paulo. 2006.

MILLER, Joseph C. África Central durante a era do comércio de escravizados, de 1490 a 1850. In: HEYWOOD, Linda M. (org.), *Diáspora Negra no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2010. pp. 29-80.

NASCIMENTO, José Pereira do. *Diccionario Portuguez-Kimbundu* (1903). Breinigsville, PA: Nabu Press, 2011.

NASCIMENTO, Lúcia Valéria do. *A África no Serro-Frio, Vissungos: uma prática social em extinção*. 2003. 129f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2003.

NGUNGA, A. *Introdução à lingüística bantu*. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo: Imprensa Universitária, 2004.

NURSE, Derek. *A Survey Report for the Bantu Languages*. SIL International, 2001. Disponível em: < <http://www-01.sil.org/silesr/2002/016/silesr2002-016.htm>> Acesso em: 30/09/2013.

OLIVEIRA, Amanda Sônia López de. *Palavra Africana em Minas Gerais*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.

OLIVEIRA, Márcia S. D. de; CAMPOS, Ednalvo Apóstolo; FERNANDES, Jonas Tadeu V. “Repensando a Escola em Jurussaca a Partir da ‘Norma dos Pronomes Pessoais da Comunidade’”. In: CUNHA, Ana Stela de Almeida. *Construindo Quilombos, Desconstruindo Mitos: A educação formal e a realidade quilombola no Brasil*. São Luís, MA: Edição do autor, 2011.

PEDRO, J. D. *Étude grammaticale du kimbundu (Angola)*. Thèse de Nouveau Régime pour l’obtention du Doctorat en Linguistique. Paris: Universidade René Decartes, 1993.

PEIXOTO, António da Costa. *Obra nova de língua geral de Mina (1741)*. Lisboa: Divisão de publicações e biblioteca Agência Geral das Colónias, 1945.

PETTER, Margarida. M. Taddoni; OLIVEIRA, Márcia S. Duarte de. *Projeto-Piloto Comunidades Quilombolas IPHAN/USP*. 2011. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/indl>> Acesso em: 16/03/2012.

PINTO, Maria Célia B. V. Remanescentes Quilombolas de Jurussaca – Processos identitários. In: CUNHA, Ana Stela de Almeida. *Construindo Quilombos, Desconstruindo Mitos: A educação formal e a realidade quilombola no Brasil*. São Luís, MA: Edição do autor, 2011.

QUEIROZ, Sônia Maria de Melo. *Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

____ Vissungos: Cantos afro-descendentes de morte e vida. In: SAMPAIO, Neide Freitas (org). *Vissungos – Cantos Afro-descendentes em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2009. p. 37-47.

REGINALDO, Lucilene. *Os Rosários dos Angolas: Irmandades Negras, Experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista*. 2005. 244f. Tese

(doutorado), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

RODRIGUES, Raymundo Nina. *Os Africanos no Brasil* (1932). Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. Disponível em: <<http://www.bvce.org/>>

ROSA, Míriam Virgínia Ramos. *Espinho: a desconstrução da racialização negra da escravidão*. Brasília: Thesaurus, 2004.

SANDERS, William H. *Vocabulary of the Umbundu Language: Comprising Umbundu-English and English-Umbundu* (1885). La Vergne, TN: Kessinger Publishing's, 2009.

SANTOS, Joaquim Felício dos. *Memórias do distrito diamantino da comarca do Sêrro Frio (Província de Minas Gerais)*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1956.

SCARANO, Júlia Maria Leonor. *Devoção e Escravidão: A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no Século XVIII*. 1969. 180f. Tese (Doutorado), FFLCH, Universidade de São Paulo. 1969.

SCHADEBERG, Thilo C. *A Sketch of Umbundu*. Köln: Rüdiger Köppe Verlag, 1990.

SILVA PORTO, António Francisco da. *Viagens e Apontamentos de um Portuense em África: Excerptos do 'Diário' de António Francisco da Silva Porto*. Lisboa: Divisão de Publicações e Biblioteca Agência Geral das Colônias, 1942.

SLENES, Robert. *Malungu Ngoma Vem! A África coberta e descoberta do Brasil*. Revista da USP, dez-jan-fev. no. 2, 1991/1992, pp. 48-67.

SOREMEKUN, Monsieur Fola. *Religion and Politics in Angola: the American Board Missions and the Portuguese Government, 1880-1922*. In: Cahiers d'études africaines, v. 11, no. 43, 1971, pp. 341-377. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/cea_0008-0055_1971_num_11_43_2791>

VALENTE, José Francisco. *Gramática Umbundu- A língua do centro de Angola*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1964.

VEJA; OLIVEIRA, Neide. *Adeus aos diamantes*. Revista Veja, São Paulo, Ed. 1.706, 27 de junho de 2011. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/270601/p_070.html>. Acesso em: 13/11/2012.

VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

VOGT, Carlos; FRY, Peter. *Cafundó: A África no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WILSON, Ralph L. *Dicionário Prático: Português-Umbundo*. Dondi, Bela Vista: Tipografia Sarah H, Bates, Missão Evangélica, 1935.

XAVIER, Francisco da S. *Fonologia segmental e supra-segmental do quimbundo: Variedades de Luanda, Bengo, Quanza Norte e Malange*. 2010. 139f. Tese (Doutorado), FFLCH, Universidade de São Paulo. 2010.

Textos não assinados, extraídos de sites

AGÊNCIA ANGOLA PRESS. *Reverendo nega existência de língua Ngoia no Kwanza Sul*. 02/09/2004. Disponível em: <http://www.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/sociedade/2004/8/36/Reverendo-nega-existencia-lingua-Ngoia-Kwanza-Sul,295ff678-96cd-400b-b396-bbb592c54478.html> Acesso em: 18/09/2013.

INCRA, 2012. Disponível em: < <http://www.incra.gov.br/index.php/estrutura-fundiaria/quilombolas> > Acesso em: 20/10/2013.

UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS, 2013. Disponível em: < <http://www.ueangola.com/bio-quem/item/38-ant%C3%B3nio-de-assis-j%C3%BAnior>>. Acesso em: 15/07/2013.

Transcrições

PETTER, Margarida. M. T.; OLIVEIRA, Márcia S. D. de. *Projeto-Piloto Comunidades Quilombolas IPHAN/USP. Transcrições: “Xô xô canjirauê Seu Chico”* 2011b. Disponível em:

<http://www.fflch.usp.br/dl/indl/transcricao_detalhe.php?id=52&idc=158>

Acesso em: 10/01/2013.

PETTER, Margarida. M. T.; OLIVEIRA, Márcia S. D. de. *Projeto-Piloto Comunidades Quilombolas IPHAN/USP. Transcrições: “Xô xô canjirauê Seu Geraldo e Seu Valmir”* 2011c. Disponível em: <

http://www.fflch.usp.br/dl/indl/transcricao_detalhe.php?id=53&idc=159> Acesso em: 10/01/2013.

PETTER, Margarida. M. T.; OLIVEIRA, Márcia S. D. de. *Projeto-Piloto Comunidades Quilombolas IPHAN/USP. Transcrições: “Seu Ivo - Vissungo”* 2011d. Disponível em:

<http://www.fflch.usp.br/dl/indl/transcricao_detalhe.php?id=39&idc=154>

Acesso em: 10/01/2013.

ANEXO 1 – Lista do vocabulário quimbundo registrado por Pedro Dias (1697) e encontrada na região diamantina.

Percebemos que os itens em Pedro Dias, variaram pouco em relação aos dicionários mais recentes.

Atuanène - Pessoas grandes

Camba - Amigo; *Macamba* – Amigos

Cunda, Macunda - Corcovas

Etu - Nós

Imbià - panela; *Gimbia* - panelas

Ngana ya muhetu - senhora

Ngana yalla - senhor

Nganga, Ginganga - Padre

Nginariàzambi - Nome de Deus

Ngombe - Boi

Nguenda - eu ando

Nguitunda - eu saio

Nzambi, Ginzambi – Deus

Quinêne - coisa grande

Sangi, Gisangi - Galinha

Tatarinène - Grande pai

Uanga, Maüanga - Feitiços

Xitu, Gixitu – Carne